DEVIR MENOR

ARQUITETURAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CRÍTICAS NA IBERO-AMÉRICA

GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

EQUADOR

STEPHANE DAMSIN

AL BORDE ARQUITECTOS

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA

MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTURA

PEDRO GUEDES

GODOFREDO PEREIRA

INÊS MOREIRA

PORTUGAL

PAULO MOREIRA

PLANO B

PAULO TAVARES

BERNARDO AMARAL

MARCO ANTÓNIO DIAZ

BORDE URBANO CONSULTORES

JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ

CHILE

CRISTOBAL PALMA

ÁNGELA BONADIES + JUAN JOSÉ OLAVARRÍA

VENEZUELA

URBAN THINK TANK

MOOV

ARGENTINA

ICONOCLASISTAS

TOMÁS GARCIA PUENTE

COLÔMBIA

LOUISE MARIE GANZ

BRASIL

EDUARDO PELLEJERO

CONTROL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA CULTURAL + EL NODO A.C.

TODO POR LA PRAXIS

JOSÉ MARÍA GALÁN CONDE

JORGE GARCÍA DE LA CÂMARA

PAULA ÁLVAREZ BENÍTEZ

TUSOS

ESPANHA

LA PANADERIA

SUPERSUDACA

MARIO BALLESTEROS

ROOTSTUDIO + BLAANC

MARIA LUZ BRAVO

MÉXICO

9

Devir Menor, algumas notas que decorrem do projeto e seu enquadramento programático
Devir Menor, algunas notas derivadas del proyecto y su marco programático

GABRIELA VAZ-PINHEIRO

15

Curatorial *Devir Menor*

INÊS MOREIRA

37

Uma *Una* bibliografia sugerida

MARIO BALLESTEROS

46

Mapeamentos Visuais Mapeos Visuales

STEPHANE DAMSIN (SUPERSUDACA)

50

AL CARIBE!

SUPERSUDACA

56

DAÑOS COLATERALES

MARIA LUZ BRAVO

62

PREVI

CRISTOBAL PALMA

68

ALTO COMEDERO

TOMÁS GARCIA PUENTE

74

DISECCIONES

JOSÉ LUIS ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ

80

Workshops de Mapeamento coletivo Talleres de mapeo colectivo

ICONOCLASISTAS + PAULO MOREIRA + BERNARDO AMARAL

94

Arquiteturas e Práticas Espaciais Críticas

Arquitecturas y Practicas Espaciales Críticas

98

ESTRADA MILITAR

MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTURA

104

LA TORRE DE DAVID

ÁNGELA BONADIES + JUAN JOSÉ OLAVARRIA

110

GROWING HOUSE

URBAN-THINK TANK

116

UNIÓN OBRERA

BORDE URBANO CONSULTORES

122

COTIDIANEIDADES DOMÉSTICO PRODUCTIVAS

HUSOS

128

ALCALÁ 01. CASA MÁS O MENOS

LA PANADERIA

134

ADOBE FOR WOMEN

BLAANC + ROOTSTUDIO

140

LOTES VAGOS

LOUISE MARIE GANZ

146

EL NODO

CTRL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA

152

KITCHAIN

MOOV

158

ALASKA PARQUE COMUNAL

TODO POR LA PRAXIS

164

ESCUELA NUEVA ESPERANZA

AL BORDE ARQUITECTOS

170

ALCOCHETE, COLUNAS DE TERRA E GARRANO

PLANO B

176

Documentação audiovisual Documentación audiovisual

178

Exposição Exposición

201

Biografias dos participantes Biografías de los participantes

Devir Menor, algumas notas que decorrem do projeto e seu enquadramento programático

Gabriela Vaz-Pinheiro

A experimentação, Deleuze e Guattari sugerem, é uma alternativa à interpretação.[1]

Pensar as escalas e pensar o território faz um sentido particular num programa de arte e arquitetura. Para este efeito criei o Ciclo Escalas e Territórios da Programação de Arte e Arquitetura de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, que viria a gerar oportunidades para que a ideia de movimentação, entre diferentes dimensões, de proporção, geográficas, culturais e, para usar o termo de Henri Lefébvre, de *habitus*, pudesse ser debatida e explorada. *Devir Menor*, com conceito de Inês Moreira e Susana Caló, aparece neste âmbito.

Pretende este pequeno texto apresentar o enquadramento programático do projeto *Devir Menor* e chegar a uma noção de participatividade como potenciadora de uma espacialidade transgeográfica, transcultural e transnacional. Para tanto gostaria de relevar, de forma necessariamente concisa, tanto os seus aspetos de trabalho, processuais e integradores, a sua abrangência geográfica, como também a sua pertinência para um debate sobre a cultura, atual e diversificado.

Precisaria de sumariar tão concisamente quanto possível, uma trajetória que enquadrasse a desmontagem do equívoco maior a partir do qual todo um edifício civilizacional se construiu — o perspetivalismo. Justificar a presença de práticas arquitetónicas cuja referência à ibero-américa relocaliza uma espécie de "periferia europeia", parece justificar também um reposicionamento da noção de "ponto de vista" implicada no sistema de representação *par excellence* da prática da arquitetura: a perspetiva linear. Se este sistema vai sendo destronado por várias formas hipertextuais e hipervisuais que a tecnologia impulsiona (ao gerar outras dimensões de tempo e espaço como simultaneidade e simulação), as suas implicações culturais basilares estão longe de ser revistas. Pelo menos de uma forma integrada, disciplinar e socialmente.

Devir Menor contribui de forma significativa para que aquele reposicionamento seja avaliado nas suas consequências políticas e sociais, tanto para a prática da arquitetura enquanto disciplina como para a análise dos processos culturais em situações particularmente agudas e/ou dinâmicas.

1. "Experimentation, Deleuze and Guattari suggest, is an alternative to interpretation." Robert Brinkley, "What is a Minor Literature?" em Mississippi Review, 11, 3. *Essays Literary Criticism*, University of Southern Mississippi, Winter/ Spring, 1983, 13-33. (Tradução livre, 14).

Necessitaria de me valer de alguns autores de considerável contributo para esta desmontagem mas o espaço editorial não mo permite. Começaria por referir Henri Lefébvre que fala de um certo espaço que foi destruído: *"(...) o espaço do senso comum, do conhecimento [saber], da prática social, do poder político (...) o espaço, também da perspetiva clássica e da geometria (...) consubstanciado na arte e na filosofia ocidentais, como na forma da cidade e do burgo."*[2]

É ainda com Henri Lefébvre que os paralelismos entre organismo biológico e o espaço social do entorno construído, entre corpo e urbanidade[3] adquirem consistência. Neste sentido, e tal como o corpo é o *locus* da cultura e das suas construções, seria impossível analisar os processos construtivos da arquitetura enquanto prática, sem um "encorporamento"[4] que se efetiva em duas frentes mutuamente relacionadas: na implicação dos arquitetos naqueles processos e na importância da dimensão do relacional.

Se a desmontagem de uma visão centralizada e unívoca instaurada pelo perspetivalismo, parece ter presumido que os regimes escópicos e as práticas visuais seriam por consequência culturalmente relativos, ou seja gerados intrinsecamente pelas especificidades de cada cultura, o pensamento crítico pósfeminista e póscolonial permitiu também perceber que esta assunção colocaria a ideia de cultura numa espécie de estado de prédefinição por defeito, desvalorizando consequentemente os processos (seculares) de aculturação, conflito e cruzamento em que as práticas culturais se fundam.[5] Seria partir do absurdo princípio que as culturas existem em isolamento e que os processos culturais são gerados livres de qualquer influência extrínseca.[6]

Em *Devir Menor*, particularmente visível na exposição, a arquitetura aparece como forma de consciencializar e propulsionar processos de negociação de conflito, emergência, apropriação, osmose, menoridade e participação.

Se são as práticas culturais que (en)formam o espaço habitado, são as interrogações e incorporação daquelas práticas que inevitavelmente produzirão novos espaços, uma certa nova "esperança" de habitar, mesmo nos, e apesar dos casos em que a visível morte de alguns lugares se veicula como uma ideia de utopia degenerada que encontra outras formas de gerar esperança.

O questionamento disciplinar origina assim uma espécie de arquitetura expandida, tanto pela via processual (os arquitetos que sujam as mãos no adobe) como do ponto de vista dos resultados (a autoconstrução que produz objetos ahistóricos embora profundamente embuídos de um sentido cultural ativo).

Da ocupação experimental do lote vago à apropriação de edifícios corporativos para usos quotidianos, passa-se sempre e inevitavelmente pela dimensão do relacional.

2. "The fact is that around 1910 a certain space was shattered. It was the space of common sense, of knowledge [savoir], of social practice, of political power (...) the space, too, of classical perspective and geometry, developed from the Renaissance onwards on the basis of the Greek tradition [Euclide, logic] and bodied forth in Western art and philosophy, as in the form of the city and town." Henri Lefebvre, *The Production of Space*, Blackwell, Oxford Uk e Cambridge, USA, 2000, 25.
3. Referido em Victor Burgin, *Indifferent Spaces, Place and Memory in Visual Culture*, University of California Press, Berkeley, LA, Londres, 1996, 148.
4. Vocábulo forçado que pretende designar a ideia de "considerar o corpo" que a palavra incorporar não cumpre inteiramente.
5. Ou seja, a noção implicaria também a perpetuação da noção de relativismo profundamente improdutiva para o entendimento dos processos culturais na contemporaneidade. Ver para este assunto, por exemplo, Martin Jay, "Cultural relativism and the visual turn" *in Berkeley Journal of Visual Culture, University of California Press*, December 2002, 1, 3.
6. Sabemos que todas as culturas, em qualquer momento da humanidade, trocaram alguma forma de influência entre si e que a única diferença, ao longo dos milénios, é a escala e a velocidade em que estas trocas se foram efetuando.

Fala-se de território e de paisagem construída partindo do que lhes dá origem e justificação: os seus usos sociais.

Ou seja, seguindo a base do conceito de Deleuze e Guattari "devir menor" debatido pelo projeto, *"(...) tudo tem um valor coletivo. Com efeito, (...) as condições para a expressão individual, que seria a do "mestre" e que poderiam ser separadas da expressão coletiva, não existem."*[7] Daí que, e ainda com base naqueles autores, a desterritorialização seja uma derivação da resistência, de um grupo (alegadamente) minoritário enquanto forma cultural, em afirmação coletiva. E só no relacional coletivo se instaura tal resistência.

A ideia de espacialidade transgeográfica, transcultural e transnacional (por oposição aos seus correspondentes multi- ou inter-) não pode ser separada da noção de alteridade. Longe de consensual esta noção deve pelo menos tentar redefinir em permanência as posições que tomamos enquanto "sujeitos múltiplos"[8] em busca de um equilíbrio impossível porque elusivo. Os "regimes de verdade" de Bruno Latour, uma reflexão sobre os modos de enunciação e de existência[9] podem ajudar a perceber de que forma tal equilíbrio é elusivo.

Devir Menor incorpora a dimensão da participatividade, questionando a sua própria função. Numa ligação dinâmica ao contexto de Guimarães, o projeto revisita, nos seus múltiplos momentos oficinais e de intercâmbio, locais e formas de viver partilhadas com as suas pessoas e marcadas nas representações da sua geografia, cumprindo assim um dos objetivos do Ciclo Escalas e Territórios, a saber: debruçar-se sobre problemáticas que, sendo específicas ao território de Guimarães, podem ser contextualizadas em relação com um debate mais alargado sobre o papel da cultura nos territórios pósindustriais da Europa e do Mundo Ocidental, e acrescentando-lhe o reflexo (um retorno) de outras longitudes e latitudes com quem possuimos ligação indelével.

Termino relevando a importância deste livro enquanto testemunho dos processos e da exposição, mas também enquanto contributo autónomo para o prosseguimento do debate do conceito chave de *Devir Menor*, um devir que reavalia o próprio sentido de menoridade.

Um obrigado a todas as equipas e coletivos, a todos os autores e colaboradores.

7. "(...) everything has a collective value. In effect, precisely because talents do not abound in a minor literature, the conditions are not given for an individuated utterance which would be that of some 'master' and could be separated from collective utterance." (Deleuze and Guattari, 17).
8. Noção que incorporei a partir dos estudos culturais de tradição anglosaxónica como alternativa à definição de sujeito (Ser) unificado e de uma identidade fundamental do ser humano (o Homem) masculino, branco e ocidental.
9. Bruno Latour analisa, num texto com o mesmo título, Étienne Souriau, *Les différents modes d'existence*, Paris, Presses Universitaires de France, 1943. Souriau diz "There is no ideal existence, the ideal is not a type of existence." (Souriau, 157).

Devir Menor, algunas notas derivadas del proyecto y su marco programático

Gabriela Vaz-Pinheiro

La experimentación que Deleuze y Guattari sugieren es una alternativa a la interpretación.[1]

Pensar en escalas y en el territorio tiene un determinado sentido dentro del programa de arte y arquitectura. Para ello he creado el ciclo *Escalas e Território* dentro de la Programación para el Arte y la Arquitectura de Guimarães 2012 Capital Europea de la Cultura, lo que crearía oportunidades para que la idea de movimiento entre diferentes dimensiones, relación de aspecto geográfico, cultural, y, para usar el termino designado por Henri Lefebvre, de *habitus*, pudiese ser objeto de debate y exploración... *Devir Menor*, con concepto de Inês Moreira y Susana Caló, aparece en este contexto.

Partiendo de un reposicionamiento crítico que me parece ineludible y que pudiese reevaluar las construcciones unívocas y de principios hegemónicos que el colonialismo generó, pensar en Europa debe, tal vez, pensar en su influencia en otros continentes. Y hacerlo sin dejar de explorar los movimientos de retorno implicados en un proceso crítico real, contemporáneo y procesual.

Este texto pretende presentar el marco programático del proyecto *Devir Menor* para llegar a una noción de participación como potencial de una espacialidad transgeográfica, transcultural y transnacional. Para ello me gustaría revelar de forma, necesariamente concisa, tanto sus aspectos de trabajo, procesuales e integradores, su alcance geográfico, así como su pertinencia para un debate sobre cultura de manera actual y diversificada.

Necesitaría resumir de la manera más concisa posible, una trayectoria que enmarcase el desmontaje del mayor error a partir del cual se construyo todo el edifico de la civilización- el prespectivalismo. Justificar la presencia de prácticas arquitectónicas cuya referencia hacia ibero-américa relocaliza una especie de "periferia europea", parece justificar esta noción de "punto de vista" implicada en el sistema de representación por excelencia de la práctica arquitectónica: la perspectiva linera. Si este sistema va siendo destronado por diferentes formas hipertextuales e hipervisuales que la tecnología impulsa (al generar otras dimensiones de tiempo y espacio como la simultaneidad y el simulacro) sus implicaciones culturales de base están lejos de ser revistas. Por lo menos de una forma integrada, disciplinada y social.

1. Experimentation, Deleuze and Guattari suggest, is an alternative to interpretation." Robert Brinkley, "What is a Minor Literature?" em Mississippi Review, 11, 3, *Essays Literary Criticism*, University of Southern Mississippi, Winter/ Spring, 1983, 13-33. (Tradução livre, 14).

Devir Menor, contribuye de manera significativa para que este reposicionamiento sea evaluado dentro de sus consecuencias políticas y sociales, tanto para la práctica arquitectónica en cuanto disciplina como para el análisis de los procesos culturales en situaciones particularmente sutiles y/o dinámicas.

Necesitaría valerme de algunos autores de considerable con tributo para este desmontaje, pero el espacio editorial no me lo permite. Comenzaría por referir a Henri Lefébvre el cual habla de un cierto espacio que fue destruido: *"(...) el espacio del sentido común, del conocimiento(saber), de la práctica social, del poder político(...) el espacio, también de la perspectiva clásica y de la geometría(...) consubstanciado en el arte y la filosofía occidentales, como en la forma de ciudad y de aldea"*.[2]

Es todavía con Lefébvre que los paralelismo entre organismo biológico y el espacio social del entorno construido, entre cuerpo y urbanidad[3] adquieren consistencia. En este sentido, y tal como el cuerpo es un locus de la cultura y de sus construcciones, sería imposible analizar los procesos constructivos de la arquitectura en cuanto práctica, sin un "incorporamiento"[4] que se hace efectiva en dos frentes mutuamente relacionados: en la implicación de los arquitectos en aquellos procesos y en la importancia de su dimensión relacional.

Si en el desmontaje de una visión centralizada e unívoca instaurada por el "perspectivalismo" parece haber preasumido que los "regímenes escópicos" y las prácticas culturales serían por consecuencia culturalmente relativos, o sea generados intrínsecamente por las especificidades de cada cultura, el pensamiento crítico posfeminista y poscolonial permitió también entender que esta elevación colocaría la idea de cultura en una especie de estado de predefinición por *defecto*, desvalorizando consecuentemente los procesos (seculares) de aculturación, conflicto y cruce en que las prácticas culturales se fundan.[5]

Sería, por tanto partir del absurdo principio en el que la culturas existen de manera aislada y que los procesos culturales son generados libres de cualquier influencia extrínseca.[6]

En *Devir Menor*, particularmente visible en la exposición, la arquitectura aparece como forma de concienciar y promover procesos de negociación y conflicto, emergencia, apropiación, osmosis, menoridad y participación.

Si son la prácticas culturales las que (en)forman el espacio habitado, son las interrogaciones y la incorporación de estas prácticas las que inevitablemente producirán nuevos espacios, como una cierta forma de "esperanza" de habitar, incluso en aquellos casos en los que la visible muerte de algunos lugares se vehicula hacia una idea de utopía *degenerada* que encuentra otras formas de generar esperanza.

2. "The fact is that around 1910 a certain space was shattered. It was the space of common sense, of knowledge [savoir], of social practice, of political power (...) the space, too, of classical perspective and geometry, developed from the Renaissance onwards on the basis of the Greek tradition [Euclide, logic] and bodied forth in Western art and philosophy, as in the form of the city and town." Henri Lefebvre, *The Production of Space*, Blackwell, Oxford Uk e Cambridge, USA, 2000, 25.
3. Referido en Victor Burgin, *Indifferent Spaces, Place and Memory in Visual Culture*, University of California Press, Berkeley, LA, Londres, 1996, 148.
4. Vocablo forzado que pretende designar la idea de "considerar el cuerpo" que la palabra incorporar no cumple por entero.
5. O sea, la noción implicaría también la perpetuación de la noción de relativismo profundamente improductiva para el entendimiento de los procesos culturales en la contemporaneidad. Ver para este asunto, por ejemplo, Martin Jay, "Cultural relativism and the visual turn" *in Berkeley Journal of Visual Culture*, University of California Press, December 2002, 1, 3.
6. Sabemos que todas las culturas en cualquier momento de la humanidad, cambiaron alguna forma de influencia entre si y que la única diferencia, a lo largo de dos milenios, es la escala y la velocidad en que estos cambios se fueron efectuando.

El cuestionamiento disciplinar origina así una especie de arquitectura expandida, tanto por la vía de lo procesual (arquitectos que ensucian las manos en el adobe) como del punto de vista de los resultados (la auto-construcción que produce objetos *ahistóricos* aunque profundamente imbuidos de un sentido cultural activo).

De la ocupación experimental de los solares vacíos a la apropiación de edificios corporativos para usos cotidianos pasamos siempre e inevitablemente por la dimensión de lo relacional. Se habla de territorio y de paisaje construido partiendo de lo que les da origen y justificación: sus usos sociales.

O sea, siguiendo la base del concepto de Deleuze y Guattari "Devir Menor" debatido por el proyecto *"(...) todo tiene valor colectivo. Con efecto (...) llas condiciones para la expresión individual, que seria la del "maestro" y que podrían ser separadas de la expresión colectiva, no existen."*[7] De ahí que, todavía con base en aquellos autores, la desterritorialización sea una derivación de la resistencia, de un grupo (pretendidamente) minoritario en cuanto forma cultural, y de afirmación colectiva. Y solamente en lo relacional colectivo se instaura tal resistencia

La idea de espacialidad trasngeográfica, transcultural y transnacional (en oposición a sus correspondientes multi- o inter-) no puede ser separada de la noción de alteridad. Lejos de consensuar esta noción debe por lo menos intentar redefinir en permanencia las posiciones que tomamos en cuento "sujetos múltiples" en busca de un equilibrio imposible como esquivo. Los "regímenes de la verdad" de Bruno Latour, una reflexión sobre los modos de enunciación y de existencia[8] pueden ayudar a entender de que forma tal equilibrio es esquivo.

Devir Menor incorpora la dimensión de la participación, cuestionando su propia función. En una unión dinámica al contexto de Guimarães, el proyecto revisita, en sus múltiples momentos de taller y de intercambio, locales y formas de vivir, compartidas con sus propias personas y marcadas en la representación de su geografía, cumpliendo así unos de los objetivos del ciclo Escalas y Territorios, la de saber: direccionarse sobre problemáticas que, siendo específicas al territorio de Guimarães, pueden ser contextualizadas en relación con un debate mas extenso sobre el papel de la cultura en los territorios posindustriales de Europa y del Mundo occidental, sumándole el reflejo (un retorno) de otras longitudes y latitudes con quien poseemos ligaciones imborrables.

Termino relevando la importancia de este libro en cuanto testimonio de los procesos y de la exposición, pero también en cuanto con contribución autónoma para proseguir el debate del concepto llave de *Devir Menor* un devenir que reevalúa el propio sentido de minoría.

Muchas gracias a todos los equipos y colectivos, a todos los autores y colaboradores.

7. "(...) everything has a collective value. In effect, precisely because talents do not abound in a minor literature, the conditions are not given for an individuated utterance which would be that of some 'master' and could be separated from collective utterance." (Deleuze and Guattari, 17).

8. Bruno Latour analiza en un texto con el mismo título, Étienne Souriau, *Les différents modes d'existence*, Paris, Presses Universitaires de France, 1943. Souriau diz "There is no ideal existence, the ideal is not a type of existence." (Souriau, 157).

Curatorial, *Devir Menor*

Inês Moreira

DEVIR MENOR, ARQUITETURAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CRÍTICAS NA IBEROAMERICA tem um título composto de diversos pequenos enunciados que são tentativas de articulação de um conjunto de intuições, de conceitos e, também, de diversas linhagens de prática da arquitetura e da produção de espaço. O título é complexo e, por ventura, pouco hospitaleiro pois emprega vocabulário com diversas proveniências que importa desde já abrir: a crítica da literatura, os estudos culturais, a teoria da arquitetura; acresce a mancha cinzenta de uma ampla zona geográfica que, também, coloca questões de identidade e de representação mútua. Para entrar no projeto é, pois, necessário partir por partes, e não sem antes se assumir o grau de especulação das questões e os riscos das metodologias curatoriais perseguidas: criativas, exploratórias, informais e avessas à ideia de síntese.

Um amplo conjunto de referências de mapeamento de *práticas espaciais* e de arquiteturas, promovidas com exaustividade em países do eixo franco-anglo-saxónico sobre casos maioritariamente europeus e suas infiltrações — como a plataforma de investigação desenvolvida por Peter Moertenbroeck e Helge Mooshammer no Goldsmiths College[1] em Londres —, abriu a inquietação para se delinear uma estratégia de aproximação a um vasto terreno que queríamos conhecer, fazendo crescer a inicial proposta de uma exposição com 6 coletivos a apresentar no verão de 2012 na Capital Europeia da Cultura de Guimarães, para o presente puzzle de projetos, autores, práticas e livros representados na exposição e no presente catálogo.

O projeto foca-se numa certa geografia, que da Europa Central se vê como sendo do Sul, da Ibéria recobre o terreno das ex-colónias Sul-Americanas, e que da América Latina, na sua escala e distância histórica, é vista como Latino-Americana (não europeia). Estando a par de um conjunto disperso de projetos/autores Ibero-latino-americanos publicados em revistas especializadas[2], em sites, blogs, edições de autor recolhidas em livrarias espanholas, e que nos serviram de ponto de partida, surgiu a urgência em conhecer: o que se passará por aqui, pela Ibéria, e no espaço que partilha a cultura material, a informalidade e um certo "desenrasque" latino?

Além das formas rudes, estranhas ou inacabadas dos projetos, interessa-nos conhecer como alguns autores, perante uma certa contingência material, uma certa escassez económica e de infraestruturas, afirmam um posicionamento crítico e implicado nos

seus contextos sociais, económicos e culturais, exercendo modalidades de ação política que operam criticamente através da prática de projeto e da construção. Partilhando o entusiasmo organizativo, a informalidade nas estratégias de construção e organização adotadas, e a entrega à participação das comunidades na processualidade da construção, descobrimos como um conjunto de modos participativos, coletivos e alterados de produção do espaço, parecem esbater noções de obra/objeto arquitetónico mais hegemónicas e dar origem a modos alterados de arquitetura e de espaço.

DEVIR MENOR, ou transformar-se em menos, seria a errónea leitura empírica e imediata do título e do conceito proposto. O título é um conceito que articula de um modo específico, pois para o entender temos de visitar a literatura e estabelecer, desde já, a relação intuída entre as modalidades de prática da arquitetura que fomos encontrando, e as modalidades de operação crítica enunciadas a propósito da obra literária de Franz Kafka. *Devir Menor* entra na problematização da autoria e aproxima-se do conceito enunciado por Gilles Deleuze e Felix Guattari no seu ensaio que analisa a literatura de Franz Kafka,[3] e do qual aparentamos o nosso título. O seminal texto de Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre Kafka que aborda línguas menores que subvertem as estruturas de poder operando desde o seu interior. Kafka foi um autor Judeu escrevendo em Praga, cidade ocupada pela Alemanha Nazi, de onde, segundo Deleuze e Guattari, a sua escrita gera *linhas de fuga* da língua Alemã e cria uma abertura, um espaço crítico, desfazendo o domínio da ocupação. A literatura *menor*, desfaz a língua dominante, o domínio político e mesmo o seu poder, agindo de dentro da sua estrutura.

O *menor* produz três movimentos: desterritorialização da língua dominante; enunciação política, e a enunciação de valores coletivos. Desta análise, entendemos uma posição que é criativa e política, não como afirmação de uma posição individual, mas como um encontro, enunciativo e constitutivo de um espaço de aparência de preocupações coletivas. O capítulo terceiro do livro, que passamos a citar, expõe com clareza esta proposta teórica:

> *"A minor literature doesn't come from a minor language; it is rather what a minor constructs within a major language. But the first characteristic of minor literature in any case is that in it language is affected with a high coefficient of deterritorialization. (...) In short, Prague German is a deterritorialized language, appropriated for strange and minor uses. The second characteristic of minor literatures is that everything in them is political. In major literatures, in contrast, the individual concern (familial, marital, and so on) joins with other no less individual concerns, that social milieu serving as a mere environment or a background (...). Minor literature is completely different; its cramped space forces each individual intrigue to connect immediately to politics. The individual concern thus becomes all the more necessary, indispensable, magnified, because a whole other story is vibrating within it. (...) The third characteristic of minor literature is that in it everything takes on a collective value. Indeed, precisely because talent isn't abundant in minor literature, there are no possibilities for an individuated enunciation that would belong to this or that 'master' that could be separated from a collective enunciation. Indeed, scarcity of talent is in fact beneficial and allows the conception of something other than a literature of masters; what each author says individually already constitutes a common action, and what he or she says is necessarily political, even if others aren't in agreement. The political domain has contaminated every statement (énoncé). (...) There isn't a subject; there are only collective assemblages of enunciation."*[4]

A literatura *menor* desterritorializa a língua dominante e enceta um Devir. É uma posição política para uma *estratégia de leitura e escrita*, conceito fundamental também à curadoria, e a este projeto, e desfaz a centralidade da autoria individual e a inscrição da objectualidade no campo estrito da literatura, provocando uma abertura que, intuímos que seja possível experimentar relativamente aos exemplos citados no campo da arquitetura e das *práticas espaciais*.

Auscultamos projetos que tornam aparente o conceito de *menor*, com toda a multiplicidade das suas manifestações, e sem contudo o explorarem enquanto manifesto. Na perspetiva inversa, e diferindo na sua intencionalidade, a modalidade em que ocorre a investigação tenta criar aberturas no campo da curadoria procurando tentativamente mapear e explorar uma posição tática para a leitura/escrita, de casos, de textos, de situações, usando estratégias mais formais e estruturadas para formar uma rede internacional ativa.

A que nos referimos com *PRÁTICAS ESPACIAIS?*[5] O conceito de *prática alterada* ajuda a expandir a ideia de prática espacial, e de Arquitetura, tocando modalidades de ação em que não são reconhecidas nos discursos dominantes e abrindo o aspeto crítico, e político, do posicionamento menor. Para entender, importa visitar o que Doina Petrescu, teórica da arquitetura, denomina por *Altering practices*[6], o título do livro que editou sobre produção espacial.

Altering, alterar, ou tornar-se outro, é uma noção crítica e construtiva que informa um certo entendimento de arquitetura. *Alterar* é crítico, criativo, técnico e construtivo e avança através da micro política e dos poderes das redes interpessoais de relação, como um recurso para implementar uma prática espacial e de desenho. É neste sentido, de

alteração da língua dominante, que a questão do menor surge em arquitetura. *Práticas alteradas* são práticas que *alteram*, ou são outras (alter), relativamente à ideia dominante de prática projetual profissional. Este conceito cruza as ideias de projeto e as condições da própria prática, abrindo a arquitectura ao espaço interdisciplinar através das teorias e perspetivas feministas que criam espaço para um conjunto de práticas relacionais e de co-existência, onde o projetista, usuário, os produtores, isto é, o arquiteto, a comunidade e os construtores (formais ou informais) organizam os seus modos e meios de produção. Baseados no conhecimento de casos colaborativos, maioritariamente europeus, as *práticas alteradas* veem a arquitetura, e as práticas, de um ponto de vista não disciplinar, não corporativo, não dominado pelas restrições profissionalizantes.

A nossa abordagem à questão da arquitetura e das *práticas espaciais críticas*, não se centra em noções ontológicas ou fundacionais, mas antes num plano imanente das ações e da produção. Por isso nos debruçamos sobre a ideia de prática, olhando para o terreno, para quem produz e para aquilo que se produz. Intersetamos duas noções que nos importa clarificar: prática e prática espacial. A primeira é a noção de prática, aqui entendida como uma atividade não necessariamente normativa, ou transmitida tacitamente pela tradição da Arquitetura. Se, correntemente, em arquitetura prática significa a produção pragmática no espaço do atelier, do projeto e da construção, uma tradição separada da pesquisa, da investigação, e eventualmente da sua antagónica teoria, esse entendimento difere da noção proposta: uma prática pensante. A ideia e os locais de prática são aqui abrangentes, do atelier ao estúdio de cinema, da faculdade à câmara municipal, do evento às páginas de uma revista, do estaleiro à biblioteca. A noção de prática é aqui entendida como uma ativação, prática como um modo experimental, eventualmente performativo, de conhecimento do espaço.

A segunda noção de prática está numa segunda camada, não diretamente ligada à ideia de projeto de Arquitetura. Aqui se expressam as exterioridades da Arquitetura. Num sentido sócio-antropológico, o que entendemos por prática espacial é a experiência, utilização, apropriação do espaço, tal como Henri Lefebvre[7] definiu, i.e. uma das dimensões da Produção do Espaço, paralelamente à representação do espaço (arquitetura, engenharia, e outras áreas do projeto), e aos espaços da representação (simbólica). As três são as diversas modalidades pelas quais o espaço é produzido: desenho/plano, simbolicamente/linguagem, ou como atividade social praticada no quotidiano. A abertura a esta dimensão permite abranger os aspetos informais, a fugacidade e a efemeridade das práticas. O espaço produzido/praticado pelo conjunto de autores, consultores e criadores convidados, surge múltiplo em referências, em experiências e nas suas geografias.

O desafio de mapear *práticas espaciais críticas* externas ao eixo anglo-saxónico e ir de encontro à Ibero América, é ambicioso, e naturalmente, uma tarefa coletiva e partilhada com um grupo de consultores, com experiência editorial, convidados para integrar o projeto[8]. Jorge Garcia de la Câmara[9], arquiteto e investigador em Arquitetura, baseado em Barcelona; Luís Santiago Baptista[10], arquiteto e editor, baseado em Lisboa; Paula Alvarez Benitez[11], arquiteta e editora, e José Maria Galán Conde[12], arquiteto e editor, e também baseado em Sevilha; e por fim Stephane Damsin[13], baseado em Bruxelas e membro do coletivo Supersudaca, disseminado pelos diversos países da América Latina (e na Bélgica), é o grupo de consultores que contribuiu selecionando coletivos, autores, projetos e, também, os vídeos que integram o núcleo de documentação audiovisual.

Guiados pelas práticas, suas particularidades e conexões, o conjunto de projetos que reunimos, não segue uma lógica de representação nacional, ou de mapeamento dos diversos países, tratando os países com, por ventura, desequilíbrio, não contemplando uns, sobre-incluindo, e não discutindo os limites desta zona geográfica. Os diversos mapas que integram o projeto e ritmam o catálogo foram criados pelas designers convidadas a desenvolver a comunicação visual, Joana & Mariana[14], que exploram a plasticidade manual de um material simples para recompor ludicamente uma nova cartografia imaginária.

Mario Ballesteros[15], inicialmente consultor, elaborou para *Devir Menor* uma bibliografia para consulta na exposição[16]. Apresentando a problemática da urbanidade Latino-Americana, inclui publicações periódicas e livros teóricos, cruzando arquitetura, urbanismo, sociologia e arte, como *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*[17], ou *Post-it City*[18] que mapeia de práticas efémeras informais no espaço publico, ou ainda publicações de análise histórica de projetos fundamentais na história da arquitetura, como o projeto evolutivo *PREVI* em Lima no Perú, *Time Builds! The Experimental Housing Project (PREVI)*[19], ou o sobre a criação da arquitetura no Brasil, até ao modernismo, *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*.[20] A seleção é extensa e híbrida, podendo ser sua consultada na exposição como uma mesa de trabalho, abrindo a subjetividade e as preferênciasdo editor ao público.

Quanto à *pièce de résistance*, o conjunto de projetos e autores reunidos para o projeto, com os consultores, dos diversos estratos sobrepostos, sobressaem alguns layers: a diversidade de atores e organizações intervenientes [arquitetos, artistas, fotógrafos, sociólogos, urbanistas]; a diversidade de ideias de projeto, de ferramentas e de modalidades de pesquisa [em que a arquitetura é entendida para além da construção, não só nos meios de produção como nos modos da sua ativação]; a grande diversidade de

programas e de estratégias de [habitação unifamiliar, ocupação/squat; equipamento público; parque/espaço público]. Subjacentes estão ainda as diversas geografias que ocupam e habitam (seja a proveniência ou no local dos projetos), os percursos académicos e modos de organização em equipa, ou individualmente, bem como a pressentida vontade de mapeamento das suas realidades pelos próprios [mapeamentos fotográficos, mapeamentos iconográficos, mapeamentos visuais diversos], e por nós.

O conjunto de mapeamentos fotográficos propostos por Supersudaca abrem a escala territorial da América Latina, trazendo com alguma ironia a exotização da América Latina nos circuitos turísticos Europeus e Americanos. Investigaram a costa do Caribe, no projeto *Al Caribe!*, em que o coletivo Supersudaca percorre a costa do golfo e para compreender a tipologia dos estandardizados *resorts* turísticos e suas infraestruturas de apoio. Esta pesquisa, que aguarda publicação em livro, revela as cidades invisíveis ocultas por detrás dos hotéis, onde milhares de pessoas vivem em contentores, estruturas sociais — escolas, equipamentos, hospitais — ou qualquer urbanidade, vivendo numa-semi reclusão por detrás do *resort*. Abordando a violência física sobre a cidade e sobre as pessoas, o projeto fotográfico de Maria Luz Bravo aborda a obsolescência de equipamento público em Ciudad Juarez, no México, abandonados perante os a violência e os ataques dos cartéis que controlam o narcotráfico, levando ao abandono dos edifícios, do espaço píblico e da cidade pelas pessoas, trazendo a fragilidade do poder e das estruturas públicas nesta cidade. Aqui toma o título: *Daños Colaterales*.

Na ligação entre o fazer cidade, o espaço público e a habitação social, surge o projeto *Bairro Alto Comedero*, através do olhar de Tomás Garcia Puente, que documenta fotograficamente um assentamento criado na Argentina em San Salvador de Jujuy pela comunidade Tupac Amaru que criou 1800 habitações, numa lógica de *gated community* americana. A gigantesca piscina e o exuberante espaço público, decorado com dragões, figuras manga, ou o tigre da seleção Argentina de futebol, foram a opção da comunidade, para ocupar as crianças e criar uma zona de refrescamento coletivo no verão, onde se atingem temperaturas muito elevadas.

O mapeamento visual criado por Mónica de Miranda, artista, em colaboração com Artéria Arquitetos, ambos baseados em Lisboa, aborda uma infraestrutura territorial da cidade de Lisboa que hoje estrutura zonas de exclusão. A antiga *Estrada Militar*, eixo que circunda e delineia a cidade, por onde historicamente o exército protegia a cidade de invasões, é o local onde hoje se localizam dezenas de bairros de lata (as favelas portuguesas) onde vivem imigrantes vindos das ex-colónias portuguesas, sua descendência, bem como novos imigrantes sem acesso a habitação. O projeto *Underconstruction* mapeia e regista estes locais invisíveis nos documentos mais oficiais.

Ángela Bonadies + Juan José Olavarría realizaram um projeto de mapeamento visual da *Torre de David* em Caracas, na Venezuela, um edifício construído para sede da empresa de um magnata durante o *boom* económico. A torre seria o maior arranha-céus da América Latina, um símbolo da alta finança que ficou incompleta e abandonada. Hoje, e o projeto foca-se neste aspeto, a torre está ocupada por centenas de habitantes ocupas, que apropriaram a torre e aí "construíram" e infra-estruturaram os seus apartamentos, numa lógica de auto-gestão. Habitação, mas também serviços e comércio, criam a nova vida desta incompleta torre de arquitetura pós-moderna.

Um conjunto de projetos aponta a ação direta através do projeto e construção no terreno, no terreno, em colaboração com a comunidade, seja no modelo de auto-construção, ou no modelo participativo de desenho do espaço, de construção ou de apropriação. O pequeno equipamento *El Nodo: Centro Cultural Participativo* criado por Con trol+z + Straddle3 + Lamatraka Cultural + A.C. el Nodo em Saltillo, no México, acentua o aspeto lúdico na organização de um projeto criado por três coletivos, em colaboração na conceção e na auto-construção. A problemática é urbana e trata da criação de um centro cívico, ao lado da linha de comboio, apoiando as infraestruturas públicas insuficientes, num projeto económico com materialidade bruta, que apropria contentores marítimos, aos quais acrescenta uma engenhosa estrutura metálica para cobrir um terraço interior. Todo por la Praxis, baseado em Madrid, desenvolveu um projeto prático, no terreno, após o encontro de arquitetos e coletivos denominado *Arquitectura Expandida*, em Bogotá na Colômbia. Colaborando com crianças e jovens da comunidade local, promoveram a intervenção num parque infantil e de jogos degradado, num projeto de intervenção arquitetónica simples, adaptando espaços e mobiliário público a custos baixos, num curto espaço de tempo, potenciando-o. *Alaska Parque Comunal* é uma intervenção que beneficia o complexo do parque infantil, com técnicas construtivas próximas do *do-it-yourself*, aproximando-se das capacidades técnicas dos participantes.

Partindo para a intervenção efémera na paisagem urbana e seus interstícios, *Lotes Vagos*, um projeto artista Louise Marie Ganz, ocupa terrenos sem uso, expectantes, criando pequenas intervenções para práticas temporárias, cama de rede, cabeleireiro, espaço de refeições, são oferecidos ao bairro para estender ou colmatar atividades quotidianas. Respondendo ao desafio lançado por um festival cultural suiço para as estruturas de apoio ao desenvolvimento do evento, Moov, coletivo baseado em Portugal, propõe a ideia de cozinha comunitária e de mesa de refeição, corrida e generosa nas suas dimensões, para acolher e dispor o "público" enquanto participante num encontro coletivo. *Kitchain*, é um sistema modular desenhado para crescer em cadeia, podendo responder a diversos contextos.

Nos projetos de alguns coletivos, que ativamente cooperam e procuram os meios para criar construções básicas para comunidades que vivem na pobreza, descobrimos numa aproximação à arquitetura que se aproxima da rede *Architecture for Humanity*[21]. A questão da escassez de meios, a falta de recursos e de mão de obra local colmatada em projetos que buscam potenciar as materialidades locais. No Equador, junto à praia e a uma comunidade palafítica, Al Borde arquitetos desenvolveram a *Escuela Nueva Esperanza*, escola primária em Cabuyal, Manabi, construída numa uma estrutura elevada coberta com colmo, para albergar as crianças e os livros. Explorando os materiais disponíveis a muito baixo-custo, o desenho da estrutura potencia a técnica da palafita e a estrutura periférica, criando uma estrutura tetraédrica e gerando um espaço interior generoso, e embora usando a mesma técnica construtiva, com espacialidade distante da arquitetura vernacular. Com base no material disponível localmente em Oaxaca, México, Blaanc + Rootstudio desenvolveram o projeto *Adobe for Women*, que, com o apoio de donativos, procura ensinar as mulheres construir casas de o adobe com terra argilosa, as próprias mãos e a colaboração dos arquitetos. É um projeto de arquitetura de contingência, formas simples, em que o processo de construção e transmissão da técnica é parte essencial do projeto. Explorando os materiais tracionais da construção portuguesa, como a madeira e, também, o adobe, o coletivo Plano B explora o processo coletivo de construção, criando pequenos espaços, como os *Armazéns Alcochete, as Colunas de Terra, ou a Casa do Garrano*, cujos programas rurais ou de contemplação do espaço exterior são peculiares no contexto da arquitetura. A materialidade, a processualidade e a participação coletiva na construção definem um posicionamento no projeto que se afasta da rigidez do desenho.

A habitação é um programa de arquitetura que toca a vida das pessoas, pelo que existem casos de experimentação diversos. Pela câmara fotográfica de Cristobal Palma vemos hoje *PREVI*, o projeto piloto de habitação que Lima, Perú, promoveu nos anos 60 para construir 1500 habitações através da encomenda a 13 arquitetos peruanos e 13 estrelas internacionais (James Stirling, Aldo van Eyck, the Metabolists, Charles Correa, Christopher Alexander e Candilis, Josic e Woods). As casas então desenhadas foram apropriadas, transformadas, redecoradas e hoje estão transformadas em cidade anónima. O mapeamento visual da *Vivienda Talquina*, no Chile, no projeto fotográfico e de investigação *Disecciones* de José Luis Uribe Ortiz + Marco António Diaz traz-nos interiores domésticos, a sua apropriação e transformação pelos pequenos objetos, mobiliário, pondo em evidência a presença das pessoas que ativam espaços em modos diversos de vida. A habitação coletiva é um programa fundamental, e com uma distância histórica maior, a reabilitação que Borde Urbano Consultores fez da *Unión Obrera*, em Valparaíso, Chile, toca a habitação coletiva construída no início de século como um dos primeiros edifícios de habitação social. Explorando um modelo orgânico de crescimento urbano, o Urban Think Tank transpõe para o modelo *Growing House* alguns princípios de crescimento informal da cidade de Caracas. Este modelo, evolutivo, adaptativo, é aplicado no projeto *Igreja Anglicana. Habitação em Crescimento*, um complexo híbrido com igreja e habitação, que adota o modelo informal da cidade.

Quotidaneidades doméstico-produtivas do coletivo Husos, Madrid, é um estudo dos usos e apropriações dos espaços domésticos, reunidos em entrevistas de campo, análises e produções iconográficas de esquemas que estabelecem um mind-map espacial de diversas vidas. Focado em Madrid, explora diversos modos de vida (famílias, casais, estudantes, amigos, habitação temporária, etc.) e os usos dos espaços domésticos da cidade e suas derivações que, hoje, reaproximam o privado da produção (habitação, escritório, atelier, empresa). O modelo de estrutura evolutiva *casa mais ou menos* desenvolvido por La Panaderia reflete no sistema de crescimento os diversos modos de vida, e de crescimento, ao longo da vida de uma casa, permitindo que a casa cresça. A sua construção em Alacala 01 é um experimento do modelo que ocorreu com a participação dos futuros habitantes.

Este texto encerra a experiência da exposição e do projeto *Devir Menor* abrindo questões ao próprio processo de investigação: como transcrever *práticas espaciais*, performativas e materiais em formatos curatoriais? Como incorporar encontros de um processo de trabalho, aquilo que nos afeta e, simultaneamente, delinear e prosseguir com um plano de investigação e de produção? A base metodológica aqui aberta, surpreende-se a si mesma na rede de colaborações que estabeleceu: editores, arquitetos, teóricos, artistas, designers, associações culturais, foram contribuindo para definições do conceito do projeto e para o seu mapeamento em ambos lados do atlântico. Ampliando o entendimento da questão geopolítica e das problemáticas sociais, políticas, económicas e ecológicas que se manifestam nas tensões, conflitos e fissuras no terreno do continente da América do Sul, foi lançado o convite ao coletivo argentino Iconoclasistas para apresentar o mapa de conflitos da América Latina (reproduzido no livro). O seu modo de trabalho de mapeamentos coletivos de problemáticas locais foi experimentando nos dois mapas e workshops criados com Iconoclasistas + Bernardo Amaral + Paulo Moreira sobre a Freguesia de Pevidém em Guimarães, e o problema da desindustrialização, do desemprego e da crise social e económica; e um mapa mais lúdico sobre as vagas de e/imigração entre Ibéria e América do Sul, ao longo de várias décadas. Apoiando-se numa investigação em curso pelo arquiteto Paulo Tavares, foi criado de novo o documentário *Abertura (trilogia da terra)*, documentando espaços menores

em três escalas: urbana, agrária e territorial. O projeto reflete sobre as influências que a passagem nos anos 80 de Felix Guattari pelo Brasil teve no pensamento e na ação de diversos grupos que reivindica(ra)m a terra após a ditadura militar.

E, como já constatara a propósito do *Mapa de Jovens Práticas Espaciais* [22] editado em 2010 sobre Portugal, este projeto não é um mapa de estradas e caminhos, não oferece um sistema definitivo de orientação, não propõe uma organização do território da Arquitetura, e, sobretudo, não bidimensionaliza a multiplicidade de atividades e posturas. Pelo contrário, propõe incorporaratividades dispersas e diversas, nem todas identificáveis com a prática profissional ou projetual. Os nossos convidados tornam problemáticos os contornos do campo da arquitetura, intricando-os com áreas entendidos como extradisciplinares, isto é, exterioridades da arquitetura, como a política urbana e a filosofia, ou a performance e a organização de eventos. Assim, interliga-se e redistribuem-se práticas, apelando à imaginação e à inventividade de quem nos lê.

Ao longo da investigação pudemos descobrir uma considerável dispersão de atividades, de interesses, de produções, de posturas e de modos de produção. Quase todos difíceis de catalogar, alguns difíceis mesmo de considerar, num simples modelo de reconhecimento público ou de sucesso profissional, na área da arquitetura. E, se este texto fixa nomes, fixa autores e fixa projetos sob a forma de um catálogo, contrariamente a um sistema de organização, não pretende apresentar e arrumar numa leitura linear, nem encontrar e revelar novas estrelas (nem genealogias ou categorias de astros). Sendo um exercício essencialmente avesso à legitimação ou à ascensão ao estrelato, não despreza as possibilidades de estabelecer relações entre fazer, pensar e ocupar o espaço.

Notas bibliográficas e (um pouco mais) sobre o projecto:

"*How many styles or genres or literary movements, even very small ones, have only one single dream: to assume a major function in language. (...) Create the opposite dream: know how to create a becoming-minor.*" (Deleuze and Guattari 1986, 27)

1. Ao longo dos últimos 10 anos, um grande conjunto de livros, websites, dvds, e outros meios de disseminação e de encontro, têm sido desenvolvidos, pondo em evidência o mapa de práticas arquitetónicas, culturais e espaciais na Europa. Estendendo as fronteiras da geografia Europeia e explorando as suas porosidades, ou as suas exterioridades, Peter Moertenboeck e HelgeMooshammer, baseados no Goldsmiths College, University of London, desenvolveram também um projeto de investigação mais próximo dos estudos culturais, denominado *Networked Cultures* (disponível a 1-2-2013 em www.networkedcultures.org). O projeto é uma plataforma que mapeia e investiga "*transformações culturais que ocorrem na Europa examinando os potenciais efeitos de práticas espaciais em rede*". O projeto mapeia espaços (não tanto autores ou arquitetos) em que as economias, as urbanidades e as estruturas paralelas/ilegais se interligam com os espaços formais das cidades e dos países europeus. O projeto está publicado: Peter Moertenboeck andHelge Mooshammer (eds.), *Networked Cultures, Parallel Architectures and the Politics of Space*, NAi Publishers, Rotterdam, 2008

Did Someone Say Participate? An Atlas of Spatial Practice, um amplo livro de ensaios editado em 2006 por Basar e Miessen - também traduzido para castelhano com o título *¿Alguien dijoparticipar? Un Atlas de Practicas Espaciales*, publicado por Dpr Barcelona (Ethel Baraona Pohl + César Reyes Nájera) — estende-se a noção de prática espacial para além da arquitetura, explorando a dimensão espacial das práticas políticas e sociais contemporâneas e os modos como estas constituem e produzem espaço. Esse atlas aborda a arquitetura pelas suas exterioridades e inverte, de algum modo, o pensamento sobre representação e o não-representacional em arquitetura. A questão da participação enunciada no título refere-se ao espaço público à política quotidiana da produção do urbano.

Mais próximo da prática de projeto, da criação de espaços, autores como Doina Petrescu (e o atelier d'architecture autogerée, baseado em Paris) ou Jeremy Till e Nishat Awan (baseados na Universidade de Sheffield, em Inglaterra) têm explorado teoricamente, no ensino, e na sua prática de atelier, diversos modos de projeto que incluem modalidades de participação das comunidades e usuários no desenvolvimento de projeto, na construção e na apropriação do espaço público. A par das investigações e prática, são ativos instigadores de processos de mapeamento de práticas muito diversificadas. Dos projetos de mapeamento destacam-se dois projetos: *Trans-Local-Act: Cultural Practices Within and Across*, editado em 2010 por Doina Petrescu, Constantin Petcou e Nishat Awan para a plataforma aaa/peprav (disponível on-line a 1-2-2013 em www.urbantactics.org); e o extenso repositório on-line que reune uma ampla diversidade de práticas, abordagens teóricas e de localizações geográficas intitulado *SpatialAgency: Other Ways of Doing Architecture* e editado por Nishat Awan, Tatjana Schneider e JeremyTill, que tem numa versão simplificada da publicada em 2011 pela Routledge — recomendamos a consulta ao site, disponível on-line a 1-2-2013 em www.spatialagency.net.

2. Uma seleção de revistas dedicadas ao tema da Arquitetura na América Latina conta com três publicações que consideramos referências para a nossa investigação: a revista Architectural Digest, com o tema *Latin America at the Crossroads*, editada por Mariana Leguía em 2011 que se debruça sobre novas grandes obras e infraestruturas nestes países. A revista portuguesa Arq./A, nº 94/95, com o tema *Contrastes Sul-Americanos*, editada por Luis Santiago Baptista também em 2011, que publica projetos de arquitetos e ateliers de países Sul-Americanos, também em linha com a Architectural Digest, porém dedicada mais ao projeto de arquitetura e a anterior mais à escala da infraestrutura. Também a revista 2G com o dossier *Emerging Ibero-AmericanArchitecture, editado por Ariadna Cantis*, é uma publicação que define o terreno, incluindo (como em *Devir Menor*) o território da Península Ibérica e foca-se em projetos de autores muito jovens, uma publicação muito em linha com as várias edições do projeto curatorial Fresh Latino, que vem apresentando jovens arquitetos da (e na) Ibero América. (site do projeto: http://cvc.cervantes.es/artes/freshlatino/portada-freshlatino.htm, disponível a 1-2-2013).

3. Deleuze, Gilles and Felix Guattari. *Kafka: Towards a Minor Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

4. Deleuze, Gilles and Felix Guattari. *Kafka: Towards a Minor Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986. (p.16-17)

5. Este texto é devedor da experiência de pesquisa que desenvolvi em 2010, quando editei um número da Revista Arquitetura 21 à qual dei o título de *Mapa de Jovens Práticas Espaciais*. O número da revista apresenta projetos de arquitetos portugueses da geração entre os 30 e 40 anos, e constitui-se como um multi-percurso pela multiplicidade de práticas, de pesquisas e de lugares que um conjunto geograficamente disperso e conceptualmente diverso de arquitectos portugueses, ou ex-estudantes de arquitetura, se encontrava a desenvolver em 2010. Embora com a distância de dois anos da publicação do presente texto, a realidade expressa na revista foi hoje alterada, perante a rutura do meio profissional português pela crise económica e financeira portuguesa, que reduziu a arquitetura portuguesa à virtualidade, e empurrou os arquitetos para o desemprego e a emigração. Inês Moreira (ed. convidada) *Mapa de Jovens Práticas Espaciais*, Revista A21, março 2010

6. Petrescu, Doina, (ed.) *Altering Practices: Feminist Politics and Poetics of Space*. London:Routledge, 2007.

7. Lefebvre, Henri. *The Production of Space*, Donald Nicholson-Smith trans., Oxford, 1991.

8. Uma versão anterior foi proposta em 2008 ao MEIAC (Museo Extremeño Iberoamericano de Arte Contemporáneo), para explorar *Micro Arquiteturas e Micro Práticas* de arquitetos e colectivos provenientes das geografias Ibero americanas, exploradas na programação artística do Museu. Devido aos cortes orçamentais, o projeto não se pôde realizar na data, tendo amadurecido e crescido para o presente projeto.

9. Jorge Garcia de la Câmara é arquiteto e investigador em Arquitetura, baseado em Barcelona, onde dirige o BIARCH — Barcelona Institute of Architecture. Editou em 2010 o número da Revista 2G Dossier sobre "Jovenes Arquitetos Españoles".

10. Luís Santiago Baptista, arquiteto e editor, baseado em Lisboa, dirige a Revista Arq./A, tendo em 2011 publicado o número *Contrastes Sul-Americanos* dessa revista.

11. Paula Alvarez Benitez, arquiteta e editora, baseada em Sevilha, onde dirige as edições VIBOK. Publicou em 2010 o livro *Arquitecturas Coletivas*, na sua editora, editado por Santiago Cirugeda, e vencedor do Premio FAD Pensamiento y Crítica 2011.

12. José Maria Galán Conde, arquiteto e investigador, está baseado em Sevilha e foi membro do Conselho Editorial da revista Neutra entre 2006 e 2009.

13. Stephane Damsin, arquiteto e membro do coletivo Sul-Americano Supersudaca, com atividade de projeto e de disseminação das suas práticas através de diversas plataformas. Site: http://supersudaca.org

14. Joana & Mariana é um estúdio de design baseado no Porto, de Joana Baptista Costa e Mariana Leão, que investigam e desenvolvem projetos de comunicação visual e design.

15. Mario Ballesteros, jornalista e editor, está baseado na Cidade do México, para onde mudou em 2012 para dirigir a Revista Domus México. Editou em 2008 com Albert Ferré, Irene Hwang, Michael Kubo, Tomoko Sakamoto, Anna Tetas e Ramon Prat o livro *Verb Crisis*, uma Boogazine publicada pela Actar.

16. *Uma bibliografia sugerida*, projeto de Mario Ballesteros, está documentada nas páginas deste catálogo e foi disponibilizada para consulta na exposição.

17. Berenstein Jacques, Paola. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*, Brazil, Casa da Palavra, 2001.

18. Occasional urbanities, Barcelona, CCCB, 2008.

19. García-Huidobro, Fernando, Diego Torres and Nicolás Tugas. *Time Builds! The Experimental Housing Project (PREVI)*, Lima, Barcelona, Gustavo Gili, 2008.

20. Lippincott Goodwin, Philip. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942 / Construção Brasileira: Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942*, New York, MoMA, 1943.

21. *Architecture for Humanity* é uma organização não governamental que organiza projectos, concursos de ideias e estabelece modos de colaboração por todo o mundo com comunidades carênciadas ou em situações de emergência social, ecológica ou política (site disponível a 1-2-2013: http://architectureforhumanity.org)

22. Inês Moreira (ed.) *Mapa de Jovens Práticas Espaciais*, Revista A21, Março 2010

Curatorial, *Devir Menor*

Inês Moreira

DEVIR MENOR, ARQUITECTURAS Y PRÁCTICAS ESPACIALES CRITICAS EN IBEROAMÉRICA es un título compuesto de diverso y pequeños enunciados que son una tentativa de articular un conjunto de intuiciones, de conceptos y también de diversas líneas prácticas en la arquitectura y la producción de espacio. El título es complejo y por ventura poco hospitalario pues emplea un vocabulario con diversas proveniencias que interesa, desde ya mismo abrir: la critica a la literatura y a los estudios culturales, la teoría de la arquitectura; súmase la implica mancha gris de una amplia zona geográfica, que también propone cuestiones de identidad y representación mutua. Para entrar dentro del proyecto es, por lo tanto necesario comenzar por partes y no sin antes asumir el grado de especulación de las cuestiones y los riesgos de las diferentes metodologías curatoriales perseguidas: creativas, exploradoras, informales y contrarias a la idea de síntesis.

Un amplio conjunto de referencia sobre cartografía de *prácticas espaciales* y de arquitectura promovidas con exhaustividad en países del eje franco-anglosajón sobre casos mayoritariamente europeos y sus infiltraciones — como la plataforma de investigación desarrollada por Peter Moertenbroeck y Helge Mooshammer en la Goldsmiths College en Londres.[1] — abrió la inquietud para delinear una estrategia de aproximación a un basto terreno que queríamos conocer, haciendo crecer la propuesta inicial de una exposición con seis colectivos, presentados en verano de 2012, dentro de Capital Europea de la Cultura en Guimarães, para el presente puzle de proyectos, autores, prácticas y libros representados en la exposición y en presente catálogo

El proyecto de centra en una cierta geografía, que desde Europa centras se ve como perteneciente al sur, es decir de iberia y de las ex colonias Sudamericanas, y que desde América Latina, en su escala y distancia histórica, es vista como Latinoamericana (y no europea). Conocedores de un conjunto disperso de proyectos/autores iberoamericanos publicados en revistas especializadas,[2] en páginas web, blogs, ediciones de autor recogidas en librerías españolas y que nos han servido de punto de partida, surgió la urgencia de conocer: ¿qué está sucediendo por aquí, por iberia, y en dentro el espacio de intercambia la cultura material, la informalidad y una cierta improvisación latina?

Aparte de la formas rudas, extrañas o inacabadas de los proyectos, nos interesa conocer como algunos autores, delante de una cierta contingencia material, una escasez económica y de infraestructuras, se reafirman bajo un posicionamiento critico e implicado dentro de sus contextos sociales, económicos y culturales, ejerciendo modalidades de acción política que operan críticamente a través de la practica del proyecto y de la construcción. Compartiendo el entusiasmo organizativo, la informalidad en las estrategias de construcción y organización adoptadas, y la entrega a la participación de las comunidades en el proceso de construcción, descubrimos como un conjunto de modos participativos, colectivos y alterados de producción de espacio, parecen combatir nociones de obra/objeto arquitectónico más hegemónicos dar origen a modos *alterados* de arquitectura y espacio.

DEVIR MENOR, o transformarse en menos, sería una lectura errónea y empírica del título y del concepto que proponemos. El título es un concepto que se articula de un modo específico, pues para entenderlo tenemos que visitar la literatura y establecer, de partida, la relación que se intuye entre las modalidades de prácticas arquitectónicas que fuimos encontrando y las modalidades de operación crítica enunciadas a propuesto de la literatura de Franz Kafka. *Devir Menor* entra en la problematización de la autoría y se aproxima al concepto enunciado por Gilles Deleuze y Felix Guattari en el ensayo donde analizan la literatura de Franz Kafka[3], y del cual surgió nuestro título. El seminal texto de Gilles Deleuze y Felix Guattari sobre Kafka donde aborda lenguas menores las cuales subvierten las estructuras de poder operando desde su interior. Kafka fue un autor judío que escribía en Praga, ciudad ocupada por la Alemania nazi, de donde, según Deleuze y Guattari, su escritura genera *líneas de fuga* de la lengua alemana y crea una apertura, un espacio crítico, deshaciendo el dominio ocupado. La literatura *menor* , deshace la lengua dominante, el domino político y su poder en si, reaccionando dentro de su estructura.

Lo *menor* produce tres movimientos: desterritorialización de la lengua dominante; enunciación política y enunciación de los valores colectivos. De este análisis entendemos una posición que es creativa y política, no como una afirmación de un posicionamiento individual, sino como un encuentro enunciativo y constitutivo de un espacio de apariencia de preocupaciones colectivas. El tercer capitulo del libro que pasamos a citar, expone con claridad esta propuesta teórica:

> *"A minor literature doesn't come from a minor language; it is rather what a minor constructs within a major language. But the first characteristic of minor literature in any case is that in it language is affected with a high coefficient of deterritorialization. (...) In short, Prague German is a deterritorialized language, appropriated for strange and minor uses. The second characteristic of minor literatures is that everything in them is political. In major literatures, in contrast, the individual concern (familial,*

marital, and so on) joins with other no less individual concerns, that social milieu serving as a mere environment or a background (...). Minor literature is completely different; its cramped space forces each individual intrigue to connect immediately to politics. The individual concern thus becomes all the more necessary, indispensable, magnified, because a whole other story is vibrating within it. (...) The third characteristic of minor literature is that in it everything takes on a collective value. Indeed, precisely because talent isn't abundant in minor literature, there are no possibilities for an individuated enunciation that would belong to this or that 'master' that could be separated from a collective enunciation. Indeed, scarcity of talent is in fact beneficial and allows the conception of something other than a literature of masters; what each author says individually already constitutes a common action, and what he or she says is necessarily political, even if others aren't in agreement. The political domain has contaminated every statement (énoncé). (...) *There isn't a subject*; there are only collective assemblages of enunciation." (Deleuze and Guattari 1986, 16-17)[4]

La literatura *menor* desterritorializa la lengua dominante e incita un Devenir. Es esta una posición política para una estratégia de *lectura y escritura*, concepto fundamental también al comissariado,y a este proyecto, y que deshace la centralidade de la autoria individual y la incripción de objetualidad en el campo escrito de la literatura, provocando una apertura que, intuímos que sea posible experimentar relativamente a los ejemplos citados dentro del campo de la arquitectura y de las *prácticas espaciales*.

Auscultamos proyectos que tornan aparente el concepto de *menor*, con toda la multiplicidad de sus manifestaciones, y así con todo no tanto lo exploran en cuanto manifiesto. En la perspectiva inversa, y difiriendo en su intencionalidad, el modo en que acontece la investigación intenta crear aperturas en el campo del comisariado procurando tentativas de mapear y explorar una posición táctica para la lectura/escritura, de casos, de textos, de situaciones, usando estrategias formales y estructuradas para formar una red internacional activa.

A que nos referimos con *PRÁCTICAS ESPACIALES*?[5] El concepto de *practica alterada* ayuda a expandir la idea de práctica espacial, y de arquitectura, tocando modalidades de acción que no son reconocidas por los discurso dominantes y abriendo el aspecto critico, y político, del posicionamiento *menor*. Para entenderlo, es importante visitar lo que Doina Petrescu, teórica de la arquitectura, denomina como *Altering Practices*[6], en el titulo del libro que editó sobre producción espacial.

Altering, alterar o transformarse en otro, es una noción critica y constructiva que nos informa sobre un cierto entendimiento de la arquitectura. *Alterar* es algo critico, creativo, técnico y constructivo y que avanza a través de la micro política y del poder de la redes interpersonales de relación, como un recurso para implementar una practica espacial y de diseño. Es en este sentido, de alteración de la lengua dominante, que la cuestión de *menor* surge en la arquitectura. *Prácticas alteradas* son prácticas que alteran, o *son otras* (alter), relativamente a la idea dominante de practica proyectual profesional. Este concepto cruza las ideas de proyecto y las condiciones de la propia práctica, abriendo la arquitectura al espacio interdisciplinar a través de las teorías feministas que crean espacio para un conjunto de prácticas relacionales y de coexistencia, donde el proyectista, el usuario y los productores, esto es, el arquitecto, la comunidad y los constructores (formales o informales) organizan sus modos y medios de producción. Basados en el conocimiento de casos colaborativos, mayoritariamente europeos, las *prácticas alteradas* ven la arquitectura y su práctica, desde un punto de vista no disciplinar, no corporativo y no dominado por las restricciones profesionalizantes.

Nuestro abordaje, la cuestión de la arquitectura y de las prácticas espaciales críticas, no se centra en nociones ontológicas o fundacionales, sino en un plano inmanente de acciones y de producción. Por eso nos desenvolvemos sobre la idea de práctica, mirando para el terreno, para quien produce y para aquello que se produce. Interseccionamos dos cuestiones que es importante aclarar: práctica y práctica espacial. La primera es la noción de práctica, aquí entendida como una actividad no necesariamente normativa o trasmitida tácitamente por la tradición de la arquitectura. Si corrientemente, en la arquitectura, la *práctica* significa la producción pragmática dentro del atelier, del proyecto o de la construcción, una tradición esta separada de la pesquisa, la investigación y eventualmente de su antagónica teoría, ese entendimiento difiere de la noción propuesta: una práctica pensante. La idea y los locales donde se practica son aquí mas amplios, del atelier al estudio de cine, de la facultad al ayuntamiento, del evento a las páginas de una revista, del astillero a la biblioteca. La noción de práctica es aquí entendida como una activación, la práctica como un modo experimental, ocasionalmente performativo, de reconocimiento del espacio.

La segunda noción de práctica está en una segunda capa, no directamente ligada a la idea de proyecto en arquitectura. Aquí se expresan las exterioridades de la arquitectura. En un sentido antropológico lo que entendemos por práctica espacial es la experiencia, la utilización, la apropiación del espacio, tal como Henri Lefebvre[7] definió, y paso a explicar, una de las dimensiones de Producción de Espacio, paralelamente a la representación del espacio (arquitectura, ingeniería, e otras áreas del proyecto), y a los espacios de representación (simbólica). La tres son las diversas modalidades por las cuales el espacio es producido: dibujo/plano, simbólicamente/lenguaje, o como

actividad social practicada dentro de lo cotidiano. La apertura a esta dimensión permite abarcar los aspectos informales, la fugacidad y lo efímero de las prácticas. El espacio producido/practicado por el conjunto de los autores, consultores y creadores invitados, surge como un múltiplo de referencias, experiencias y zonas geográficas.

El desafío de mapear las *prácticas espaciales criticas* externas al eje anglosajón e ir al encuentro de Iberoamérica, es ambicioso, y naturalmente, una tarea colectiva y compartida con un grupo de consultores, con experiencia editorial, invitados para integrar el proyecto[8]. Jorge García de la Cámara[9], arquitecto e investigador en arquitectura con sede en Barcelona; Luis Santiago Baptista[10], arquitecto y editor con sede en Lisboa; Paula Álvarez Benitez[11] y Jose Maria Galán Conde[12], arquitectos y editores con sede en Sevilla; y Staphane Dasmin[13] con sede en Bruselas y miembro del colectivo Supersudaca, diseminado por diferentes países de Latinoamérica (y Bélgica) , es el grupo de consultores que contribuyeron con el proyecto, seleccionado colectivos, autores, proyectos y también los videos que integraron el núcleo de documentación audiovisual.

Guiados por estas prácticas, sus particularidades y conexiones, el conjunto de proyectos que reunimos, no sigue una lógica de representación por nacionalidades, o de mapeamiento de los diversos países, tratando los países con cierto desequilibrio, no contemplando unos, sobre incluyendo a otros y no discutiendo los limites de esta zona geográfica. Los diversos mapas que integran el proyecto e incluyen el catálogo fueron creados por las diseñadoras invitadas a desarrollar la comunicación visual, Joana & Mariana[14], que exploran la plasticidad manual de un material simple para recomponerlo lúdicamente en una nueva forma cartográfica imaginaria.

Mario Ballesteros[15], inicialmente consultor, elaboró para *Devir Menor* una bibliografía para consulta dentro de la exposición[16]. Representando la problemática de la urbanidad latinoamericana, incluye publicaciones periódicas y libros teóricos, cruzando la arquitectura con el urbanismo, la sociología y el arte, como *Estética da ginga: La arquitectura de las favelas a través de la obra de Hélio Oiticica*[17], o *Post-it City*[18] *que mapean prácticas efímeras informales en el espacio público y también publicaciones de análisis histórico de proyectos fundamentales en la historia de la arquitectura, como el proyecto evolutivo PREVI en Lima, Perú, Time Builds! The Experimental Housing Project (PREVI)*[19]*, o sobre la creación de arquitectura en Brasil hasta el modernismo, Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*.[20] La selección es extensa e Híbrida y puede ser consultada dentro de la exposición como una mesa de trabajo, abriendo la subjetividad y preferencias del editor al público.

En cuanto a la *pièce de résistance*, el conjunto de proyectos y autores reunidos para el proyecto, con los consultores, de los diversos estratos sobrepuestos, sobresalen algunos puntos: la diversidad de actores y organizaciones intervinientes [arquitectos, artistas, fotógrafos, sociólogos, urbanistas]; la diversidad de ideas sobre el proyecto, de herramientas y de modalidades de investigación [en que la arquitectura es entendida más allá de la construcción, no sólo en los medios de producción como en los modos de su activación]; la gran diversidad de programas y de estrategias de [vivienda unifamiliar, ocupación/squat; equipamiento público; parque/espacio público]. Subyacentes están aún las diversas geografías que ocupan y habitan (sea por proveniencia o por el local de los proyectos), los recorridos académicos y losmodos de organización en equipo, o individualmente, así como la presentida voluntad de mapeamiento de sus realidades por los propios [mapeamientos fotográficos, mapeamientos iconográficos, mapeamientos visuales diversos], y por nosotros.

El conjunto de mapeamientos fotográficos propuestos por el colectivo Supersudaca abren la escala territorial de América Latina, trayendo con cierta ironía el exotismo de America Latina en los circuitos turisticos Europeos y Americanos. Investigaron la costa de Caribe, en el proyecto *Al Caribe!* proyecto en que el colectivo Supersudaca recorre la costa del golfo para comprender la tipología de los estandarizados resorts turísticos y sus infraestructuras de apoyo. Esta investigación, que aguarda por la publicación de un libro, revela las ciudades invisibles ocultas por detrás de los hoteles, donde miles de personas viven en contenedores, estructuras sociales — escuelas, equipamientos, hospitales — o cualquier urbanidad, viviendo en una semi-reclusión por detrás den los resorts. Abordando la violencia física sobre la ciudad y sobre las personas, el proyecto fotográfico de Maria Luz Bravo aborda la obsolescencia del equipamiento público en Ciudad Juárez, en México, abandonados ante la violencia y los ataques de los cárteles que controlan el narcotráfico, llevando al abandono de los edificios, del espacio público y de la ciudad por las personas, originando una fragilidad del poder y de las estructuras públicas en esta ciudad. De aquí es que toma su título: *Daños Colaterales*. En la conexión entre el hacer ciudad, el espacio público y la vivienda social, surge el proyecto *Barrio Alto Comedero*, a través de la mirada de Tomás Garcia Puente, que documenta fotográficamente un asentamiento creado en Argentina en San Salvador de Jujuy por la comunidad Tupac Amaru que creó 1800 viviendas, en una lógica de "gated community" americana. La gigantesca piscina y el exuberante espacio público, decorado con dragones, figuras manga, o el tigre de la selección Argentina de fútbol, fueron la opción de la comunidad, para entretener a los niños y crear una zona de ocio colectivo en el verano, donde se alcanzan temperaturas muy elevadas.

El mapeamiento visual creado por Mónica de Miranda, artista, en colaboración con Arteria Arquitectos, ambos basados en Lisboa, aborda la cuestión de la infraestructura

territorial de la ciudad de Lisboa que hoy se transforman en zonas de exclusión. La antigua *Estrada Militar*, eje que circunda y delinea la ciudad, por donde históricamente el ejército protegía la ciudad de invasiones, es el local donde hoy se localizan decenas de barrios de lata (las favelas portuguesas) donde viven inmigrantes venidos de las ex-colonias portuguesas, su descendencia, así como nuevos inmigrantes sin acceso a viviendas. El proyecto *Underconstruction* mapea y registra estos locales invisibles en los documentos más oficiales.

Ángela Bonadies + Juan José Olavarría realizaron un proyecto de mapeamiento visual de la *Torre David* en Caracas, en Venezuela, un edificio construido para ser sede de la empresa de un magnate durante el boom económico. La torre sería el mayor rascacielos de América Latina, un símbolo del alta finanza que se quedó incompleta y abandonada. Hoy el proyecto se enfoca en este aspecto, la torre está ocupada por centenares de habitantes ocupas, que se apropiaron la torre y ahí "construyeron" e infra-estructuraron sus apartamentos, en una lógica de auto-gestión. Viviendas, pero también servicios y comercio, dieron nueva vida de esta incompleta torre de arquitectura post-moderna.

Otro conjunto de proyectos apunta hacia la acción directa a través del proyecto y la construcción en el terreno, en colaboración con la comunidad, sea en el modelo de auto-construcción, o en el modelo participativo de diseño del espacio, de construcción o de apropiación. El pequeño equipamiento *El Nodo*: Centro Cultural Participativo creado por Control+z + Straddle3 + Lamatraka Cultural + A.C. *el Nodo* en Saltillo, México, acentúa el aspecto lúdico en la organización de un proyecto creado por tres colectivos en colaboración para la concepción y en la auto-construcción. La problemática es urbana y trátase de la creación de un centro cívico al lado de la vía del tren, apoyando las infraestructuras públicas insuficientes, en un proyecto low-cost con materialidad bruta, que se apropia de contenedores marítimos, a los cuáles añade una ingeniosa estructura metálica para cubrir una azotea interior. Todo por la Praxis, afincados en Madrid, desarrolló un proyecto práctico, en el terreno, después del encuentro con arquitectos y colectivos denominado *Arquitectura Expandida*, en Bogotá Colombia. Colaborando con niños y jóvenes de la comunidad local, promovieron la intervención en un parque infantil y de juegos degradado, un proyecto de intervención arquitectónica simple, adaptando espacios y mobiliario público a costes muy bajos, en un corto espacio de tiempo. *Alaska* es una intervención que ofrece lo complejo do parque infantil, con técnicas constructivas próximas del *do-it-yourself*, aproximándose a las capacidades técnicas de los participantes.

Partiendo hacia la intervención efímera en el paisaje urbano y sus intersticios, *Lotes Vagos*, un proyecto de la artista Louise Marie Ganz, ocupa terrenos sin uso, o expectantes, creando pequeñas intervenciones para prácticas temporales, hamacas, peluquerias, espacio de comidas, son otorgados al barrio para extender o colmatar las actividades cotidianas. Respondiendo al desafío lanzado por un festival cultural Suizo para crear estructuras de apoyo al desarrollo del evento, Moov, colectivo con base en Portugal, propone la idea de cocina comunitaria y de mesa corrida, bastante generosa en sus dimensiones, para acoger y disponer al "público" mientras se es partícipe de un encuentro colectivo. *Kitchain*, es un sistema modular diseñado para crecer en cadena, pudiendo responder a diversos contextos.

En los proyectos de algunos colectivos, que activamente cooperan y buscan medios para crear construcciones básicas para comunidades que viven en la pobreza, descubrimos una aproximación a la arquitectura que se aproxima de la red *Architecture for Humanity*.[21] La cuestión de la escasez de medios, la falta de recursos y de mano de obra local, toma lugar en proyectos que recogen potenciar las materialidades locales. En Ecuador, junto a la playa y junto a una comunidad de palafitos, Al Borde arquitectos desarrollaron la Escuela *Nueva Esperanza*, escuela primaria en Cabuyal, Manabi construida en una estructura elevada cubierta con colmo, para albergar a los niños y a sus libros . Explorando los materiales disponibles a muy bajo-coste, el diseño de la estructura potencia la técnica del palafito y su estructura periférica, creando una estructura tetraédrica y generando un espacio interior generoso, y aunque usando la misma técnica constructiva, crease una especial distancia de la arquitectura vernácula. Con base en el material disponible localmente en Oaxaca, México, Blaanc + Rootstudio desarrollaron el proyecto *Adobe for Women*, que, con el apoyo de donativos, busca enseñar a las mujeres a construir casas del adobe con tierra arcillosa, con sus propias manos y la colaboración de arquitectos. Es un proyecto de arquitectura de contingencia, de formas simples, en el que el proceso de construcción y transmisión de la técnica es parte esencial del proyecto. Explorando los materiales tradicionales de la construcción portuguesa, como la madera y, también, el adobe, el colectivo Plano B explora el proceso colectivo de construcción, creando pequeños espacios, como los *Armazéns Alcochete*, *Las Colunas de Terra*, *o La Casa do Garrano* cuyos programas rurales o de contemplación del espacio exterior son peculiares en el contexto de la arquitectura. La materialidad, la processualidad y la participación colectiva en la construcción crean un posicionamiento dentro del proyecto que se aleja de la rigidez del diseño.

La vivienda es una vertiente de la arquitectura que toca la vida de las personas, por lo que existen casos de experimentación diversos. Bajo la cámara fotográfica de Cristobal Palma vemos el *PREVÍ* de hoy en día, el proyecto piloto de vivienda que Lima, Perú, promovió en los años 60 para construir 1500 viviendas a través del encargo a

13 arquitectos peruanos y 13 estrellas internacionales (James Stirling, Aldo van Eyck, the Metabolists, Charles Correa, Christopher Alexander y Candilis, Josic y Woods). Las casas entonces diseñadas fueron apropiadas, transformadas, redecoradas y hoy están transformadas en una ciudad anónima. El mapeamiento visual de la *Vivenda Talquina*, en Chile, dentro del proyecto fotográfico y de investigación *Disecciones* de José Luis Uribe Ortiz + Marco António Diaz nos trae interiores doméstico, su apropiación y transformación por los pequeños objetos, mobiliario, poniendo en evidencia la presencia de las personas que activan los espacios dependiendo de sus diversos modos de vida. La vivienda colectiva es un problema fundamental, y con una grande distancia histórica, la rehabilitación que Borde Urbano Consultores hizo de la *Unión Obrera*, en Valparaíso, Chile, toca la vivienda colectiva construida en el inicio de siglo como uno de los primeros edificios de habitación social. Explorando un modelo orgánico de crecimiento urbano, los *Urban Think Tank* transponen para el modelo *Casa que Crece* algunos principios de crecimiento informal de la ciudad de Caracas. Este modelo, evolutivo y adaptativo, es aplicado en el proyecto *Iglesia Anglicana. Vivienda en Crecimiento*, un complejo híbrido entre una iglesia y una vivienda, que adopta el modelo informal de la ciudad.

Cotidianeidades doméstico-productivas del colectivo Husos, Madrid, es un estudio de los usos y apropiaciones de los espacios domésticos reunidos en entrevistas de campo, análisis y producciones iconográficas de esquemas, que establecen un mapa mental espacial de diversas vidas. Centrado en Madrid, explora diversos modos de vida (familias, parejas, estudiantes, amigos, vivienda temporal, etc.) y los diferentes usos de los espacios domésticos de la ciudad y sus derivaciones que, hoy se re-aproximan a lo privado de la producción (vivienda, oficina, atelier, empresa). El modelo de estructura evolutiva casa *más o menos* desarrollado por La Panaderia refleja bajo el sistema de crecimiento los diversos modos de vida, y de crecimiento, a lo largo de la vida de una casa, permitiendo que la casa crezca. Su construcción en *Alcalá 01* es un experimento modelo llevado a cabo con la participación de los futuros habitantes.

Este texto concluye la experiencia de la exposición y del proyecto *Devir Menor* abriendo cuestiones al propio proceso de investigación: ¿como transcribir prácticas espaciales, performativas y materiales en formatos curatoriales? ¿como incorporar a los proceso de trabajo, aquello que nos afecta y, simultáneamente, delinear y proseguir con un plan de investigación y de producción? La base metodológica que aquí abrimos, se sorprende a sí misma con la red de colaboraciones que estableció: editores, arquitectos, teóricos, artistas, diseñadores y asociaciones culturales, fueron contribuyendo a la definición del concepto del proyecto y a su mapeamiento en ambos lados del atlántico. Para ampliar la comprensión de la cuestión geopolítica y de las problemáticas sociales, políticas, económicas y ecológicas que se manifiestan en diferentes tensiones, conflictos y fisuras dentro del terreno de América del Sur, lanzamos la invitación al colectivo argentino Iconoclasistas para presentar el mapa de conflictos de América Latina (reproducido en el libro). Su modo de trabajo basado en mapeamientos colectivos de problemáticas locales fue desarrollado en los dos mapas y talleres creados en conjunto con Iconoclasistas + Bernardo Amaral + Paulo Moreira sobre el barrio de Pevidém en Guimarães, y sus problemas de la desindustrialización, desempleo y crisis social y económica; y en un mapa más lúdico sobre la inmigración entre Ibérica y América del Sur, a lo largo de varias décadas. Apoyándose en una investigación en curso por el arquitecto Paulo Tavares, fue creado el documental Apertura (trilogía de la tierra), documentando espacios menores en tres escalas: urbana, agraria y territorial. El proyecto refleja las influencias el paso en los años 80 de Felix Guattari por Brasil tuvo en el pensamiento y en la acción de diversos grupos que reivindicaron la tierra después de la dictadura militar.

Y, como ya referencié a propósito del *Mapa de Jóvenes Prácticas Espaciales*[22] editado en 2010 sobre Portugal, este proyecto no es un mapa de carreteras y caminos, no ofrece un sistema definitivo de orientación, no propone una organización del territorio de la Arquitectura, y, sobre todo, no bidimensionaliza la multiplicidad de actividades y posturas. Por el contrario, propone incorporar actividades dispersas y diversas, ni todas identificables con la práctica profesional o proyectual. Nuestros invitados problematizan los contornos del campo de la arquitectura, mezclándolos con áreas entendidas como extra disciplinares, es decir, exterioridades al de la arquitectura, como la política urbana y la filosofía, o la performance y la organización de eventos. Así, se entrelazan y se redistribuyen diferentes prácticas, apelando a la imaginación y a la imaginación de quien nos lee.

Al largo de la investigación pudimos descubrir una considerable propagación de actividades, de intereses, de producciones, de posturas y de modos de producción. Casi todos difíciles de catalogar, algunos difíciles de considerar, en un simple modelo de reconocimiento público o de éxito profesional, en el área de la arquitectura. Y, si este texto fija nombres, fija autores y fija proyectos bajo la forma de un catálogo, contrariamente a un sistema de organización, no pretende presentarlos y organizarlos en una lectura lineal, ni encontrar y revelar nuevas estrellas (ni genealogías o categorías de astros). Siendo un ejercicio esencialmente inverso a la legitimación o al ascenso al estrellato, no desprecia las posibilidades de establecer relaciones entre hacer, pensar y ocupar el espacio.

Notas bibliográficas e (un poco más) sobre el proyecto:

"How many styles or genres or literary movements, even very small ones, have only one single dream: to assume a major function in language. (...) Create the opposite dream: know how to create a becoming-minor." (Deleuze and Guattari 1986, 27)

1. A lo largo de los últimos 10 años, un gran conjunto de libros, websites, dvds, y otros medios de diseminación y de encuentro, han sido desarrollados, poniendo en evidencia el mapa de prácticas arquitectónicas, culturales y espaciales en Europa. Extendiendo las fronteras de la geografía Europea y explorando sus porosidades, o sus exterioridades, Peter Moertenboeck y Helge Mooshammer, con base en el Goldsmiths College, University of London, desarrollaron también un proyecto de investigación más próximo a los estudios culturales, denominado Networked Cultures (disponible a 1-2-2013 en www.networkedcultures.org). El proyecto es una plataforma que mapea e investiga "transformaciones culturales que ocurren en Europa examinando los potenciales efectos de prácticas espaciales en red". El proyecto mapea espacios (no tanto autores o arquitectos) en los que las economías, las urbanidades y las estructuras paralelas/ilegales se intercalan con los espacios formales de las ciudades y de los países europeos. El proyecto está publicado como: Peter Moertenboeck and Helge Mooshammer (eds.), Networked Cultures, Parallel Architectures and the Politics of Space, NAi Publishers, Rotterdam, 2008.

Did Someone Say Participate? An Atlas of Spatial Practice, un amplio libro de ensayos editado en 2006 por Basar y Miessen - también traducido para castellano con el título ¿Alguien dijo participar? Un Atlas de Practicas Espaciales, publicado por Dpr Barcelona (Ethel Baraona Pohl + César Reyes Nájera) – en él se extiende la noción de práctica espacial más allá de la arquitectura, explorando la dimensión espacial de las prácticas políticas y sociales contemporáneas y los modos como estas se constituyen y producen espacio. Ese atlas aborda la arquitectura por sus exterioridades e invierte, de algún modo, el pensamiento sobre representación y la no-representación en la arquitectura. La cuestión de la participación enunciada en el título se refiere al espacio público y la política cotidiana de la producción del urbano.

Más próximo a la práctica de proyecto, que de la creación de espacios, autores como Doina Petrescu (y el atelier d'architecture autogerée, con sede en París) o Jeremy Till y Nishat Awan (con sede en la Universidad de Sheffield, en Inglaterra) han explorado teóricamente, en la enseñanza, y en su práctica de atelier, diversos modos de proyecto que incluyen modalidades de participación de las comunidades y usuarios en el desarrollo de proyecto, en la construcción y en la apropiación del espacio público. Al corriente de la investigación y práctica, son activos instigadores de procesos de mapeamiento de prácticas muy diversificadas. De los proyectos de mapeamiento se destacan dos proyectos: Trans-Local-Act: Cultural Practices Within and Across, editado en 2010 por Doina Petrescu, Constantin Petcou y Nishat Awan para la plataforma aaa/peprav (disponible on-line a 1-2-2013 en www.urbantactics.org); y el extenso archivo on-line que reúne una amplia diversidad de prácticas, abordajes teóricos y de localizaciones geográficas titulado Spatial Agency: Other Ways of Doing Architecture y editado por Nishat Awan, Tatjana Schneider y Jeremy Till, que tiene en una versión simplificada publicada en 2011 por la Routledge – recomendamos la consulta web, disponible on-line a 1-2-2013 en www.spatialagency.net.

2. Una selección de revistas dedicadas al tema de la Arquitectura en América Latina cuenta con tres publicaciones que consideramos referenciales para nuestra investigación: la revista Architectural Digest, con el tema Latin America at the Crossroads, editada por Mariana Leguía en 2011 que se examina las nuevas grandes obras e infraestructuras en estos países. La revista portuguesa Arq./A, nº 94/95, con el tema Contrastes Suramericanos, editada por Luis Santiago Baptista también en 2011, que publica proyectos de arquitectos y ateliers de países Sudamericanos, también en línea con La Architectural Digest, sin embargo dedicada más al proyecto de arquitectura y la anterior más a la escala de la infraestructura. También la revista 2G con el dossier Emerging Ibero-American Architecture, editado por Ariadna Cantis, es una publicación que define el terreno, incluyendo (como en *Devir Menor*) el territorio de la Península Ibérica y enfocado en proyectos de autores muy jóvenes , una publicación muy en línea con las varias ediciones del proyecto curatorial Fresh Latino, que viene presentándonos jóvenes arquitectos de la (y en la) Iberoamérica. (web del proyecto: http://cvc.cervantes.es/artes/freshlatino/portada-freshlatino.htm, disponible la 1-2-2013).

3. Deleuze, Gilles and Felix Guattari. Kafka: Towards a Minor Literature. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986. Versión portuguesa: Deleuze, Gilles e Felix Guattari, Felix, Kafka - Para uma Literatura Menor, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003

4. Deleuze, Gilles and Felix Guattari. *Kafka: Towards a Minor Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986. (p.16-17)

5. Este texto es deudor de la experiencia de investigación que desarrollé en 2010, cuando edité un número de la Revista Arquitectura 21 a la cual di el título de Mapa de Jóvenes Prácticas Espaciales. El número de la revista presenta proyectos de arquitectos portugueses de la generación entre los 30 y 40 años, y se constituye como un multi-recorrido por la multiplicidad de prácticas, de investigaciones y de lugares que un conjunto geográficamente disperso y conceptualmente diverso de arquitectos portugueses, o ex-estudiantes de arquitectura, se encontraba desarrollando en 2010. Aunque con la distancia de dos años de la publicación del presente texto, la realidad expresa en la revista fue hoy alterada, ante la ruptura del medio profesional portugués por la crisis económica y financiera portuguesa, que redujo la arquitectura portuguesa a la virtualidad, y empujó los arquitectos para el desempleo y la emigración.
Inês Moreira (ed. invitada) Mapa de Jóvenes Prácticas Espaciales, Revista A21, Marzo 2010

6. Petrescu, Doina, ed. *Altering Practices: Feminist Politics and Poetics of Space*. London: Routledge, 2007

7. Lefebvre, Henri. *The Production of Space*, Donald Nicholson-Smith trans., Oxford, 1991

8. Una versión anterior fue propuesta en 2008 al MEIAC (Museo Extremeño Iberoamericano de Arte Contemporáneo), para explorar Micro Arquitecturas y Micro Prácticas de arquitectos y colectivos provenientes de las geografías Iberoamericanas, exploradas en la programación artística del Museo. Debido a los cortes presupuestarios, el proyecto no se pudo realizar en la fecha, habiendo madurado y crecido para el presente proyecto.

9. Jorge Garcia de la Câmara es arquitecto e investigador en Arquitectura, con sede en Barcelona, donde dirige o BIARCH – Barcelona Institute of Architecture. Editó en 2010 el número de la Revista 2G Dossier sobre "Jóvenes Arquitectos Españoles".

10. Luís Santiago Baptista, arquitecto y editor, con sede en Lisboa, dirige la Revista Arq./A, habiendo publicado en 2011 el número "Contrastes Sul-Americanos" de esta revista.

11. Paula Alvarez Benitez, arquitecta y editora, con sede em Sevilla, donde dirige las edições VIBOK. Publicó en 2010 el livro Arquitecturas Colectivas, con sua editora, editado por Santiago Cirugeda, y vencedor del Premio FAD Pensamiento y Crítica 2011.

12. José Maria Galán Conde, arquitecto e investigador, está afincado em Sevilla y fué miembro del Consejo Editorial de la revista Neutra entre 2006 e 2009.

13. Stephane Damsin, arquitecto y miembro del colectivo Suramericano Supersudaca, con actividad de projecto y de disseminación de sus práticas através de diversas plataformas. *http://supersudaca.org*

14. Joana & Mariana es un estúdio de diseño de Oporto, perteneciente a Joana Costa e Mariana Leão, que investigan y desarrollan proyectos de comunicación visual y diseño.

15. Mario Ballesteros, periodista y editor, está afincado en Ciudad de México, para donde se mudó en 2012 para dirigir la Revista Domus México. Editó en 2008 con Albert Ferré, Irene Hwang, Michael Kubo, Tomoko Sakamoto, Anna Tetas y Ramon Prat el libro Verb Crisis, una Boogazine publicado por Actar.

16. *Uma bibliografia sugerida*, projecto de Mario Ballesteros, está documentado en las páginas de este catálogo y estuvo disponible en el espacio de la exposición.

17. Berenstein Jacques, Paola. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica, Brazil, Casa da Palavra, 2001.

18. Post-it City. Occasional urbanities, Barcelona, CCCB, 2008.

19. García-Huidobro, Fernando, Diego Torres and Nicolás Tugas. Time Builds! The Experimental Housing Project (PREVI), Lima, Barcelona, Gustavo Gili, 2008.

20. Lippincott Goodwin, Philip. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942 / Construção Brasileira: Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942*, New York, MoMA, 1943.

21. *Architecture for Humanity* é uma organização não governamental que organiza projectos, concursos de ideias e estabelece modos de colaboração por todo o mundo com comunidades carênciadas ou em situações de emergência social, ecológica ou política (site disponível a 1-2-2013: http://architectureforhumanity.org).

22. Inês Moreira (ed. convidada) *Mapa de Jovens Práticas Espaciais*, Revista A21, Março 2010

Uma *una* bibliografia sugerida

Mario Ballesteros

ENTENDER E DESENTENDER A PRODUÇÃO ESPACIAL CONTEMPORÂNEA NA AMÉRICA LATINA

A América Latina tem sido, desde que se chama assim, um Eldorado de extremos paradoxais e fantasias para colonialistas, nacionalistas, culturalistas, anarquistas, neoliberais e separatistas. O lugar onde tudo é possível mas nada se passa: uma região que recebe sempre de bom grado a mudança radical, inclusivé violenta, para logo a desarmar e digerir e assimilar à sua normalidade esmagadora, densa e debilitada. As cidades latino-americanas têm-se ocupado em concentrar, bater e realçar todas e cada uma das aspirações modernistas (e modernizadoras) do século XX para as desdobrar e distorcer até ao ponto em que aparentam o contrário: informalidade, desigualdade, violência, "fracasso". Mas, são estes os valores contrários à modernidade ou simplesmente a sua face menos amável?; são os seus rasgos mais extremos em bruto?

A cidade latino-americana é a mistura que se transborda, se queima, evapora e aglutina nas camadas económicas e socioculturais gelatinosas e impenetráveis, mas cheias de obstáculos, resíduos e elementos estranhos. Desde os paraísos industriais da *maquila* no norte do México transformados em infernos urbanísticos, aterros de vidas humanas e terras de ninguém entrincheiradas entre guerras, entre o Estado e bandos de traficantes rivais; até às topografias construídas, instáveis e exuberantes, das periferias de Medellín ou Caracas; aos complexos branqueados, tratados e vedados do Mar del Plata ou Concepción ou do Rio de Janeiro: nas cidades da América Latina tudo nos recorda de tudo o resto.

Para entender a urbe latino-americana não faz falta estudá-la, mas sim resistir-lhe, sobreviver a ela. Esta bibliografia sugerida, mais do que oferecer uma análise ordenada e exaustiva, é uma coleção de momentos de lucidez vividos e transmitidos sobre a construção do espaço nas nossas cidades.

É uma bibliografia intuitiva, visceral, emocional. Uma lama dessas camadas que sobrevivem e ativam outras, sedimento de pedra e sangue índio e cinzas de conquistadores e escravos e mestiços e mulatos e bastardos e refugiados e turistas. De dejetos humanos e dejetos culturais e dejetos tóxicos e madeiras e metais preciosos e máscaras e escudos de penas. Clichés orientalistas, clichés panamericanistas, clichés de telenovela, clichés de discurso zapatista ou sandinista ou bolivarista ou dependentista ou terceiromundista, clichés sensacionalistas policiais. Lugares comuns revelados, enaltecidos, adorados, *sentidos e materializados*, exorcizados, oferecidos ao sol; e logo questionados, desacreditados, escondidos, enterrados, esquecidos. Só para revisitá-los depois.

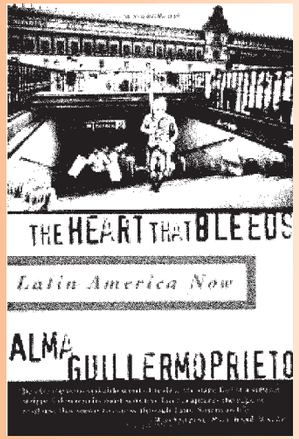
ENTENDER Y DESENTENDER LA PRODUCCIÓN ESPACIALCONTEMPORÁNEA EN AMÉRICA LATINA

América Latina ha sido desde que se llama así un Eldorado de extremos paradójicos y fantasías para colonialistas, nacionalistas, culturalistas, anarquistas, neoliberalistas e irredentistas. El lugar donde todo es posible pero nada pasa: una región que recibe siempre gustosa el cambio radical, incluso violento, para luego desarmarlo y digerirlo y asimilarlo a su normalidad apabullante, densa y debilitadora. Las ciudades latinoamericanas se han ocupado de concentrar, batir, y regurgitar todas y cada una de las aspiraciones modernistas (y modernizadoras) del siglo XX para desdoblarlas y distorsionarlas hasta el punto en que aparentan lo contrario: informalidad, desigualdad, violencia, "fracaso". Pero, ¿son estos los valores contrarios a la modernidad o simplemente su cara menos amable; sus rasgos más extremos en crudo?

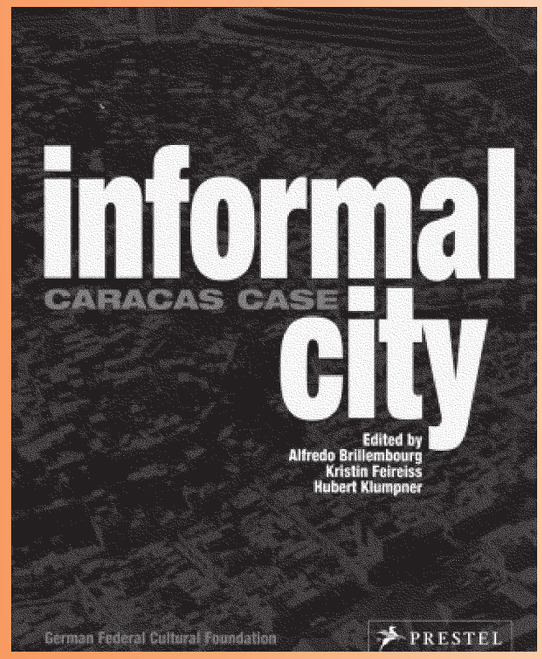
La urbe latinoamericana es el *melting pot* que se desborda, se chamuzca, se evapora y se aglutina en capas económicas y socioculturales gelatinosas e impenetrables, pero llenas de tropiezos, residuos y elementos extraños. Desde los paraísos industriales de la maquila en el norte de México devenidos infiernos urbanísticos, vertederos de vidas humanas y tierras de nadie atrincheradas entre guerras entre Estado y bandas narcotraficantes rivales; hasta las topografías construidas, inestables y exuberantes, de las periferias de Medellín o Caracas; a los complejos blanqueados, manicurados y vallados de Mar del Plata o Concepción o Rio de Janeiro: en la ciudades de América Latina todo nos recuerda a todo lo demás.

Para entender la urbe latinoamericana no hace falta estudiarla, sino soportarla, sobrevivirla. Esta bibliografía sugerida, más que ofrecer un análisis ordenado y exhaustivo, es una colección de momentos de lucidez vivida y transmitida en torno a la construcción del espacio en nuestras ciudades. Es una bibliografia intuida, visceral, emocional. Una embarrada de esas capas que sobreviven y activan otras, sedimento de piedra y sangre india y cenizas de conquistadores y esclavos y mestizos y mulatos y bastardos y refugiados y turistas. De desechos humanos y desechos culturales y desechos tóxicos y maderas y metales preciosos y máscaras y escudos de plumas. Clichés orientalistas, clichés panamericanistas, clichés de telenovela, clichés de discurso zapatista o sandinista o bolivarista o dependentista o tercermundista, clichés de nota roja policíaca. Lugares comunes revelados, enaltecidos, adorados, *sentidos y materializados*, exorcizados, ofrecidos al sol; y luego cuestionados, desacreditados, escondidos, enterrados, olvidados. Sólo para revisitarlos después.

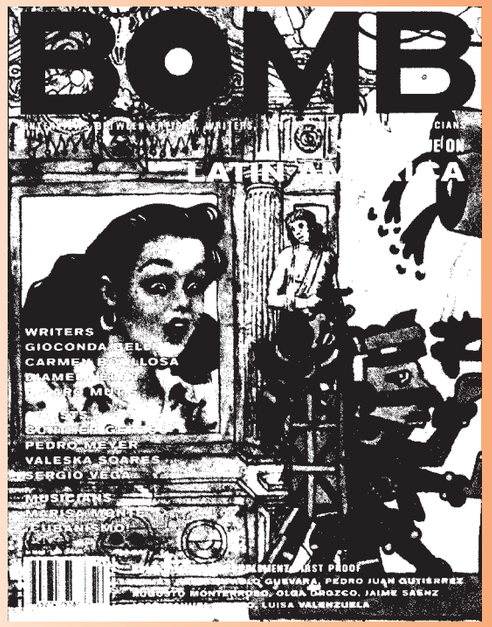
Abraham CruzVillegas
Autoconstrucción, Centre for Contemporary Arts, Glasgow, 2008



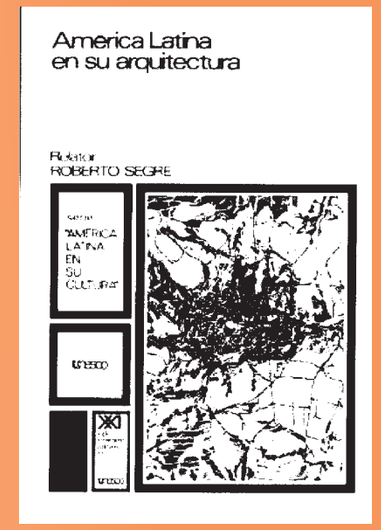
Alma Guillermoprieto
The Heart That Bleeds: Latin America Now, Vintage, New York, 1994



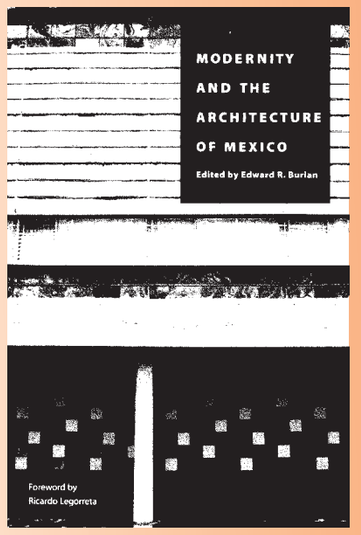
Caracas Urban Think Tank, Alfredo Brillembourg Tamayo, Kristin Feireiss e Hubert Klumpner
Informal City: Caracas Case, Prestel, Munich, 2005



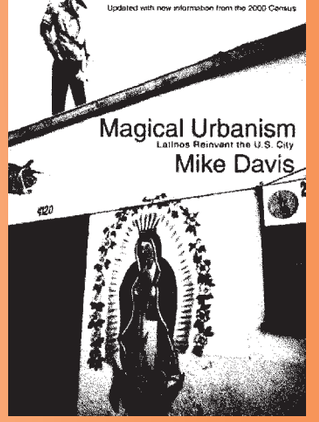
Bomb Magazine, The Americas Issue, n.74, Inverno 2001



Roberto Segre
América Latina en su arquitectura, Siglo XXI, México, 1975

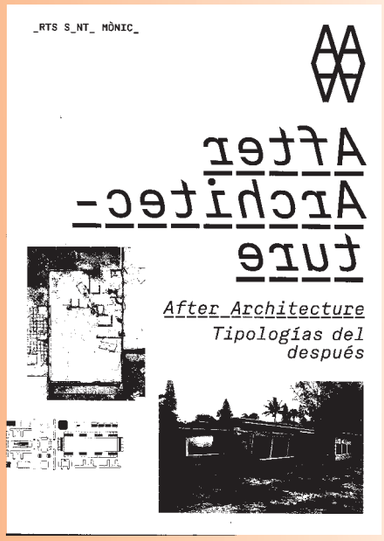


Edward R. Burian
Modernity and the Architecture of Mexico, University of Texas Press, Austin, 1997

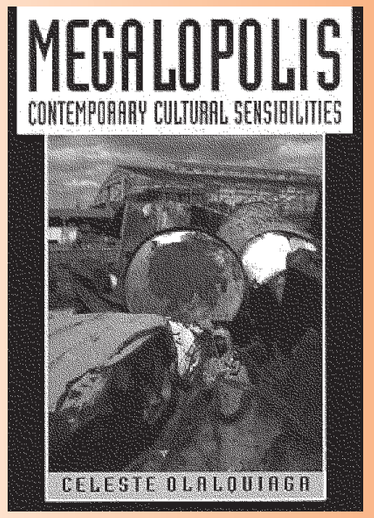


Mike Davis
Magical urbanism: Latinos Reinvent the US City, Verso, London, 2000

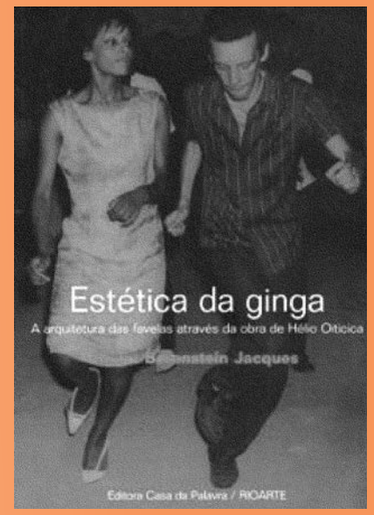
Clive Bamford Smith
Builders in the Sun: Five Mexican Architects,
Architectural Book Pub, New York, 1967



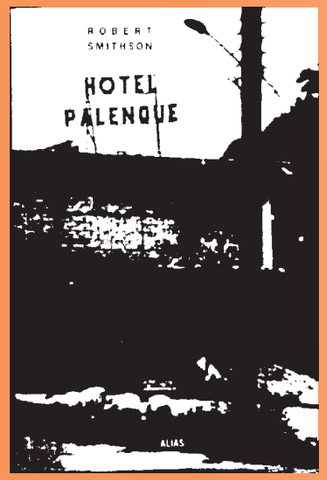
Martí Peran, Andrea Aguado (ed.)
After Architecture. Tipologías del después,
Actar, Arts Santa Mónica, Barcelona, 2010



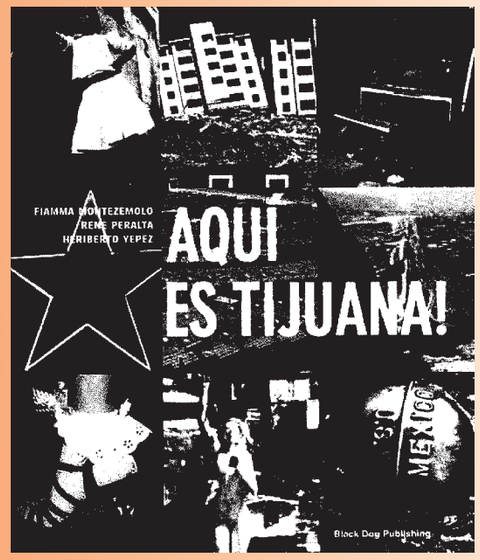
Olalquiaga, Celeste
Megalopolis: Contemporary Cultural Sensibilities,
University of Minnesota Press, Minneapolis, 1992



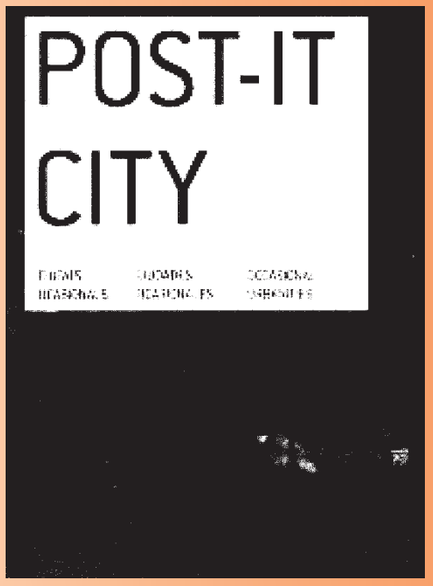
Paola Berenstein Jacques
Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica, Editora
Casa da Palavra, Rio de Janeio, 2001



Robert Smithson
Hotel Palenque, Alias, México, 2011

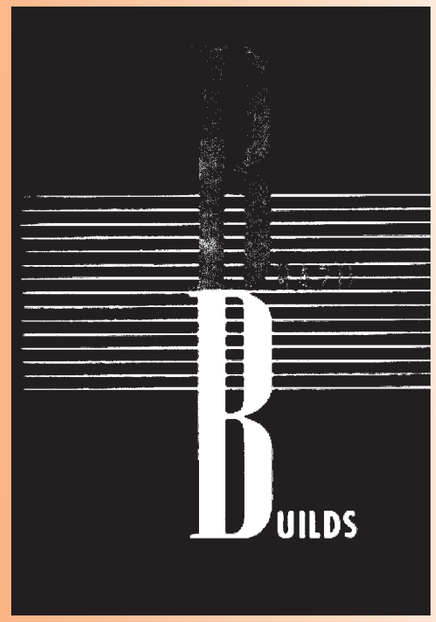


Fiamma Montezemolo, René Peralta e Heriberto Yépez
¡Aquí es Tijuana!/Here is Tijuana!, Black Dog Publishing,
London, 2006

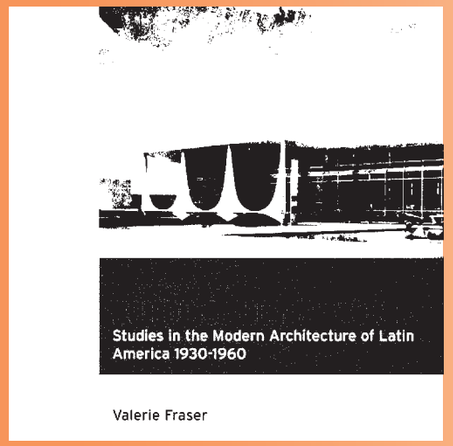


Martí Peran (ed.)
Post-it city: ciutats ocasionals = ciudades ocasionales = occasional urbanities, Centre de Cultura
Contemporània de Barcelona, Barcelona, 2008

Revista Plot (Argentina) No. 1, 2010

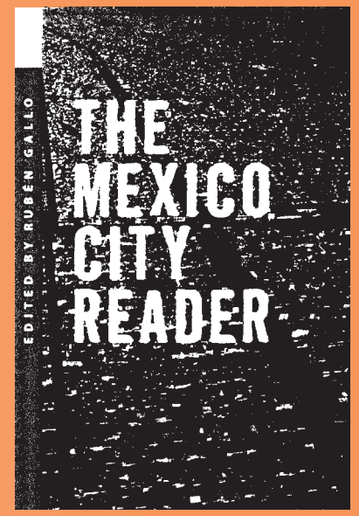


Philip Lippincott Goodwin
Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942 / Construção Brasileira: Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942, Museum of Modern Art, New York, 1943.



Valerie Fraser
Building the New World: studies in the modern architecture of Latin America 1930-1960, Verso, London, 2000

Fernando García-Huidobro, Diego Torres Torrito e Nicolás Tugas (eds.)
Time Builds! The Experimental Housing Project (PREVI) Lima genesis and outcome, Gustavo Gili, Barcelona, 2008.



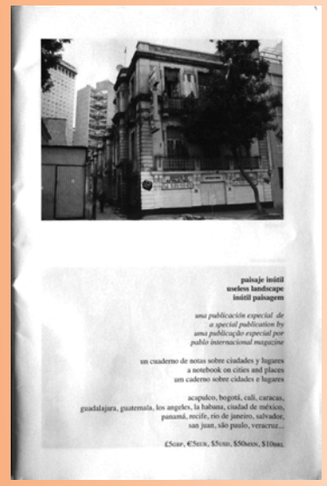
Rubén Gallo (ed.)
The Mexico City Reader, University of Wisconsin Press, Madison, 2004

VII BIAU. VII Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo, Mesa Editores, Medellín, 2010

José Vasconcelos

The cosmic race: a bilingual edition.

Baltimore, Md: Johns Hopkins University Press, 1997



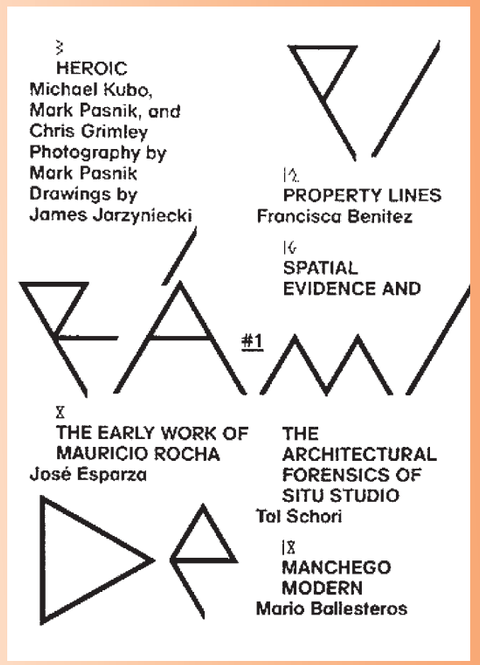
"Paisaje inútil / useless landscape / inútil paisagem: A notebook on cities and places" a special issue of *Pablo Internacional Magazine*, 2da Trienal Poli/ Gráfica de San Juan: América Latina y el Caribe, 2009.

Spam_Arq ediciones, vol. 1-3, Santiago, Chile.

"Libro de la Bienal Internacional de Arquitectura de Buenos Aires I – XIII: 26 años de historia", *Revista Plot*, 2011.

Pablo León de la Barra (ed.)

To Be Political It Has to Look Nice, Apexart, New York, 2001.



José Esparza e Tal Schori (eds)

Pirámide, suplemento em *Celeste Magazine* "Fiction, non-fiction", 39, Outono 2010.

MAPEAMENTOS VISUAIS
MAPEOS VISUALES

PROPOSTA PROPUESTA

STEPHANE DAMSIN (SUPERSUDACA)

devir menor

stephane damsin <stephane@supersudaca.org> 21 de Dezembro de 2011 à15 10:09
Para ines moreira <inexmoreira@gmail.com>
Cc: Felix Madrazo_supersudaca <felixmadrazo@supersudaca.org>

Querida Inês,
Allá vamos con las primeras líneas o intenciones de nuestra aportación al proyecto DEVIR MENOR.
Aqui estamos com as primeiras linhas ou intenções do nosso aport para o projecto DEVIR MENOR.

SUPERSUDACA, es un colectivo de arquitectos que enfocan su linea de trabajo en lugares donde el arquitecto no acostumbran a trabajar, dentro del contexto de América latina.
Desde hace mas de diez años, SUPERSUDACA, se ha centrado en esta línea, intentando trabajar en diferentes territorios, condiciones y tensiones dentro y fuera del paisaje social latinoamericano, usando diferentes herramientas que por lo general y se basan principalmente en:
1. Acciones (temporales)dentro del espacio público (a las que nosotros llamamos de “arquitectura directa“)
2. Trabajo de investigación sobre aspectos generales de territorio Latinoamericano (como por ejemplo nuestro principal trabajo sobre el impacto de turismo masivo en el caribe)

SUPERSUDACA é um colectivo de arquitectos que focam a sua linha de trabalho em lugares onde o arquitecto não costuma trabalhar, dentro do contexto da América Latina.
Há mais de dez anos que Supersudaca, se centrou nesta linha, tentando trabalhar em diferentes territórios, condições e tensões dentro e fora da paisagem social latinoamericana, usando diferentes ferramentas que no geral se baseiam principalmente em:
1. Acções (temporárias) no espaço público (às quais nós chamamos “arquitectura directa”)
2. Trabalho de investigação sobre aspectos gerais do territorio Latinoamericano (como por exemplo o nosso principal trabalho sobre o impacto do turismo de massas no caribe).

Para esta invitación a Guimarães, y después de discutir en grupo nuestra propuesta, decidimos presentar como una visión contemporánea, una serie de trabajos específicamente vinculados a este segundo modo de trabajo relacionado con la investigación del territorio latinoamericano. (02)
¿Porqué nada sobre intervenciones o acciones directas sobre el espacio público?
Porque después de años trabajando en ambos lenguajes, nos parece que si la primera es todavía muy interesante y positiva al mismo tiempo que divertida, es más acertada una postura sobre la visión de Latinoamérica bajo la segunda, relacionada con modelos de macro-arquitectura (mismo como un planeamiento) que como una micro-arquitectura. Y después de nuestro paso por Post-Medellín, Latinoamérica hemos aprendido mucho de esto/allí.

Para este convite para Guimarães, e depois de discutirmos em grupo a nossa proposta, decidimos apresentar uma leitura contemporânea, uma série de trabalhos específicamente vinculados com este segundo modo de trabalho mais relacionado com a investigação sobre o territorio Latinoamericano (02)
E porque não as intervenções ou acções directas sobre o espaço público?
Porque depois de anos a trabalhar em ambas linguagens, parece-nos que a primeira ainda é interesante e positiva, e memso tempo divertida, mas torna-se mais acertada uma postura sobre a visão da Latinoamerica que siga a segunda, mais relacionada com modelos de macro-arquitectura (mesmo de planeamento) do que com a micro-arquitectura. E depois da nossa passagem por pós-Medellín, Latinoamérica, foi onde compreendemos mais este aspecto.

La investigación que hicimos sobre el turismo masivo en el caribe puede ser de algún modo explicada en una fotografía que tomamos hace unos años atrás y que imprimimos a 3m x 5m para la exposición en RAS en la Galeria Actar de Barcelona en 2008 <En la foto, (aquí en anexo) casi todo el trabajo fue resumido y la imagen es en si misma es un proyecto sobre el territorio y temática Latinoamericana> La postal del hotel aislado en una playa de arena es falso y todas ellas son construidas bajo un modo muy denso, sin cualquier preocupación social, territorial o ecológica. Y entre tanto en su parte trasera, crecen

barrios de más de dos millones de personas (trabajadores, camareros, personal de limpieza…todo ese entramado de no-.ciudad). que podemos hacer con esto? Y bueno, este es un ejemplo de nuestra preocupaciones y de nuestro trabajo en curso.

A investigação que fizemos sobre o turismo masivo do caribe pode ser de algum modo explicada numa fotografía que fizémos há uns anos e que imprimimos com 3mx5m para a exposição na RAS, a Galeria Actar de Barcelona, em 2008 <na foto, (aquí en anexo) pode ser resumido quase todo o trabalho e a imagen é em si mesma um projecto sobre o territorio e a temática Latinoamericana>
O postal do hotel isolado numa praia de areia é falso e todas elas são construídas de um modo muito denso, sem qualquer preocupação social, territorial ou ecológica. E, entretanto, nas suas traseiras crescem bairros com mais de dois milhões de pessoas (trabalhadores, empregados, pessoal de limpeza… todos esse entramado de uma não-cidade). Que podemos fazer com isto? Bom, este é um exemplo das nossas preocupações e do nosso trabalho em curso.

Para Guimaraes / *Devir Menor*, nuestra idea es presentar cinco fotógrafos (y 5 obras diferentes) a partir de Latinoamérica frente al territorio contemporáneo latinoamericano y de gran escala (la macro), desde la misma casa, al urbanismo de gran escala. Y por lo tanto, no mostrar obras arquitectos ni instalaciones, ni acciones. Simplemente fotografía.

Para Guimarães / *Devir Menor*, a nossa ideia é apresentar cinco fotógrafos (e 5 obras diferentes) e partir da América Latina relativamente ao territorio contemporáneo latinoamericano e de grande escala (a macro), desde a escala da casa, ao urbanismo de grande escala. E por tanto não mostrar obras de arquitectos nem instalações, nem acções. Simplesmente fotografía.

Nada especialmente vinculado con lo micro aunque obviamente macro y micro no son siempre antagonismos. La propuesta no esta todavía escrita, ya que queremos compartir con ustedes esta primera idea. Una lista no definitiva y exhaustiva de candidatos:
Cristóbal http://www.cristobalpalma.com/ - refiriéndonos a obras como http://www.cristobalpalma.com/index.php?pag=117
Jose Luis Uribe (Chile) por su trabajo sobre la casa latinoamericana y la condición interior (lo humano mismo y la dualidad casi irónica entre lo formal y lo informal) intentaré enviarte fotos esta semana, yo le pedí fotografías sólo ayer.
Tomás García Puente (pueden ver las potentes imágenes del artículo en pdf en anexo " en “la dimensión política de la arquitectura” – una entrevista a Justin Mc Guirk " por Ana rascovsky, de Supersudaca.

Nada especialmente vinculado com o micro ainda que obviamente macro e micro não sejam sempre antagónicos. A proposta ainda não está escrita, e o que podemos partilhar é esta primeira ideia.
Uma lista não definitiva e exaustiva de candidatos:
Cristóbal http://www.cristobalpalma.com/ - referindo-nos a obras como http://www.cristobalpalma.com/index.php?pag=117
Jose Luis Uribe (Chile) pelo seu trabalho com a habitação latinoamericana e a condição interior (o próprio humano e a dualidade quase irónica entre o formal e o informal). Tentarei enviar fotos esta semana, apenas lhas pedi ontem.
Tomás García Puente (podem ver as potentes imagens do artigo no .pdf em anexo na “dimensão política da arquitectura” – uma entrevista a Justin Mc Guirk " por Ana Rascovsky, de Supersudaca.

Teremos de procurar mais fotógrafos (pelo menos 2) se achares que esta aproximação e enfoque possam funcionar.

Deberíamos buscar más fotógrafos (al menos 2) si crees que esta aproximación y enfoque puede funcionar.

Te propongo hablar nuevamente en breve. Te deseo lo mejor!

Proponho que falemos novamente em breve. Desejo-te o melhor!

Stephane

50

Al Caribe!
SUPERSUDACA

Al Caribe! é uma investigação sobre os impactos e possíveis cenários que o turismo está a produzir nas Caraíbas. O modelo dominante de turismo é o *all inclusive*, que aposta por uma total reclusão dos *resorts* do seu entorno, um *fuck the context*! O estudo apresenta, entre outros temas, o caso da recente explosão da Riviera Maia TM como um destino emblemático das Caraíbas: uma franja de 140 Km de infraestrutura dotada de mega *resorts* escondidos atrás de selva e muros de um lado da autoestrada e bairros invisíveis de trabalhadores do lado oposto. STEPHANE DAMSIN (SD)

Al Caribe! es una investigación sobre los impactos y posibles escenarios que el turismo está produciendo en el Caribe. El modelo dominante de turismo es el *all inclusive* que apuesta por una total reclusión de los *resorts* de su entorno, un *fuck the context*! El estudio presenta, entre otros temas, el caso de la reciente explosión de la Riviera Maya TM como un destino emblemático del Caribe : un *strip* de 140 Km de infraestructura dotada de mega *resorts* escondidos tras selva y muros de un lado de la autopista y barrios invisibles de trabajadores al lado opuesto. STEPHANE DAMSIN (SD)

56

Daños Colaterales
MARIA LUZ BRAVO

Este é um trabalho muito humano e subtil sobre o impacto doloroso dos cartéis de droga e violências relacionadas em algumas cidades mexicanas. O trabalho não é sobre os cartéis de droga, nem mesmo sobre a violência e as suas consequências diretas (esperar-se-ia ver pessoas feridas ou sangue nas ruas, mas não é disso que se trata): numa aproximação muito mais territorial a este fenómeno, assumido como parte da sociedade e paisagem mexicanas contemporâneas, Maria Luz fotografou os efeitos desta realidade a médio prazo, apresentando aqui o modo como o espaço (público) reage silenciosamente a tais condições de violência urbana. SD

Este es un trabajo muy humano y sutil sobre el doloroso impacto de los cárteles de la droga y de la violencia relacionada a algunas ciudades mexicanas. El trabajo no es sobre los cárteles de la droga, ni sobre la violencia y sus consecuencias directas (se podría esperar ver personas heridas o sangre en las calles, pero no se trata de esto): en una aproximación mucho más territorial a este fenómeno, asumiendo como parte de la sociedad y del paisaje mexicano contemporáneo, María Luz fotografió los efectos de esta realidad a medio plazo, presentando aquí el modo como el espacio (público) reacciona a tales condiciones de violencia urbana. SD

62

PREVI
CRISTOBAL PALMA

O projeto *PREVI*, situado na zona norte de Lima (Peru), foi organizado em 1968 (o país era então governado por um presidente arquiteto, Belaunde) e é uma competição patrocinada pela ONU para habitação de baixo custo no Peru.Treze arquitetos internacionais trabalharam neste projeto, juntamente com reconhecidos arquitetos peruanos. Quarenta anos depois, Cristobal voltou com Justin Mc Guirk para documentar a apropriação da utopia pelos habitantes, como as casas e os espaços públicos foram sendo adaptados ao longo desse tempo até às necessidades, possibilidades e desejos atuais. SD

El proyecto *PREVI*, situado en la zona norte de Lima (Perú), fue organizado en 1968 (el país era entonces gobernado por un presidente arquitecto, Belaunde) y es un concurso patrocinado por la ONU para vivienda de bajo coste en Perú. Trece arquitectos internacionales trabajaron en este proyecto, juntamente con reconocidos arquitectos peruanos. Cuarenta años después, Cristobal volvió con Justin Mc Guirk para documentar la apropiación de la utopía por los habitantes, cómo las casas y los espacios públicos fueron siendo adaptados a lo largo de todo este tiempo hacia las necesidades, posibilidades y deseos actuales. SD

68

Alto Comedero
TOMÁS GARCIA PUENTE

Bairro Alto Comedero é um bairro de habitação social localizado nas proximidades da fronteira com a Bolívia, onde quase 7000 pessoas vivem hoje em casas de cerca de 50 m². A referência aos condomínios fechados tão identificável e presente nos subúrbios ricos das grandes cidades latino-americanas e especialmente na Argentina, mas também a fé vibrante em crenças comunitárias ancestrais e formas de organização social, fazem deste projeto uma imagem surpreendente e ao mesmo tempo gratificante do que a América Latina também é para alem dos principais pólos urbanos. SD

Barrio Alto Comedero es un barrio de viviendas sociales ubicado en las cercanías de la frontera com Bolívia, donde casi 7000 personas viven hoy en casas de cerca de 50 m². La referencia a las urbanizaciones cerradas tan identificable y presente en los suburbios ricos de las grandes ciudades latinoamericanas y especialmente en Argentina, pero también la fe vibrante en creencias comunitarias ancestrales y formas de organización social, hacen de este proyecto una imagen sorprendente y al mismo tiempo gratificante de lo que América Latina es mas allá de los principales núcleos urbanos. SD

74

Disecciones
JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ

En *Disecciones: Una introspección en la vivienda talquina*, Jose Luis Uribe retrata a casa chilena vista desde o seu interior. Teremos em mente romances de escritores brilhantes que conseguem descrever contextos gerais e complexos desenhando personagens e *décors* singulares. Aqui acontece o mesmo, numa abordagem sensível e colorida. A arquitetura vista desde o interior, sem poder ser compreendida (ou julgada) desde o exterior é, de algum modo, uma experiência algo frustrante mas poderosa para o público. Jose Luis Uribe trabalha as ligações sociológicas entre público/privado, dentro/fora e oferece assim um documentário honesto e valioso sobre os nossos estilos de vida. SD

En *Disecciones: Una introspección en la vivienda talquina*, José Luis Uribe retrata la casa chilena vista desde su interior. Tenemos en mente romances de escritores brillantes que consiguen describir contextos genéricos y complejos dibujando personajes y decorados singulares. Pasa lo mismo aquí, con un abordaje sensible y colorido. La arquitectura vista desde el interior, sin poder ser comprendida (o juzgada) desde el exterior es, de algún modo, una experiencia algo frustrante pero poderosa para el público. José Luis Uribe trabaja las relaciones sociológicas entre público/privado, dentro/fuera y ofrece así un documental honesto y valioso sobre nuestros estilos de vida. SD

Al Caribe!
SUPERSUDACA

O *Resort All Inclusive*
Os hotéis *all inclusive* que se fazem contemporaneamente, ao contrário dos anos oitenta, já não são as grandes torres, como em Acapulco ou Cancun, mas seguem o mais recente modelo de habitação, que é o suburbio: pequenas cabanas, com espaços enormes. Já não é apenas uma torre grande; ao seu redor compram-se extensos terrenos, e para poder ocupá-los desenvolvem-se estratégias de fazer um hotel de 5 estrelas e ao lado um de 4 e depois um de 3. Às vezes desenham-se campos de golfe, para compensar o facto de nem todos terem vistas e assim permite-se que haja vários tipos de hotéis. Em conjunto, seguem um padrão, fragmentando o espaço, para permitir uma imagem de postal, com muitos jardins, com ruas falsas, que em geral se chamam Passeio Caraíbas ou algo assim, cheios de palmeiras, onde se vende artesanato todo da mesma marca, fazendo crer que se trata de uma pequena cidade. Então aí já não se sente que se vai para um hotel duro e rígido, mas que se vai para as Caraíbas.

Todos os hotéis *all inclusive* que foram feitos nos últimos anos já deixaram a ideia da cabana, são agora palácios. A classe média europeia e americana, quando vai agora às Caraíbas, quer sentir-se como se estivesse numa página da revista *Hola*. E quem pode, em vez de campos de golfe faz marinas, e assim todos têm vista para a água.

Um *All Inclusive* é uma máquina
O *resort* é a grande máquina da indústria. Deve brilhar como um palácio, mas a qualidade da sua arquitetura está na forma como se sistematiza a eficiência dos processos da indústria: tem que considerar que uma empregada de limpeza arruma catorze quartos numa manhã, então ao desenhar o *resort* tem que se fazer um módulo de 14. Se se faz um módulo de 16 é um problema, porque tem que se contratar outra empregada para fazer o trabalho e o processo sai mais caro. Ao desenhar o restaurante, tem que se considerar que um empregado pode servir mesas até 45 passos, se tiver que dar 50, são necessários dois empregados.

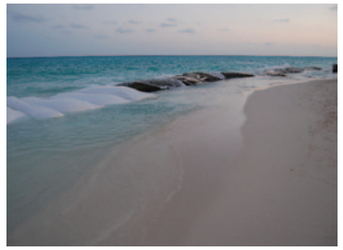
São como máquinas super perfeitas, as distâncias estão completamente controladas: se uma distância aumenta, significa colocar uma subestação, significa ter mais cabos, etc. Mas tudo está super medido, super estudado, e esses pequenos detalhes revelam a sua competência. Sabem que se outra companhia vem a saber que se descobriu um acabamento muito mais rentável que outro, conhecerá um segredo. Os seus catálogos são esses, aos arquitetos dizem "tem que pôr isto e isto, porque dura tanto, este ar condicionado a estas horas do dia, aquecer a água e recomendar que tomem banho a certa hora para tudo ser mais eficiente".

El *All Inclusive Resort*
Los hoteles *all inclusive* que se hacen ahora, a diferencia de los ochenta, ya no son las grandes torres, como en Acapulco o Cancún, sino ahora siguen el más reciente modelo de vivienda, que es el suburbio: pequeñas cabañas, con enormes espacios. Ya no es solamente una torre grande; a su alrededor se compran terrenos extensos y para poder ocuparlos se desarrollan estrategias de hacer un hotel de 5 estrellas y al lado uno de 4 y después uno de 3. A veces se proyectan canchas de golf, porque como no tienen todos vista, eso permite que haya de todo tipo de hoteles. En su conjunto siguen un patrón, fragmentando el espacio, para permitir una imagen de la postal, llena de jardines, con calles falsas, que en general se llamarán Paseo Caribe o algo así, lleno de palmeras, donde se venderán artesanías todas de la misma marca, harán creer que se trata de un pueblito. Entonces ya no se siente que se va a un hotel duro y rígido, sino que se va al Caribe.

Todos los hoteles *all inclusive* que se han hecho en los últimos años, ya dejaron la idea de la cabaña, ahora son palacios. La clase media europea y americana, cuando va ahora al Caribe, quiere sentirse como si estuviera en una página de la revista Hola. Y los que lo pueden hacer, en vez de canchas de golf hacen marinas, y así todos tienen vista al agua.

Un *All Inclusive* Es Una Máquina
El *resort* es la gran máquina de la industria. Debe lucir como un palacio, pero la calidad de su arquitectura está en la forma cómo se sistematiza la eficiencia de los procesos de la industria: tiene que considerar que una camarera arregla 14 recámaras en una mañana, entonces al diseñar el *resort* tiene que hacerse en un módulo de catorce. Si se hace en un módulo de 16 es un problema, porque se tiene que contratar a otra camarera que vaya y haga el trabajo, entonces el proceso sale más caro. Al diseñar el restaurante, se tiene que considerar que un mozo puede distribuir mesas dando hasta 45 pasos, si tiene que dar 50, se necesita dos mozos.

Son como máquinas super perfectas, las distancias están completamente controladas: si una distancia crece más, significa poner una subestación, significa tener más cables, etc. Pero todo está super medido, super estudiado, y esos pequeños detalles demuestran su competencia. Saben que si otra compañía se entera que tu descubriste un acabado mucho más rentable que el otro, sabrá el secreto. Sus catálogos son esos, a los arquitectos al final les dicen "tienes que poner esto y esto, porque dura tanto, este aire acondicionado a estas horas del día, calentar el agua y recomendar que se bañen a cierta hora para hacer más eficiente todo".



O Postal
Areia branca, águas cristalinas e amenas, palmeiras inclinadas, estilo de vida local descontraído (ou pelo menos rotulado como tal) são os principais elementos da marca Caraíbas para o mercado global. O destino de férias ideal para os turistas que procuram lazer e diversão num destino exótico.

Para o postal caribenho existir, é necessário um complexo bastidor a apoiá-lo. Este apoio está em contradição com o produto, um sem o outro não pode existir. Este postal do paraíso caribenho não foi gerado apenas por agências de viagens, é também o resultado de produtos ou estilos de vida mostrados em séries de TV. O postal tem como objetivo atrair casais nas suas luas de mel.

Os desejos que levam um turista a viajar derivam da sua matriz cultural e, no caso do Ocidente, as Caraíbas estão ligadas à ideia de paraíso terrestre, ou seja, onde há mar, onde a natureza é voluptuosa, mas amável, onde o tempo é agradável, onde as pessoas não precisam de roupa e são desinibidas. Estes são os componentes do postal.

La postal
Arena blanca, aguas cristalinas y templadas, palmeras inclinadas, un estilo de vida local relajado (o por lo menos bajo ese rótulo), son los principales elementos de la marca Caraíbas para el mercado global. El destino de vacaciones perfecto para turistas que buscan relax y diversión en un destino exótico.

Para una tarjeta postal caribeña poder existir, se necesita de un complejo bastidor para apoyarlo en su configuración. Este apoyo entra en contradicción con el producto, uno sin el otro no puede existir. Esta postal de paraíso caribeño no se generó sólo por las agencias de viajes, también es el resultado de los productos directos o estilo de vida anunciados en series de televisión. La postal tiene el objectivo de atraer parejas en sus lunas de miel.

Los deseos que llevan un turista a viajar tienen mucho que ver con su matriz cultura, y en el caso del occidente el Caribe está muy ligado a la idea de Paraíso Terrenal. O sea, donde hay mar, donde la naturaleza es voluptuosa, pero amable, donde el tiempo es lindo, donde la gente no precisa ropa y es desinhibida. Estos son los componentes de la postal.

A Faixa

No modelo de turismo massivo, os complexos turísticos não se propagam individual e isoladamente. A fim de atingir a massa crítica de uma economia com uma escala que permita ofertas de pacotes, estes são construídos em conjunto com outros centros turísticos. Assim, embora os turistas comprem uma viagem para um determinado *resort* e fiquem lá durante as suas férias, o "pacote" não é possível na escala do *resort* mas apenas num nível superior. Esse nível é a "zona": um enclave turístico, onde pelo menos quatro ou cinco cadeias de hotéis concentram os seus complexos turísticos, proporcionando assim um stock mínimo de 2000 quartos, o que torna possível a organização de vôos *charter*, gastos com publicidade, organizar redes logísticas, etc.. Sem uma zona, o *resort* "all inclusive" não é acessível para as massas.

Se a zona é a unidade indivisível do turismo de massa nas Caraíbas, a consequência do seu sucesso é a Faixa de Turismo. O sucesso de uma determinada zona abre espaço para a expansão nas proximidades. Dado que a infraestrutura básica já está instalada e tendo em conta que, por exemplo, um aeroporto permite um raio de 100 Km de serviço conveniente, os novos desenvolvimentos são fáceis de surgir. As faixas desenvolvidas na última década têm aumentado dramaticamente em comprimento e desapego à cidade. Ao comparar as faixas cujo desenvolvimento culminou na década de 80, como as Barbados, com as que se desenvolvem agora em Punta Cana, podemos ver como, por exemplo, no primeiro caso que a faixa tem 4 Km de comprimento e está ligada à cidade local, enquanto que no segundo a faixa atinge 35 Km e não há qualquer cidade próxima.

Na ausência da cidade, o isolamento das faixas alimentou o conceito "all inclusive" como uma opção inevitável. Se não há nada em redor, onde comer, onde dançar, onde fazer compras? Com esse álibi geraram um mundo paralelo de fantasia — ilhas totalmente afastadas da realidade local, em que todos os elos da cadeia de abastecimento são racionalizados para o lucro. Por tudo isto, as faixas territoriais emergentes são claramente mono-funcionais e autossuficientes. A alta densidade dos alojamentos contrasta com os baixos níveis de atividade urbana e a relação escassa com a população local. No entanto o isolamento é apenas uma ilusão. Detrás das fachadas dos *resorts* e dos enclaves "all inclusive", às vezes distantes, uma cidade latente pode ser encontrada, uma cidade que realmente suporta todo o enquadramento aparente de prazeres. SUPERSUDACA

La Franja

En el modelo de turismo masivo, los complejos turísticos no se propagan de forma individual y aislada. Con el fin de alcanzar la masa crítica para una economía de escala que permite elaborar paquetes diseñados, estos se construyen junto con otros centros turísticos. Así que, aunque los turistas compren un viaje a un *resort* determinado y permanecezcan allí durante sus vacaciones, el "paquete" no es posible en la escala de la estación, pero sólo en un nivel superior. Eso es la "zona": un enclave turístico, donde por lo menos cuatro o cinco cadenas hoteleras concentran sus complejos turísticos, proporcionando así un stock mínimo de 2.000 habitaciones, lo que posibilita la aparición de vuelos chárter, el gasto en publicidad, la organización de redes logísticas, etc.. Sin una zona, el *resort* "all inclusive" no es asequible para las masas.

Si la zona es una unidad indivisible para el turismo masivo en el Caribe, la consecuencia de su éxito es la Franja Turística. El éxito de una zona determinada deja espacio para la expansión de las zonas cercanas. Dado que la infraestructura básica ya está instalada y teniendo en cuenta que, por ejemplo, un aeropuerto permite un radio de 100 Km de servicio conveniente, los nuevos desarrollos son fáciles de surgir. Las franjas desarrolladas en la última década se han incrementado dramáticamente en tamaño y desapego a la ciudad. Al comparar las franjas cuyo desarrollo alcanzó su punto máximo en los años 80, como las Barbados, con las que se están desarrollando ahora en Punta Cana, podemos ver cómo, por ejemplo, en el primer caso la banda es de 4 Km de largo y conectada a la ciudad local, mientras que en el segundo alcanza casi 35 Km y no hay ninguna ciudad cerca.

Ante la ausencia de una ciudad cercana, el aislamiento en las franjas se ocupó del concepto "all inclusive" como una opción inevitable. Si no hay nada alrededor ¿dónde comer, dónde bailar y dónde comprar? Bajo esta coartada se ha generado un mundo paralelo de fantasía — islas totalmente alejadas de la realidad local y de todos los eslabones de la cadena de suministro racionalizado con fines de lucro. Por todo ello, las franjas emergentes son claramente mono-funcionales y autosuficientes. La alta densidad de alojamientos contrasta con los bajos niveles de actividad urbana y la escasa relación con la población local. Sin embargo el aislamiento es sólo una ilusión. Detrás de las murallas de los *resorts* y los enclaves del "all inclusive", a veces distantes, podemos encontrar una ciudad latente, una ciudad que realmente apoya el aparente marco del placer. SUPERSUDACA

DAÑOS COLATERALES MARIA LUZ BRAVO

CIUDAD JUAREZ, MEXICO, 2010

DAÑOS COLATERALES MARIA LUZ BRAVO

CIUDAD JUAREZ, MEXICO, 2010

DAÑOS COLATERALES MARIA LUZ BRAVO

CIUDAD JUAREZ, MEXICO, 2010

LIMA, PERU, 2009

PREVI CRISTOBAL PALMA

LIMA, PERU, 2009

ALTO COMEDERO TOMÁS GARCIA PUENTE JUJUY, ARGENTINA, 2011

ALTO COMEDERO TOMÁS GARCIA PUENTE

JUJUY, ARGENTINA, 2011

ALTO COMEDERO TOMÁS GARCIA PUENTE

JUJUY, ARGENTINA, 2011

DISECCIONES JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ

TALCA , CHILE, 2008

DISECCIONES JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ

TALCA , CHILE, 2008

DISECCIONES JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ

TALCA , CHILE, 2008

WORKSHOPS DE MAPEAMENTO COLETIVO
TALLERES DE MAPEO COLECTIVO

ICONOCLASISTAS + BERNARDO AMARAL + PAULO MOREIRA

REDES DE MICRO-INDÚSTRIAS NA REGIÃO DO VALE DO AVE. UMA REFLEXÃO SOBRE A ECONOMIA PÓS-CRISE

Uns meses antes de viajar para Portugal iniciámos uma troca frequente de *e-mails* com os coordenadores do *workshop*, Bernardo Amaral e Paulo Moreira, dois arquitetos portugueses que percorreram o território a mapear a fim de identificar os principais temas e problemáticas a registar, através do contacto com possíveis participantes.

O *workshop* realizou-se na Sociedade Martins Sarmento durante todo o dia. Expusemos sobre uma grande mesa um suporte gráfico de dois metros de comprimento e 70 cm de largura com diversas abordagens geográficas da região, iconografia variada, marcadores de cor e tesouras. Após uma introdução sobre o uso de mapas e as modalidades de trabalho no *workshop*, os participantes apresentaram-se: estudantes de arquitetura, trabalhadores e ex-trabalhadores fabris, membros da Junta de Freguesia, o presidente da associação industrial, arquitetos e comunicadores após o que nos lançámos ao trabalho.

A região do Vale do Ave, situada a Norte de Portugal, e que constitui o terceiro pólo industrial mais importante, estava representada por um mapa que incluía também um pequeno enquadramento em Portugal para facilitar a sua rápida localização geográfica. Nos últimos anos, sobretudo em consequência da crise internacional que se iniciou em 2008, esta região sofreu um forte processo de desindustrialização evidenciado no encerramento de fábricas e na reconversão de empresas noutras de caráter diferente. Se considerarmos que nesta zona vive cerca de meio milhão de habitantes e que a metade deles são trabalhadores e trabalhadoras do setor secundário (industrial), torna-se inquestionável a importância de refletir sobre os impactos da crise neste setor.

Outro mapa colocado após o primeiro, mostrava um dos principais enclaves da indústria têxtil da região do Vale do Ave: Pevidém, uma localidade situada a 5 km de Guimarães, hoje com elevados índices de desemprego uma vez que a sua população depende quase exclusivamente de uma indústria têxtil marcada por despedimentos, baixos salários e fábricas encerradas. Este processo de recessão na indústria têxtil começou nos anos 80, agravou-se nos anos 90, e recebeu o golpe final a partir de 2008 com a crise internacional. Apesar desta situação, muitas fábricas continuaram abertas, e nos dias anteriores ao *workshop*, com o Paulo e o Bernardo percorremos esta zona, visitando algumas fábricas de diferentes dimensões, a fim de observar o processo e o contexto laboral. Começámos por ir a uma pequena fábrica familiar de tecidos que se mantinha em atividade com os poucos trabalhadores que restavam após uma vaga de despedimentos. Em seguida visitámos uma fábrica mítica: a *Coelima*, que na década de 70 chegou a ter 4000 trabalhadores e uma escola profissional para formar os respetivos trabalhadores. Apesar de só já empregar 400 pessoas ainda mantém espaços de colaboração e uma oficina de *design* de vestuário, em que também participam estudantes universitários.

Para preencher o conteúdo destes mapas trabalhou-se com iconografia relativa a fábricas encerradas, zonas de desocupação, fluxos de migração económica, trabalho ao domicílio, empresas que externalizam o trabalho, fluxos de produção e comércio, fábricas reabertas, perseguição sindical, substituição da atividade secundária (industrial) pela terciária (serviços), novas fábricas, tipos de indústria ou serviços, organizações e alternativas, lutas e manifestações, entre outras questões, tendo-se feito a separação em dois planos de reflexão, um mais ligado ao trabalho industrial (Vale do Ave) e outro focado nas dinâmicas específicas de uma zona (Pevidém).

Foi um processo de trabalho intenso, apenas interrompido para o almoço no pátio desse histórico casarão-museu, e que terminou com um acalorado intercâmbio entre os participantes sobre diversas questões surgidas durante o processo. A ferramenta gerou muito interesse e há vontade de continuar este trabalho que conta com o impulso de alguns dos participantes no *workshop*.

ICONOCLASISTAS

GEOPOLÍTICA MIGRATÓRIA ENTRE A PENÍNSULA IBÉRICA E A AMÉRICA LATINA. FLUXOS E MARCOS A PARTIR DE UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS BICENTENÁRIOS

As investigadoras e organizadoras do projecto *Devir Menor. Arquiteturas Devir e Práticas Espaciais Críticas na Ibero-América* — Susana Caló e Inês Moreira — propuseram-nos para este *workshop* salientar os vínculos e intercâmbios entre a Península Ibérica e a América Latina a partir dos bicentenários. Este tipo de proposta colocou-nos um grande desafio, devido ao vasto âmbito histórico e geográfico abrangido, a acrescentar ao facto de que teríamos poucas horas para realizar o *workshop*, com a agravante de ainda não conhecermos os participantes. Ao refletirmos sobre como criar um dispositivo que encaixasse no modelo apresentado, uma palavra começou a ecoar nas nossas cabeças: Antropofagia. A incorporação deste conceito permitiu-nos introduzir questões imaginárias, simbólicas e míticas de um modo intuitivo, de tal forma que os participantes no *workshop* puderam ter um plano apropriado a que se agarrar para enfrentar semelhante tarefa.

No manifesto que o brasileiro Oswald de Andrade escreveu em 1928, a antropofagia tornava-se uma metáfora positiva de uma condição anteriormente considerada de forma pejorativa. Esta característica "canibal" é a que nos permitiria a incorporação e assimilação crítica de modelos europeus para criar formas culturais e artísticas inovadoras e próprias do lugar. Mas o canibalismo não foi apenas património de naturais destas terras. Existe o registo de que, durante a primeira fundação de Buenos Aires em 1536, e devido à fome causada pelo cerco realizado pelos índios querandís à colónia, os próprios conquistadores espanhóis tiveram que comer restos dos seus companheiros previamente enforcados, como castigo por ter morto um cavalo para saciar a fome. E até se diz que um homem comeu o próprio irmão.

Assim, longe de ser um pesadelo do "Novo Mundo", os europeus traziam consigo estes fantasmas. Basta ver o imaginário transposto em centenas de pinturas religiosas sobre o castigo reservado no inferno ao pecador ou ao infiel, relato que funcionava como "uma pedagogia do medo", em que a presença de panelas, frigideiras, grelhas, espetos ou facas constituíam o arsenal de que os diabos-cozinheiros dispunham para torturar as almas daqueles que não aceitavam a linha ditada pela cúpula romana.

A que mais nos impressionou e influenciou formalmente no projeto deste mapeamento foi o famoso *Inferno* de Bosch. Esta pintura, obra de um pintor nascido nos Países Baixos e que trabalhou durante esses anos das primeiras conquistas para a corte espanhola, mostra um festim macabro quase sem figura central, onde tudo é confusão e caos, criando uma espiral de pesadelo que terá perturbado os sonhos de muitos dos seus observadores. Nele vimos o mapa do terror mais profundo da Europa cristã, que partia sob o signo da cruz, e, consequentemente, da morte, à conquista do mundo. Aí notamos algo muito comum presente nos antigos mapas que circulavam naqueles tempos: monstros enormes e imagens obscuras para ilustrar as últimas "descobertas" numa nova terra. Mundos habitados por homens sem cabeça ou com um só pé, canibais insaciáveis, mares com baleias com dentes de tigre ou serpentes marinhas que se enrolavam e tragavam um barco num instante. Estas imagens dominavam o modo de representar as novidades de uma terra estranha e que, por isso mesmo, devia ser adaptada às conceções da época.

Este inferno imaginado que era necessário evangelizar e tornar europeu era, continuou a ser e é na realidade, a desculpa para devorar as entranhas de uma terra cheia de riquezas e recursos naturais, um reservatório de manjares para saciar a fome de medo que impõe o castigo eterno. É longa a lista de atrocidades cometidas pelos conquistadores na América, desde a escravidão dos povos africanos até ao extermínio das culturas originárias, e extensa é também a lista de atrocidades que se continuaram a cometer após a emancipação dos territórios e o nascimento dos países em que hoje vivemos. Longe de propor uma visão de vítimas e de agressores, incluímos também imagens para relatar os gestos rebeldes e emancipadores dos povos organizados de ambos os continentes. ICONOCLASISTAS

REDES DE MICRO-INDUSTRIAS EN LA REGIÓN DO VALE DO AVE. UNA REFLEXIÓN SOBRE LA ECONOMÍA POS-CRISIS

Unos meses antes de viajar a Portugal iniciamos un fluido intercambio de mails con los coordinadores del taller, Bernardo Amaral y Paulo Moreira, dos arquitectos portugueses que derivaron por el territorio a mapear a fin de identificar principales temáticas y problemáticas a señalizar, contactando a posibles participantes.

El taller se realizó en la Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, durante todo el día. Desplegamos sobre una larga mesa un soporte gráfico de dos metros de largo y 70cm de ancho con diversos acercamientos geográficos a la región, variada iconografía, marcadores de colores y tijeras. Luego de una introducción al uso de cartografías y a las modalidades de trabajo en el taller, se presentaron los participantes: estudiantes de arquitectura, trabajadores y ex trabajadores fabriles, dirigentes de la Junta, el presidente de la asociación de industrias, arquitectos y comunicadores, y al finalizar dimos paso al trabajo.

La región del Vale do Ave, ubicada al norte de Portugal y que constituye el tercer centro industrial en importancia, estaba representada mediante un mapa que también incluía un pequeño recuadro de Portugal para facilitar una pronta ubicación geográfica. En los últimos años, y sobre todo como consecuencia de la crisis internacional que se inició en 2008, esta región ha sufrido un fuerte proceso de desindustrialización evidenciado en el cierre de fábricas y la reconversión de emprendimientos en otros de diversa índole. Si tenemos en cuenta que en esta zona habita cerca de medio millón de habitantes y que la mitad de ellos son trabajadores y trabajadoras del sector secundario (industrial), se torna incuestionable la importancia de reflexionar sobre los impactos de la crisis en este sector.

Otro mapa colocado a continuación del primero, mostraba uno de los principales enclaves de la industria textil de la región de Vale do Ave: Pevidém, una localidad situada a 5 km de Guimarães, hoy con altos índices de desempleo pues su población depende casi exclusivamente de una industria textil signada por despidos, bajos salarios y fábricas cerradas. Este proceso de recesión en la industria textil comenzó en los años 80, fue acentuado en los noventa y recibió el golpe final a partir del 2008, con la crisis internacional. A pesar de esta situación muchas fábricas siguen en pie, y en los días previos al taller junto a Paulo y Bernardo recorrimos la zona, visitando algunas factorías de dimensiones diversas a fin de observar el proceso y contexto laboral. Primero fuimos a una pequeña fábrica familiar de elaboración de telas que se mantenía activa con los pocos trabajadores que quedaban luego de una oleada de despidos. Y luego a una fábrica mítica, *Coelima*, que en los años 70 llegó a tener 4000 obreros y una escuela de oficios para dar formación a sus trabajadores. Si bien hoy sólo emplea a 400 personas aún mantiene espacios colaborativos y alberga un taller de diseño de indumentaria donde también participan estudiantes universitarios.

Para nutrir de relato estos mapas se trabajó con iconografía referida a fábricas cerradas, zonas de desocupación, flujos de migración económica, trabajo en casa-taller, empresas que tercerizan el trabajo, flujos de producción y comercio, fábricas re-abiertas, persecución sindical, reemplazo de actividad secundaria (industrial) por terciaria (servicios), nuevas fábricas, tipos de industria o servicios, organizaciones y alternativas, luchas y manifestaciones, entre otras cuestiones. Recortados en dos planos de reflexión, uno más vinculado al trabajo industrial (Vale do Ave) y otro focalizado sobre las dinámicas específicas de una zona (Pevidém).

Fue un intenso proceso de trabajo, solo interrumpido por el almuerzo en el patio de esa histórica casona-museo, y que finalizó con un acalorado intercambio entre los participantes acerca de diversas cuestiones surgidas durante el proceso. La herramienta generó muchísimo interés y hay ánimo de continuar este trabajo desde el impulso de algunos de los participantes al taller.
ICONOCLASISTAS

GEOPOLÍTICA MIGRATORIA ENTRE LA PENÍNSULA IBÉRICA Y LATINO AMÉRICA. FLUJOS Y LÍNEAS DE TIEMPO A PARTIR DE UNA MIRADA CRÍTICA SOBRE LOS BICENTENARIOS

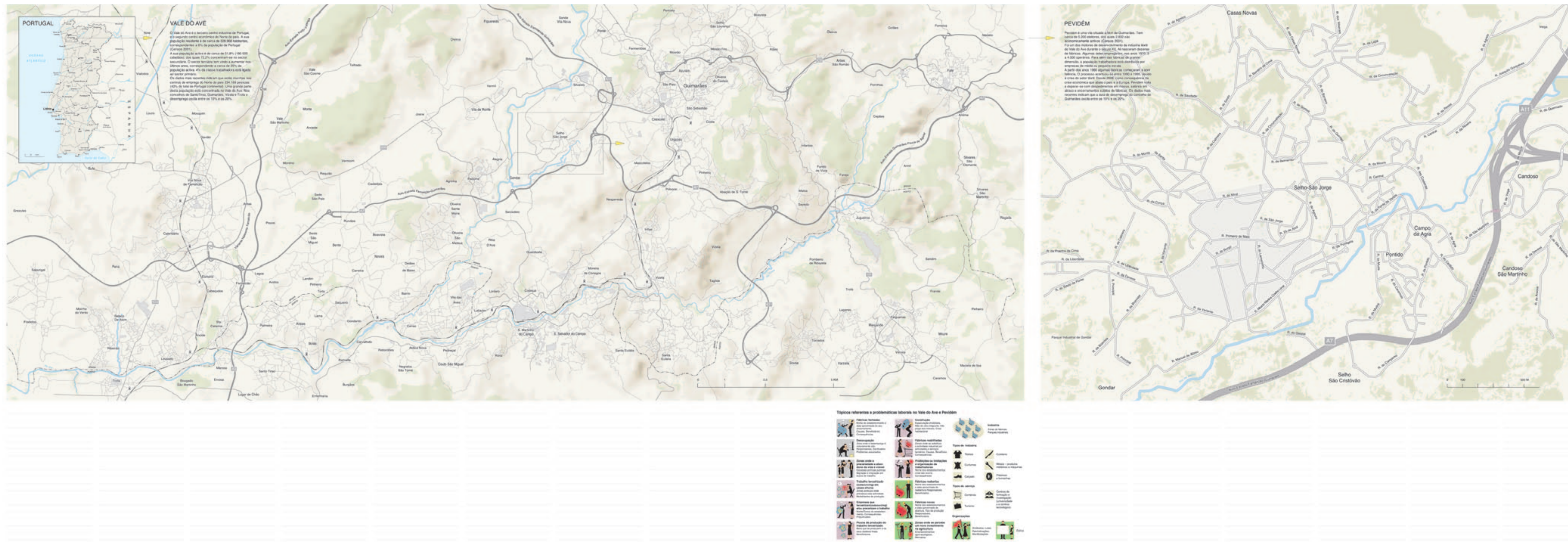
Las investigadoras y organizadoras del proyecto *Devir Menor. Arquitecturas y prácticas espaciales críticas en Iberoamérica* – Susana Caló e Inés Moreira – nos propusieron para este taller relevar los vínculos e intercambios entre la Península Ibérica y América Latina a partir de los bicentenarios. Semejante propuesta nos planteó un gran desafío, debido al amplio arco histórico y geográfico comprendido, lo que se sumaba al hecho de que contaríamos con pocas horas para realizar el taller y con participantes que aún desconocíamos. Reflexionando sobre cómo crear un dispositivo que encajara en la pauta planteada una palabra comenzó a resonar en nuestra cabeza: Antropofagia. La incorporación de este concepto nos posibilitó insertar cuestiones imaginarias, simbólicas y míticas de manera intuitiva, de manera tal que los concurrentes al taller pudieron tener un marco amigable al que atenerse para encarar semejante tarea.

En el manifiesto que el brasilero Oswald de Andrade escribió en 1928, la antropofagia se tornaba metáfora positiva de una condición previamente asignada de forma peyorativa. Esta característica "caníbal" es la que nos posibilitaría la incorporación y asimilación crítica de modelos europeos para crear formas culturales y artísticas innovadoras y propias del lugar. Pero el canibalismo no fue patrimonio sólo de originarios de estas tierras. Existe el registro que durante la primera fundación de Buenos Aires en el año 1536, y debido a la hambruna causada por el cerco realizado por los indios querandíes del asentamiento, los mismos conquistadores españoles tuvieron que comer restos de sus camaradas ahorcados previamente, como castigo por haber matado un caballo para saciar el hambre. Y hasta se dice que un hombre devoró a su hermano.

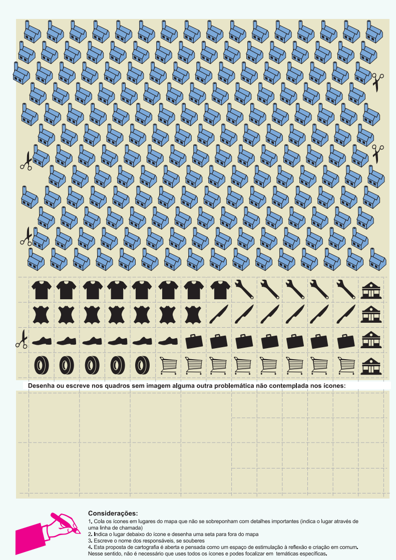
Así, lejos de ser una pesadilla del "Nuevo Mundo", los europeos traían consigo esos fantasmas. Basta ver la imaginería plasmada en cientos de pinturas religiosas sobre el castigo en el infierno que deparaba al pecador o infiel, relato que funcionaba como "una pedagogía del miedo" donde la presencia de ollas, sartenes, parrillas, pinchos o cuchillos constituían el arsenal que tenían los diablos-cocineros para torturar las almas de quienes no aceptaban la línea bajada por la cúpula romana.

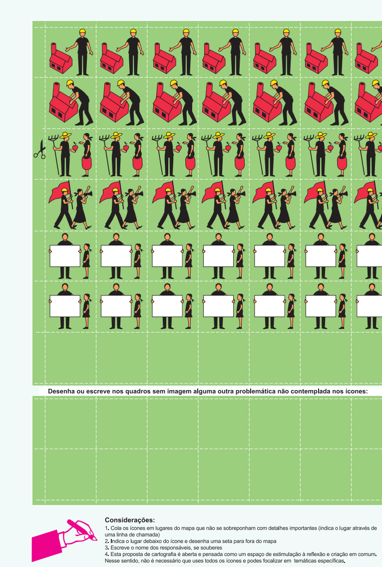
La que más nos impresionó e influyó formalmente en el proyecto de este mapeo, fue el famoso *Infierno* de El Bosco. Esta pintura, obra de un pintor nacido en Países Bajos y que trabajó durante esos años de las primeras conquistas para la corte española, muestra un festín macabro casi sin figura central, donde todo es confusión y abigarramiento, creando un *loop* pesadillesco que habrá perturbado los sueños de muchos de sus espectadores. Allí vimos el mapa del terror más profundo de la Europa cristiana que partía bajo el signo de la cruz, y por ende, de la muerte, a conquistar el mundo. Notamos allí algo muy común presente en las antiguas cartografías que circulaban en aquellos tiempos: enormes monstruos e imaginería oscura para relatar los últimos "descubrimientos" en una nueva tierra. Mundos plagados de hombres sin cabeza o con un solo pie, caníbales insaciables, mares con ballenas con dientes de tigre o serpientes marinas que enrollaban y tragaban un barco en un instante. Estas imágenes dominaban el modo de representar las novedades de una tierra extraña y que, por eso mismo, debía ser adaptada a las concepciones de la época.

Este supuesto infierno que había que evangelizar y volver europeo era, siguió siendo y es en realidad, la excusa para devorar las entrañas de una tierra llena de riquezas y recursos naturales, un reservorio de manjares para saciar el hambre de miedo que impone el castigo eterno. Larga es la lista de brutalidades que cometieron los conquistadores en América, desde la esclavitud de los pueblos africanos hasta el exterminio de las culturas originarias, y extensa es también la lista de atrocidades que se siguieron cometiendo luego de la emancipación de los territorios y el nacimiento de los países que hoy habitamos. Lejos de plantear una mirada de víctimas y victimarios, incluimos también imágenes para reseñar las gestas rebeldes y emancipatorias de los pueblos organizados de ambos continentes. ICONOCLASISTAS

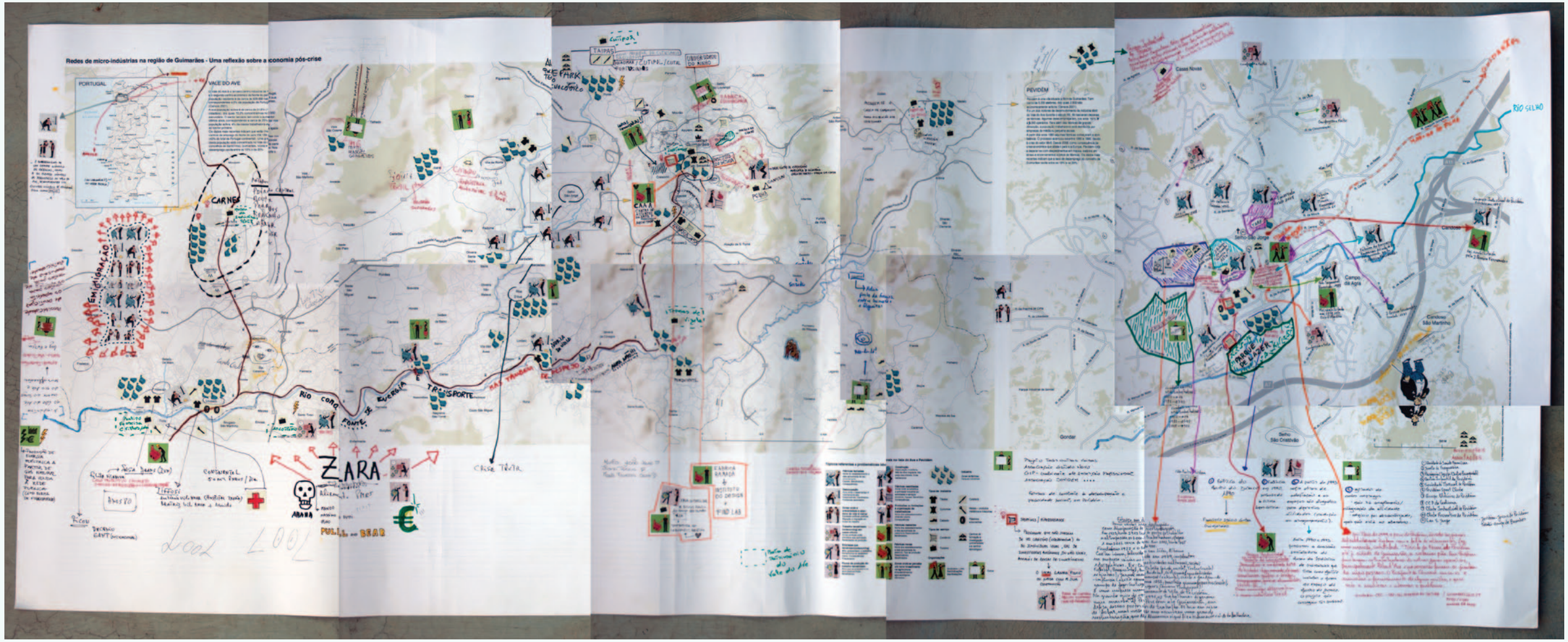


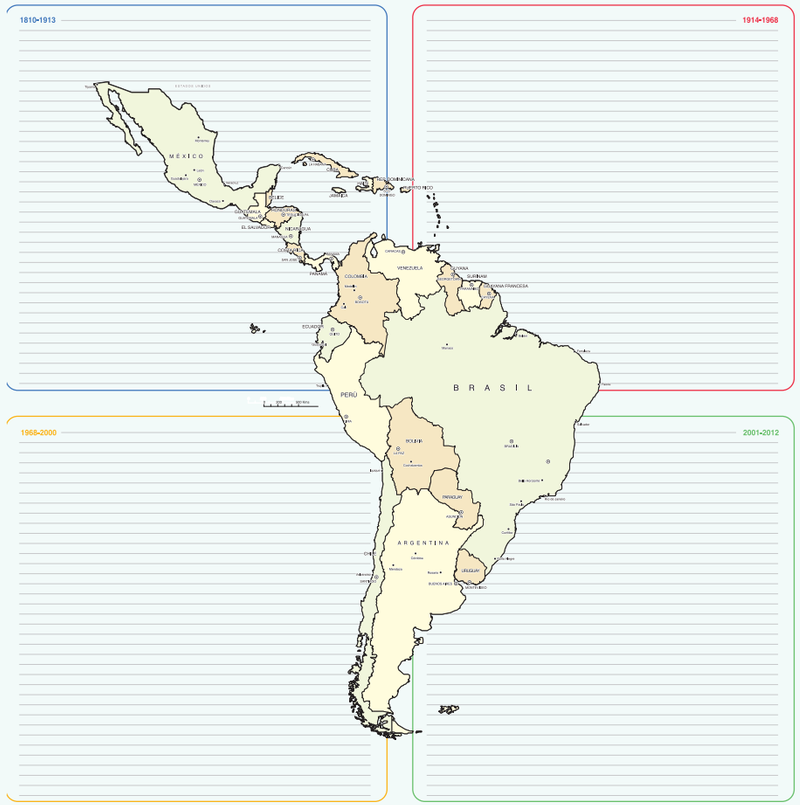
↑ Mapa → ícones do workshop: Redes de micro-indústrias na região do Vale do Ave.
↑ Mapa → iconos del taller: Redes de micro-industrias en la región do Vale do Ave.

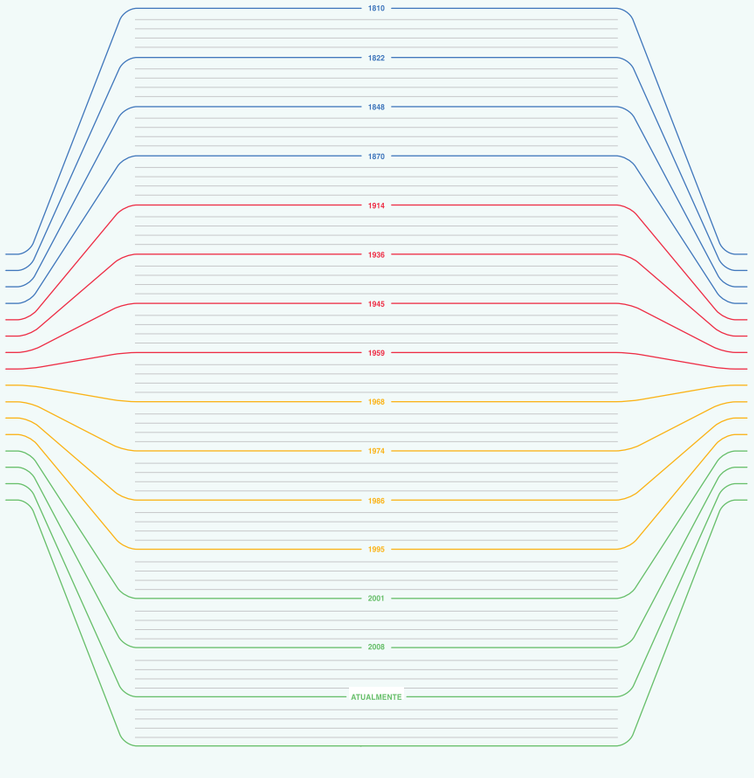


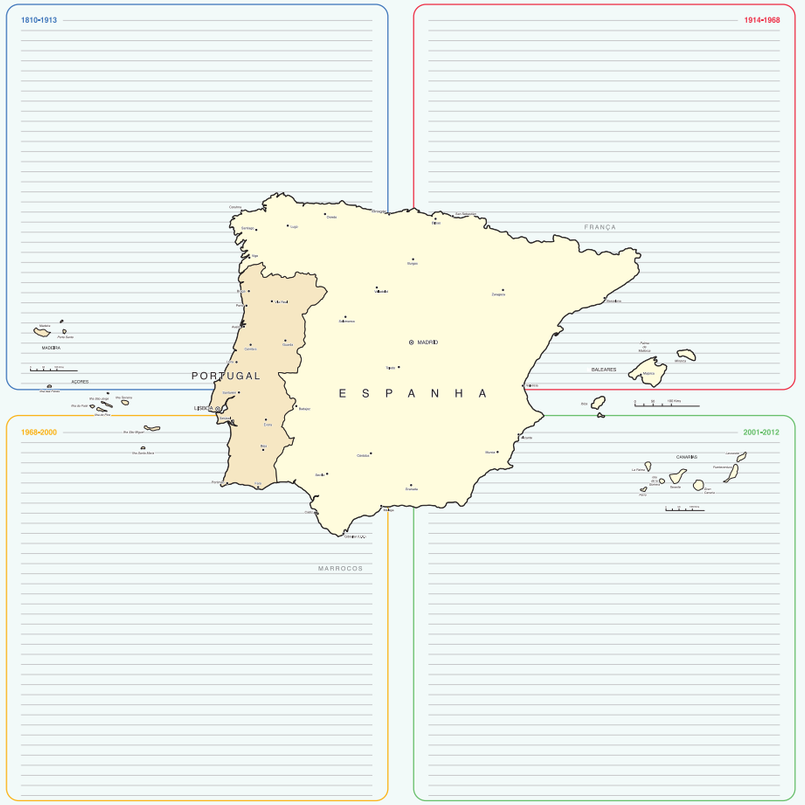


PARTICIPANTES
Irena Ubler , Pedro Galego, Lara Ferreira, Ana Patricia Gomes, Patricia Nogueira, Mariana Jacob, Alexandre Marques, Leticia Rampante, Alexandre Moreira, Luis Guimaraes, Joaquim Lima, Eng. Manuel Martins, Bernardo Amaral, Paulo Moreira.

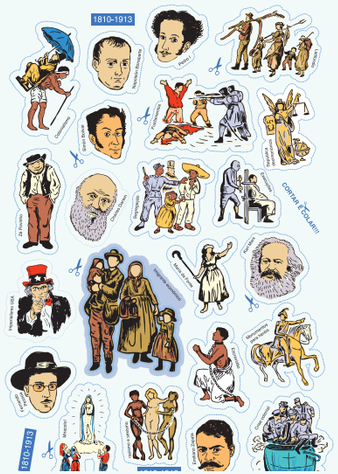

Redes de micro-indústrias na região de Guimarães - Uma reflexão sobre a economia pós-crise
PORTUGAL
VALE DO AVE
CARNES
EMIGRAÇÃO
RIO CORG
FONTE DE ENERGIA
TRANSPORTE
ZARA
PULL... BEAR
CRISE TÊXTIL
PEVIDÉM
Casas Novas
RIO SELHO
Campo da Agra
Candoso São Martinho
Gondar
Selho São Cristóvão



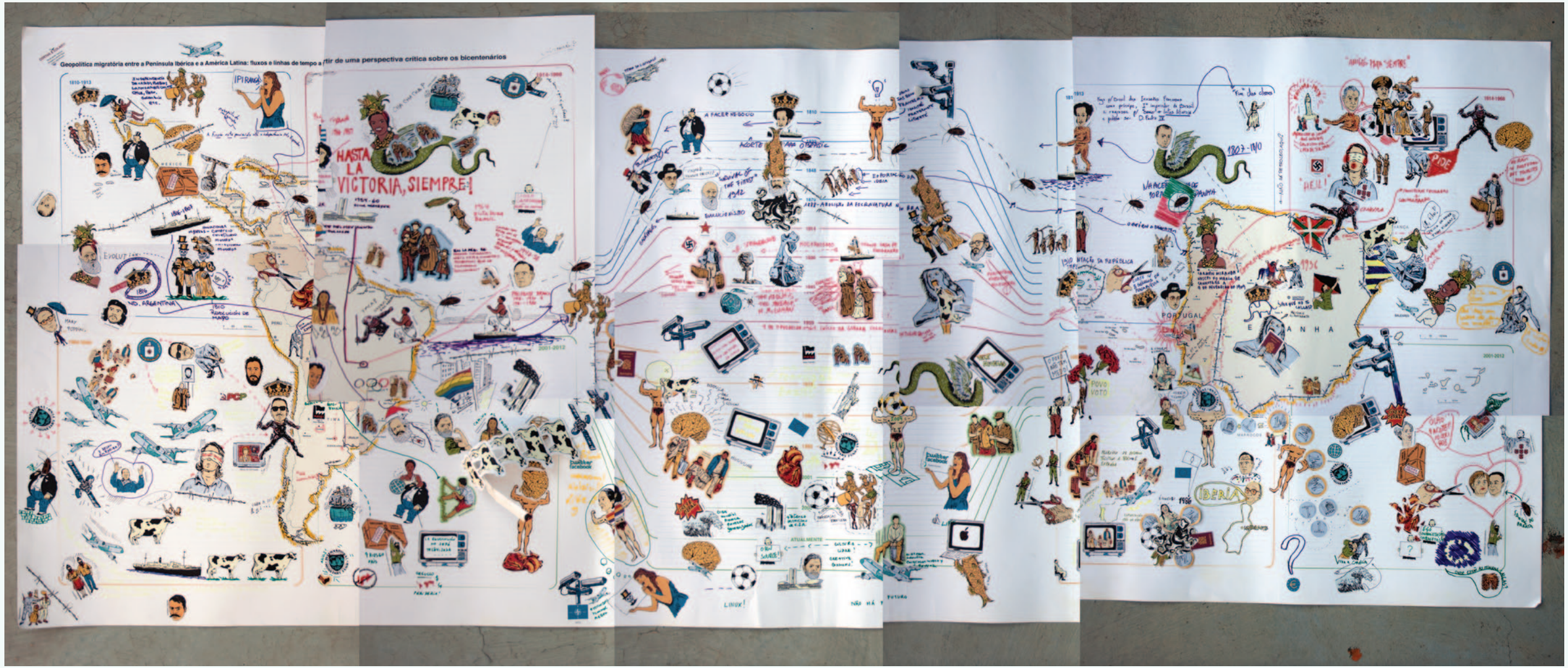




↑ Mapa → ícones do workshop: Geopolítica migratória entre a Península Ibérica e a América Latina.
↑ Mapa → iconos del taller: Geopolítica migratória entre la Península Ibérica y Latino América.



PARTICIPANTES
Eduardo Pellejero, Lara Ferreira, Mónica de Miranda, Gil Ribeiro, Sofía Herrero, Nuno Flores, Andre d'Albo, Joana Baptista Costa, Mariana Leão, Bernardo Amaral, Paulo Moreira, Susana Caló.



Os participantes trabalharam sobre um suporte gráfico de dois metros de comprimento e setenta cm de largura, composto por mapas da América Latina e da Península Ibérica, cujas dimensões facilitaram a sinalização pontual de diversas questões. No processo de mapeamento também se salientaram as dimensões temporais, a partir da organização gráfica de quatro blocos históricos (de 1810 até à atualidade) diferenciados por cores e tipos de imagens. Para poder sinalizar os fluxos, os intercâmbios e formas de domínio e de rebelião entre a América Latina e a Península Ibérica, constituíram-se no meio dos dois mapas linhas que facilitaram a representação alegórica de diversas situações através da escrita, da imagem, da colagem, do desenho. O resultado foi realmente infernal, um dispositivo gráfico e imaginário barroco contendo uma infinidade de pequenos relatos, situações e crónicas territoriais.

Los participantes trabajaron sobre un soporte gráfico de dos metros de largo por 70cm de ancho compuesto por mapas de América Latina y la península Ibérica, y que por sus dimensiones facilitaron el señalamiento puntual de diversas cuestiones. En el proceso de mapeo también se relevaron las dimensiones temporales, a partir de la organización gráfica de cuatro bloques históricos (desde 1810 hasta la actualidad) diferenciados por colores y tipos de imágenes. Para poder señalizar los flujos, intercambios y formas de dominio y rebelión entre Latinoamérica y la península Ibérica, se constituyeron en medio de los dos mapas líneas que facilitaron el despliegue alegórico de diversas situaciones a través de la escritura, la imagen, el collage, el dibujo. El resultado fue realmente infernal, un barroco dispositivo gráfico e imaginario conteniendo infinidad de pequeños relatos, situaciones y crónicas territoriales.

ARQUITETURAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CRÍTICAS

ARQUITECTURAS Y PRACTICAS ESPACIALES CRÍTICAS

98

Estrada militar
MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTURA
Projeto de mapeamento visual dos territórios externos da cidade de Lisboa desenvolvido pela artista Mónica de Miranda com Paul Goodwin. Explorando fragmentos do ex-eixo militar que circunda Lisboa e separa a cidade formal dos bairros de génese ilegal, a investigação (fotografia, visitas, vídeo, mapa) tem diversas componentes. *Estrada Militar* é um vídeo em que Mónica de Miranda persegue a viagem pela estrada histórica apresentado os processos ao longo da história de Portugal — das invasões Francesas às recentes ocupações por imigrantes das ex-colónias. *Arquipélago* é o mapa de Artéria Arquitetura que dá evidência visual da estrada, dos bairros e da estrutura da cidade. INÊS MOREIRA (IM)

Proyecto de cartografía visual de los territorios de la ciudad de Lisboa, desarrollado por la artistas Mónica de Miranda junto con Paul Goodwin. Explorando los fragmento del eje militar que rodea Lisboa y separa la ciudad formal de los barrios de origen ilegal, la investigación (fotografías, visitas, video, mapas) tiene diversas componentes. *Estrada Militar* (Carretera Militar), es un video en el cual Mónica de Miranda recorre el viaje por esta carretera histórica, presentando diferentes procesos a lo largo de la historia de Portugal — de las invasiones francesas a las recientes ocupaciones de imigrantes de las antiguas colonias. *Arquipélago* (Archipiélago), es el mapa de Artéria Auquitectura que otorga evidencia visual de la carretera, de los barrios e la estructura de la ciudad. INÊS MOREIRA (IM)

104

La Torre de David
ÁNGELA BONADIES + JUAN JOSÉ OLAVARRIA
Perante os efeitos da condição económica e política globalizada, a cidade contemporânea desenvolve-se tanto por atos formais de planeamento como por conformações informais do vasto território metropolitano. A atenção dos arquitectos e artistas por estas últimas, realidades existentes à margem da ordem institucional, tem adquirido um interesse que ultrapassa a mera investigação sociológica. Torre David é assim um singular caso de estudo de apropriação de um grande complexo arquitectónico abandonado, que apresenta uma dimensão tanto documental como crítica. A vida como ela se desenrola, nas suas forças, fraquezas e contradições, torna-se manifesto das transformações inexoráveis da urbanização emergente. LUIS SANTIAGO BAPTISTA (LSB)

Ante los efectos de la condición económica y política globalizada, la ciudad contemporánea se desenvuelve tanto por acciones formales de planeamiento como por conformaciones informales del vasto territorio metropolitano. La atención de los arquitectos y artistas por estas últimas, realidades existentes al margen del orden institucional, han adquirido un interés que ultra pasa la mera investigación sociológica. Torre David es, por tanto, un singular caso de estudio de un grande complejo arquitectónico abandonado, que presenta una dimensión tanto documental como crítica. La vida como ella se desenreda, en sus fuerzas, debilidades y contradicciones, se transforman en manifiesto de las transformaciones inexorables de la urbanización emergente. LSB

110

Growing House
URBAN-THINK TANK
A encomenda de construir um conjunto de habitações por parte da comunidade da Igreja de St Mary, constituiu, para os Urban Think Tank, uma ocasião adequada para experimentar uma torre residencial progressiva. Inspirada em processos informais, o projeto pretende integrar as dinâmicas de crescimento e adaptação presentes na cidade não planeada mediante a definição de uma estrutura básica, ampliável e adaptável em função das necessidades dos utilizadores. Sobre a antiga casa paroquial desenvolve-se a torre residencial, e entre ela e a igreja uma torre alojará os espaços coletivos e livres. Os edifícios existentes servem assim de apoio e ponto de partida desta nova estrutura. JOSÉ MARIA GALÁN CONDE (JMGC)

El encargo de construir un conjunto de viviendas por parte de la comunidad de la Iglesia de St Mary, supuso para Urban Think Tank una ocasión idónea para ensayar una torre residencial progresiva. Inspirada en procesos informales, el proyecto pretende integrar las dinámicas de crecimiento y adaptación presentes en la ciudad no planificada mediante la definición de una estructura básica, ampliable y adaptable en función de las necesidades de los usuarios.Sobre la antigua casa parroquial se desarrolla la torre residencial, y entre ella y la iglesia un zócalo alojará los espacios colectivos y libres. Las edificaciones existentes sirven así de soporte y punto de partida de esta nueva estructura. JOSÉ MARIA GALÁN CONDE (JMGC)

116

Unión Obrera
BORDE URBANO CONSULTORES
A reabilitação da Unión Obrera oscila entre o compromisso com dois tempos: por um lado, com o passado e a memória de um dos primeiros exemplos de habitação social no Chile; por outro, com o futuro, da mão da comunidade residente nele, que não só participa nas decisões do projeto, mas que se erigiu como o principal impulsionador da reabilitação. Depois de mais de um século de história, aquela ambição original de dotar a povoação de uma moradia digna, renova-se nesta ocasião na adequação do edifício às novas exigências dos seus residentes, para fazer dele parte fundamental da identidade do edifício. JMGC

La rehabilitación de la Unión Obrera oscila entre el compromiso con dos tiempos: por un lado, con el pasado y la memoria de uno de los primeros ejemplos de vivienda social en Chile; por otro, con el futuro, de la mano de la comunidad residente en él, que no sólo participa de las decisiones del proyecto, sino que se ha erigido en la principal impulsora de la rehabilitación. Después de más de un siglo de historia, aquella ambición original de dotar a la población de una vivienda digna, se ve renovada en esta ocasión en la adecuación del edificio a las nuevas demandas de sus residentes, para hacer de ello parte fundamental de la identidad del edificio. JMGC

122

Cotidianeidades Doméstico Productivas
HUSOS
Quotidaneidades doméstico-produtivas é mapa amplo dos usos e apropriações dos espaços domésticos, reunidos em entrevistas de campo, análises e produções iconográficas de esquemas que estabelecem um *mind-map* espacial de diversas vidas. Centrado na cidade de Madrid, onde está baseado o coletivo HUSOS, explora-se como os espaços domésticos das cidades são usados (habitação, escritório, atelier, empresa) por distintos agregados com diversos modos de vida (famílias, casais, estudantes, amigos, habitação temporária, etc.). Estudo espacial dos usos híbridos do espaço de habitação que, hoje, reaproximam o privado da produção. IM

Cotidianidades Doméstico productivas es un mapa amplio de los usos y apropiaciones de los espacios domésticos, reunidos mediante entrevistas de campo, análisis y producciones iconográficas de esquemas que establecen un "mind-map" espacial de diversas vidas. Centrado en la ciudad de Madrid, donde reside el colectivo HUSOS, se explora como son usados los espacios domésticos de la ciudades (vivienda, oficinas, atelieres, empresas) por distintos agregados con diversos tipos de vida (familias, parejas, estudiantes, amigos, vivienda temporal, etc.) Estudio espacial de usos híbridos del espacio de vivienda que, hoy, reaproximan a lo privado de la producción. IM

128

Alcalá 01. Casa más o menos
LA PANADERIA
Alcalá 01 é a primeira obra materializada dentro da investigação *da casa mais ou menos: a habitação como processo* que o coletivo La Panaderia está a desenvolver sobre a necessidade da redefinição da habitação social tanto nos seus meios de produção como na sua condição de objeto de consumo. La Panaderia propõe um desenho aberto, facilmente adaptável, que surgiu do diálogo com os futuros habitantes. Estes são assim envolvidos nas decisões de projeto, de modo a decidirem, em função das suas necessidades e orçamento, aspetos como a superfície construída da habitação ou o nível de acabamento da mesma. JMGC

Alcalá 01 es la primera obra materializada dentro de la investigación *la casa más o menos: la vivienda como proceso* que el colectivo La Panadería está desarrollando en torno a la necesidad de la redefinición de la vivienda social tanto en sus medios de producción como en su condición de objeto de consumo. La panadería propone un diseño abierto, facilmente adaptable, surgido del dialogo con los futuros habitantes. Éstos son involucrados así en las decisiones de proyecto, de modo que deciden, en función de sus necesidades y presupuesto, aspectos como la superficie construida de la vivienda o el nivel de acabado de la misma. JMGC

134

Adobe for Women
BLAANC + ROOTSTUDIO
Tendo em conta o habitual olhar condescendente do mundo dito desenvolvido, *Adobe for Women* propõe *outras* estratégias de atuação sobre uma realidade física e socialmente premente. É por isso que o projeto tem que compreender todas as fases e o processo se tem que desenvolver em *tempo real*. Captação da necessidade, avaliação do problema, definição da estratégia, associação dos intervenientes, desenho do projeto, financiamento da propo≠sta, participação na construção são tarefas que estão interligadas e interdependentes. Congregando o envolvimento direto e voluntário de arquitetos, técnicos e populações, *Adobe for Women* é o que se pode denominar de projeto comunitário participado. LSB

Teniendo en cuenta la habitual mirada condescendiente del llamado mundo desarrollado, Adobe for Women propone otras estrategias de actuación sobre una realidad física y socialmente opresora. Es por esto que el proyecto comprende todas las fases y el proceso se desarrolla en tiempo real. Comprensión de las necesidades, evaluación del problema, definición de la estrategia, asociación de los intervinientes, diseño del proyecto, financiación de la propuesta, participación en la construcción son tareas que están interrelacionadas e interdependientes. Congregando la participación directa y el voluntariado de arquitectos, técnicos y de la población, Adobe for Womens es lo que se podría denominar como un proyecto comunitario participativo. LSB

140

Lotes Vagos
LOUISE MARIE GANZ
Nos interstícios das grandes cidades contemporâneas podem nascer atividades sociais imprevistas. *Lotes Vagos* procura dar uso temporário às parcelas devolutas ou expetantes da realidade urbana, envolvendo as populações locais. Os territórios improdutivos podem assim transformar-se em áreas produtivas de contacto e partilha social. A chave de atuação é a conversão intencional do lote privado num provisório espaço público, socialmente ativo e dinâmico. Ativando esses resíduos e ausências dos tecidos urbanos, as intervenções são por isso oportunidades criativas que se abrem coletivamente ao inesperado e imprevisível. A vida comunitária pode acontecer nesses vazios latentes da cidade existente. LSB

En los intersticios de las grandes ciudades contemporáneas pueden nacer actividades sociales imprevistas. *Lotes Vagos* busca dar uso temporal a las parcelas vacías o expectantes de la realidad urbana, relacionando a las poblaciones locales. Los territorios improductivos pueden así, transformarse en áreas productivas de contacto y colaboración social. La clave de la actuación es la conversión intencionada del lote privado en un espacio público provisional, socialmente activado y dinámico. Activando estos residuos y ausencias de los tejidos urbanos, las intervenciones son por lo tanto oportunidades creativas que se abren colectivamente a lo inesperado e imprevisible. la vida comunitaria puede acontecer en estos vacíos latentes de la ciudad existente. LSB

146

El Nodo
CTRL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA
Centro de produção cultural concebido como elemento mediador entre bairros desintegrados ou marginalizados na cidade de Saltillo, México. Com um caráter participativo e aberto às propostas diretas dos cidadãos, o centro propõe uma alternativa às dinâmicas dos projetos institucionais. A iniciativa surge da colaboração entre arquitetos, gestores culturais e associações locais, que têm desenvolvido sob a forma de *workshops* as distintas etapas do processo de conceção, construção e posta em marcha do centro. O objetivo é cultivar um espaço mental e físico que os habitantes de Saltillo possam construir e sentir como próprio, e deixar conhecimentos que capacitem a comunidade local. PAULA ÁLVAREZ BENITEZ (PAB)

Centro de producción cultural concebido como elemento mediador entre barrios desintegrados o marginados en la ciudad de Saltillo, México. Con un carácter participativo y abierto a las propuestas directas de la ciudadanía, el centro propone una alternativa a las dinámicas de los proyectos institucionales. La iniciativa surge de la colaboración entre arquitectos, gestores culturales y asociaciones locales, que han desarrollado en forma de talleres las distintas etapas del proceso de ideación, construcción y puesta en marcha del centro. El objetivo es cultivar un espacio – mental y físico – que los habitantes de Saltillo puedan construir y sentir como propio y dejar conocimientos que empoderen a la comunidad local. PAULA ÁLVAREZ BENITEZ (PAB)

152

Kitchain
MOOV
Questionando a arte como campo autónomo, *Kitchain* é uma plataforma *ao serviço* do quotidiano das práticas e debates artísticos contemporâneos. Um suporte físico e social para uma reflexão aberta e livre associada à atividade lúdica do fazer e do partilhar de uma refeição. Instalada sucessivamente segundo novos arranjos *site-specific*, *Kitchain* funciona como um convite à conversa e discussão na confluência entre eventos artísticos e práticas sociais. Neste sentido, atua promovendo o contacto contextual entre diversos criadores e, mais importante, entre estes e o público. No limite, promete em cada festival e em cada refeição a constituição coletiva de comunidade. LSB

Cuestionando el arte como campo autónomo, *Kitchain* es una plataforma al servicio de lo cotidiano, de las prácticas y debates artísticos contemporáneos. Un soporte físico y social para una reflexión abierta y libre asociada a la actividad lúdica de hacer y compartir una comida. Instalada sucesivamente dependiendo de condiciones *site-specific*, *Kitchain* funciona como una invitación al diálogo y discusión bajo la confluencia entre eventos artísticos y practicas sociales. En este sentido, actúa promoviendo el contacto contextual entre diversos creadores y, lo que es mas importante, entre estos y el público. Al final, promete en cada festival y en cada comida la constitución colectiva de una comunidad. LSB

158

Alaska Parque Comunal
TODO POR LA PRAXIS
Projeto comunitário e participativo de envolvimento com a comunidade. Originado como *workshop* do encontro Arquitetura Expandida em Bogotá, na Colômbia, o parque foi desenvolvido por Todo por La Praxis com a população, e outros coletivos, para dar novas vidas ao espaço público existente. O projeto é uma intervenção arquitetónica simples, adaptando espaços e mobiliario público a custos baixo, num curto espaço de tempo, potenciando-o. Alaska propõe uma intervenção que beneficia o complexo do parque infantil, com técnicas construtivas próximas do *do-it-yourself*, aproximando-se das capacidades técnicas dos participantes. IM

Proyecto comunitario y participativo de implicación con la comunidad. Originado como un *workshop* de encuentro de Arquitectura Expandida en Bogotá, Colombia, el parque fue construido por Todo Por La Praxis con la población y otros colectivos, para dar nuevas vidas al espacio público ya existente. El proyecto es una intervención arquitectónica simple, adaptando espacios y mobiliario público a bajo coste, en un corto espacio de tiempo, potenciándolo. Alaska propone una intervención que beneficia el complejo del parque infantil, con técnicas constructivas próximas al *do-it-yourself*, aproximándose de las capacidades técnicas de los participantes. IM

164

Escuela Nueva Esperanza
AL BORDE ARQUITECTOS
O desenho deste espaço responde à dinâmica ativa do projeto educativo: um lugar que fomente a aprendizagem através da ação e relação íntima com o ambiente natural que a rodeia. Pretende-se gerar um espaço que estimule a imaginação e a criatividade das crianças. O projeto utiliza os materiais e a lógica construtiva com que a comunidade tem vindo a construir há anos as suas casas: base de madeira sobre palafitas, paredes de bambu, estrutura de madeira e o teto tecido com palha entrançada ou em cadeia. Crianças e pais orgulham-se da sua escola, a mudança que significou um estímulo para a união e impulso para a autoestima da comunidade. PAB

El diseño de este espacio responde a la dinámica activa del proyecto educativo: un lugar que fomente el aprendizaje por medio de la acción y la relación íntima con el ambiente natural que la rodea. Se busca generar un espacio que estimule la imaginación y la creatividad de los niños. El proyecto utiliza los materiales y la lógica constructiva con que la comunidad ha venido construyendo por años sus casas: base de madera sobre pilotes, paredes de caña, estructura de madera y techo tejido con paja toquilla o cade. Niños y padres se enorgullecen de su escuela, del cambio que ha significado, como estímulo para la unión e impulso para la autoestima de la comunidad. PAB

170

Alcochete, Colunas de terra e Garrano
PLANO B
Pondo em causa o fosso instituído com a modernização entre tecnologias ancestrais e modernas, as propostas do Plano B têm revelado o campo potencial entre ambos, sem cair na ânsia do novo nem na nostalgia do tradicional. Em pequenas intervenções exploram as possibilidades dos processos construtivos disponíveis, numa abordagem assumidamente *low-tech*. Mas os seus projetos não se apresentam como meros resultados objetuais ou realidades espaciais. Não deixando de o ser, afirmam-se essencialmente como processos em que o relacionamento entre os intervenientes e a participação coletiva nas tarefas construtivas se revelam como formas provisórias de partilha comunitária. LSB

Poniendo en causa la brecha instituida con la modernización entre tecnologías ancestrales y modernas , las propuestas de Plano B nos han descubierto un campo potencial entre ambos, sin caer en el ansia de lo nuevo ni en la distancia de lo tradicional. Mediante pequeñas intervenciones exploran las posibilidades de los procesos constructivos disponibles, bajo un enfoque *low-tech* asumido. Pero sus proyectos no se presentan como meros resultados objetuales o realidades espaciales. No dejando, sin embargo de serlo, se reafirman esencialmente como meros procesos en los que la relación entre intervinientes y la participación colectiva en la tareas constructivas, se revelan como formas temporales del compartir comunitario. LSB

Estrada Militar
MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTURA

INVESTIGAÇÃO – INVESTIGACIÓN Paul Goodwin, Mónica de Miranda
DIRECÇÃO ARTISTICA, CONCEITO GERAL DO PROJECTO E FOTOGRAFIA – DIRECCIÓN ARTÍSTICA, CONCEPTO GENERAL DEL PROYECTO Y FOTOGRAFÍA Mónica de Miranda
CONCEITO E PRODUÇÃO DO MAPA – CONCEPTO E PRODUCCIÓN DEL MAPA Artéria

LISBOA, PORTUGAL, 2009

Mónica de Miranda, 2009, Portugal. Projeção vídeo, HDV, PAL, 4:8, cor, estéreo, 20'21", transferido para DVD.

Estrada Militar é um vídeo sobre uma viagem que traça, como que numa busca arqueológica, a paisagem da antiga Estrada Militar de Lisboa, construída em torno da cidade. No passado, era usada para proteger Lisboa contra as invasões francesas e inglesas. Atualmente parte desta estrada desapareceu, mas naquilo que são os seus restos, ela prolonga-se por 45km à volta da cidade e é ocupada por bairros sociais e *guetos*.

A estrada, nos nossos dias, continua de certo modo a ser uma espécie de fronteira que "protege" a cidade contra invasões estrangeiras; sustém um significativo número de imigrantes de popular a cidade, obrigando-os a permanecerem na periferia de Lisboa, no seu limite, no limbo da vida na cidade.

Este trabalho foi realizado a partir de uma colaboração com associações de caráter social, residentes desses bairros e amigos e familiares. O trabalho é em si mesmo uma viagem realizada e por alguns desses elementos, explorando assim o duplo significado e a ironia das antigas invasões territoriais, e dos atuais conflitos urbanos, próprios de alguns desses lugares.

O principal foco deste trabalho é o modo como a cidade progride e se transforma, e o impacto que estas transformações têm tanto na cultura local como na nacional.

Estrada Militar pretende tornar visível a população imigrante que vive na periferia de Lisboa, fora da denominada Estrada Militar construída para defender a cidade das invasões no princípio do séc. XIX. O "Forte da Europa" encontra aqui um território histórico que protege a cidade de novas invasões estrangeiras, mas onde podemos encontrar, talvez por serem arredores e margens inacabadas e em permanente reconstrução, outras formas de urbanidade que redefinem constantemente a cultura e a identidade dos lugares e das pessoas. MÓNICA DE MIRANDA

Estrada Militar es un video sobre un viaje que traza, como si fuera un búsqueda arqueológica, el antiguo paisaje de la carretera militar de Lisboa, construida en torno a la ciudad. En el pasado, esta era usada para proteger la ciudad de Lisboa de la invasiones francesas e inglesas. Actualmente parte de esta carretera ya ha desaparecido, pero todos aquellos restos que todavía existen, prolongan se lo largo de 45 Km alrededor de la ciudad ocupada por barrios sociales y *guettos*.

La carretera, hoy en día, continua siendo, en cierto modo, una especie de frontera que "protege" la ciudad de invasiones extranjeras; retiene un sustantivo número de inmigrantes que vienen a poblar la ciudad, obligándolos a permanecer en la periferia, en el limite, en el limbo de la vida en la ciudad.

Este trabajo fue realizado a partir de la colaboración con una de las asociaciones de carácter social residente en estos barrios y amigo y familiares de la autora. El trabajo es en sí mimo un viaje realizado por la artista y algunas de estas personas, explorando de este modo el doble significado y la ironía de las antiguas invasiones territoriales, sus actuales conflictos urbanos y los propios de algunos de estos lugares.

El principal foco de este trabajo es el modo como la ciudad avanza y se transforma, y el impacto que estas transformaciones significan en la cultura local como en la nacional.

Estrada Militar pretende hacer visible la población inmigrante que allí vive, al igual que la antigua carretera militar construida para defender la ciudad de las invasiones de principio del siglo XIX. El "Forte da Europa", encuentra aquí un territorio histórico que protege la ciudad de nuevas invasiones extranjeras, pero donde podemos encontrar, tal vez por ser alrededores y márgenes inacabadas y en permanente construcción y reconstrucción, otras formas de urbanismo que redefinen constantemente la cultura y la identidad de los lugares y de las personas.

MÓNICA DE MIRANDA

Arquipélago I é uma cartografia ficcionada para auscultar o devir dos bairros de génese ilegal, que ao largo de Lisboa, se foram fixando em *terrain vague*, ocupando vazios expectantes ao longo da via ferréa e de outras vias estruturantes como a antiga Estrada Militar. Bairros cuja directiz foi a necessidade e onde a unidade, a casa, desenhou as ruas que deram forma a territórios improvisados, exílios no interior da própria cidade, como a Estrela de África, a Cova da Moura, o Talude ou o Fim do Mundo. Bairros invisíveis, improváveis até, cujas identidades foram sucessivamente ficcionadas e construídas a partir dos seus nomes.

Archipiélago I es una cartografía de ficción para auscultar el devenir de los barrios de génesis ilegal, que a lo largo de Lisboa, se fueron fijando en un "terrain vague", ocupando vacíos expectantes junto a los raíles de tren y de otras vías estructuradoras como la antigua Carretera Militar. Barrios cuya directriz fue la necesidad y donde la unidad, la casa, dibujó las cales que dieron forma a territorios improvisados, exilios en el interior de la propia ciudad, como Estrela de África, Cova da Moura, el O Talude o O Fim do Mundo. Barrios invisibles, incluso improbables, cuyas identidades fueron sucesivamente ficcionadas y construidas a partir de sus nombres.

Conceito e produção de Artéria e fotografia de Mónica de Miranda.
Concepto e producción Artéria y fotografía de Mónica de Miranda.

La Torre de David
ÁNGELA BONADIES & JUAN JOSÉ OLAVARRÍA

1989
Consolida-se na Venezuela o consórcio Confinanzas formado por empresas financeiras e de serviços. O seu líder, o empresário David Brillembourg, encomendou ao gabinete do arquiteto Enrique Gomez o projeto de um arranha-céus de 45 andares para sede do grupo.

Brillembourg pertencia a um grupo de empresários que, graças ao *boom* bolsista dos anos 80, acumulara uma fortuna impressionante com a qual decidiu, juntamente com outros banqueiros, investir num projeto urbano para transformar essa zona central de Caracas num *boulevard* financeiro ao estilo de Wall Street. Apelidaram-no de "Rei David" das finanças venezuelanas, pelo que a sua torre foi batizada *A Torre de David*, desde o início de sua construção.

David Brillembourg. Fotografía de Ricar2.

Se consolida en Venezuela el consorcio Confinanzas conformado por empresas financieras y de servicios. Su líder, el empresario David Brillembourg, encargó a la oficina del arquitecto Enrique Gómez el diseño de un rascacielos de 45 pisos que funcionaría como sede del grupo.

Brillembourg pertenecía a un grupo de empresarios que, gracias al boom bursátil de los años 80, había amasado una fortuna impresionante, parte de la cual decidió invertir en un proyecto urbano, junto a otros banqueros, que convertiría esa zona central de Caracas en un bulevar financiero al estilo de Wall Street. Él fue llamado el "Rey David" de las finanzas venezolanas y por ello su torre fue bautizada, desde el inicio de su construcción, como *La Torre de David*.

1990
Deu-se início à construção do "Centro Financeiro Confinanzas" na altura definido pela empresa como "a concretização de um grande conceito englobando inovação tecnológica, engenharia, *design* e funcionalidade, com grande dimensão, tanto em termos de estrutura como de investimento". Foi considerado o maior complexo privado da América Latina, com 75 000 m² de área construída e um investimento superior a 5 700 milhões de bolívares. O centro financeiro iria conter 30 000 m² de escritórios, um hotel de 5 estrelas com 210 quartos, um edifício de 81 *apart-suites*, um parque de estacionamento de 12 pisos, uma praça climatizada de 1 500 m² e um grande átrio comercial. O aspeto exterior era uma mistura de betão com enormes fachadas de vidro, ou *curtain-wall*/parede-cortina, coroado por um heliporto: o terceiro edifício mais alto da Venezuela – a seguir às duas torres do Parque Central – e o oitavo maior da América Latina.

Caracas cenital. Fotografías de Nicola Rocco.

Se inició la construcción del "Centro Financiero Confinanzas", definido en su momento por la empresa como "la concreción de un gran concepto que engloba innovación de tecnología, ingeniería, diseño y funcionalidad, con altas dimensiones tanto en estructura como en inversión". Se consideraba el complejo privado más grande de Latinoamérica, con 75 000 m² de construcción y una inversión que superaba los 5 700 millones de bolívares. El centro financiero iba a albergar 30 000 m² de oficinas, un hotel 5 estrellas de 210 habitaciones, un edificio de 81 aparto-suites, un estacionamiento de 12 pisos, una plaza climatizada de 1 500 m² y un gran atrio comercial. El aspecto exterior mezclaba hormigón con inmensas fachadas de vidrio o *curtain-wall*, coronado por un helipuerto: el tercer edificio más alto de Venezuela – después de las dos torres de Parque Central – y el octavo de Latinoamérica.

1993 – 1994
Em 1993 morre David Brillembourg e, em 1994, o Confinanzas abre falência, juntamente com um numeroso grupo de entidades bancárias que sofreram as sanções exercidas pelo governo de Rafael Caldera. Nesse mesmo ano, a construção da "torre" é suspensa ficando incompleta. Por acabar ficaram, principalmente, as instalações elétricas e sanitárias.

Caracas cenital. Fotografía de Nicola Rocco.

Muere David Brillembourg en el año 1993 y en 1994 Confinanzas quiebra, junto con un numeroso grupo de entidades bancarias que sufrieron las sanciones ejercidas por el gobierno de Rafael Caldera. Ese mismo año se paraliza la construcción de "la torre", que queda incompleta. Quedaron inconclusas, principalmente, las instalaciones eléctricas y sanitarias.

1994 –
O consórcio foi intervencionado pelo Estado e passando para o Fogade (Fondo de Garantías de depósitos y protección bancaria), instituição do Estado, que o colocou em leilão internacional, não tendo, no entanto, concretizado qualquer venda.

A partir de 2 000, a torre abandonada começou a ser saqueada: arrancaram-lhe grande parte dos vidros para retirar a armação de metal que podia ser vendido e reciclado. A torre deteriorou-se sob o olhar indiferente da população de Caracas, com exceção dos habitantes da zona, que sofriam diretamente com os problemas provocados pela esquecida construção gigante.

O que prometia ser um projeto modernizador para valorizar os terrenos e casas da zona circundante, como por exemplo o bairro Sarria, revelou-se um problema muito complicado.

El consorcio fue intervenido por el Estado y pasó a manos de Fogade (Fondo de Garantías de depósitos y protección bancaria), institución estatal que la puso en subasta internacional sin concretar ninguna venta.

A partir del año 2000 la torre abandonada empezó a ser saqueada: le arrancaron buena parte de los vidrios para obtener el marco metálico que podía ser vendido y reciclado. La torre se deterioró ante la mirada, bastante apática, de la población de Caracas, excepto la de los vecinos de la zona, que sufrían en directo los problemas que generaba la gigante y olvidada construcción.

Lo que prometía ser un proyecto modernizador que aumentaría el precio de los terrenos y casas de la zona circundante, como por ejemplo el barrio Sarría, se convirtió en un empinado problema.

2007
Uma série de famílias e indivíduos, levados pela necessidade e paradoxalmente empurrados pelo discurso e pela falta de resposta por parte do governo, organizaram-se para ocupar a torre e aí construir as suas casas.

Una serie de familias e individuos, empujados por la necesidad e instados, paradójicamente, por el discurso y la falta de respuesta del gobierno, se organizaron para ocupar la torre y construir dentro sus casas.

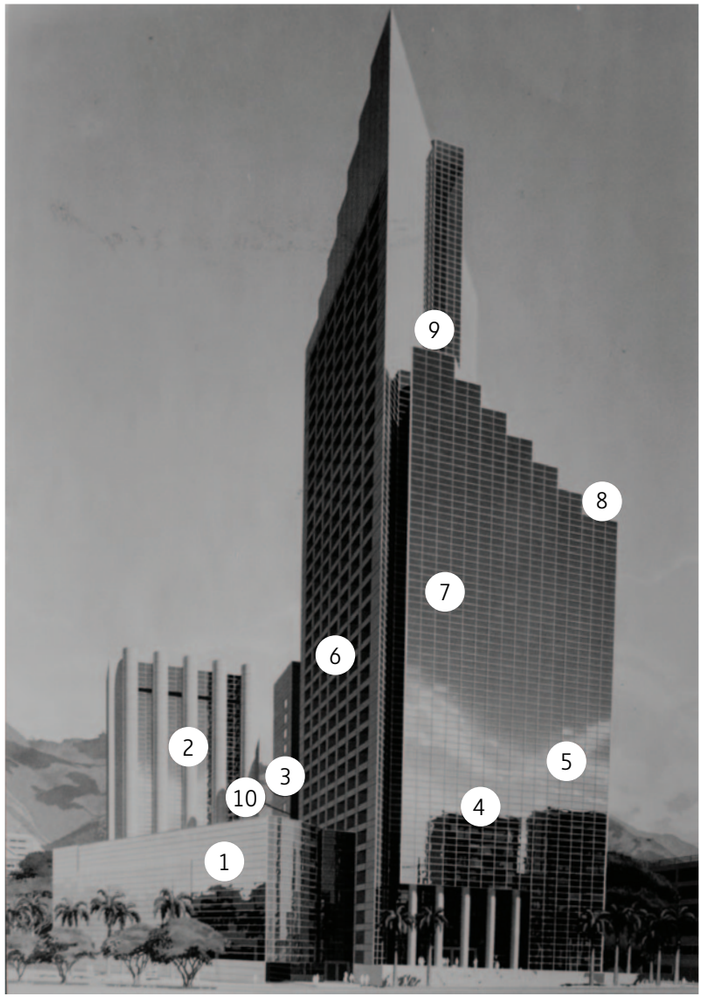
2012
Cerca de três mil pessoas vivem na torre ao abrigo da cooperativa habitacional "Casiques de Venezuela", cujo líder espiritual e da comunidade é Alexander Daza, de 34 anos, conhecido como "El Niño", chefe e pastor evangélico de La Torre de David. Ao entrar na torre, esta desaparece e só vemos partes da mesma. Parece um bairro ou favela diferente, vertical, com corredores de betão em vez de calçada, com uma entrada e uma saída. Para conhecer a torre é necessário conhecer uma favela e compreender a estrutura de uma prisão venezuelana, dois conceitos e tecidos ali reunidos. A torre é, por conseguinte, simultaneamente várias coisas: um edifício, um bairro, uma prisão, uma igreja, um hotel. Existem dogmas e regras, mas nenhuma Constituição.

La Torre de David é um ícone que representa os últimos 30 anos da Venezuela: da promessa de modernização através do capital à promessa revolucionária através do Estado. Paralelamente, e alargando o conceito, a torre é a imagem do nosso projeto moderno, que estala perante o contrastante de situações pré e pós-modernas. É uma situação que ultrapassa os limites entre ficção e realidade e entre conceitos tão essenciais como amparo-desamparo, segurança-insegurança, parede-cortina, janela-vazio, urbano-rural.

Alrededor de tres mil personas viven en la torre amparadas bajo la figura jerárquica de la cooperativa habitacional "Casiques de Venezuela", la cual tiene como líder comunal y espiritual a Alexander Daza, de 34 años, conocido como "El Niño", jefe y pastor evangélico de La Torre de David.

Al entrar en la torre ella desaparece y sólo vemos fragmentos. Aparece un barrio o *favela* diferente, vertical, con pasillos de concreto en vez de veredas, con una entrada y una salida. Para conocer la torre hay que conocer una *favela* y entender la estructura de una cárcel venezolana, dos conceptos y tejidos que allí se unen. La torre entonces es varias cosas a la vez: un edificio, un barrio, una cárcel, una iglesia, un hotel. Hay dogmas y normas, no Constitución.

La Torre de David es un ícono que representa los últimos 30 años de Venezuela: de la promesa modernizadora desde el capital, a la promesa revolucionaria desde el Estado. También, extendiendo el concepto, la torre es la imagen de nuestro proyecto moderno, que estalla en el contraste de situaciones pre y post modernas. Es un relato que vulnera los límites entre ficción y realidad y entre significados tan básicos como amparo-desamparo, seguridad-inseguridad, pared-cortina, ventana-vacío, urbano-rural.

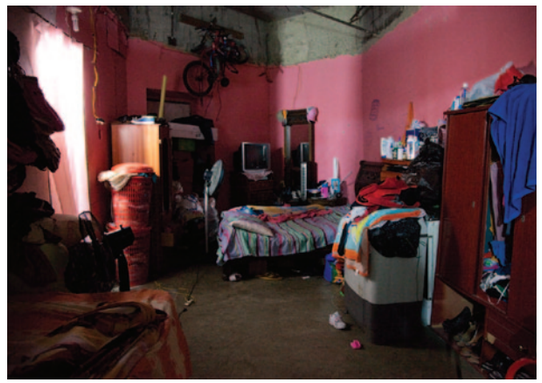


Arquivo – Archivo, Enrique Gómez Arquitectos

1

9

7



4

8

3

6

5

10

2

Growing House
URBAN–THINK TANK

CARACAS, VENEZUELA, 2005, 2009

O conceito da Growing House
Este projeto de cariz experimental para habitação de emergência oferece a uma população de recursos financeiros extremamente limitados uma perspetiva muito diferente do desenvolvimento habitacional.

O projeto questiona o dogma da arquitetura convencional e concebe habitações de baixo custo através de uma abordagem de crescimento ao prever a construção parcial da casa e da sua posterior expansão (*Do It Yourself*) de acordo com as necessidades pessoais e possibilidades financeiras dos residentes.

As instituições bancárias e o mercado imobiliário têm muito poucos produtos adaptados às necessidades reais da população urbana de grande densidade. Em consequência disso, os habitantes inventam as suas próprias soluções.

Vemos este projeto como um projeto de iniciativa rural, baseado no conceito das habitações de crescimento flexível. O conceito é semelhante ao de *sites and services* na Índia, mas com uma disposição vertical.

Por outras palavras, a intenção foi projetar a estrutura em betão, eletricidade, águas e esgotos para cada um dos andares e permitir aos residentes dos apartamentos a compartimentação e acabamento do *layout* do espaço. O aumento da estrutura de betão no sentido vertical e a utilização de sistemas modulares em aço entre os diversos andares conferem ao projeto a flexibilidade para adaptações futuras.

Ocupação + expansão da cidade informal
Ao usar como exemplo as lições das cidades informais estas imagens ilustram o processo inacabado da invasão/ocupação, construção e expansão característica dos *barrios*.

"Vamos buscar inspiração às ocupações da cidade informal." É comum trabalhadores da construção fazerem casas temporárias no interior das estruturas gigantescas de prédios em cuja edificação eles próprios trabalharam.

Se o projeto é suspenso ou cancelado, as casas temporárias tornam-se permanentes e a torre transforma-se num bairro vertical.

No lugar da fachada cortina, vemos paredes de tijolo vermelho.

O projeto de expansão habitacional *inavi*, a história de Alicia
"Estávamos no segundo andar da casa, sentados e a conversar." Alicia diz estar feliz. A sua casa está no limite da zona residencial, o que lhe permitiu aumentá-la. Além disso, a sua localização estratégica dá-lhe acesso direto à estrada que fica por baixo. O único problema parecia ser o poste de eletricidade no meio da casa. Nas obras de expansão ela construíra em torno do poste e agora, por essa razão, não podia fazer um terceiro andar. Quando veio morar para aqui não imaginava que um dia viria a ter a sorte de poder continuar a construir a sua casa – e a sua vida.

EXPANSÃO DA CASA INAVI primeira fase, unidade de habitação original construída em 1980; segunda fase, projeto de expansão; terceira fase, expansão construída em 2005. Ampliación de la casa INAVI primera fase, la vivienda original fue construida en 1980; segunda fase, proyecto de expansión; tercera fase, expansión construida en 2005.

El concepto de la *Growing House*
Este proyecto de cariz experimental para vivienda de emergencia ofrece a una población de recursos financieros extremadamente limitados una perspectiva muy diferente del desarrollo de una vivienda.

El proyecto cuestiona el dogma de la arquitectura convencional y concibe viviendas de bajo coste a través de un abordaje del crecimiento, pues prevé la construcción parcial de la casa y de su posterior expansión (*Do It Yourself*) de acuerdo con las necesidades personales y posibilidades financieras de los residentes.

Las instituciones bancarias y el mercado inmobiliario tienen muy pocos productos adaptados a las necesidades reales de la población urbana de gran densidad. Por ese motivo, los habitantes inventan sus propias soluciones.

Vemos este proyecto como un proyecto de iniciativa rural, basado en el concepto de vivienda de crecimiento flexible. El concepto es semejante al de *sites and services* en la India, pero con una disposición vertical.

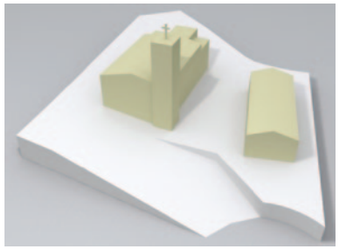
En otras palabras, la intención fue proyectar la estructura de hormigón, electricidad, aguas y desagües para cada uno de los pisos y permitir a los residentes de los apartamentos la compartimentación y el acabamiento y la disposición del espacio. El aumento de la estructura en hormigón en sentido vertical la utilización de sistemas modulares en acero entro los diversos pisos otorgan al proyecto la flexibilidad necesaria para adaptaciones futuras.

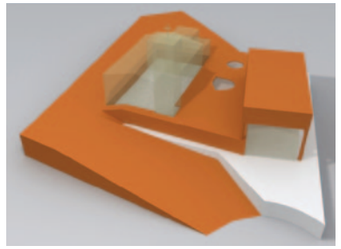
Ocupación + expansión de la ciudad informal
Al usar como ejemplo las lecciones de ciudades informales, estas imágenes ilustran el proceso inacabado de la invasión/ocupación, construcción y expansión característica de los barrios.

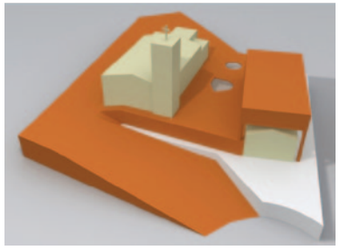
"Vamos a buscar la inspiración en las ocupaciones de la ciudad informal." Es común que trabajadores de la construcción hagan casas temporales en el interior de estructuras gigantescas de edificios en cuya edificación ellos propios trabajan.

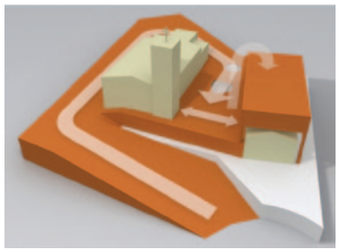
Si el proyecto es suspendido o cancelado estas casas temporales se vuelven permanentes y la torre se transforma en un barrio vertical. En lugar de la fachada cortina, vemos paredes de ladrillo rojo.

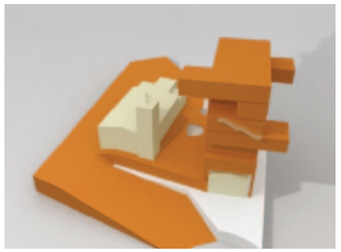
El proyecto de expación de la vivienda *inavi*, la historia de alicia
"Estábamos en el segundo piso de la casa, sentados conversando." Alicia dice estar feliz. Su casa está en límite de la zona residencial, lo que le permite aumentarla. Además, su localización estratégica le da acceso directo a la carretera que va por debajo. El único problema parece ser el poste de electricidad por medio del salón de la casa. En las obras de expansión ella construyó en torno al poste y ahora, por esa razón, no podía hacer un tercer piso. Cuando vino a vivir aquí, no imaginaba la suerte que un día tendría, de poder continuar construyendo su casa — y su vida.











Estratégia *(UP+DOWN+AROUND)*

IGLESIA ANGLICANA, 2005
CLIENTE ST. MARY ANGLICAN CHURCH

Em 2003, foi dada a oportunidade à equipa da U-TT de realizar um projeto experimental para uma torre de habitação numa igreja em Caracas, com o objetivo de providenciar alojamento de emergência para os habitantes das favelas. A congregação pretendia proporcionar abrigo para os membros da sua comunidade que ficassem desalojados na eventualidade de desastres naturais semelhantes aos desabamentos de terras de 1999, que deixaram sem casa quase 100000 venezuelanos.

Aceitámos este projeto pela oportunidade de criar a *Growing House*. Tal como o nome sugere, produzimos um protótipo para casas expansíveis usando como modelo o tipo de desenvolvimento já em prática nas favelas locais com a vantagem de ter um esqueleto seguro e planificado. Foi dada nova forma ao solo onde se encontrava a igreja, com novos planos no subsolo e espaços públicos no piso superior através da construção de uma plataforma a ligar a igreja e a zona de abrigo. Reconfigurámos pontos de acesso aos novos espaços no subsolo de modo a combinar as áreas de acesso com as áreas públicas.

Colocámos a zona de alojamento sobre a casa paroquial, apesar de apenas existir um piso, o que reflete a necessidade atual controlada destas unidades. Quando for necessário expandir a zona de alojamento, a estrutura poderá suportar até sete pisos de instalações equipadas e inteiramente adaptáveis. O chão é em chapas de aço, permitindo o ajuste de cada piso à configuração desejada pelos futuros residentes.

O solo original foi alterado com novas áreas no subsolo e novos espaços públicos criados no piso superior através da construção de uma plataforma de ligação entre a igreja e os espaços sociais. O acesso ao subsolo foi reconfigurado para ser feito a partir das traseiras do edifício e assim libertar a ligação ao espaço público. O alojamento foi construído sobre a casa paroquial, recriando o conceito da casa em crescimento característica da expansão dos *barrios*.

Vista da igreja e da expansão sobre a casa paroquial. Vista de la iglesia y la expansión de la rectoría.

Estrategia *(UP+DOWN+AROUND)*

IGLESIA ANGLICANA, 2005
CLIENTE ST. MARY ANGLICAN CHURCH

En 2003 le fue dada la oportunidad al equipo de U-TT de realizar un proyecto de viviendas en una iglesia de Caracas, con el objetivo de providenciar alojamiento de emergencia para los habitantes de las *favelas*. La congregación pretendía proporcionar abrigo para los miembros de su comunidad que eventualmente se quedasen sin hogar por los desastres naturales semejantes a los movimientos de tierra de 1999, que dejaron sin casa a cerca de 100000 venezolanos.

Aceptamos este proyecto por la oportunidad de crear la *growing house*. Tal como el propio nombre sugiere, creamos un prototipo para casas expansibles usando como modelo el tipo de desarrollo ya practicado en la *favelas* locales con la ventaja de tener un esqueleto seguro y planificado. Le fue dada nueva forma el suelo donde se encontraba la iglesia, con nuevos planos en el subsuelo y espacios públicos en el piso superior a través de la construcción de una plataforma para conectar la iglesia y la zona de abrigo. Reconfiguramos puntos de acceso a los nuevos espacios en el subsuelo de modo a mezclar las áreas de acceso con las áreas públicas.

Colocamos la zona de alojamiento sobre la casa parroquial, a pesar de existir apenas un piso, lo que refleja la necesidad actual controlada de estas unidades. Cuando fuera necesario expandir la zona de alojamiento, la estructura podrá soportar hasta siete pisos de instalaciones equipadas y enteramente adaptables. El suelo es en chapa de acero, permitiendo el ajuste de cada piso a la configuración deseada por los futuros residentes.

El suelo original fue alterado con nuevas áreas en el subsuelo y nuevos espacios públicos creados en el piso superior a través de una plataforma de conexión entre la iglesia y los espacios sociales. El acceso al subsuelo fue reconfigurado para ser hecho por la traseras del edifico y así liberar la conexión con el espacio público. El alojamiento fue construido sobre la casa parroquial, recreando el concepto de la casa en crecimiento característica de la expansión de los barrios.

TEATROS, 2009
CLIENTE C.A. METRO DE CARACAS

Este edifício constitui o último dos projetos a ser desenvolvido em torno do conceito *growing house*. O seu âmbito é mais formal do que o seu antecessor, mantendo, no entanto, os alojamentos e os espaços sociais.

O edifício *Teatros* oferece serviços sociais importantes para as zonas circundantes, agregando funções de um modo inovador. Existe uma combinação de diversos serviços, incluindo jardim de infância, clínicas publicas, instalações desportivas, comércio, espaços culturais e serviços públicos. Estas atividades e serviços encontram-se sobrepostos, em pisos diferentes e ligados no interior do edifício.

No âmbito desta torre reinventámos o espaço residencial modernista ao fazermos a ligação entre habitações e espaços de produção flexíveis que tomam a aparência de um aglomerado de espaços públicos organizados em espiral no interior do edifício. Trata-se de uma adoção da tipologia de *barrio* em que as ruas são uma extensão da casa, em que as unidades de habitação e as áreas produtivas públicas se interligam formam um corpo único. URBAN THINK TANK

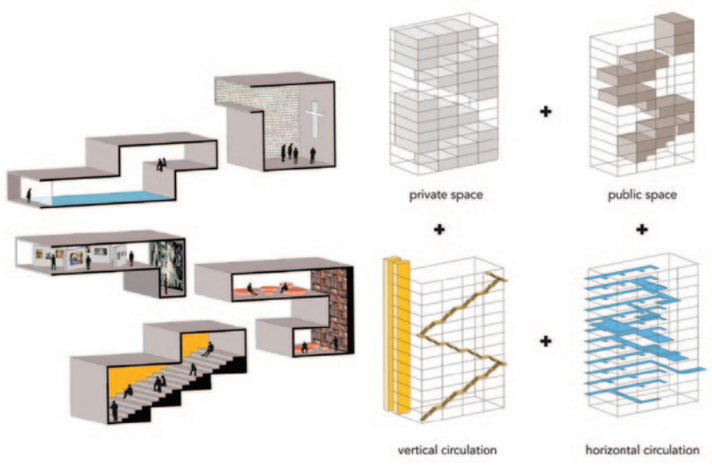
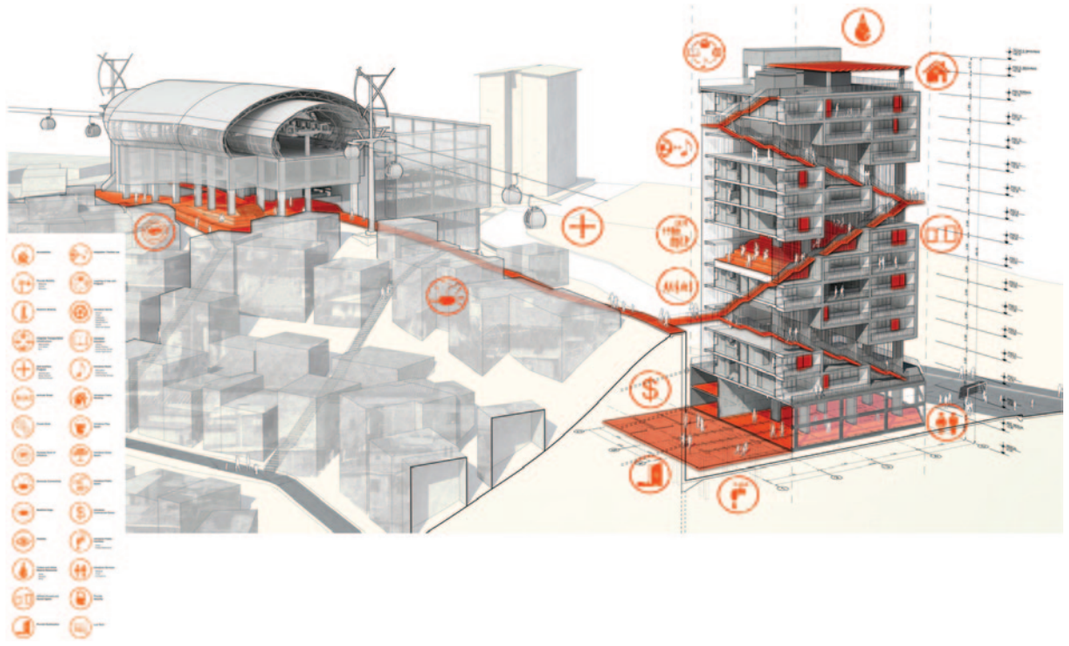
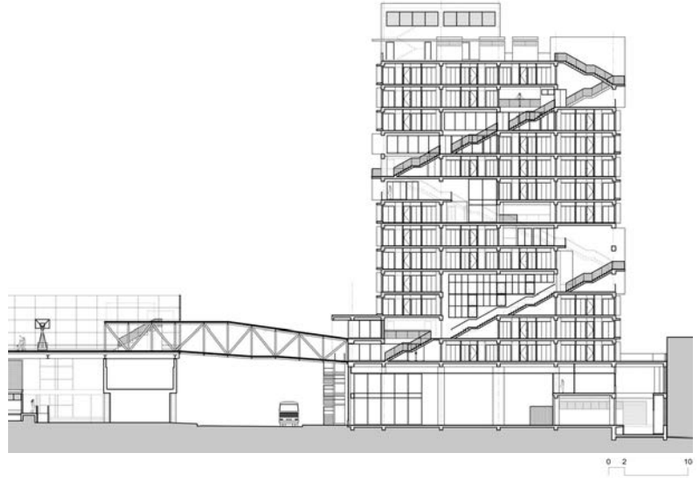


Diagrama de habitação e espaços públicos.
Diagrama de la vivienda y los espacios públicos.





TEATROS, 2009
CLIENTE C.A. METRO DE CARACAS

Este edificio constituye el último de los proyectos a ser desarrollados en torno al concepto *growing house*. Su ámbito es más formal que el anterior, manteniendo sin embargo, los alojamiento y los espacios sociales.

El edificio *Teatros* ofrece servicios sociales importantes para las zonas circundantes, agregando funciones de un modo innovador. Existe una combinación de diversos servicios, incluyendo jardín de infancia, clínicas públicas, instalaciones deportivas, comercio, espacios culturales y servicios públicos. Estas actividades y servicios se encuentran sobrepuestos, en pisos diferentes y conectados por el interior del edificio.

En el ámbito de esta torre reinventamos el espacio residencial modernista al hacer la conexión entre viviendas y espacios de producción flexibles que toman la apariencia de un aglomerado de espacios públicos organizados en espiral dentro del edificio. Se trata de la adopción de una tipología de barrio en el cual las calles son la expansión de la casa, y donde las unidades de vivienda y las áreas productivas públicas se intercalan formando un cuerpo único. URBAN THINK TANK

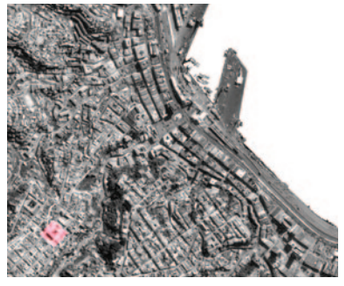
Unión Obrera
BORDE URBANO CONSULTORES

Reabilitação da Povoação Operária da União Valparaíso
O Edifício da Población Unión Obrera, localiza-se na cidade de Valparaíso, situada 120 Km a Noroeste de Santiago de Chile, junto à costa. A povoação estimada é de aproximadamente 300000 habitantes, que, na sua maioria, vivem nas 42 colinas que rodeiam a baía, fazendo de Valparaíso um grande anfiteatro natural. Porto estratégico entre os séculos XVIII e XIX, Valparaíso foi o principal centro comercial e financeiro do Chile até à abertura do Canal do Panamá em 1914. Em 2003 a UNESCO declarou o centro histórico da cidade Património Cultural da Humanidade, por ser "um testemunho precoce excecional da globalização ocorrida no final do século XIX" (UNESCO, Justificação por inscrição, Critério III) resultante das trocas comerciais e culturais geradas pelo porto nessa altura.

1990

Rehabilitación de la Población Obrera de la Unión Valparaiso
El Edificio de la Población Unión Obrera se emplaza en la ciudad de Valparaíso, que está situado a 120 Km al Noroeste de Santiago de Chile, en la costa. Se estima una población de cerca de 300.000 habitantes, los cuales viven en su mayor parte en los 42 cerros que rodean la bahía, haciendo de Valparaíso un gran anfiteatro natural. Puerto estratégico entre los siglos XVIII y XIX, Valparaíso fue el principal centro comercial y financiero de Chile, hasta la apertura del canal de Panamá en 1914. En el año 2003, la Unesco declaró el casco antiguo de la ciudad como Patrimonio Cultural de la Humanidad, por ser "un testimonio excepcional de la tempranera mundialización del fin del siglo XIX" (UNESCO, Justificación por inscripción, Criterio III), resultado de los intercambios comerciales y culturales generados por el puerto a esta época.

1980

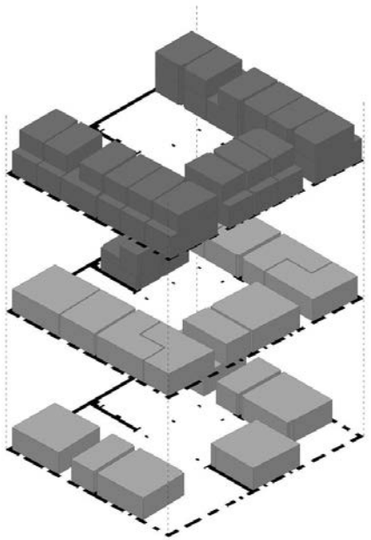


2007
Inicio del proyecto
El edificio es habitado por 28 familias dueñas del terreno, mas 6 familias allegadas. Se postula colectivamente al subsidio habitacional para familias vulnerables sin capacidad de endeudamiento que ofrecía el Ministerio de Vivienda y Urbanismo de Chile, con el fin de restaurar integralmente el edificio. El equipo multidisciplinario propone una metodología participativa que contempla encuestas y entrevistas a todas las familias, talleres en grupo de formación abiertos a toda la comunidad y reuniones con los dirigentes sobre el avance del proyecto. Los arquitectos habilitan una oficina en el mismo inmueble, con el fin de observar directamente la forma en que convivían los habitantes. Luego de la formulación del anteproyecto, se inicia una etapa de trabajo participativo, en una mesa técnica en la que intervienen representantes de las instituciones gobernamentales, el equipo de arquitectos y la asistencia técnica, así como el Comité de Vivienda de la Unión Obrera.

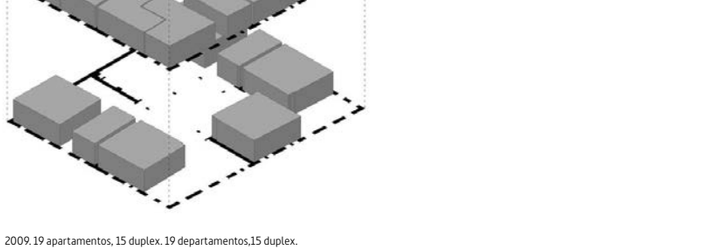
La clave para diseñar el proyecto la entrega el mismo edificio y el modo en que las familias lo habitan, los separación de interiores, módulos apropiados y modificados por las mismas. Para la rehabilitación, se aplicaron conceptos específicos, entre otros, el de la mínima intervención: "todo lo necesario, pero lo mínimo posible"; el de la honestidad de la intervención, no "a la usanza de"; y el de la utilización del edificio como "cantera", es decir, los materiales liberados por razones técnicamente justificadas se reutilizaron en la obra, lo que aseguró el empleo de materiales de primera calidad y plenamente compatibles con la estructura original.

2007
Início do projeto
O edifício é habitado por 28 famílias proprietárias do terreno, e ainda por 6 famílias com um grau de parentesco. É requerido coletivamente o subsídio de habitação para famílias vulneráveis sem capacidade de endividamento, concedido pelo Ministério da Habitação e Urbanismo do Chile, com o objetivo de reabilitar totalmente o edifício. A equipa multidisciplinar propõe uma metodologia participativa que inclui inquéritos e entrevistas a todas as famílias, *workshops* de grupos de formação abertos a todos os moradores e reuniões com os dirigentes sobre o avanço do projeto. Os arquitetos instalam um gabinete no mesmo edifício, para lhes permitir observar diretamente a forma como os habitantes convivem entre si. Desde o início da elaboração do anteprojeto, inicia-se uma fase de trabalho participativo, no âmbito de uma comissão técnica na qual intervêm representantes das instituições governamentais, a equipa de arquitetos e o grupo de assistência técnica, bem como o *Comité de Vivienda de la Unión Obrera*.

A chave da conceção do projeto reside justamente no próprio edifício e no modo como as famílias nele vivem, na divisão dos interiores e nos módulos apropriados e por elas modificados. Para a reabilitação, aplicaram-se conceitos específicos, designadamente, o da intervenção mínima: "tudo o que seja necessário, mas o mínimo possível"; o da honestidade da intervenção, não "ao estilo de"; e o da utilização do edifício como "pedreira", ou seja, os materiais retirados por razões tecnicamente justificadas foram reutilizados na obra, o que assegurou o emprego de materiais de primeira qualidade, totalmente compatíveis com a estrutura original.



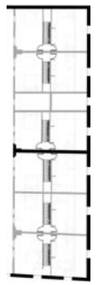
2009. 19 apartamentos, 15 duplex. 19 departamentos,15 duplex.



Piso 1.

Piso 2.

Piso 3.



Piso 4.

A participação como eixo da criação arquitetónica experiências no resgate patrimonial do edifício da POU

A metodologia participativa como meio de questionar o habitual posicionamento que caracteriza os projetos de habitação social na realidade nacional e, em geral, como tópico que deturpa a lógica representativa dos programas e políticas das entidades governamentais. Deste modo, ao interiorizarmos uma dinâmica participativa, somos levados a focar-nos ou a redirecionar, por uma lado, a nossa abordagem epistemológica, e, por outro, a traçar uma estratégia analítica de acordo com a realidade dos membros da *Población Obrera La Unión* (POU).

Partindo do princípio de que as correntes sócio-culturais que influenciam as formas de agir dos organismos do Estado, neste caso o MINVU, estão desvinculados da realidade social local, a aposta de elaborar um projeto de restauro patrimonial participativo decorre principalmente da necessidade de reavaliar a ligação do indivíduo, incluindo o seu universo criativo, das suas necessidades e das suas experiências espaciais, à conceção material da cidade, ou seja, às estruturas que determinam o modelo urbanístico portenho. Assim sendo, tomando como ponto de partida a opinião dos habitantes da POU, iniciou-se um processo de desenvolvimento criativo entre os moradores do bairro e a equipa multidisciplinar de bordeURBANO.

Outro dos atores que favoreceu este processo foi a oficina de Ação Comunitária (TAC), que desde o início dos anos 80 realizava intervenções na realidade do setor através de *workshops* e atividades sociais.

Em linhas gerais, este processo potencializou ou reforçou a aquisição e o desenvolvimento das capacidades dos atores sociais envolvidos nesta experiência, impulsionando um processo de apropriação comunitária que, não só se revelou na capacidade de elaborar propostas para o desenvolvimento do projeto em si, mas sobretudo para reforçar os laços sócio-culturais dentro do seu contexto próximo, a colina Cordilheira.

Outro dos pontos que não podemos deixar de referir, é que neste plano de intervenção social, metodologicamente falando, foram discutidas inovações de trabalho direto com aglomerações sociais, que nos ajudaram a implementar diversas técnicas audiovisuais e escritas (diagramas, desenhos, uso de diversos materiais) às quais as pessoas aderem e que entendem facilmente, em contraste com os métodos convencionais de estudo, como as estatísticas oficiais.

Em suma, a intervenção participativa integrou as seguintes ferramentas: I) análise de planos, maquetas e apresentações gráficas; II) reuniões com dirigentes; III) entrevistas às famílias; IV) *workshops* de grupos de formação e *workshops* abertos à comunidade; V) reuniões informais de consulta e de conversas "de corredor" como forma de conhecimento de uma convivência quotidiana.

Para concluir, foi possível que os membros da POU conseguissem tomar consciência da própria realidade no respeitante ao valor da reabilitação do edifício e visualizassem em perspetiva as várias possibilidades do projeto, aquilo a que chamamos de olhar para si próprio em perspetiva.

Âmbito das políticas públicas

As habitações sociais no Chile foram construídas no âmbito das políticas públicas a partir da chamada "questão social" do final do século XIX e início do século XX até ao atual sistema de subsídios organizado através de programas, segmentados em função de uma estratificação social.

A política de habitação não escapa aos limites conceptuais nem aos desenvolvimentos políticos da sociedade, uma vez que foi graças a ela que se passou da conceção da habitação como um direito (até o golpe de Estado de 1973), para uma conceção de "bem" adquirido em função dos recursos de que cada família dispõe. A título de "ajuda", nos últimos anos foi criado no Chile o *Programa Fondo Solidario de Vivienda* destinado às camadas mais vulneráveis da sociedade, que é quase integralmente financiado pelo Estado, para além de uma contribuição mínima de 10UF (350 €) por família. Trata-se, portanto, em geral, de uma operação do Estado orientada para a "redução do défice habitacional", em que o mercado imobiliário privado oferece soluções estandarizadas em larga escala na periferia urbana, ou seja, em terrenos de menor valor dentro da lógica mercantil, homogeneizando os limites territoriais e potenciando a segregação sócio-territorial nas cidades chilenas.

Através de um discurso crítico, podemos afirmar que a consolidação dos *Programas Sociales del Ministerio de Vivienda y Urbanismo* assenta numa lógica mercantil, uma vez que não tem em conta a participação efetiva dos beneficiados, os índices de qualidade e sustentabilidade social e a realidade local de cada região.

A aposta fundamental da *Rehabilitación Patrimonial de la POU* é a recuperação de edifícios no centro da cidade integrando as famílias no processo de recuperação que inclui um projeto social e um projeto técnico que se interligam de tal maneira que é a própria comunidade que estabelece as formas de procedimento a seguir, a hierarquia das decisões e o reconhecimento dos valores próprios.

Essencialmente, o trabalho das equipas profissionais consiste em dar lugar ao surgimento de elementos subjetivos e de os relacionar com as possibilidades espaciais, com o objetivo de projetar o futuro com base em novas condições que se enraízem na apropriação pela comunidade.

BORDE URBANO CONSULTORES

La participación como eje de la creación arquitectónica experiencias en el rescate patrimonial del edificio de la POU

La metodología participativa como cuestionamiento al posicionamiento habitual dentro de los proyectos de viviendas sociales en la realidad nacional, y en general como tópico que desconfigura la lógica representativa dentro de los programas y políticas de las entidades gobernamentales. De este modo, el interiorizarnos en una dinámica participativa nos obliga a reubicar o redireccionar por un lado, nuestro enfoque epistemológico, y por otro, abrir una ruta analítica acorde a la realidad de los integrantes de la Población Obrera La Unión (POU). Asumiendo que las corrientes socio-culturales que penetran las formas de accionar de los organismos de Estado, en este caso el MINVU, están desvinculadas de la realidad social local, la apuesta de elaboración de un proyecto de restauración patrimonial participativo se embarca principalmente en la necesidad de revalorizar la vinculación del sujeto, desde su universo creativo, desde sus necesidades y sus experiencias espaciales con la concepción material de la ciudad, es decir, con las estructuras que fecundan el modelo urbanístico porteño. Por lo cual, tomando como punto de partida la opinión de los habitantes de la POU, se inició un proceso de desarrollo creativo, entre los residentes del sector y el equipo multidisciplinario de bordeURBANO. Otro de los actores favoreció este proceso fue el taller de Acción Comunitaria (TAC), que desde principio de los 80 intervenía la realidad del sector con talleres y actividades sociales.

En líneas generales, este proceso potenció o exacerbó la adquisición e incrementación de las capacidades en los actores sociales involucrados en esta experiencia, impulsando un proceso de empoderamiento comunitario; que no sólo denotó en la capacidad para elaborar propuestas para el desarrollo del proyecto mismo sino que más bien para fortalecer los lazos socio-culturales dentro de su contexto cercano, el cerro Cordillera.

Otra de las aristas que no podemos dejar de enunciar, es que en este plan de intervención social, metodológicamente hablando, se argumentó en innovaciones de trabajo directo con aglomeraciones sociales, que nos ayudó a implementar diversas técnicas audiovisuales y escritas (diagramas, dibujos, uso de diversos materiales) con los que las personas se acomodan y que entienden fácilmente, en contraste con los métodos convencionales de estudio, como las estadísticas oficiales.

En pocas palabras, la intervención participativa integró las siguientes herramientas: I) Análisis de planos, maquetas y presentaciones gráficas; II) Reuniones con dirigentes; III) Entrevistas a las familias; IV) Talleres grupales de formación y "talleres abiertos" a la comunidad; V) Reuniones informales de consultas y conversaciones "de pasillo", como modo de conocimiento de una convivencia cotidiana.

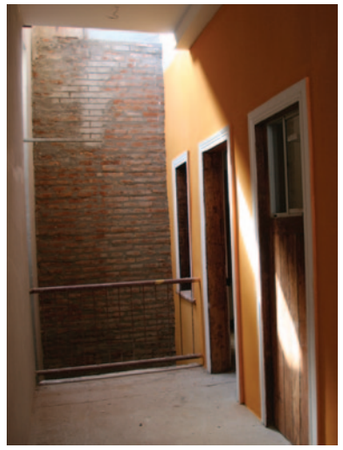
A modo de cierre, se consiguió que los integrantes de la POU lograran tomar conciencia de la propia realidad respecto del valor de la rehabilitación del edificio y visualizar en perspectiva las distintas posibilidades del proyecto, lo que llamamos mirarse a sí mismo con perspectiva.

Marco de las políticas públicas

Las viviendas sociales en Chile se han construido en el marco de las políticas públicas desde la llamada "cuestión social" de fines del siglo XIX y principio del siglo XX hasta el actual sistema de subsidios organizado a través de programas y segmentados según estratificación social.

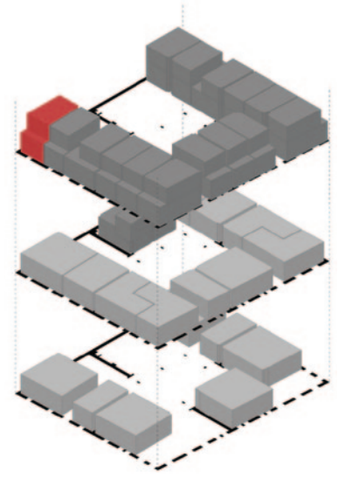
La política de viviendas no escapa a los marcos conceptuales ni a los desarrollos políticos de la sociedad, por ella es que se he pasado de la concepción de la vivienda como un derecho (hasta el golpe de Estado de 1973), a una concepción de "bien" que se adquiere en función de los recursos que cada familia dispone. Como "ayuda", en los últimos años en Chile se plantea el Programa Fondo Solidario de Vivienda, destinado a los sectores más vulnerables de la sociedad, casi completamente financiado por el estado, y con un ahorro mínimo de 10UF (350 €) por familia. El marco general, por tanto, es una operación del Estado concentrado en la "reducción del déficit habitacional", donde el mercado inmobiliario privado oferta soluciones estandarizadas de gran magnitud en la periferia urbana, es decir, en terrenos de más bajo valor dentro la lógica mercantil, homogeneizando los límites territoriales y potenciando la segregación socio-territorial en las ciudades chilenas.

Desde un discurso crítico podemos acuñar que la consolidación de los Programas Sociales del Ministerio de Vivienda y Urbanismo se fundamentan en una lógica mercantil, pues deja en el olvido la participación real de los beneficiados, los índices de calidad y sustentabilidad social y la realidad local de cada región.

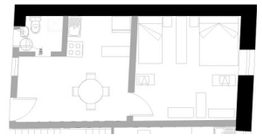


La apuesta crítica en la Rehabilitación Patrimonial de la POU es recuperar edificios en el centro de la ciudad incorporando a las familias en el proceso de recuperación que incluye un proyecto social y un proyecto técnico que se imbrican de tal manera que es la propia comunidad la que establece las maneras de proceder, la jerarquía de las decisiones y el reconocimiento de los valores propios.

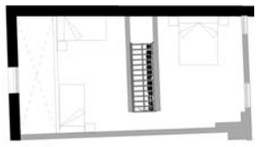
En tal esencia, la labor de los equipos profesionales es dar lugar a la emergencia de las subjetividades y relacionarlas con las posibilidades espaciales con el objetivo de PROYECTAR el futuro en base a condiciones nuevas que se enraícen en lo apropiado de la comunidad. BORDE URBANO CONSULTORES



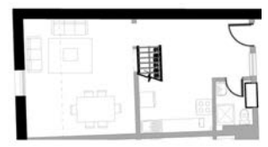
2012



2006



2009



2009

2012

2012

Cotidianeidades Doméstico Productivas
HUSOS

O trabalho é e sempre foi um aspeto fundamental na construção diária do ambiente doméstico. Para além disso, os métodos de produção pós-fordistas e a disponibilidade das novas tecnologias, facilitam o desenvolvimento de múltiplas atividades produtivas a partir de casa. No entanto, tanto as problemáticas como as potencialidades inerentes a esta realidade são frequentemente ignoradas pela arquitetura e pelas políticas de habitação.

Tomando Madrid como principal campo de trabalho, e a partir de 48 casos e entrevistas a pessoas que utilizam a sua habitação como unidade produtiva, analisamos dois aspetos que consideramos fundamentais no que respeita às quotidianeidades domésticas produtivas.

O primeiro tem a ver com o capital social, por exemplo o seu habitual funcionamento como áreas de apropriação para pequenos atores, facilitando não só a sua emancipação e o empreendimento de projetos produtivos, mas também a construção de novas formas de afetos e imaginários coletivos.

O segundo, e contrastando com o primeiro, é a sua frequente relação com formas de sobre-exploração, absorção e precariedade laboral, quer legal, quer ilegal.

Os casos presentes neste trabalho demonstram claramente que este último aspeto não deslegitima os valores presentes em muitas quotidianeidades domésticas produtivas, mas evidencia a necessidade de construir novos modelos físicos (tipológicos, por exemplo), organizativos (legais e jurídicos) e simbólicos que propiciem a apropriação pelos trabalhadores nas diferentes esferas do trabalho de hoje em dia, facilitando a democratização do controlo da produção nas nossas sociedades.
HUSOS

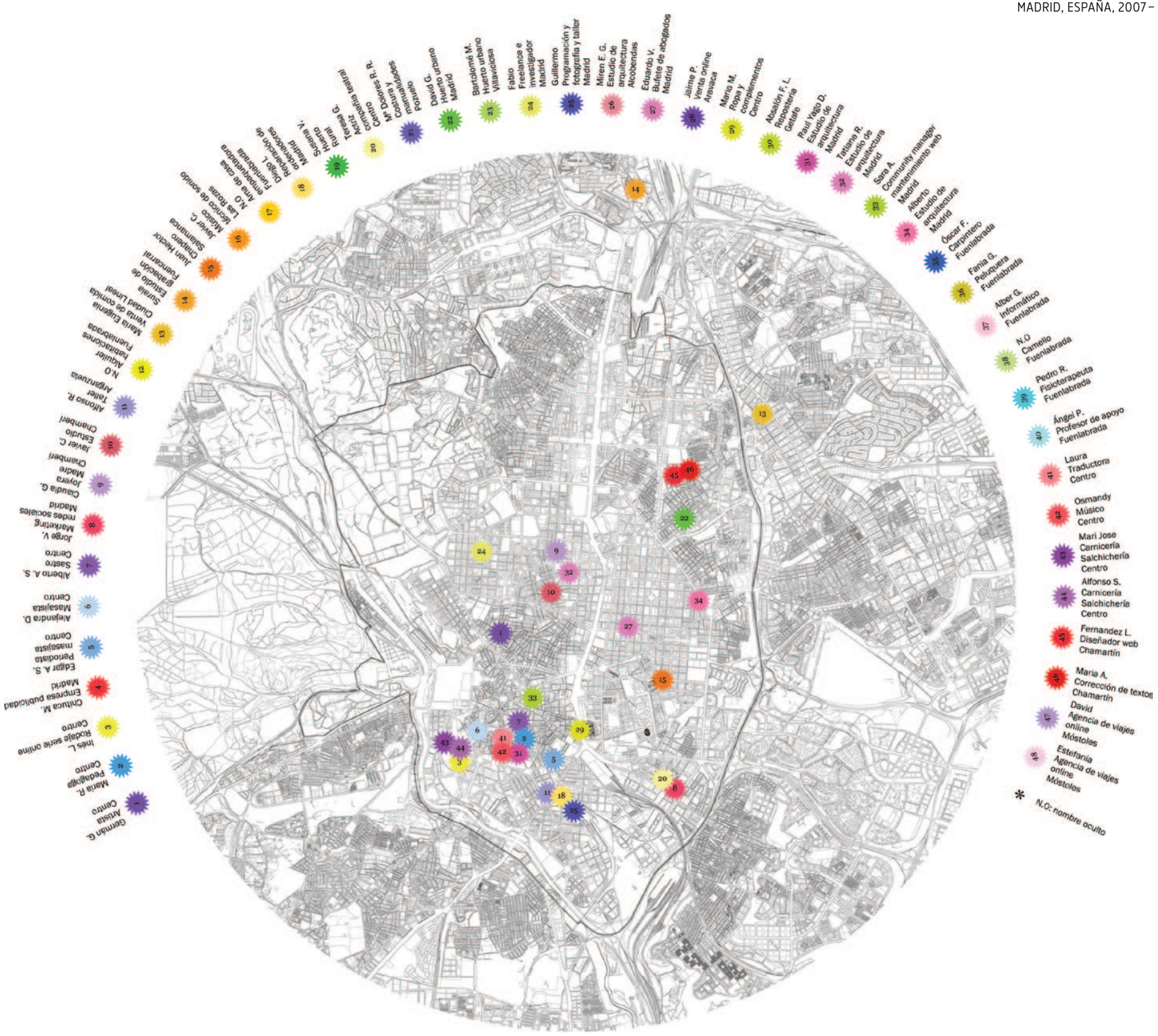
El trabajo es y ha sido siempre un ámbito fundamental en la construcción diaria de lo doméstico. Adicionalmente los modos de producción post fordistas y la disponibilidad de las nuevas tecnologías, facilitan en este momento el desarrollo de múltiples actividades productivas desde casa. Sin embargo, tanto las problemáticas como los potenciales que hay en esta realidad son frecuentemente ignorados por la arquitectura y las políticas de vivienda.

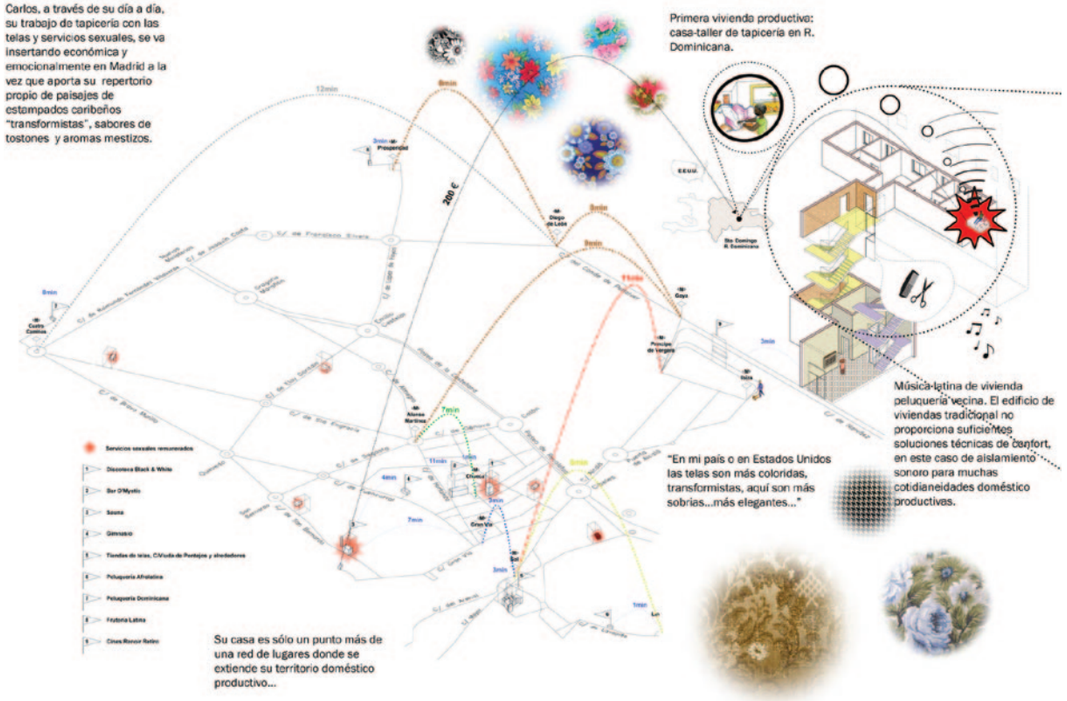
Tomando Madrid como campo principal de trabajo, y a partir de 48 casos y entrevistas a personas que usan su vivienda como unidad productiva, analizamos dos aspectos que consideramos fundamentales en relación a las cotidianeidades doméstico productivas:

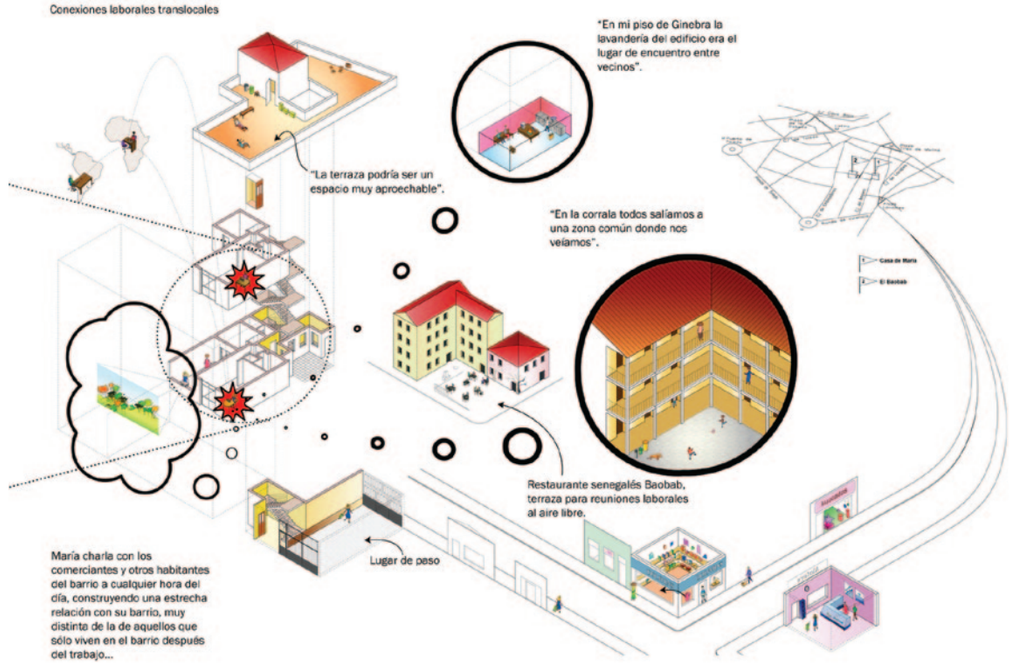
El primero tiene que ver con sus capitales sociales, por ejemplo su habitual funcionamiento como ámbitos de empoderamiento para pequeños actores, facilitando no solo su emancipación y el emprendimiento de proyectos productivos, sino también la construcción de nuevas formas de afectos e imaginarios colectivos.

El segundo, y en contraste con el primero, es su frecuente relación con formas de sobre-explotación, absorción y precariedad laboral, ya sea desde la legalidad o fuera de ella.

Los casos presentes en este trabajo aportan argumentos para demostrar cómo este último aspecto no deslegitima los valores presentes en muchas cotidianeidades doméstico productivas sino que hace evidente la necesidad de construir nuevos marcos físicos (tipológicos por ejemplo), organizativos (legales y normativos) y simbólicos que propicien el empoderamiento de los trabajadores en las diferentes esferas del trabajo de hoy en día facilitando la democratización del control de la producción en nuestras sociedades. HUSOS







Mapas atmosféricos

As entrevistas às pessoas referidas nos casos foram realizadas com um questionário comum a todas elas. Posteriormente, cada entrevista foi analisada através de mapas relacionais atmosféricos tanto à escala da habitação e do edifício como a escalas mais amplas, justamente onde o território do seu ecossistema doméstico produtivo se constrói no dia a dia. Os mapas ilustram as diferentes micro-realidades presentes nos casos e evidenciam particularmente os diversos conflitos arquitetónicos entre as formas de vida estudadas e os espaços onde se desenrolam. Muitos deles encontram-se em referências feitas pelos entrevistados, por exemplo: a falta de janelas nas entradas das habitações; a existência de letreiros com publicidade dos negócios domésticos nas fachadas dos prédios, o que é proibido pela legislação em vigor; a falta de espaços comuns de reunião nos edifícios; a necessidade de espaços de circulação mais amplos, tanto para o encontro com potenciais fornecedores, clientes ou vizinhos, como para a carga e a descarga de certos objetos; e, sobretudo, o desejo expresso de fazer parte de uma comunidade de moradores que, como também trabalham em casa, partilhem parte deste estilo de vida ou, pelo menos, estejam de acordo com esse facto, algo que frequentemente não acontece. As nuvens e as bolhas nos desenhos correspondem a diferentes sonhos e/ou memórias expostos pelos entrevistados durante as entrevistas, sendo que os mesmos ajudam a tornar visíveis esses conflitos, bem como hipóteses atmosférico-arquitetónicas como possíveis proto-projetos ou cenários futuros alternativos. HUSOS

Primeira habitação produtiva: casa-oficina de tapeçarias na República Dominicana

No seu dia a dia, graças ao seu trabalho em tapeçaria com os tecidos, bem como aos serviços sexuais, Carlos vai-se inserindo económica e emocionalmente em Madrid, simultaneamente vai transpondo o seu próprio repertório de paisagens de estampados "transformistas" das Caraíbas, sabores a banana frita e aromas variados.

A sua casa é apenas mais um ponto numa rede de locais onde se desenvolve o seu território doméstico produtivo...

"No meu país ou nos Estados Unidos os tecidos são mais coloridos, transformistas, aqui são mais sóbrios... mais elegantes..."

Som de música latina de uma habitação no cabeleireiro vizinho.

O edifício de habitação tradicional não proporciona soluções técnicas suficientes de conforto, neste caso de isolamento acústico, para muitas actividades doméstico-produtivas diárias.

1. Discoteca Black & White; 2. Bar D'Mystic; 3. Sauna Serviços sexuais remunerados; 4. Ginásio; 5. Lojas de tecidos, C/ Viuda de Pontejos e arredores; 6. Cabeleireiro afro-Latino; 7. Cabeleireiro dominicano; 8. Frutaria Latina; 9. Cinemas Renoir Retiro

Mapas atmosféricos

Las entrevistas a las personas referidas en los casos se han realizado con un cuestionario común para todas ellas. Posteriormente cada entrevista se ha analizado a través de mapas relacionales atmosféricos, tanto a escala de la vivienda y del edificio como a escalas más amplias, allí donde el territorio de su ecosistema doméstico-productivo se construye en el día a día. Los mapas ilustran las diferentes micro-realidades presentes en los casos y hacen especialmente evidentes diversos conflictos arquitectónicos entre las formas de vida estudiadas y los espacios donde transcurren. Muchos de éstos se reflejan en reclamos hechos por los entrevistados, por ejemplo: la carencia de escaparates en las entradas de las viviendas ;o de letreros con publicidad de los negocios domésticos en las fachadas de los edificios, esto último prohibido por la normativa vigente; falta de espacios comunes de reunión en los edificios; o demanda de circulaciones más amplias tanto para el encuentro con posibles proveedores, clientes o vecinos, como para la carga y descarga de ciertos objetos; y sobre todo el deseo expreso de hacer parte de una comunidad de vecinos que como ellos también trabajen en casa, que compartan parte de este estilo de vida o que al menos estén de acuerdo con éste, algo que muchas veces no sucede. Las nubes y burbujas en los dibujos corresponden a diferentes sueños y/o recuerdos expuestos por los entrevistados durante las entrevistas. Estas ayudan a hacer visibles dichos conflictos pero también hipótesis atmosférico-arquitectónicas como posibles proto-proyectos o escenarios futuros alternativos. HUSOS

Ligações laborais translocais

"O terraço poderia ser um espaço perfeitamente aproveitado."

"No meu apartamento de Genebra, a lavandaria do edifício era o lugar de encontro entre os vizinhos."

"No prédio íamos todos para uma zona comum de convívio."

Restaurante senegalês Baobab, terraço para reuniões de trabalho ao ar livre.

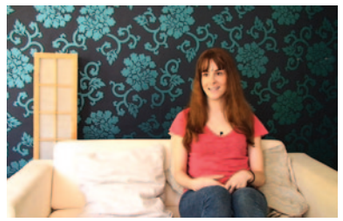
Ponto de passagem.

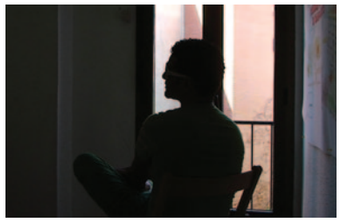
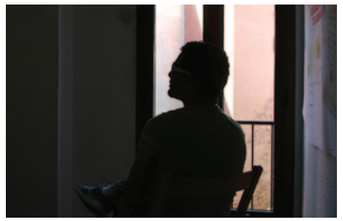
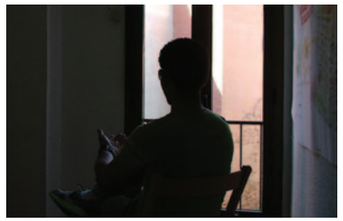
A Maria conversa com os comerciantes e outros habitantes do bairro a qualquer hora do dia, criando uma estreita relação com o seu bairro, muito diferente da daqueles que só aí vivem depois do trabalho...

1. Casa da Maria; 2. O Baobab

Este trabalho é a continuação de um projeto a longo curso que a Plataforma Husos realiza desde 2007 sobre as diferentes realidades em torno à vivenda produtiva. Desenvolvido por Diego Baragas em 2007 e por Camilo García em 2008–2009 com o apoio da Universidade Europeia de Madrid e neste terceira fase com o apoio do El Ranchito–Matadero Madrid e em especial do comissário Iván López Munuera.

Este estudio es la continuación de un proyecto a largo plazo que Plataforma Husos lleva a cabo desde 2007 sobre las diferentes realidades entorno a la vivienda productiva. Desarrollado por Diego Barajas en 2007, por Camilo García en 2008–2009 con el apoyo de la Universidad Europea de Madrid y en esta tercera fase gracias al apoyo de El Ranchito–Matadero Madrid y en especial del comisario Iván López Munuera.



Investigação sobre possíveis modelos físicos, organizativos e simbólicos da habitação como lugar para a construção e o intercâmbio coletivo de afetos e imaginários e diferentes tipos de bens materiais e imateriais.

Exploraciones sobre posibles marcos físicos, organizativos y simbólicos de la vivienda como lugar para la construcción e intercambio colectivo de afectos e imaginarios, y diferentes tipos de bienes materiales e inmateriales.

Alcalá 01. Casa más o menos
LA PANADERIA

ARQUITETOS – ARQUITECTOS **LAPANADERIA**, Arquitectura y Diseño, S.L.P. Eva Morales Soler, Rubén Alonso Mallén, David Cañavate Cazorla ORÇAMENTO – PRESUPUESTO **307638 €**
ÁREA **529,48 m² (Casas, Viviendas), 163,67 m² (Arrumos, Trasteros), 236,47 m² (Estacionamento, Parking)** CUSTO E.M. M2C (CASAS, VIVIENDAS) **480 €/m²**

SEVILLA, 2005–2007

Casa más o menos descreve o âmbito da prática, investigação e ensino que La Panadería está a desenvolver em torno da habitação e do habitat, entendidos como um processo aberto. Trata-se de um conceito de espaço que possibilita a sua capacidade de adaptação às necessidades sociais, ambientais e aos recursos disponíveis dos habitantes e em que cada cidadão participa ativamente na construção de uma identidade individual e coletiva, que lhe permita participar na perceção, no sentido e na vivência e, consequentemente, a sua capacidade de transformar os espaços que habita. Qual a razão de *casa más o menos*? Uma casa mais ou menos concluída, desenhada, ou algo que é mais ou menos uma casa...

Vista fachada principal.

8 Apartamentos em Alcalá de Guadaira
Esta foi a primeira ideia que tentámos desenvolver em 2004. Em pleno *boom* imobiliário, questionámo-nos se seria possível proporcionar algo com as ferramentas que manipulávamos através da disciplina arquitetónica de modo a facilitar o acesso à habitação num mercado com preços exorbitantes.

Para o efeito, considerámos a possibilidade de permitir que os futuros utilizadores decidissem o nível dos acabamentos e a definição da habitação que iriam adquirir através de um *site* que continha todas as opções possíveis a partir do projeto base. Para além das decisões a nível da distribuição, possibilitava-se a compra da habitação com condições mínimas de habitabilidade, deixando a habitação o mais em bruto possível para reduzir os custos iniciais, e que cada um pudesse posteriormente terminá-la à sua maneira.

***Site* do projeto**
As habitações foram postas à venda através de uma página *web*: www.casamasomenos.net, em que o utilizador podia conhecer pormenorizadamente cada uma das habitações e os diferentes níveis de acabamentos oferecidos (+ ou –). Através da página *web* os utilizadores passaram a poder aceder a toda a informação do projeto, escolher diferentes opções de acabamentos para a sua habitação e ter conhecimento das consequências económicas que cada uma dessas decisões implicava. Toda esta informação seria posteriormente incluída no documento final do projeto técnico.

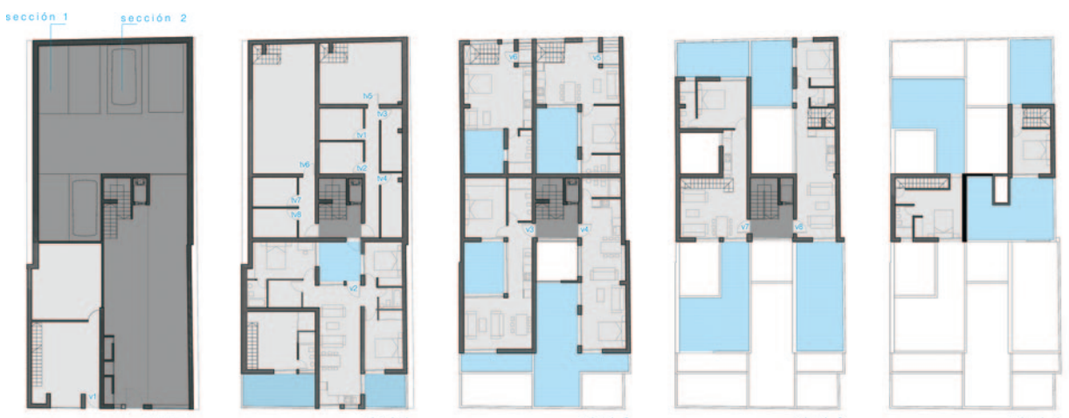
Considerámos que a melhor opção seria definir um espaço habitável, com espaços exteriores adequados e um mínimo de acabamentos para que cada um pudesse decidir pessoalmente como concluir a sua habitação. A partir de uma opção de base, cada um podia acrescentar (opção +) ou eliminar elementos (opção –), desse modo aumentando ou diminuindo o preço final da habitação que cada decisão implicava. A opção de base foi a preferida pelos utilizadores: a casa não é entregue como algo concluído, mas como um espaço que o utilizador vai tornando seu com o tempo...

Casa más o menos describe el ámbito de práctica, investigación y docencia que lapanadería está desarrollando en torno a la vivienda y el hábitat entendidos como un proceso abierto. Un concepto de espacio que posibilite su capacidad de adaptación a las necesidades sociales, medioambientales y a los recursos disponibles de los habitantes, y donde se incorpore al ciudadano activamente en la construcción de una identidad individual y colectiva, que le haga partícipe de lo percibido, sentido, vivido y por lo tanto de su capacidad de transformar los espacios que habita. ¿Por qué casa más o menos? Una casa más o menos terminada, diseñada, o algo que es más o menos una casa...

8 Apartamentos en Alcalá de Guadaira
Esta fue la primera idea que intentamos desarrollar en el año 2004. En pleno *boom* inmobiliario nos preguntábamos si era posible aportar algo con las herramientas que manejábamos desde la disciplina arquitectónica para facilitar el acceso a la vivienda en un mercado con precios fuera de lugar. Para ello abrimos la posibilidad de permitir a l@s futur@s usuari@s decidir el grado de acabados y definición de la vivienda que iban a comprar, a través de una *web* que contenía todas las opciones planteadas desde el proyecto básico. Además de decisiones de distribución, se daba la posibilidad de que se comprara la vivienda con un grado mínimo de habitabilidad, dejando la vivienda lo más en bruto posible para abaratar los costes iniciales y que cada uno pudiera terminarla posteriormente a su manera.

***Web* del proyecto**
Las viviendas se pusieron a la venta a través de una página *web* www.casamasomenos.net, en la que el usuario podía conocer al detalle cada una de las viviendas y los diferentes grados de acabados que se ofrecían (+ o –). A través de la *web* los usuarios pudieron acceder a toda la información del proyecto, elegir diferentes opciones de acabados para su vivienda y la repercusión económica que cada una de estas decisiones conllevaba. Toda esta información se incorporaría posteriormente al documento final del proyecto técnico.

Pensamos que la mejor opción sería definir un espacio habitable, con espacios exteriores apropiables y unos acabados mínimos para que cada uno pueda decidir personalmente cómo termina su vivienda. A partir de una opción base, cada uno podía añadir (opción +) o quitar elementos (opción –) con el incremento o disminución del precio final de la vivienda que cada decisión repercutía. La opción base fue la más elegida por los usuarios: la casa se entrega no como un objeto acabado, sino como un espacio que el usuario va haciendo suyo con el tiempo...



Um casal recebe uma vivenda tipo A. Esta consiste de uma superfície útil inicial de 43m², mais um quarto exterior de 6m². É forma da por 2 módulos que graças ao pé direto duplo podem converter-se em 3. Inicialmente, a casa vem apenas com acabamentos minímos de modo a que seja possível habitá-la, vem com uma casa de banho não emparedade e pré-instalações para cozinha.

Antes de entrar na casa, o casal pensa em construir um meio-piso (ele é advogado e necessita de uma escritório onde trablhar) mas não têm dinheiro suficiente, e assim, simplesmente aplicam um pavimento em parqut, um tecto falso e encerram a casa de banho junto ao quarto.

Ao fim de alguns anos o casal tem um filho. Agora que dispõem de mais dinheiro (ele trabalha) constroem um meio-piso para onde mudam o seu quarto de dormir. Abaixo, para além do quarto para o filho, decidem fazer um pequeno quarto de visitas. E colocam paredes no quarto exterior de forma a poderem ter o escritório em casa.

Evolução da casa.
Evolución de la vivienda.

Protótipo de habitação social ampliável
Após esta primeira experiência no contexto da habitação livre, desenvolvemos dois projetos no âmbito de concursos de investigação VPO (Vivienda de Protección Oficial), em que tentámos que, para além de personalizarem a distribuição e o nível dos acabamentos, os utilizadores pudessem ampliar a habitação, obtendo desse modo um maior efeito na redução do seu custo inicial.

Estávamos interessados em dar a possibilidade de integrar estas estratégias de adaptabilidade no contexto da habitação pública para, por um lado melhorar o acesso à habitação e, por outro, propor ao utilizador um outro tipo de habitação social que lhe permitisse a sua alteração e adaptação ao longo do tempo.

Prototipo de vivienda social ampliable
Tras esta primera experiencia en el marco de la vivienda libre, desarrollamos dos proyectos en concursos de investigación en VPO (Vivienda de Protección Especial), donde intentamos que l@s usuari@s, además de personalizar distribución y acabados, pudieran ampliar la vivienda, obteniendo de esta manera una mayor repercusión en la reducción coste inicial de la misma. Nuestro interés era abrir la posibilidad de incorporar estas estrategias de adaptabilidad en el marco de la vivienda pública, para por un lado mejorar el acceso a la vivienda y por otro, proponer otro tipo de vivienda social que permitiera su modificación y adaptación por parte del usuario a lo largo del tiempo.

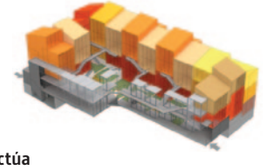
rEactúa
No último ano, com o objetivo de incentivar a participação dos utilizadores na reabilitação energética dos edifícios de habitação, desenvolvemos um projeto (rEactúa) que consiste na planificação de um processo participativo de sensibilização energética, de forma a desenvolver em paralelo e simultaneamente, o processo de reabilitação energética. A reabilitação da própria habitação como uma prática laboratorial de consciencialização energética coletiva. O processo de reabilitação deve integrar a realidade social e cultural dos moradores, devendo o processo participativo de consciencialização energética incorporar, adaptar e comunicar a análise técnica do desempenho energético do edifício.

A dimensão mínima de ação considerara é a de um edifício habitacional, podendo o protocolo ser alargado de forma a abranger a reabilitação integral de um bairro 2008. Para o concurso VPO J5 melhorou-se a tipologia da habitação, cujo volume podia ser ampliado, e desenvolveram-se mais variações tipológicas e de agrupamento. As habitações foram agrupadas como "casas individuais" através de zonas comuns abertas e divisões exteriores de usos variados. Desenvolvimento de um plano de ação técnico-educativo para realizar a reabilitação energética de edifícios residenciais, tendo em conta a participação dos residentes no edifício. Com a colaboração de: Esperanza Moreno Cruz, Daniel González Jiménez, Carlos Arroyo Perez.

2010. Analisámos a viabilidade jurídica de introduzir no âmbito do VPO um protótipo de habitação ampliável para os jovens, com um modelo de arrendamento com opção de compra, que o "Consorcio de la Vivienda" da área metropolitana de Sevilha (cOnvive) pretendia implantar em vários municípios. O objetivo era proporcionar um modelo de cidade mais densa como alternativa ao crescimento descontrolado e insustentável das habitações unifamiliares geminadas.

Desenvolvemos um estudo construtivo e de viabilidade económica para o protótipo do VPO ampliável desenvolvido para o cOnvive. Nesse estudo apresentam-se estratégias construtivas para fomentar a adaptabilidade da habitação de acordo com os critérios de *Open Building*, caracterizando cada um dos elementos construtivos e procurando soluções viáveis no mercado atual. O objetivo é conseguir uma VPO ampliável de 50 a 70m² pelo mesmo preço que uma VPO *standard* de 50m².

Etapas do Processo
Aspetos positivos da proposta: no momento da reabilitação, o utilizador está mais sensibilizado e recetivo à mudança, dado que é uma situação que afeta diretamente a sua vida privada; a dimensão temporal da intervenção social inser-se muito bem na temporalidade dos processos de reabilitação; a reabilitação pode estar condenada ao fracasso, dado que a sua gestão é de enorme complexidade para o conjunto dos moradores. No entanto, no processo participativo, também se faculta aos moradores ferramentas que facilitam a autogestão e que podem ajudar a que o processo de reabilitação não seja interrompido em consequência de uma má gestão; as reabilitações que nem sempre serão realizadas por moradores conscientes do seu próprio consumo energético e das consequências que o mesmo acarreta. É necessária uma sensibilização para a importância da poupança energética; ao trabalhar com os moradores, desenvolve-se um trabalho coletivo que tem muito potencial de sensibilização energética, uma vez que podem surgir dinâmicas entre os residentes que reforcem a ideia de que a poupança é conseguida graças a todos. Trata-se de mudar o paradigma de que as nossas ações são insignificantes.



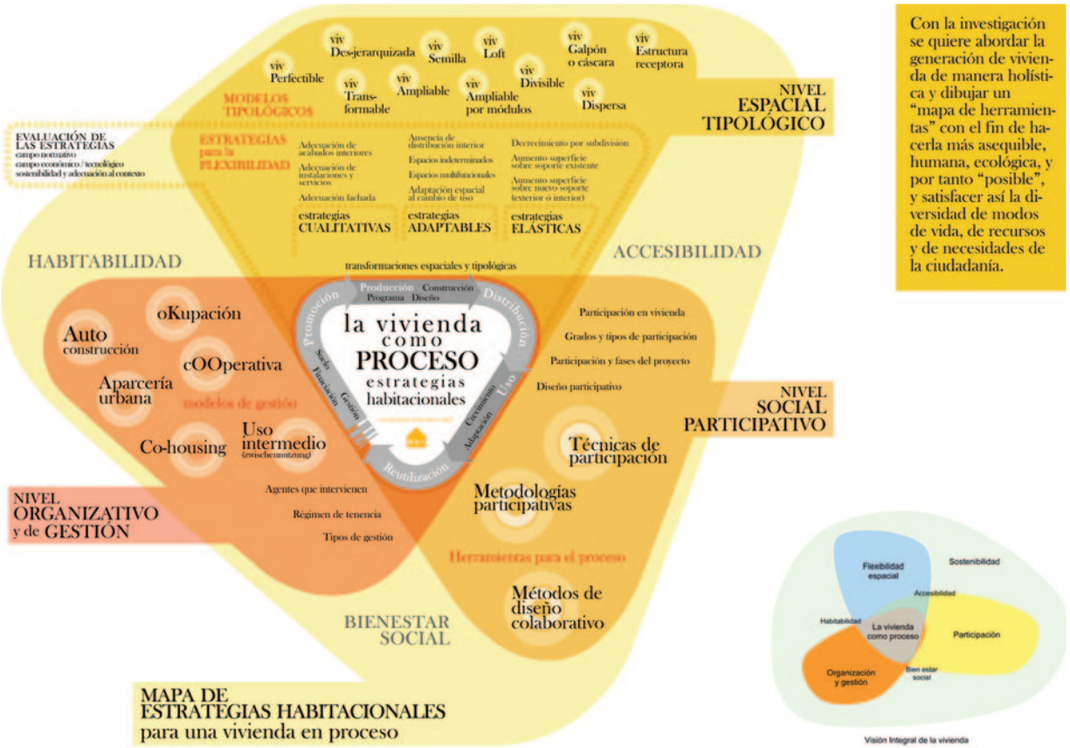
rEactúa
En el último año, con el objetivo de fomentar la participación de l@s usuari@s en la rehabilitación energética de edificios de vivienda, hemos desarrollado un proyecto (*rEactúa*) que consiste en la planificación de un proceso participativo de concienciación energética, de forma que se desarrolle sincronizada y simultáneamente al proceso de rehabilitación energética. La rehabilitación de la propia casa como una práctica de laboratorio de concienciación energética colectiva. El proceso de rehabilitación debe incorporar la realidad social y cultural de l@s vecin@s, a la vez que el proceso participativo de concienciación energética debe incorporar, adaptar y comunicar el análisis técnico del comportamiento energético del edificio.

La escala mínima de actuación que se plantea es la de un edificio de viviendas, con la posibilidad de implantar el protocolo para una rehabilitación integral de un barrio2008. Para el concurso de VPO J5 se mejoró la tipología de la vivienda ampliable en volumen y se desarrollaron más variaciones tipológicas y de agrupación. Las viviendas se agrupaban a modo de "casas individuales" mediante zonas comunes abiertas y habitaciones exteriores de usos múltiples. Desarrollo de un plan de actuación técnico-educativo para llevar a cabo rehabilitaciones energéticas de edificios residenciales teniendo en cuenta la participación de los usuarios del edificio. Con la colaboración de: Esperanza Moreno Cruz, Daniel Jiménez González, Carlos Arroyo Pérez.

2010. Analizamos la viabilidad normativa de implantación en el marco de VPO de un prototipo de vivienda ampliable para jóvenes, con un modelo de alquiler con opción a compra que pretendía implantar el Consorcio de la Vivienda del área metropolitana de Sevilla (cOnvive) en varios municipios. Se pretende plantear un modelo de ciudad más densa alternativo al crecimiento descontrolado e insostenible de viviendas unifamiliares adosadas.

Desarrollamos un estudio constructivo y de viabilidad económica para el prototipo de VPO ampliable desarrollado para cOnvive. En el estudio se plantean estrategias constructivas para fomentar la adaptabilidad de la vivienda siguiendo criterios de *Open Building*, caracterizando cada uno de los elementos constructivos y buscando soluciones viables en el mercado actual. El objetivo es conseguir una VPO ampliable de 50 a 70m² por el mismo coste que una VPO standard de 50 m².

Etapas del proceso
Aspectos positivos de la propuesta: en el momento de la rehabilitación, el usuario está más sensible y abierto al cambio, puesto que es una situación que incide de manera directa sobre su vida privada; la dimensión temporal de la intervención social encaja muy bien con la temporalidad de los procesos de rehabilitación; la rehabilitación puede estar abocada al fracaso debido a que es una situación de enorme complejidad de gestión para una comunidad de vecinos. En el proceso participativo, también se le dan a los vecinos herramientas que ayuden a la autogestión y que pueden ayudar a que el proceso de rehabilitación no se estanque debido a una mala gestión; las rehabilitaciones que se lleven a cabo no siempre van a ser realizadas por vecinos que sean conscientes de su propio gasto energético y de las consecuencias que conlleva. Es necesario despertar la conciencia de por qué es importante el ahorro energético; al trabajar con comunidades de vecinos, se desarrolla un trabajo colectivo que tiene mucho potencial para la concienciación energética, dado que pueden surgir dinámicas entre los vecinos que refuercen la idea de que el ahorro se consigue entre todos. Se trata de cambiar el paradigma de que nuestras acciones son insignificantes.



Con la investigación se quiere abordar la generación de vivienda de manera holística y dibujar un "mapa de herramientas" con el fin de hacerla más asequible, humana, ecológica, y por tanto "posible", y satisfacer así la diversidad de modos de vida, de recursos y de necesidades de la ciudadanía.

Mapa de estratégias habitacionais

Neste tempo de perguntas e apresentações verificámos a necessidade de recuperar e organizar os conteúdos e experiências realizadas nas últimas décadas para aprender com os erros e os avanços. Desta preocupação surgiu a abordagem do projeto de investigação financiado pela Consejería de Ordenación al TeVivienda de la Junta de Andalucía "*Casa más o menos*: a habitação como processo". No projeto identificam-se as estratégias habitacionais que estão na base da habitação entendida como um processo, a partir das conclusões da análise de um conjunto de experiências anteriores. O estudo é abordado a três níveis: nível espacial/tipológico, em que se analisam as transformações espaciais e tipológicas que proporcionam adaptabilidade à habitação; nível social/participativo, em que se analisam as metodologias que incentivam a participação dos utilizadores ao longo do processo; nível de gestão como questão fundamental para a produção e uso da habitação. O projeto inclui um estudo sobre a possibilidade de transferir estas estratégias para o contexto andaluz.

Estamos a desenvolver uma plataforma *web* de processos de habitação coletiva que pretende facultar ferramentas destinadas a incentivar a participação e autogestão na construção das nossas habitações e envolventes. Pretendemos oferecer e debater alternativas ao modelo dominante de habitação atual, propondo experiências construídas e guias de assessoria que nos ajudem a ver outra maneira de fazer as coisas. Queremos que venha a tornar-se num lugar de encontro e debate, que crie uma rede e sinergias entre grupos, profissionais e cidadãos e que seja um lugar para partilhar experiências e para, com a sua colaboração, desenvolver conhecimentos e ações.

O conceito de habitação como um processo, é valorizado em contraponto com o conceito dominante da habitação como algo "terminado". Esta mudança de conceção da habitação pretende propor alternativas às deficiências do modelo de habitação atual e identificar as necessidades que se colocam ao longo da vida das pessoas. Estas podem mesmo exigir uma adaptação do espaço em que vivem para aí poderem permanecer, em condições de habitabilidade adequadas, adaptadas à sua economia e ao consumo de recursos. LA PANADERIA

Com a investigação pretende-se abordar a gestação da habitação de uma forma holística e traçar um "mapa de ferramentas" com o objetivo de a tornar mais acessível, humana, ecológica e, consequentemente, "possível", e desse modo satisfazer a diversidade de modos de vida, de recursos e de necessidades dos cidadãos.

ARQUITETA TÉCNICA Gabriela Alvarez Ariza PROMOTOR M.V.S.M, S.L.
EMPRESA CONSTRUTORA GADYC, S.L. COLABORADORES CALC (Teresa Alonso, Tomi Scheiderbauer), Beatriz Gerena Muñoz, Ines Alvarez-Ossorio
APAREJADOR Gabriela Alvarez Ariza PROMOTOR M.V.S.M, S.L.
EMPRESA CONSTRUCTORA GADYC, S.L.

Mapa de estrategias habitacionales

En este tiempo de preguntas y planteamientos hemos visto la necesidad de recuperar y organizar los contenidos y experiencias realizadas en las últimas décadas para aprender de los errores y avances. De esta inquietud surgió el planteamiento del proyecto de investigación que financió la Consejería de Ordenación al TeVivienda de la Junta de Andalucía "*Casa más o menos*: la vivienda como proceso".
En el proyecto se identifican las estrategias habitacionales que fomentan la vivienda entendida como un proceso, basándonos en las conclusiones del análisis de una recopilación de experiencias previas. El estudio se aborda en tres niveles: nivel espacial/tipológico, donde se estudian las transformaciones espaciales y tipológicas que proporcionan adaptabilidad a la vivienda; nivel social/participativo, donde se estudian las metodologías que fomentan la participación de l@s usuari@s a lo largo del proceso; nivel de gestión, como cuestión fundamental en la producción y uso de la vivienda. El proyecto incluye un estudio de la transferibilidad de estas estrategias al contexto andaluz

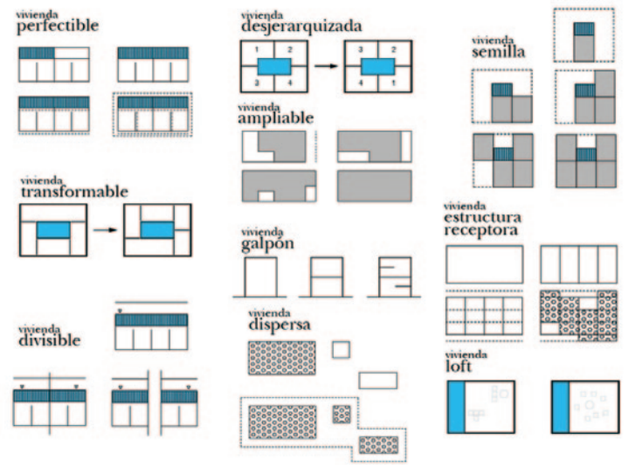
Estamos desarrollando una plataforma *web* de procesos colectivos de vivienda que pretende ofrecer herramientas para fomentar la participación y autogestión en la construcción de nuestras viviendas y entornos. Pretendemos ofrecer y debatir alternativas al modelo dominante de vivienda actual, proponiendo experiencias construidas y guías de asesoría que nos ayuden a ver otra manera de hacer las cosas. Queremos que pueda convertirse en un lugar de encuentro y debate, que cree red y sinergías entre colectivos, profesionales y ciudadanía. Un lugar para compartir experiencias, desarrollar conocimiento y acciones de manera colaborativa.

Se pone en valor el concepto de vivienda como un proceso, frente al concepto dominante que concibe la vivienda como un objeto "terminado". Este cambio de concepción de la vivienda pretende proponer alternativas a las deficiencias del modelo actual de la vivienda. Identificación de las necesidades demandadas a lo largo de la vida de las personas. Éstas pueden llegar a requerir una adaptación del espacio en el que viven para poder seguir habitando en él, en condiciones de habitabilidad adecuadas, ajustadas a su economía y al gasto de recursos.

www.masqueunacasa.org

O projeto visa criar um *site* onde as pessoas e os grupos que estejam interessados em iniciar, promover e participar num projeto coletivo de habitação, possam encontrar informação e aconselhamento sobre as opções existentes. Assim sendo, oferece-se a possibilidade de facultar experiências construídas que possamos conhecer, bem como dar a conhecer grupos e equipas de profissionais que trabalhem com estas temáticas. Pretende organizar o acesso à informação com base em possíveis perguntas abertas necessárias se quisermos resolver a nossa falta de habitação de uma forma coletiva. As questões são organizadas de acordo com os principais momentos do processo, permitindo-nos também organizar as experiências construídas e os agente implicados.

El objetivo del proyecto es crear una *web* donde personas y grupos que estén interesadas en iniciar, promover y participar en un proyecto colectivo de vivienda, puedan encontrar información y asesoría sobre las opciones alternativas que existen. Así mismo, se ofrece la posibilidad de aportar experiencias construidas que podamos conocer, así como colectivos y equipos de profesionales que trabajen sobre estas temáticas. El acceso a la información se pretende organizar en base a posibles preguntas abiertas necesarias si quisiéramos resolver nuestra falta de vivienda de manera colectiva. Las preguntas se organizan según los momentos principales del proceso, y nos permitirán también organizar las experiencias construidas y los agentes implicados. LA PANADERIA



Modelos tipológicos.

Transformações casa 4. Transformaciones vivienda 4.

Adobe for Women
BLAANC + ROOTSTUDIO

OAXACA, MEXICO, 2011-

Adobe for women é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2011, que tem como objetivo a recuperação e o ensino das técnicas de construção tradicional, tais como a construção em terra e adobe, mas que também apoia e fornece meios para que mulheres pobres, em situação social e pessoal vulnerável, possam construir as suas próprias casas.

Contexto mexicano
Este projeto recupera uma iniciativa de há 20 anos, impulsionada pelo arquiteto mexicano Juan Jose Santibanez. Nessa altura, ajudou 20 mulheres pobres a construir as suas próprias casas, concebendo os projetos e ajudando na construção. Pretendemos ajudar a construir 20 casas sustentáveis na aldeia indígena de San Juan Mixtepec, no Estado de Oaxaca, no México. Estas casas destinam-se a 20 mulheres em situação difícil e que participam com seu trabalho no processo da construção.

Contexto feminino
20 anos depois, 60% dos homens, principalmente os jovens chefes de família com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (aproximadamente 50,8%) continuam a emigrar, principalmente para os EUA, sendo que 84,3% já não regressam ao México. Para além de ficarem sós, a maioria das mulheres tem uma média de 3 filhos para criar, com a agravante de terem dificuldade em aceder aos serviços médicos (85% da população).

Estas mulheres continuam a lutar por uma sociedade e por uma melhoria de qualidade de vida, num Estado com a terceira taxa de analfabetismo mais elevada do país. Efetivamente, mais de 80% da população feminina continua sem saber escrever ou possuindo o ensino básico incompleto.

Habitação
No município de San Juan Mixtepec, as habitações continuam a ter superfícies reduzidas, apesar de albergarem vários habitantes em condições extremamente básicas. Aproximadamente 67,5% das habitações continuam a ter apenas um quarto. 59,3% das habitações não têm pavimento, sendo o chão em terra. 63,3% não possuem nenhum bem imóvel, nem frigorífico, nem televisão, nem máquina de lavar ou computador. Trata-se de um ambiente rural em que pessoas e animais convivem no mesmo espaço.

Condições de habitação
Após 20 anos, e apesar da melhoria verificada nas condições de habitação por todo o país, a situação em Oaxaca continua muito crítica comparativamente ao nível de outras entidades federais do país.

Participantes
Juan Jose Santibanez, 20 anos mais tarde. O arquiteto quis relançar o projeto de 20 casas para 20 outras mulheres. Com este intuito, juntou-se a jovens arquitetos a quem transmitiu os seus conhecimentos, dando início a um ciclo atemporal e contínuo.

Neste projeto participam Rootstudio, composto por João Caeiro e Fulvio Capurso, Casa Terra e Blaanc Borderless Architecture.

Adobe for women es una asociación sin fines lucrativos, fundada en 2011, cuyo objetivo es el de la recuperación y enseñanza de las técnicas de construcción tradicional, como la construcción en tierra y adobe, al mismo tiempo que apoya e proporciona medios para que mujeres pobres, en situación vulnerable a nivel social y personal, puedan construir sus propias casas.

Contexto Mexicano
Este proyecto recupera una iniciativa de hace 20 años atrás, impulsada por el arquitecto mexicano Juan Jose Santibañez. En esa altura, ayudó a 20 mujeres pobres a construir sus propias casas, concibiendo los diseños e ayudando en los trabajos. El resultado fue un éxito.

Pretendemos ayudar a construir 20 casas sostenibles en el poblado indígena de San Juan Mixtepec, en el estado de Oaxaca, México. Estas viviendas se destinan a 20 mujeres en circunstancias difíciles, que participan con su trabajo en el proceso de construcción.

Contexto femenino
20 años después el 60% de los hombres, principalmente los jóvenes jefes de familia entre 15 y 24 años (cerca del 50,8%), continúan a emigrar, sobretodo para EEUU. El 84,3% ya no regresan a México. A parte de quedar solas, la mayoría de las mujeres tiene una media de 3 hijos para criar a la vez de la dificultad de acceder a los servicios médicos (85% de la población).

Estas mujeres continúan a luchar por una sociedad y una mejoría de vida, en un estado que tiene el tercer mayor índice de analfabetismo del país. De hecho mas del 80% de la población femenina continua o sin saber escribir, o con la enseñanza básica incompleta.

Vivienda
En el municipio de San Juan Mixtepec, la vivienda continua a ser de pequeña área, sin embargo albergando a varios habitantes, en condiciones muy básicas. Cerca de 67,5% continúan a ser vivienda de un solo cuarto. 59,3% de las casas no poseen pavimento, teniendo apenas el suelo de tierra y el 63,3% no poseen ningún bien inmueble, ni frigorífico, ni Tv, ni lavadora ni computador.

Se trata de un ambiente rural, en que personas y animales conviven en el mismo espacio.

Condiciones de vivienda
Después de 20 años, todavía con varias mejoras en las condiciones de la vivienda en todo el país, Oaxaca continua teniendo una situación muy crítica relativamente al nivel de otras entidades federales del país.

Participantes
Juan José Santibañez, 20 años después. El arquitecto quiso relanzar el proyecto de 20 casas para 20 nuevas mujeres. Con esta intención se juntó con jóvenes arquitectos transmitiendo su conocimiento y dando inicio a un ciclo atemporal y continuo.

En este proyecto los participantes son Rootstudio, compuesto por João Caeiro e Fulvio Capurso, Casa Terra y Blaanc Borderless Architecture.

El proyecto tipo
La casa, de planta simple y rectangular, está formada por dos núcleos: uno privado y uno público. Cada uno formado por dos arcos que se encuentran en el centro, aumentando así la noción de espacio y marcando cada una de las actividades a desarrollar en cada área. Esto permite espacios amplios a pesar de la reducida área total. El alpendre se presenta como una prolongación de la casa, estando directamente ligado con la cocina.

Está soportado por una estructura de madera revestida por cañizo, dispuesto espaciadamente de modo a volver las paredes translúcidas. El alpendre se abre de este modo para una naturaleza envolvente, construyendo un espacio privilegiado de convivencia.

La casa, de un solo piso, está marcada por el color de las puertas, que podrán ser varias, de acuerdo con sus habitantes, y que deberá ser de tonos fuertes y marcados, como es característico de México.

La variedad de texturas presentes en los adobes, cañizo y tejas contribuyen para volver el conjunto más rico y armónico.

O projeto-tipo
A casa, de planta simples e retangular, é constituída por dois núcleos: um privado e um público. Cada núcleo é formado por dois arcos que se encontram no centro, aumentando assim a noção de espaço e distinguindo cada uma das atividades a desenvolver em cada área, o que permite criar espaços amplos apesar da reduzida área total.

O alpendre constitui um prolongamento da casa, estando diretamente ligado à cozinha. É suportado por uma estrutura de madeira revestida a caniço, disposto de forma espaçada de modo a tornar as paredes translúcidas. O alpendre abre-se assim para a natureza envolvente, constituindo um espaço de convivência privilegiado.

A casa, de um só piso, distingue-se pela cor variada das portas escolhida pelos respetivos habitantes e que deve ser forte e marcante, como é característico do México.

A variedade de texturas presentes nos adobes, caniço e telhas contribui para tornar o conjunto mais rico e harmonioso.

Materiais Locais
As casas tradicionais são construídas com materiais locais e comuns como o adobe, a cana, a madeira e a pedra. Emprega-se o material que se encontra mais à mão, tirando partido das suas qualidades e especificidades.

Materiales Locales
Las viviendas tradicionales son construidas con materiales locales y vernáculos como el adobe, la caña, la madera y la piedra. Es utilizado lo que está mas cerca y sacase provecho de sus cualidades y especificidad.

ADOBE são tijolos feitos de barro, água e palha, moldados de forma artesanal, fabricados com argila, que ocupa grande parte da superfície do município.
ADOBE son ladrillos de tierra cruda, agua y paja, modelados en formas de procesamiento artesanal. Es realizado con suelo de arcilla que ocupa gran parte de la superficie del municipio.

CANA é frequentemente utilizada para forrar interiormente o teto e existe com abundância em todo o país.
CAÑA es muy utilizada como revestimiento interior del techo y existe en abundancia en todo el país.

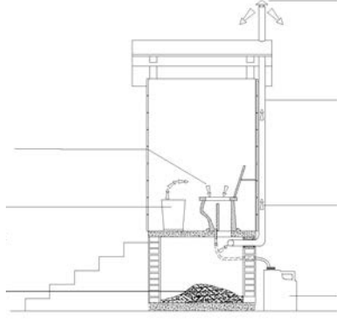
MADEIRA a espécie mais utilizada é o pinho, particularmente na estrutura dos telhados.
MADERA la especie más utilizada es el pino, principalmente en estructuras de tejados.

Eficiência energética
Energia Solar
Para aproveitar ao máximo a energia solar, serão instalados painéis solares para converter a energia da luz solar em energia elétrica. Prevê-se que estes painéis permitam o uso de: 4 lâmpadas, 1 televisão e 1 rádio.
(tendo em conta os equipamentos que se encontram nas casas deste município).

Composto
A compostagem é um processo biológico em que os microrganismos transformam matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, num material semelhante ao solo, denominado composto. Para além de permitir o reaproveitamento de uma parte dos resíduos domésticos, o composto melhora a estrutura do solo e atua como fertilizante.

Forno Lorena
É uma cozinha artesanal, energeticamente eficiente que consome menos madeira para cozinhar comparativamente aos fogos a lenha tradicionais. Consiste, basicamente, numa "caixa fechada" de barro e areia com uma chaminé. A lenha é colocada no interior desta caixa, sendo a comida aquecida através do fumo. Este sistema permite reduzir o consumo de lenha até 60% e melhorar a qualidade do ar no interior da cozinha.

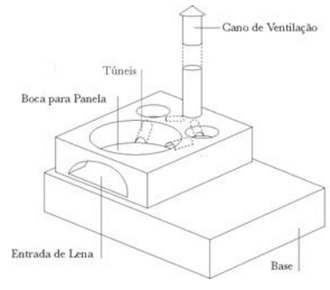
Banho Seco
O "banho seco" é um sistema utilizado nas instalações sanitárias em que, em vez de se usar a descarga e/ou um sistema de esgoto, se armazenam as fezes e a urina, transformando-as num produto para fertilizar o solo. Diz-se "seco" porque não é usada água, que, por conseguinte, não é desperdiça nem contaminada. É semelhante ao sistema de compostagem, na medida em que o oxigénio é necessário no processo da reciclagem. É necessária uma câmara para armazenar as fezes e a urina (em conjunto ou separadamente) e um tubo de chaminé para permitir que o ar quente suba, deixando o ar fresco no interior das câmaras.



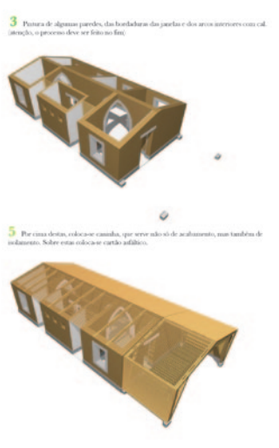
Eficiencia energética
Energía Solar
De modo a aprovechar el máximo de energía solar, irán a ser instalados paneles solares para convertir la energía de la luz del sol en energía eléctrica. Se prevé que estos permitan el uso de: 4 bombillas, 1 televisión y 1 radio.
(en medida a los equipamientos utilizados en una vivienda de este municipio)

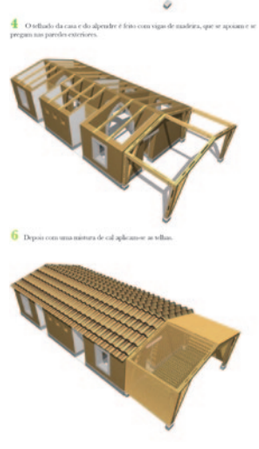
Compost
El compost es un proceso biológico en el cual los microorganismos se transforman en materia orgánica, como estiércol, hojas, papel y restos de comida, en un material semejante al suelo que se llama así mismo, compost.
A parte de reaprovechar una parte de la basura que genera la vivienda el compost mejora la estructura del suelo y actúa como fertilizante.

Estufa Lorena
Es una cocina artesanal energéticamente eficiente que utiliza menos madera para cocinar que los típicos fuegos de leña. Básicamente consiste en una "caja cerrada" de barro y arena con una chimenea. La leña es colocada en el interior de la caja, y a través del humo la comida es calentada. Este sistema permite reducir el consumo de leña hasta en un 60% y mejorar la cualidad del aire interior de la cocina.



Baño Seco
El "baño seco" es un sistema que se utiliza en la instalaciones sanitarias donde, en vez de utilizar descargas y/o sistemas de alcantarillado, se almacenas heces y orina, transformándolo en un producto para nutrir el suelo. Es llamado de seco porque no utiliza agua, no la desperdicia y evita contaminarla. Es parecido al sistema de compost en la medida que necesita de oxigeno para reciclar el proceso. Es necesario una cámara donde se almacenan las heces y la orina (puede ser junto o por separado) y un tubo de chimenea que permite que el aire caliente suba, dejando el aire fresco en el interior de las cámaras.





Como construir
Como se fabricam os adobes?
O adobe é uma peça para a construção, feita a partir de uma pasta de barro (argila e areia), por vezes misturada com palha, moldada em forma de tijolo e secada ao sol. É preparado a partir de uma mistura de: 70% de argila + 20% de areia e água. É introduzido num molde e deixado a secar ao sol durante aproximadamente 25/30 dias. Para evitar a fissuração durante a secagem ao sol acrescenta-se palha e estrume de cavalo que servem de armação.

Como testar
Primeiro, é necessário descobrir um lugar onde se encontre a terra mais argilosa possível para poder ser utilizada na construção.

Em seguida, é necessário verificar a sua qualidade da seguinte forma: 1) Formar uma pasta plástica e moldável, colocar numa caixa de madeira de 40x4x4 cm. 2) Deixar secar à sombra. 3) Quando a pasta forma uma curva convexa no centro, a terra não serve. Normalmente encolhe. 4) Mede-se quanto encolheu, o que normalmente não deve exceder os 4 cm. 5) Em seguida é testada a sua resistência após 15 dias de secagem. Para este segundo teste os adobes devem estar bem secos. 5.1.) Colocar dois tijolos à distância de aproximadamente 30 cm um do outro. 5.2.) Colocar por cima outro tijolo perpendicularmente, e sobre ele colocar o peso correspondente uma pessoa. Se não se quebrar é porque é de boa qualidade.

Cronograma e custos
Cronograma
O grupo nomeia o seu presidente, tesoureiro, secretário e suplentes. Deverá realizar-se uma reunião semanal para resolver questões pendentes e garantir a correta coordenação dos trabalhos.

Como se trabalha
O grupo divide-se em 4 equipas de 5 pessoas. Enquanto duas equipas trabalham nas obras, as outras duas executam as suas tarefas diárias.

Tempo necessário para o fabrico do adobe
Cada casa precisa de 2200 adobes que levam uma semana a produzir. Por dia são produzidos 370 adobes (185 por equipa). 10 pessoas por semana (de segunda a sábado) produzem 2220 adobes. Consequentemente, para construir 20 casas são necessárias 20 semanas (5 meses) para produzir a totalidade dos adobes.
BLAANC + ROOTSTUDIO

Cómo construir
¿Como se fabrican los adobes?
El adobe es una pieza para la construcción hecha con una masa de barro (arcilla y arena) mezclada a veces con paja, modelada en forma de ladrillo y secada al sol. Se elabora de una mezcla de: 70% de arcilla + 20% de arena y agua. Se introduce en un molde y se deja secar al sol generalmente 25/30 días. Para evitar que se fisuren al secar al sol se acrecienta paja y estiércol de caballo que sirven como armadura.

Como testar
Primero, encontrar un lugar donde pueda ser encontrada la tierra mas arcillosa posible para ser utilizada en la obra.

Después comprobamos su capacidad de la siguiente manera: 1) hacer una masa plástica y modelable, colocar en una caja de madera de 40x4x4 cm. 2) dejar secar a la sombra. 3) Cuando la masa se levanta en forma curva por el centro la tierra no sirve. Normalmente encoge. 4) Se mide cuánto encogió, que normalmente no debe ser mas de 4 cm. 5) Después se hace mas una prueba en cuanto a su resistencia después de 15 días de secado. Para este segundo test los adobes deben estar bien secos. 5.1) colocar dos ladrillos alejados entre si, mas o menos 30 cm. 5.2) colocar otro por encima y de pié, sobreponer el peso humano y si no se rompe es porque tiene buena calidad.

Cronograma y costes
Cronograma
El grupo nomina a su presidente, tesorero, secretario y suplentes. Se deberá hacer una reunión semanal para resolver cuestiones pendientes y garantizar la correcta coordinación de los trabajos.

Cómo se trabaja
El grupo se divide en 4 equipos de 5 personas. En cuanto dos equipos trabajan en las obras otras dos estarán en sus quehaceres diarios.

Tiempo necesario para la ejecución del adobe
Cada casa necesita de 2200 adobes que llevan una semana en ser producidos. Por día se producen 370 adobes (185 por equipo).
10 personas por semana (lunes a sábado) producen 2220 adobes. Entonces, para 20 casas son necesarias 20 semanas (5 meses) para realizar la totalidad de los adobes.
BLAANC + ROOTSTUDIO

DONATIVOS
A nossa associação depende exclusivamente de contribuições voluntárias. O primeiro projeto de Adobe for Women situa-se no México e destina-se a ajudar 20 mulheres de uma aldeia indígena de San Juan Mixtepec, Estado de Oaxaca. As casas são eficientes a nível energético e construídas com materiais locais, como o adobe e o bambu. Cada casa tem um custo de apenas 3.830,84 €.

EXEMPLOS DE CONTRIBUIÇÕES
17,93€ - 3 janelas de batente com 40 x 40 cm
44,72 € - 500 tijolos rústicos de 28 x 14 x 6 cm
122,50 € -1 tonelada de cimento
513,49 € - 1 pack de Energia Solar
3.830,84 € -1 Casa Adobe for Women

DONATIVOS
Nuestra asociación depende exclusivamente de contribuciones voluntarias. Bloque a bloque, casa a casa. El primer proyecto de Adobe for Women es en México, ayudando a 20 mujeres de un poblado indígena de San Juan Mixtepec, estado de Oaxaca. Las casas son eficientes a nivel energético y construidas con materiales locales, como adobe y bambú.
Cada casa tiene un coste de apenas 3.830,84€.

EJEMPLOS DE CONTRIBUCIONES
17,93€ - 3 ventanas batientes de 40x40 cm
44,72€ - 500 ladrillos rústicos de 28x14x6 cm
122,50€ - 1 Tonelada de Cemento
513,49€ - 1 Pack Energía Solar
3.830,84€ - 1 Casa Adobe for Women

Lotes Vagos
LOUISE MARIE GANZ

Pode se imaginar uma cidade cujos lotes vagos sejam usados como espaços públicos provisórios, gerando dinâmicas urbanas alternadas e sucessivas? Lotes com vacas, com hortas, com piscinas portáteis, com salas de estar, com campos floridos para piquenique, com capinzais e árvores frondosas, com altar para casamentos; espaços para descanso, leitura, festas, jogos, observação dos astros e dos ciclos vegetais e dos pássaros urbanos. Prazer, produção e invenção. Os lotes vagos são pequenos campos cercados ou abertos na cidade que possibilitam produzir e viver numa esfera distinta da especulação, do planejamento urbano determinista, e da homogeneidade de construções e rotinas.

O projeto *Lotes Vagos: Ocupações Experimentais* realizado no Brasil, nas cidades de Belo Horizonte e Fortaleza, durante os anos de 2004 a 2008, visa transformar propriedades privadas em espaços públicos temporários, com a colaboração de artistas, arquitetos, proprietários de terrenos, instituições e diversos grupos de pessoas. Com os proprietários é negociado o empréstimo dos lotes. Com a população local as relações se engendram pela ocupação e os vários usos que neles podem se dar. Isso desestabiliza as noções de propriedade privada e instiga o público a participar da produção da cidade de modo ativo, experimental e autônomo, evidenciando o caráter intrinsecamente sociopolítico da ação numa micro-escala.

Os usos que propomos para lotes vagos distanciam-se da espetacularização, já que podem ser construídos pela própria população local. Hoje muitos são os espaços do tipo *shopping-centers*, disneylândias, *resorts*, totalmente vigiados, onde as funções e desejos são previamente definidos e controlados e cada vez mais imbuídos de um falso discurso neoliberal de sustentabilidade. Correspondem à privatização, elitização, propagação do medo e restrição dos modos coletivos de vida urbana. A experimentação nos lotes vagos, ao contrário, coloca os moradores como responsáveis pelos destinos de suas vizinhanças, de um modo que não seja puramente visando o lucro e a especulação imobiliária. A proximidade de terrenos dos espaços de vivencia cotidiana mobiliza as pessoas para o uso. Para isso é importante que o caráter de vago e de indeterminação permaneça. Através de intervenções por toda a cidade, *Lotes Vagos* quer intervir e transformar a vida cotidiana.

100 m² de grama

Foi realizado em um lote de 500 m², localizado em região da cidade onde se encontram diversos hospitais, consultórios, pequeno comércio, restaurantes e residências. O lote possui as fundações de uma obra iniciada e posteriormente abandonada. Após a negociação de empréstimo do terreno com o proprietário, e a assinatura do contrato de comodato com a validade de três meses, iniciamos o plantio de 100 m² de placas de grama, como procedimento detonador de processos e relações com a vizinhança. No primeiro dia, descarregamos o caminhão de grama pela manhã. Escavamos por entre as estruturas de concreto e relocamos os materiais encontrados: areia, pedras, lixos, gramíneas. Um caminhão que passou pela rua estacionou e ofereceu a terra, já que iria mesmo dispensá-la. Espalhamos essa terra por entre as estruturas. Muitos vizinhos se envolveram de diversas maneiras: oferecendo água e lanche, projetando áreas para plantio de flores e hortaliças, organizando encontro com jovens estudantes para capinar, providenciando água para irrigação, levando ferramentas para plantio e trabalhando no canteiro. Durante os finais de semana vizinhos habituaram-se a levar piscina, churrasqueira e guarda-sol. Dias de descanso e jogos. Várias crianças se divertiram limpando partes do terreno, experimentando as ondulações na grama para deitar, carregando algumas placas de grama que ainda estavam por plantar. O terreno se transformou em um laboratório de possibilidades, de modo bastante democrático. Nosso papel como arquitetos foi catalisar um processo participativo, agindo no local com pouco planejamento prévio e com abertura para os acasos. A única certeza que tínhamos era a de plantar 100m² de grama. Podemos dizer que tratou-se de um projeto sem projeto. LOUISE MARIE GANZ

100 m² de hierva

Fue realizado en un solar de 500 m², localizado en una región de la ciudad donde se encuentran diversos hospitales, consultorios, pequeño comercio, restaurantes y residencias. El solar posee las fundaciones de una obra iniciada y posteriormente abandonada. Después de la negociación del préstamo del terreno con el propietario y la firma del contrato de cesión por tres meses, iniciamos la plantación de 100 m² de placas de hierba, como procedimiento detonador de procesos y relaciones con el barrio. El primer día descargamos el primer camión de tierra por la mañana. Excavamos entre las estructuras de hormigón y recolocamos los materiales encontrados: arena, piedras, basura, grava. Un camión que paso por la carretera paró y nos regaló tierra, ya que iba a tirarla. Expandimos esta tierra por las estructuras. Muchos vecinos se implicaron de diferente manera: ofreciendo agua y merienda, proyectando áreas para la plantación de flores y hortalizas, organizando encuentros con jóvenes estudiantes para sembrar, providenciando agua de irrigación, llevando herramientas para la plantación y trabajando en ella. Durante los fines de semanas algunos vecinos se habituaron a llevar la piscina, la barbacoa y la sombrilla. Días de descanso y juegos. Varios niños se divirtieron limpiando varias partes del terreno, experimentando las ondulaciones de la hierba para tumbarse, cargando algunas placas que todavía estaban por plantar. El terreno se transformó en un laboratorio de posibilidades, de modo bastante democrático. Nuestro papel como arquitectos fue catalizar un proceso participativo, actuando en el local con un poco de planeamiento previo y con apertura para los acasos. La única seguridad que teníamos era la de plantar 100 m² de hierba. Podemos decir que se trató de un proyecto sin proyecto. LOUISE MARIE GANZ

¿Podemos imaginar una ciudad cuyos solares vacíos sean usados como espacios públicos provisionales, generando dinámicas urbanas alternadas y sucesivas? Solares con vacas, con huertas, con piscinas portátiles, con salas de estar, con campos floridos para picnics, con pastos y árboles de sombra, con un altar para bodas; espacios para el descanso, lectura, fiestas, juegos, observación de los astros y de los ciclos vegetales y el de los pájaros urbanos. Placer, producción, invención. Los solares vacíos son pequeños campos cercados o abiertos a la ciudad que posibilitan producir y vivir en una esfera diferente a la de la especulación y del planeamiento urbano determinista hacia la homogeneidad de construcciones y rutinas.

El proyecto *Lotes Vagos: Ocupaciones experimentales* fue realizado en Brasil, en las ciudades de Belo Horizonte y Fortaleza, entre los años 2004 y 2008, con vista a transformar propiedades privadas en espacios públicos temporales, con la colaboración de artistas, arquitectos, propietarios del terreno, instituciones y diversos grupos de personas. Con los propietarios es negociado el préstamo del terreno. Con la población local las relaciones se generan por la ocupación y los varios usos que ellos pueden darle. Esto desestabiliza la noción de propiedad privada e instiga al público a participar de la producción de la ciudad de modo activo, experimental y autónomo, evidenciando el carácter intrínsecamente sociopolítico de la acción a micro-escala.

Los usos que proponemos para *Lotes Vagos* se distancian de la especulación, ya que pueden ser construidos por la propia población local. Hoy son muchos los espacios del tipo centros comerciales, disneylandias, *resorts*, totalmente vigilados, donde las funciones y deseos son previamente definidos y controlados y cada ves más infundidos en un falso discurso neoliberal de sostenibilidad. Corresponden a la privatización, estilización, propagación de miedo y restricción de los modos colectivos de vida urbana. La experimentación en los solares vacíos pone, al contrario, a los moradores como responsables por los diferentes destinos de sus barrios, de un modo que no sea puramente con vista a generar lucro y especulación inmobiliaria. La proximidad de los terrenos de los espacios de vivencia cotidiana moviliza a las personas para el uso. Para esto es importante que el carácter de vacío y de indeterminación permanezca. A través de intervenciones por toda la ciudad, *Lotes Vagos* quiere intervenir y transformar la vida cotidiana.

Peluquero
Un solar que funciona durante la semana como estacionamiento, fue activado un domingo para crear un cruzamiento de programas arquitectónicos existentes en el barrio. Mercadillos de fruta, salones de peluquería, centros de estética. Dos bellas arboles de mangos y sus hojas secas en el suelo crean el ambiente para la coexistencia de las actividades, lecturas, tratamientos estéticos, masajes, cortes de pelo, servicios de manicura, sesiones de relajación y conversaciones.

Juguetes
En conjunto con la población local limpiamos y ocupamos un terreno con estructura de hormigón abandonada. Cubrimos de arena el suelo entre los pilares, sacando provecho de sus irregularidades naturales. Algunos pequeños juguetes llevados para el local fueron suficientes para provocar el inicio de una interacción entre los niños del barrio y el descubrimiento de una nueva posibilidad de uso del espacio.

Playa
La intervención importó el clima de una playa a un solar abandonado. La ciudad de Belo Horizonte no posee playa ni piscinas públicas y ciertos barrios de la ciudad son muy condensados, con ausencia de espacios para huso colectivo sin vínculo con el consumo de bienes. Con 100 m² de arena, piscinas y sillas, el ambiente soleado, relajado e informal fue posible.

Hamacas
Las hamacas fueron instaladas en un terreno localizado en una parte comercial de la ciudad, donde los trabajadores no tenían plazas ni espacios para el descanso en los horarios de intervalo para almorzar. Con esa propuesta, diversas personas pasaron a frecuentar el terreno para descansar.

Cabeleireiro
Um lote, que funciona durante a semana como estacionamento, foi ativado num domingo para criar um cruzamento dos programas arquitetônicos existentes no bairro: feiras de frutas, salões de cabeleireiro, centros de estética. Duas belas árvores de manga e suas folhas secas no chão criam o ambiente para a coexistência das atividades: leituras, tratamentos estéticos, massagens, cortes de cabelo, serviços de manicure, sessões de relaxamento e conversas.

Brinquedos
Em conjunto com a população local limpamos e ocupamos um terreno com uma estrutura de concreto há anos abandonada. Por entre os pilares cobrimos o solo com areia, tirando proveito de suas irregularidades naturais. Alguns pequenos brinquedos levados para o local foram suficientes para provocar o início de uma interação entre as crianças do bairro e a descoberta de uma nova possibilidade de uso de um espaço.

Praia
A intervenção importou o clima de praia para o terreno vago. A cidade de Belo Horizonte não possui praia nem piscinas públicas e certos bairros são muito adensados, com ausência de espaços para o uso coletivo sem vínculo com o consumo de bens. Com 100 m² de areia, piscina e cadeiras, o ambiente ensolarado, descontraído e relaxado se conformou.

Redes
As redes foram instaladas em um terreno localizado em umaregião comercial, onde os trabalhadores não têm praças nemespaços para descanso nos horários de intervalo e almoço. Com essa proposta diversas pessoas passaram a frequentar o terreno para descansar.

Banquete
Durante algunos encuentros con moradores de las unidades de vivienda local, organizamos un banquete en un solar abierto y ya bastante utilizado por todos como campo de fútbol. En un proceso participativo cada persona preparo un tipo de comida y bebidas y llevó sillas, platos, cubiertos, vasos y otros ingredientes para la gran mesa.

Transplante
En la región semiárida del nordeste brasileño el cactus es una planta nativa. Fueron desplazadas algunas plantas para un terreno, donde moradores locales deseaban producir un jardín. Mediante un procedimiento colaborativo entre artistas y moradores locales, el jardín fue poco a poco construido.

Topografía
Un lote cerrado por un muro fue abierto al uso para el descanso, la lectura y juegos.
El declive acentuado del terreno nos permitió realizar sutiles movimientos de tierra. Esta nueva tipografía adecuada al cuerpo produjo confortables tumbonas, orientadas para la panorámica vista de la ciudad.

Exhibición
Con la ayuda de algunos vecinos trajimos muebles para los espacios que todavía tenían vestigios de la antigua casa existente en el terreno. Allí el grupo de personas asistía a una película en las televisiones.

Banquete
Durante alguns encontros com moradores das unidades de habitação do local, organizamos um banquete em lote aberto e já bastante utilizado por todos como campo de futebol e área de travessia. Num processo participativo cada pessoa preparou comidas, bebidas e levou cadeiras, pratos, talheres, copos, e outros ingredientes para a grande mesa.

Transplante
A região do semiárido no nordeste do Brasil o cactus é planta nativa. Foram deslocadas algumas plantas para um terreno urbano, onde moradores locais desejavam produzir um jardim. Com um procedimento colaborativo entre artistas e moradores locais, o jardim foi aos poucos construído.

Topografia
Um lote fechado por um muro foi aberto ao uso público para descanso, leitura e jogos.
A declividade acentuada do terreno nos permitiu realizar sutis movimentos de terra. Essa nova topografia adequada ao corpo produziu confortáveis poltronas, voltadas para panorâmica vista da cidade.

Exibição
Com a ajuda de vizinhos trouxemos móveis para os espaços ainda com vestígios da antiga casa existente no terreno. Ali o grupo de pessoas assistia a um filme nas televisões.

As ações de ocupação foram propostas colaborativas entre Louise Marie Ganz, Breno Silva e Ines Linke, contando sempre com o apoio de diversos grupos de artistas, de moradores locais e de instituições.

Las acciones de ocupación fueron propuestas colaborativas entre Louise Marie Ganz, Breno Silva e Ines Linke, contando siempre con el apoyo de diversos grupos de artistas, moradores locales y de diferentes instituciones.

El Nodo
CTRL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA CULTURAL + A.C. el Nodo

ÁREA 151 m² (Construídos, Construidos), 145 m² (Úteis, Útiles)
ORÇAMENTO – PRESUPUESTO 47000€ [≈315€/m²]
PATROCÍNIO – PATROCINIO Sedesol, Kansas City Southern of Mexico, Cemex

SALTILLO, MÉXICO, 2011

elNodo é um centro de produção cultural que se propõe funcionar como elemento mediador entre bairros desintegrados, desligados ou marginalizados na cidade de Saltillo, capital do Estado de Coahuila, a Norte do México. Propõe um conceito de centro participativo e aberto às propostas diretas dos cidadãos distinguindo-se assim, por conseguinte, dos tradicionais centros culturais institucionais.

O objetivo de *elNodo* é proporcionar aos moradores dos bairros vizinhos e aos grupos culturais as ferramentas necessárias para a sua produção independente, disponibilizando aconselhamento permanente (logístico e económico) para as suas propostas.

O centro desenvolve-se de modo a que, no âmbito dos processos de construção e produção cultural, indivíduos e grupos sejam os protagonistas, e que, mais do que um lugar de exposição, seja um lugar de produção de onde surjam programas de formação e de criatividade a partir das próprias preocupações dos habitantes e dos cidadãos implicados, promovendo deste modo os sentimentos de pertença e de orgulho cidadão.

Importa destacar que as diferentes etapas do processo de definição e concretização se desenvolveram em forma de *workshop*, deixando assim um manancial de conhecimentos que confere aos cidadãos uma apropriação face ao posterior desenvolvimento deste e de outros projetos. Espera-se que tanto os grupos como as instituições implicadas, bem como os programas de ajuda ao projeto, possam desenvolver-se no âmbito das próximas fases.

Atualmente as atividades culturais são as mais diversas e refletem a diversidade da população local. Os *workshops* de documentação, as ações de reciclagem, a serigrafia, a jardinagem, a arte urbana, os cursos de inglês ou de dança, incluem faixas etárias que abrangem desde crianças a donas de casa com um enfoque particular nos jovens e adolescentes, para a criação de um espaço onde todas estas atividades coexistam promovendo aquele diálogo que não está a acontecer na sociedade contemporânea.

O processo de criação do equipamento cultural de *elNodo* desenvolveu-se num contexto claramente marcado pelos modelos urbanísticos provenientes dos Estados Unidos, que são reproduzidos, aplicados e impostos quase sem qualquer questionamento, apesar dos problemas que visivelmente acarretam e do seu fracasso em qualquer lugar.

Contrariamente ao ponto de vista social, a situação define-se por um Estado praticamente ausente e pela falta de oportunidades reais. A combinação destes fatores acaba por gerar uma cidade fortemente sectorizada e uma sociedade marcada pelo individualismo, em que a interação social é cada dia menos frequente, se não impossível, podendo a partir disso reconhecer-se facilmente os padrões da globalização dos problemas. A fim de contribuir para inverter estas dinâmicas, concebemos este projeto desde o início como uma experiência de convivência e de trabalho pessoal para todos os seus participantes: um laboratório aberto ao cidadão.

Através de numerosas reuniões, começou-se a traçar um projeto mais centrado na configuração física dos espaços e nos protocolos e estatutos do seu funcionamento como elementos de projeto, mais importantes do que o próprio espaço.

Um espaço mental acompanhado do espaço físico adequado para lhe servir de suporte, dois espaços num jogo de forças que tinham de ser comuns e nunca individuais.
As preocupações e os problemas que surgem nestes bairros não são desafios pessoais, mas laboratórios de ensaio para possíveis soluções apenas através do esforço e do trabalho da sociedade em geral. Por isso, desde a conceção do equipamento, foi decidido implementar um modelo que, por oposição ao atual modelo individualista, não só permitisse mas também promovesse a interação social.

O que era na origem todo o processo de criação de um "centro de produção cultural" transformou-se num espaço mental, um pequeno fórum cidadão, a partir do qual propor uma nova política urbana, reinventar em pequena escala as ferramentas de governação, aprender de novo a converter-se em vizinhos e numa comunidade, diminuir o *spread* social acumulado, investir na globalização com a convicção de que as melhorias podem ser concretizados pelos habitantes.

Um processo e um modelo de trabalho que nasce e se baseia nos cidadãos, que não espera soluções por parte das administrações, mas que começa a trabalhar diretamente sobre a cidade de forma independente sem excluir ninguém. Um grupo muito variado de cidadãos, que trabalham dia a dia com a sua envolvente urbana, propondo e vendo refletidos os resultados das suas decisões, trazendo novos valores e pequenas práticas quotidianas. A soma destas pequenas ações individuais começa a criar novos cenários que não só promovem o diálogo, mas também abordam o conflito, contribuindo para a criação de um discurso que se baseia na multiplicidade.

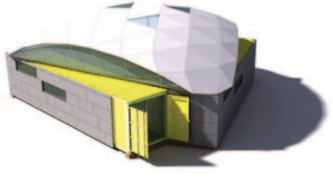
Para promover tudo isso não foram necessárias grandes infraestruturas ou investimentos, mas apoiarmo-nos nos recursos materiais e imateriais já presentes no terreno, sobretudo nos cidadãos.

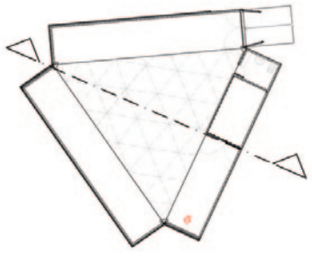
Os resultados de intervenções em pequena escala como esta, sugerem às administrações que existem outros modelos que podem contribuir para melhorar dinâmicas a nível do cidadão, sem serem necessárias grandes infraestruturas e que nos levam a imaginar as reais potencialidades deste tipo de propostas levadas a cabo pelo caminho da independência.

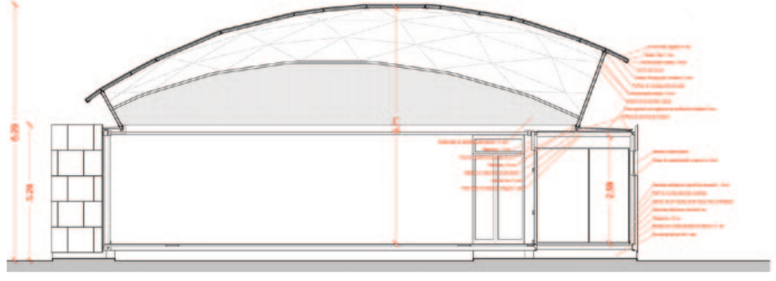
A característica mais importantes quando se está a trabalhar em propostas como esta consistem, em minha opinião, em dotá-las de capacidade de resistência e de inércia. Capacidade de resistência para que não caiam rapidamente em sucessivos ciclos de obsolescência e possam reinventar-se e regenerar-se para fazer face às rápidas mudanças que a sociedade atual enfrenta.
Inércia para que não fiquem como experiências isoladas, mas que sejam o motor que, uma vez em movimento, possa impulsionar outras iniciativas, ligadas ou independentes da inicial, que possam contribuir com as suas capacidades de transformação para a autorregeneração das cidades.

Iniciativas de cidadãos que tentam contribuir para recriar o tecido social, um tecido social que apoie a regeneração do bairro, entendendo-se bairro como a célula base da criação e da vida da cidade.

GIANLUCA STASI, CRTL+Z







Secção. Sección.

elNodo es un centro de producción cultural que se propone como elemento mediador entre barrios desintegrados, desligados o marginados en la ciudad de Saltillo, capital del Estado de Coahuila en el norte de México. Propone un concepto de centro participativo y abierto a las propuestas directas de la ciudadanía y por tanto distinto a los tradicionales centros culturales institucionales.

El objetivo de *elNodo* es proveer a los habitantes de los barrios cercanos y a los colectivos culturales las herramientas necesarias para su producción independiente, siendo asesoría permanente (logística y económica) para sus propuestas.

El centro se desarrolla de modo que en los procesos de construcción y producción cultural, individuos y colectivos sean los protagonistas, y que sea, más que un lugar de exhibición, un lugar de producción donde surjan programas de formación y creatividad a partir de las propias inquietudes de los sujetos vecinales y ciudadanos implicados, promoviendo de este modo los sentimientos de pertenencia y de orgullo ciudadano.

Es importante destacar que las distintas etapas del proceso de definición y puesta en práctica se desarrollaron en forma de taller, dejando así un pozo de conocimientos que empoderan a la ciudadanía en cara al desarrollo posterior de este y otros proyectos. Se espera que tanto los colectivos e instituciones implicadas, como los programas de ayuda al proyecto puedan ampliarse de cara a las próximas fases.

Actualmente las actividades culturales son las más diversas y reflejan la diversidad de la población circunstante. *Workshops* de documental, reciclaje, serigrafía, jardinería, arte urbano, cursos de Inglés o de danza, incluyen franjas de edad que van desde los niños hasta las amas de casa con particular enfoque a los jóvenes y a los adolescentes, para la creación de un espacio donde todas estas actividades coexisten promoviendo aquel dialogo que en la sociedad contemporánea no se está dando. El proceso de creación del equipamiento cultural *elNodo* se ha desarrollado en un contexto claramente marcado por los modelos urbanísticos provenientes de los Estados Unidos que son reproducidos, aplicados e impuestos casi sin cuestionamiento ninguno a pesar de los problemas que han demostrado conllevar y de los fracaso de los mismos a todas latitudes.

En cambio, del punto de vista social, el panorama se define por un Estado casi completamente ausente y por la falta de oportunidades reales. La combinación de estos factores acaba generando una ciudad fuertemente sectorizada y una sociedad marcada por el individualismo donde las interacciones sociales son cada día menos frecuentes, si no imposibles, y a partir de eso se pueden fácilmente reconocer los patrones de la globalización de los problemas. Para contribuir a la inversión de estas dinámicas planteamos desde el principio este proyecto como un experimento de convivencia y trabajo personal para todos sus participantes: un laboratorio ciudadano abierto.

A través de innumerables reuniones se empezó a trazar un proyecto que trabajaba más que en la configuración física de los espacios, en los protocolos y estatutos de su funcionamiento como elementos de proyecto más importantes del espacio mismo.

Un espacio mental acompañado del espacio físico adecuado para servirle de soporte, dos espacios que juego fuerza tenían que ser espacios comunes y nunca individuales. Las inquietudes y los problemas que se plantean en estos barrios no son retos personales, sino que investigan soluciones posibles solo a través del esfuerzo y del trabajo de la sociedad en general. Por eso desde la concepción del equipamiento se tomó la decisión de implementar un modelo que, oponiéndose al actual individualista, no solo permitiese sino que promocionara las interacciones sociales.

A raíz de todo eso el proceso de creación de un "centro de producción cultural" se transformó en un espacio mental, un pequeño foro ciudadano, desde donde proponer una nueva una política urbana, reinventar a pequeña escala las herramientas de gobernanza, aprender a convertirse de nuevo en vecinos y comunidad, disminuir el *spread* social acumulando, invertir la globalización con la convicción que mejoras pueden ser llevadas a cabo por los lugareños.

Un proceso y un modelo de trabajo que nace y se basa sobre los ciudadanos, que no espera soluciones desde las administraciones, sino que empieza a trabajar directamente sobre la ciudad independientemente, pero sin excluir a nadie. Un grupo muy vario de ciudadanos trabajando día a día con su entorno urbano, proponiendo y viendo reflejados los resultados de sus decisiones, aportando nuevos valores y pequeñas practicas cotidianas. La suma de estas pequeñas acciones individuales empieza a crear nuevos escenarios que no solo promueven el diálogo sino que también tratan el conflicto, contribuyendo a la creación de un discurso que se basa en la multiplicidad.

Para promocionar todo eso no fueron necesarias grandes infraestructuras o inversiones, sino basarnos sobre los recursos materiales e inmateriales ya presentes en el territorio, sobretodo sobre la ciudadanía.

Los resultados de intervenciones de pequeña escala como esta, insinúan a las administraciones de que existen otros modelos que pueden contribuir a mejorar dinámicas a nivel ciudadano sin grandes infraestructuras y nos invitan a imaginar en el potencial real de este tipo de propuestas llevadas a cabo por el camino de la independencia.

Las características más importantes a la hora de trabajar sobre propuestas como esa es en mi opinión la de dotarlas de resiliencia y inercia. Resiliencia para que no caigan rápidamente en sucesivos ciclos de obsolescencia y que puedan reinventarse y regenerarse para enfrentar a los rápidos cambios que la sociedad actual está padeciendo. Inercia para que no queden como experiencias aisladas sino que sean el motor que, una vez arrancado, pueda impulsar más iniciativas, ligadas o independientes a la inicial, que puedan contribuir con sus capacidades de transformación a la auto-regeneración de las ciudades. Iniciativas ciudadanas que intentan contribuir a recrear tejido social, un tejido social que soporte la regeneración del barrio, el barrio entendido como célula base de la creación y de la vida de la ciudad.

GIANLUCA STASI CRTL+Z

O centro cultural independente elNodo é uma iniciativa promovida por A.C."elNodo", desenhada por Ctrl+Z e Straddle3, com desenvolvimento cultural a cargo de LamatraKa Cultural e Inpublixpace. Atualmente o equipamento é gerido por Fernando Carrera, Lyj e Angel González com o apoio de Sketch, Dart, Spicke, Crack, Frogi, Gabriela, Tezi e Dan.

El centro cultural independiente elNodo es una iniciativa promovida por l' A.C."elNodo", diseñada por GianLuca Stasi (Ctrl+Z) y David Juárez (Straddle3), con el desarrollo cultural a cargo de Jaime Fernández (lamatraKa) y Fernando Carrera (Inpublixpace), contó con la colaboración de Manuel Rodríguez (Urbanista), Alejandro Espinoza "El Panda" (Mediador social), Jordi Granada (Estructuras) y Michele Pecoraro (NoSoloPaja) para la autoconstrucción in situ, así como de numeroso Estudiantes, Amigos y Colectivos locales. Su realización fue posible gracias al patrocinio de Sedesol, Kansas City Southern of Mexico y Cemex. Actualmente el equipamiento es gestionado por Fernando Carrera, Lyj y Angel González con el apoyo de Sketch, Dart, Spicke, Crack, Frogi, Gabriela, Tezi y Dan.

Kitchain
MOOV

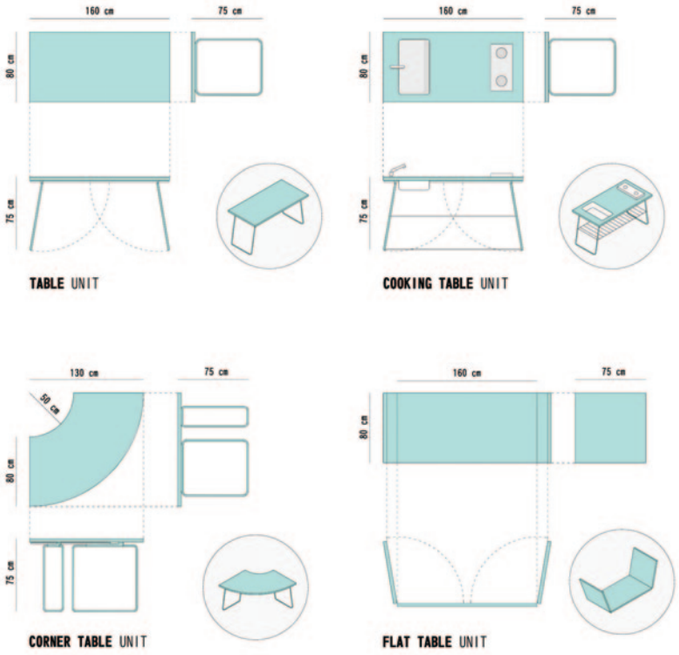
CONCEITO E DESIGN – CONCEPTO Y DISEÑO António Louro (MOOV) + Benedetta Maxia
COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO – COORDINACIÓN Y PRODUCCIÓN Belluard Bollwerk International, Patrick Aumaan, Adrian Kramp, Oliver Schmid
COZINHEIROS – COCINEROS Maïté Colin, Arnaud Nicod, Jean Piguet

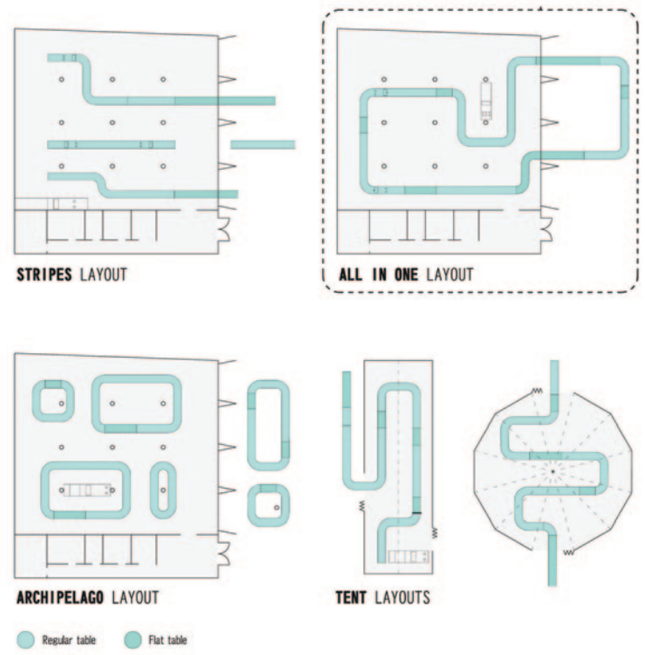
FRIBOURG, SUIÇA E LEUVEN, BÉLGICA 2009-2012

O projeto *KITCHAIN* surge em 2009 na sequência de um concurso de ideias lançado pelo Belluard Bollwerk International — festival de artes performativas e visuais que acontece anualmente na cidade de Fribourg, Suiça.
O concurso tinha como ambição encontrar um novo conceito para o centro do festival que intensificasse a dimensão social e convivial do evento.

A proposta apresentada procurou responder a este desafio com a aposta no ritual de cozinhar e comer como detonador universal de socialização e de troca de ideias. A interacção social entre a comunidade temporária formada por artistas, técnicos e público é amplificada e encorajada através da implementação no espaço de um sistema aberto que incita as pessoas, através das suas ações, a transformar o lugar numa enorme cozinha.

Objectivamente, a *KITCHAIN* é um sistema de mesas modular inspirado na versatilidade do equipamento de campismo. O seu aparato funcional é constituído por 4 unidades que podem ser facilmente assembladas numa estrutura onde se pode comer, cozinhar, conversar, relaxar...



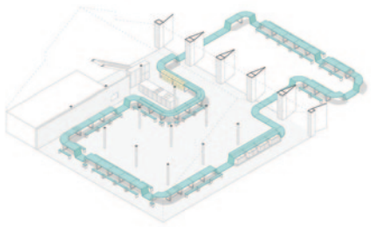


El proyecto *KITCHAIN* surge en 2009 en la sequencia de un concurso de ideas lanzado por Belluard Bollwerk International — festival de artes performativas y visules que tiene lugar anualmente en la ciudad de Fribourg, Suiza. El concurso tenía como ambición encontrar un nuevo concepto central para el festival que intensificase la dimensión social y de convivencia del evento.

La propuesta presentada buscó responder a este desafío con la apuesta del rito de cocinar y comer como detonador universal de la socialización y cambio de ideas. La interacción social entre la comunidad temporal formada por artistas, técnicos y público es amplificada y animada a través de la implementación en el espacio de un sitema abierto que incita a las personas, a través de sus acciones, a transformar el lugar en una enorme cozina.

Objectivamente, *KITCHAIN* es un sistema de mesas modular inspirado en la versatilidad del equipamiento de campismo. Su aparato funcional está construído por 4 unidades que pueden ser fácilmente ensambladas en una estructura donde se puede comer, cocinar, conversar, relajar...

2009



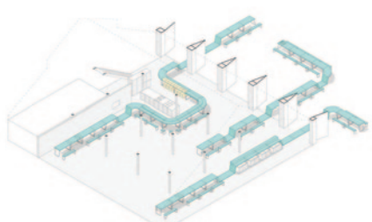
O sistema oferece duas hipóteses de apropriação: *ready-made* e *do-it-yourself*. A primeira é passiva e passa por observar ao vivo o trabalho dos cozinheiros profissionais e provar as suas iguarias. A segunda é ativa e dá a oportunidade ao público de confecionar a sua refeição através da utilização das duas unidades de cozinha e o *barbecue* inseridos na estrutura. Os artistas programados no festival também são desafiados a cozinhar com o público dando a conhecer-se de um modo menos convencional e mais informal.

El sistema ofrece dos hipóteses de apropiación: *ready-made* y *do-it-yourself*. La primera es pasiva y pasa por observar en vivo el trabajo de cocineros profesionales y probar sus delicias. La segunda es activa y da oportunidad al público de confeccionar su propia comida a través de la utilización de las dos unidades de cocina y la barbacoa instalada en la estructura. Los artistas programados en el festival también son desafiados a cocinar con el público dando a conocerse de un modo menos convencional y más informal.

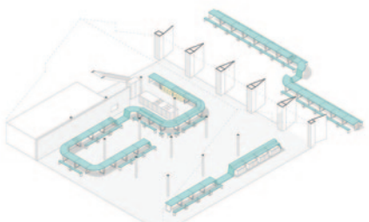
O projecto *KITCHAIN* foi desenvolvido para um período de dez anos, procurando-se explorar nesta dilatação temporal a flexibilidade do sistema e a possibilidade de se criar inúmeras configurações que renovem de ano para ano o conceito do espaço, bem como um vínculo de continuidade com o público, que se acostuma gradualmente a ser um elemento ativo na dinâmica do festival.

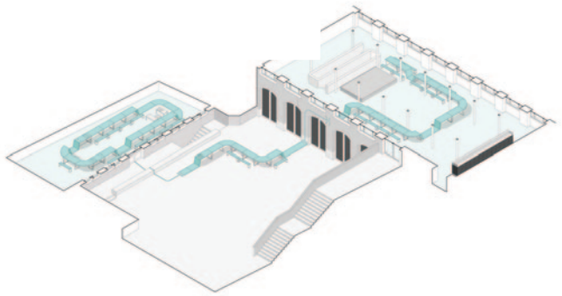
El proyecto *KITCHAIN* fue desarrollado por un período de diez años, buscando explorar en esta dilatación temporal la flexibilidade del sitema y la posibilidad de crear innumerables configuraciones que renueven de año en año el concepto del espacio, bien como un vínculo de continuidade con el público, que se acostumbra gradualmente a ser un elemento activo en la dinâmica del festival.

2010



2011





Até ao presente, a *KITCHAIN* já foi montada três vezes no Belluard Bollwerk International — a sua casa original em Fribourg, Suiça — e teve uma edição especial no Festival Artefact em Leuven, Bélgica. Todo este processo está a ser documentado no blog do projeto que é ativado anualmente durante o período do Festival para um acompanhamento diário das pequenas e grandes histórias que acontecem no cerne e na órbita da *KITCHAIN*. MOOV

Hasta el presente, *KITCHAIN* ya fué montado varias veces en el Belluard Bollwerk International — su casa original en Fribourg, Suiza — y tuvo una edición especial en el Festival Artefact en Leuven, Bélgica. Todo este processo esta siendo documentado en el blog del proyecto que es activado anualmente durante el período del festival para un aconpañamiento diário de las pequenas y grandes histórias que acontecen en el núcleo y en la orbita de *KITCHAIN*. MOOV

APOIO – APOYO Departamento Cultural de Fribourg, Pour-cent culturel Migros, Fundação Ernst Göhner, liip ag, Instituto Camões, Embaixada de Portugal – Berna, Bayer Material Science, Antiglio sa, 0815 architekten, aeby aumann emery architectes, _boegli_kramp architekten.

Kitchain é uma produção Belluard Bollwerk International 2009, realizada graças ao incentivo à Cultura do Canton de Fribourg.

Kitchain es una producción de Belluard Bollwerk International 2009, realizada gracias al incentivo para la Cultura del Canton de Fribourg.

Alaska Parque Comunal
TODO POR LA PRAXIS

ORÇAMENTO – PRESUPUESTO 500€ FINANCIAMENTO – FINANCIACIÓN Agencia Española de Cooperación Internacional de Colômbia PROMOTOR Coletivo Arquitetura Expandida COLABORADORES – AGENTES IMPLICADOS Comunidad de Alaska, La Creactiva, Coletivo Arquitetura Expandida, Hábitat sin Fronteras, Ojo al Sancocho, Todo por la Praxis

BOGOTÁ, COLOMBIA, 2010

O projeto do parque do Alaska surge no contexto do encontro Arquitetura Expandida realizado em Bogotá. Este encontro consiste de um *workshop* de intervenção no espaço público. O coletivo La Creactiva tinha desenvolvido um trabalho de investigação anterior nos bairros do sul de Bogotá e mostrou-nos a possibilidade de trabalhar no distrito de Usme. Em conjunto com a plataforma Usme que é a corporação de associações de moradores do distrito, foi realizada uma visita por várias zonas possíveis de intervenção. No *workshop* decidiu intervir-se no parque comunitário do bairro Alaska.

O projeto motivou um trabalho de colaboração entre os diferentes coletivos envolvidos, La Creactiva, Habitat sin Fronteras, Ojo al Sancocho, la corporación Insitu e Todo por la Praxis, com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI), na Colômbia.

O objetivo do projeto era o de melhorar as instalações do parque comunitário Alaska, que embora já tivesse mobiliário, se encontrava em estado de abandono e deterioração. Propusemo-nos melhorar este equipamento implementando novo mobiliário que qualificasse o espaço.

Com esse fim projetaram-se bancadas feitas com pneus de carros. O objetivo é fazer uma intervenção à base de pneus no terreno que circunda o espaço, adaptando-se à topografia. Deste modo obtém-se um elemento que, por um lado, atua como muro de contenção e, por outro, como espaço de bancadas. Recuperam-se os elementos pré-existentes, como a tabela de básquete, incorpora-se um campo de mini-futebol, instala-se uma rede, um churrasco e assim se consegue uma imagem que se qualifica e dignifica o espaço.

Desta forma atende-se às necessidades dos moradores. Em todos os momentos a comunidade esteve envolvida no processo, tanto na fase de projeto como nos trabalhos de obra de requalificação do parque. TODO POR LA PRAXIS

El proyecto del parque Alaska surge en el contexto del encuentro Arquitectura Expandida en Bogotá. En este encuentro se plantea un taller de intervención en el espacio publico. El colectivo La Creactiva desarrolló un trabajo previo de investigación en los barrios del sur de Bogotá y nos mostró la posibilidad de trabajar en el distrito de Usme. Junto con la plataforma Usme, que es la corporación de asociaciones de vecinos del distrito, se realizó un recorrido por diferentes puntos posibles de actuación. En el taller se determinó actuar en el parque comunal del barrio Alaska.

Se planteó un trabajo de colaboración entre los diferentes colectivos implicados, La Creactiva, Habitat sin Fronteras, Ojo al Sancocho, la corporación Insitu y Todo por la Praxis, bajo el soporte de la Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI) en Colombia.

El objetivo del proyecto era mejorar las instalaciones del parque comunal Alaska, que aunque ya contaba con mobiliario, se encontraba en estado de abandono y deterioro. Se plantea mejorar este equipamiento implementando nuevo mobiliario que cualifique este espacio.

Para ello se proyecta el desarrollo de unas gradas con ruedas de coches reciclado. El planteamiento es hacer una intervención con la ruedas en el terreno que circunda el espacio, amoldándose a la topografía del terreno. De esta manera se obtiene un elemento que, por una lado ejerce de muro de contención y, por otro, funciona como espacio de gradas. Se recuperan los elementos preexistentes como la cancha de baloncesto, se incorpora una pista de minifútbol, se instala una red, una barbacoa y se le otorga al conjunto una imagen corporativa que cualifica y dignifica el espacio.

De esta manera se atienden las demandas de los vecinos. En todo momento la comunidad estuvo incorporada al proceso, tanto en la fase de proyección como en los trabajos de adecuación del parque. TODO POR LA PRAXIS

LASKA

BARRIO
ALASKA
PROHIBIDO
EL PASO

ALASKA

ALASKA

ALASKA

ALASKA

ALASKA

Escuela Nueva Esperanza
AL BORDE ARQUITECTOS

ARQUITETOS – ARQUITECTOS Al borde arquitectos, David Barragán, Pascual Gangotena COLABORADORES Xavier Mera, José Antonio Vivanco, Estefania Jácome
CONSTRUTOR – CONSTRUCTOR Al borde arquitectos, Pascual Gangotena, voluntários e a comunidade de El Cabuyal, voluntarios y la comunidad del El Cabuyal
ÁREA 36,00 m²

MANABÍ, ECUADOR, 2009

Para todos nós na comunidade de Puerto Cabuyal a nossa nova escola tem sido uma fonte de orgulho. A comunidade está localizada na praia, no campo, num sítio afastado de outras povoações, sendo a pesca e a agricultura a base do sustento diário. Até há 4 anos atrás não havia escola na comunidade, pelo que a maioria dos habitantes são analfabetos. Nós criamos a nossa escolinha, trabalhando durante este tempo numa pequena cabana, este espaço estava a tornar-se pequeno para o número de crianças, por isso começámos a construir um novo espaço. EL PROFE

Para todos los que hacemos la comunidad de Puerto Cabuyal ha sido un motivo de orgullo el tener nuestra nueva escuela. La comunidad se halla ubicada en la playa, en el campo, en un sitio apartado de los pueblos, siendo la pesca y la agricultura la base del sustento diario. Hasta hace 4 años en la comunidad no existía ninguna escuela, por lo que la mayoría de sus habitantes son analfabetos. Creamos nuestra escuelita, funcionando durante este tiempo en una pequeña cabaña, este espacio se fue volviendo pequeño para la cantidad de niños, por lo que emprendimos la construcción un nuevo local. EL PROFE

Fotografía de Esteban Cadena.

Fotografía de Pascual Gangotena.

A maioria das escolas da zona são feitas de betão, de forma retangular, com grades nas janelas que mais parecem prisões, e em que o nível de abandono escolar é muito alto. É por isso que o projeto busca não só resolver problemas imediatos, mas também gerar soluções de longo prazo.

Era necessário criar um espaço de acordo com os princípios de uma escola ativa, intimamente relacionado com o ambiente natural que o rodeia, um espaço onde as crianças despertem a sua imaginação, a sua criatividade, o seu desejo de aprender coisas novas, e não um espaço onde se sintam reprimidas.

O projeto utiliza os mesmos materiais e lógica construtiva com que a comunidade há anos vem construindo as suas casas. A base de madeira sobre estacas de bambu, paredes de cana, molduras de madeira e telhado tecido com palha enrolada ou encadeada. A diferença está na conceção e conceptualização do espaço, um lugar para a educação que promove a aprendizagem através da ação.

La mayoría de las escuelas del sector son hechas de hormigón, de forma rectangular, con rejas en las ventanas que más tienen el aspecto de cárceles, el nivel de deserción escolar es sumamente alto. Es por esto que el proyecto busca no solo resolver problemas inmediatos, sino generar soluciones a largo plazo.

Era necesario diseñar un espacio acorde a los principios de una escuela activa, íntimamente relacionada con el ambiente natural que le rodea, un espacio donde los niños despierten su imaginación, su creatividad, su deseo de aprender nuevas cosas, y no un espacio donde los niños se sientan reprimidos.

El proyecto usa los mismos materiales y lógica constructiva con las que la comunidad ha venido construyendo por años sus casas. Una base de madera sobre pilotes, paredes de caña, estructura de madera y el techo tejido con paja toquilla o cade. La diferencia radica en la concepción y conceptualización del espacio, un lugar para una educación que fomenta el aprendizaje por medio de la acción.

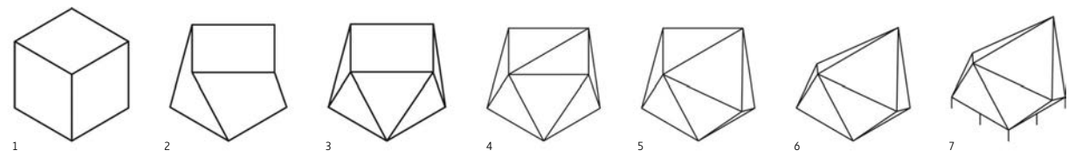
ESCOLA EXISTENTE: pequena; pouca privacidade; sem armazenamento; humidade. ESCUELA EXISTENTE: pequeña; poca privacidad; sin almacenamiento humedad. Fotografia de Pascual Gangotena.

ESCOLA FEITA PELO ESTADO: sala de aulas - jaula; descontextualizada; má resposta a factores climáticos.
ESCUELA TIPO QUE ENTREGA EL ESTADO: aula - jaula descontextualizada mala respuesta a factores climá cos. Fotografia de Pascual Gangotena.

PARADIGMA FUNCIONAL DE UMA ESCOLA COM UM PROFESSOR
três lados para a aprendizagem, dois lados para iluminação e ventilação, um lado de acesso.
PARADIGMA FUNCIONAL DE ESCUELA UNIDOCENTE tres lados para el aprendizaje dos lados de iluminación y ven lación un lado de acceso.

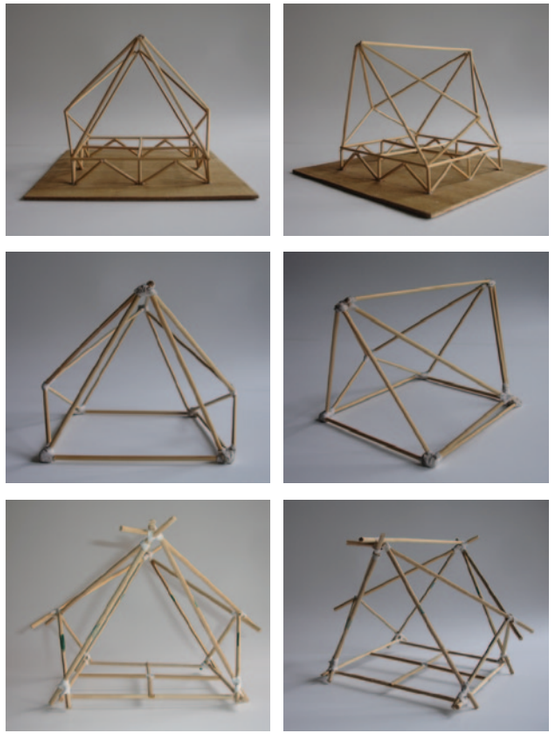
UMA ESCOLA HEXAGONAL DE BASE QUADRADA. O acordo foi que a comunidade construía a base. Eles constroem as suas casas com base quadrada ou rectangular. Uma escola de um professor é de planta hexagonal. Construtivamente um hexágono é mais difícil e gera mais desperdício.

UNA ESCUELA HEXAGONAL DE BASE CUADRADA. El acuerdo fue que la comunidad construía la base. Ellos construyen sus casas de base cuadrada o rectangular. Una escuela unidocente es de planta hexagonal. Constructivamente un hexágono es más difícil y genera más despercio.



1. **Cubo** base quadrada de fácil construção, estruturalmente instável. **Cubo**, base cuadrada de fácil construcción, estruturalmente inestable.
2. **Torsão** força aplicada sobre o cubo em busca de equilíbrio estrutural. Torsión, fuerza aplicada al cubo en busca de equilibrio estructural.
3. **Triangulação** evita que a estrutura colapse devido à torsão que sofreu. Resultado dois planos horizontais quadrados, oito triangulos modulares, 16 arestas do mesmo tamanho. **Triangulación**, evita que la estructura colapse por la torsión ejercida. Resultado, 2 planos horizontales cuadrados, 8 triangulos modulares, 16 artistas del mismo tamaño.
4. **Cume** a cobertura não pode ser plana pois houve uma doação de cade. Cade fibra vegetal usada em coberturas. Pendente ideal 100%. **Cumbrero**, la cubierta no puede ser plana porque existe una donación de cade. Cade, fibra vegetal usada en cubiertas. Pendiente ideal 100%
5. **Empurrar** dois vértices descem em busca da pendente idonea da cobertura. **Empuje**, dos vertices descienden en busca de la pendiente idonea de la cubierta.
6. **Resultado** uma base quadrada, quatro triangulos equilateros modulares, um cume. **Resultado**, 1 base cuadrada 4 triángulos equilateros modulares, 1 cumbrero.
7. **Elevar** distanciar-se da humidade, manter a pendente, e ganhar privacidade. **Elevar**, alejarse de la humedad, salvar la pendiente y buscar privacidad.

À altura dos olhos a sensação espacial é a de um hexágono, apesar de no início ser um quadrado e terminar em uma linha.
A la altura de los ojos la sensación espacial es un hexágono, a pesar de que inicia siendo un cuadrado y termina en una línea.



Maquetas. Fotografia de Jose Antonio Vivanco.
O orçamento baixo levou-nos a optar pela autoconstrução. Para que isso seja viável o projeto deve ser modular e a construção sistematizada. Quatro triângulos iguais, uma base quadrada, e um cume.

El bajo presupuesto nos hace optar por la autoconstrucción. Para que esto sea factible el proyecto debe ser modular y su construcción sistematizada. Quatro triángulos iguales, una base cuadrara, un cumbrero.

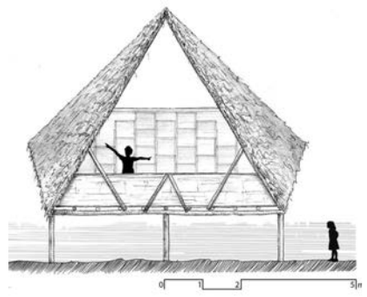
Na aprendizagem das crianças tem sido uma grande mudança, desde abrir a porta e entrar na escola, é uma fonte de descoberta para eles, uma lição de física. O espaço é amplo em todos os sentidos, de modo que as crianças se sentem mais livres para encontrar cada qual o seu lugar para desenvolver a sua atividade. O modelo e a estrutura transmitem uma atmosfera de frescura e imaginação que tem favorecido o desenvolvimento de atividades artísticas e académicas de campo, através dos ensinamentos que lhe dá o melhor professor para um ser vivo, a natureza. EL PROFE

En el aprendizaje de los niños ha habido un gran cambio, desde el abrir la puerta y entrar a la escuela, es un motivo de descubrimiento para ellos, una lección de física. El espacio es amplio en todo sentido, por lo que los niños se sienten más libres encontrando cada cual un lugar en donde desarrollar su actividad. El modelo y la estructura trasmiten un ambiente de frescura e imaginación que han favorecido el desarrollo de actividades artísticas y académicas de campo, a través de las enseñanzas que da el mejor profesor para un ser vivo, la naturaleza. EL PROFE

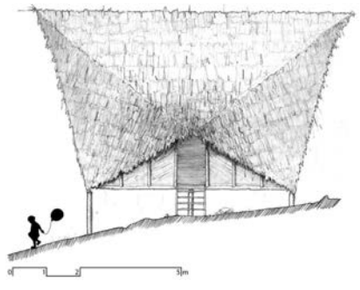
Fotografia de Esteban Cadena.

Fotografia de Pascual Gangotena.

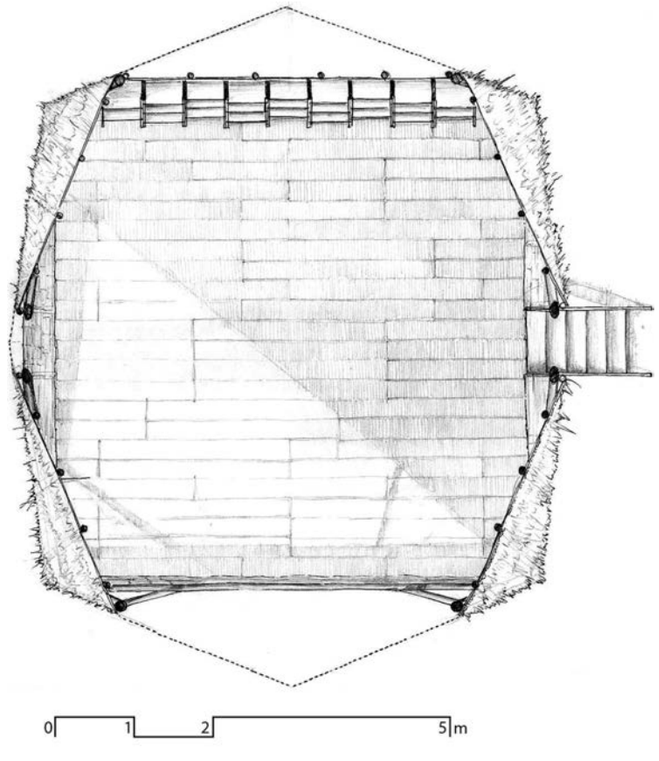
Fotografia de Pascual Gangotena.



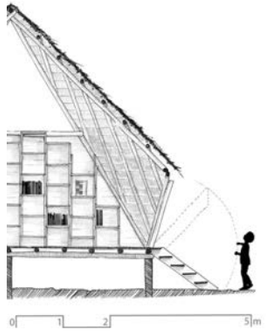
Fachada oeste.



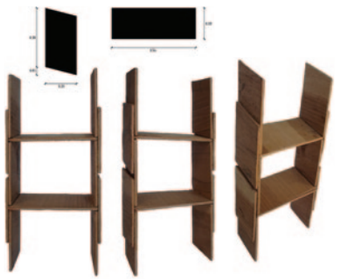
Fachada sur.



Planta.



Corte. Seccion.



O mobiliário é feito com base em duas peças que devido ao modo como são ontadas são capazes de adaptar a sua configuração original por forma a absorver variações na inclinação da parede, aumentando a sua capacidade tectónica.
El mobiliario se forma de dos piezas que en su armado son capaces de desfazerse de su configuracion origina para absorber variaciones en la inclinacion de la pared aumentando su capacidad tectonica.

Fotografia de Pascual Gangotena.

Fotografia de Pascual Gangotena.

Fotografia de Pascual Gangotena.

Agora, as crianças e os pais estão orgulhosos da sua escola, da mudança que esta significou, sendo uma fonte de unidade e de autoestima para toda a comunidade, que vê como todos os forasteiros que a visitam a admiram.

Ahora niños y padres son orgullosos de su escuela, del cambio que ella ha significado, siendo un motivo de unión y autoestima para toda la comunidad, y al ver como toda la gente de afuera que la conoce se admira de ella.

Fotografia de Pascual Gangotena.

Fotografia de Francisco Suarez

Fotografia de Francisco Suarez.

Fotografia de Esteban Cadena.

Na nossa comunidade de pescadores, é a melhor coisa poder ter uma escola em forma de barco, onde cada dia as crianças se assomam para navegar e descobrir novos mundos, desde o seu misterioso mundo interior, cheio de habilidades e potencial, para o grande mundo exterior que nos rodeia. Onde as crianças aprendem ciência e tecnologia, começando antes pelo valor da vida no campo, através dos ensinamentos que lhe dá o melhor professor para um ser vivo, a natureza. EL PROFE

En nuestra comunidad de pescadores, es lo más lindo poder tener una escuela en forma de barco, en donde todos los días los niños se suben a ella para navegar y descubrir nuevos mundos, desde su misterioso mundo interno, lleno de habilidades y potencialidades, hasta el gran mundo externo que nos rodea. En donde los niños aprenden de la ciencia y la tecnología, partiendo primero desde el valor de la vida en el campo, a través de las enseñanzas que da el mejor profesor para un ser vivo, la naturaleza.

Fotografia de Francisco Suarez.

Fotografia de Sebastián Melo.

Armazéns Agrícolas em Alcochete
PLANO B

ÁREA 24 m² × 9 unidades
CLIENTE Fundação das Salinas do Samouco
PLANO GERAL – PLANO GENERAL Ricardo Espírito Santo, arq.

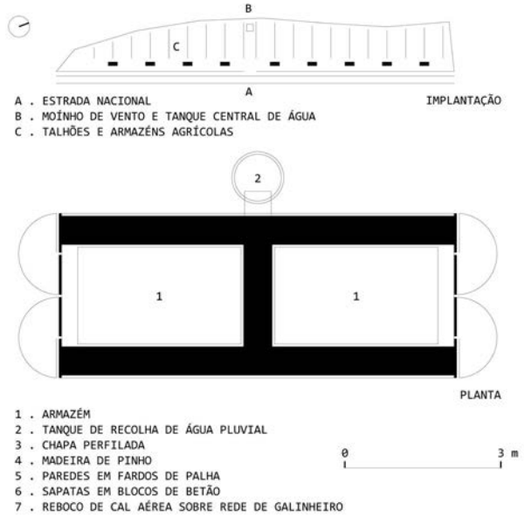
ALCOCHETE, PORTUGAL, 2004–2005

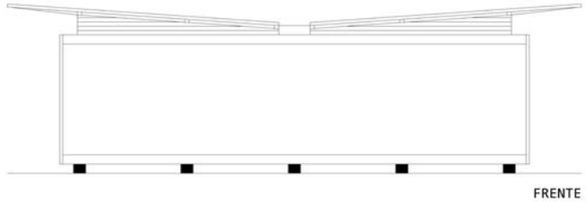
Integrado no programa *Hortas Sociais* da Fundação das Salinas do Samouco em Alcochete, este projeto destinou-se à criação de 18 pequenos armazéns de apoio a parcelas para a produção de agricultura biológica. Para a construção das paredes foram utilizados fardos de palha do próprio local.

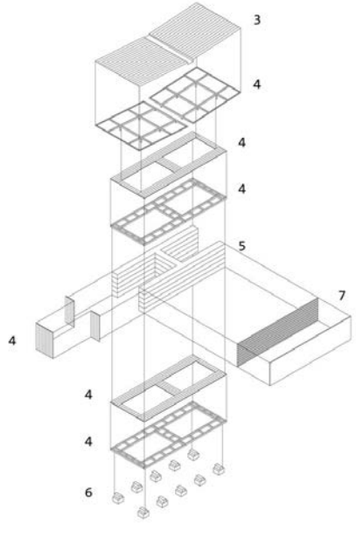
O projecto, uma colaboração entre o Plano B e o arquitecto Ricardo Espírito Santo, explora as potencialidades da préfabricação dos elementos modulares de madeira, aumentando a rentabilidade no processo de construção e montagem.

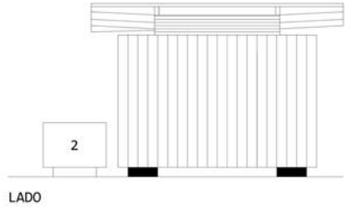
Os 9 edifícios assentam em apoios pontuais de blocos de betão e têm a cobertura em chapa perfilada por onde é conduzida a água da chuva até um depósito.

O Plano B construiu o primeiro módulo com 2 funcionários da Fundação, que posteriormente e em colaboração com trabalhadores requisitados ao fundo de desemprego, se encarregaram da construção dos restantes 8 módulos. PLANO B









Integrado en el programa *Hortas Sociais* (Huertas Sociales), de la Fundação das Salinas do Samouco en Alcochete, este proyecto se destinó a la creación de 18 pequeños almacenes de apoyo a las parcelas de producción agrícola biológica. Para la construcción de las paredes fueron utilizados fardos de paja del própio local.

El proyecto, una colanoración entre Plano B y el arquitecto Ricardo Espírito Santo, explora el potencial de la prefabricación de los elementos modulares de la madera, aumentando la rentabilidad en el proceso de construcción y montaje.

Los 9 edificios asientan en apoyos puntuales de bloques de hormigón y tienen una cubierta en chapa perfilada por donde se conduce el água de lluvia hasta un depósito.

Plano B construyó el primer módulo con 2 trabajadores de la fundación, que posteriormente y en colaboración con trabajadores llamados del fondo de desempleo, se encargaron de la construcción de los restantes 8 módulos. PLANO B

Colunas de Terra
PLANO B

ÁREA 45 m²
CLIENTE Barafunda AJCSS

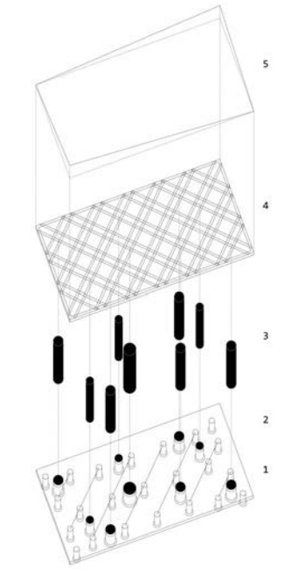
BENEDITA, PORTUGAL, 2008-2009

O projeto resultou de uma colaboração entre o Plano B e a associação juvenil Barafunda. O terreno onde se implanta a estrutura é envolvido por uma floresta de pinheiros e eucaliptos e é atravessado por uma pequena ribeira. O projeto pretendia envolver a comunidade local nas atividades da associação.

O pavilhão proposto pretende ter um uso polivalente, onde uma exposição, um mercado ou um concerto possam acontecer. O desenho da cobertura mimetiza o princípio construtivo das *Bamboo Grid Shell Structures* de Shigeru Ban.

Na construção do pavilhão utilizámos, para as colunas, o solo local misturado com palha, madeira de pinho para pavimento e cobertura e uma membrana translúcida como protecção para a chuva. As fundações são em estacas, feitas com troços de condutas de esgoto, em cimento. Dentro das colunas de terra existe um varão em aço de ligação entre as fundações e a cobertura.

Foram organizados *workshops* para construir as colunas, que demoraram 7 dias de trabalho voluntário a serem completadas. PLANO B



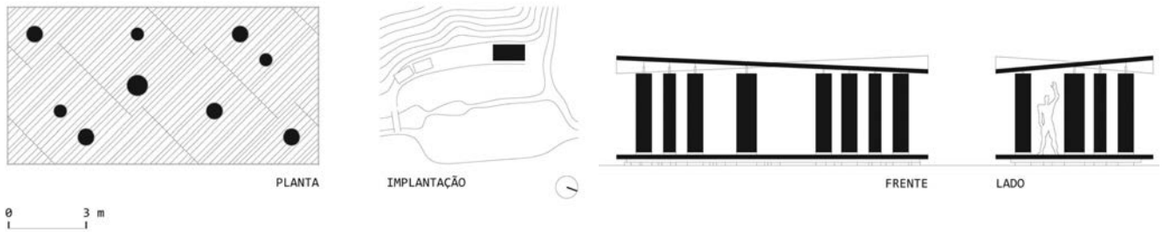
El proyecto es el resultado de la colaboración entre Plano B y la asociación juvenil Barafunda. El terreno donde se implanta la estructura está envuelto por un bosque de pinares y eucaliptos y atravesado por una pequena ribera. El proyecto pretendia implicar a la comunidade local en las actividades de la asociación.

El pavellón propuesto pretende tener un uso polivalente, donde una exposición, un mercado o un concierto puedan tener lugar. El dibujo de la cubierta mimetiza el principio constructivo de las *Bamboo Grid Shell Structures* de Shigeru Ban.

En la construcción del pavellón utilizamos, para las columnas, el suelo local mesclado con paja, madera de pino para el pavimento y cubierta y una membrana translúcida como protección para la lluvia. Las fundaciones son estacas, hechas con trozos de conductos de desagües, en cemento.

Dentro de las columnas de tierra existen unas varas de acero como conexión entre las fundaciones y la cubierta.

Fueron organizados talleres para construir las columnas, que tardaron 7 días de trabajo voluntário para ser completadas. PLANO B



Casa do Garrano
PLANO B

ÁREA 35 m²
CLIENTE Privado

OURÉM, PORTUGAL, 2008-2009

O garrano é uma espécie de cavalo autóctone de Portugal, que vive em estado selvagem no norte do país. O habitante original deste projeto, chamado Garruncho, tem 10 anos e nasceu de cavalos já domados. Posteriormente juntou-se-lhe uma égua da mesma raça.

O terreno em declive para norte, está povoado por carvalhos, pinheiros e oliveiras. O estábulo ocupa a totalidade da largura de um socalco, anteriormente de uso agrícola. O edifício está dividido em três áreas funcionais: uma para guardar utensílios; outra para armazenar feno de alimentação do cavalo; e o estábulo propriamente dito.

A fundação/pavimento é em betão armado. A estrutura foi construída maioritariamente com pinho de origem local. Na zona do estábulo as paredes têm um preenchimento com "argila leve" para melhorar o seu comportamento térmico. As zonas compartimentadas são envolvidas exteriormente por uma tela translúcida que torna o edifício impermeável.

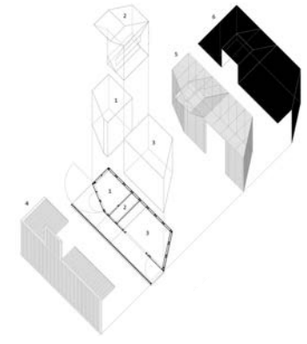
PLANO B

El garrano es una espécie de caballo autóctono de Portugal, que vive en estado salvaje en el norte del país. El habitante original de este proyecto se llama *Garruncho*, tiene 10 años y nació de caballos que ya eran domados. Posteriormente se junto con una yegüa de la misma raza.

El terreno en declive para el norte, está poblado de robles, pinos y olivos. El establo ocupa en su totalidad el tamaño de un socalco, anteriormente de uso agrícola. El edifício está dividido en tres áreas funcionales: una para guardar utensílios, otra para almacenar heno para la alimentación del caballo; y el establo propiamente dicho.

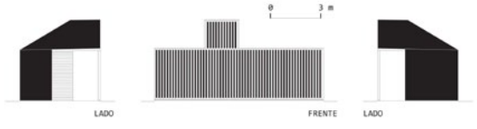
La fundación/pavimento es de hormigón armado. La estructura fue construída mayoritariamente con pino de origen local. En la zona del establo las paredes están rellenas de "arcilla leve" para mejorar su comportamento térmico. Las zonas compartimentadas son envueltas exteriormente por un tejido translúcido que vuelve el edifício impermeable.

PLANO B



1 . ARMAZÉM DE UTENSÍLIOS
2 . DEPÓSITO DE FARDOS DE PALHA SOBRE A MANJEDOURA
3 . ESTÁBULO
4 . ESTRUTURA EM BARROTES DE PINHO
5 . BARROTES E RIPADO DE PINHO + ARGILA LEVE
6 . TELA TRANSLÚCIDA

IMPLANTAÇÃO



LADO FRENTE LADO

Documentação audiovisual do projecto *Devir Menor*
Documentación audiovisual del proyecto *Devir Menor*

ANGELA BONADIES
+ JUAN JOSÉ OLAVARRÍA
Torre David
recomendado: New York Times,
"World Squatters On The Skyline", 2011
video / cor / som / 3'29"

BLAANC + ROOTSTUDIO
Adobe for Women, Mexico
video / cor / som / 16'41'
Adobe for Women
video / cor / som / 4'04"

BORDE URBANO
Rehabilitación Población Obrera de La Unión, 2012
video / cor / som / 3'31"
Documental Población Obrera trailer, 2009
video / cor / som / 3'52"

CONTROL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA CULTURAL + EL NODO A.C.
elNodo – laTren, un año después
video / cor / som / 6'20"

CRISTOBAL PALMA
PREVI
video hd / cor / som / 10'40"

HUSOS
Cotidianeidades Doméstico Productivas
video / cor / som / 13'54"
Cotidianeidades Doméstico Productivas
video / cor / som / 11'50"

ICONOCLASISTAS
Taller de Mapeo Colectivo, 2010
video / cor / som / 8'25"

LA PANADERIA
Vídeo de apresentação do colectivo, 2010
video / cor / som / 6'54"

MOOV
Kitchain
video / cor / som / 6'42"
(produzido para *Devir Menor*)

PAULO TAVARES
Abertura — Trilogia Da Terra, 2012
video triptico / cor / som / 47'50"
(produzido para *Devir Menor*)

PLANO B
A Casa do Garrano
video hd / cor / som
(produzido para *Devir Menor*)

SUPERSUDACA
Vídeo oficial do colectivo
video / cor / som / 1'

URBAN-THINK TANK
Caracas, the informal city, 2007
video / cor / som / 49'

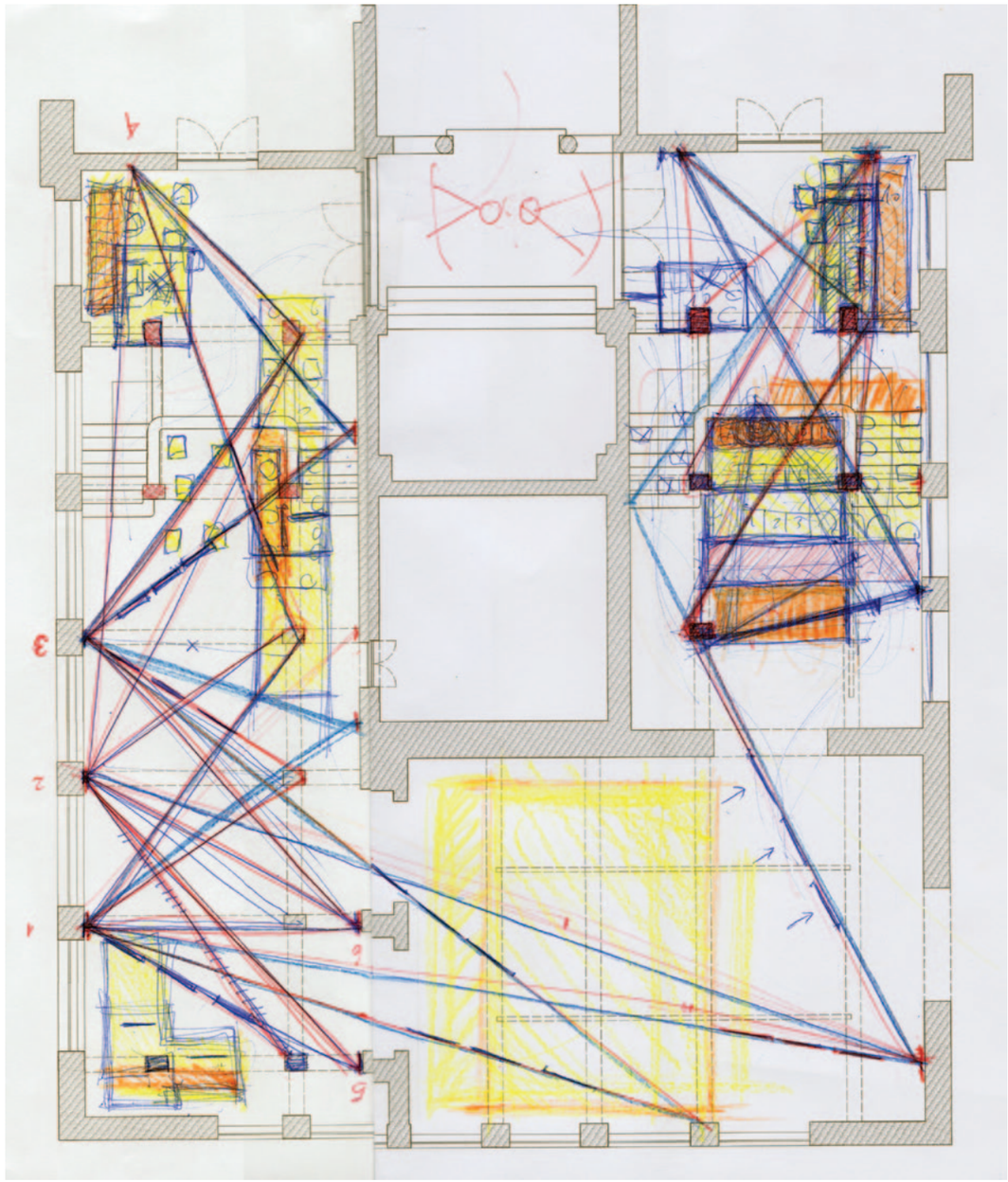
TODO POR LA PRAXIS
Alaska Parque Comunal
video / cor / som / 6'27"

"A Cama do Gato é sobre padrões e nós, o jogo exige grande habilidade e pode resultar em sérias surpresas. Uma pessoa pode construir um grande repertório de figuras de cordel num único par de mãos, mas as figuras da cama do gato podem ser passados de mão em mão pelos vários jogadores, adicionando novos movimentos numa construção de padrões complexos. A cama do gato convida a uma noção de trabalho coletivo, por uma pessoa só não ser capaz de fazer todos os padrões. Não se pode ganhar na cama do gato, o objetivo é mais interessante e mais aberto do que isso. Nem sempre é possível repetir padrões interessantes, e descobrir o que aconteceu para resultar em padrões intrigantes torna-se numa capacidade analítica incorporada. O jogo é jogado em todo o mundo e pode ter um significado cultural considerável. A cama do gato é simultaneamente local e global, distribuída e atada em conjunto."

Devir Menor: exposição
A Cama do Gato

"La cuna del gato está compuesta de formas y nosotros. El juego exige de una gran habilidad y puede dar como resultado algunas serias respuestas. Cualquier persona puede construir un repertorio de figuras en cuerda con apenas sus dos manos, pero estas figuras pueden ser pasadas de mano en mano al resto de jugadores, que suman nuevos movimientos en la construcción de figuras complejas. La cuna de gato nos invita a una noción de trabajo colectivo, ya que una persona sola es incapaz de realizar todos los movimientos y figuras. Nunca es posible ganar en La cuna de gato el objetivo es mucho más interesante y más abierto que simplemente ganar. Ni siempre es posible repetir formas interesantes y descubrir lo que pasó hasta obtener estas formas intrigantes se vuelve una capacidad analítica incorporada. El juego es practicado en todo el mundo y llega a tener un significado cultural considerable. La cuna de gato es simultáneamente local y global, distribuida y atada en conjunto."

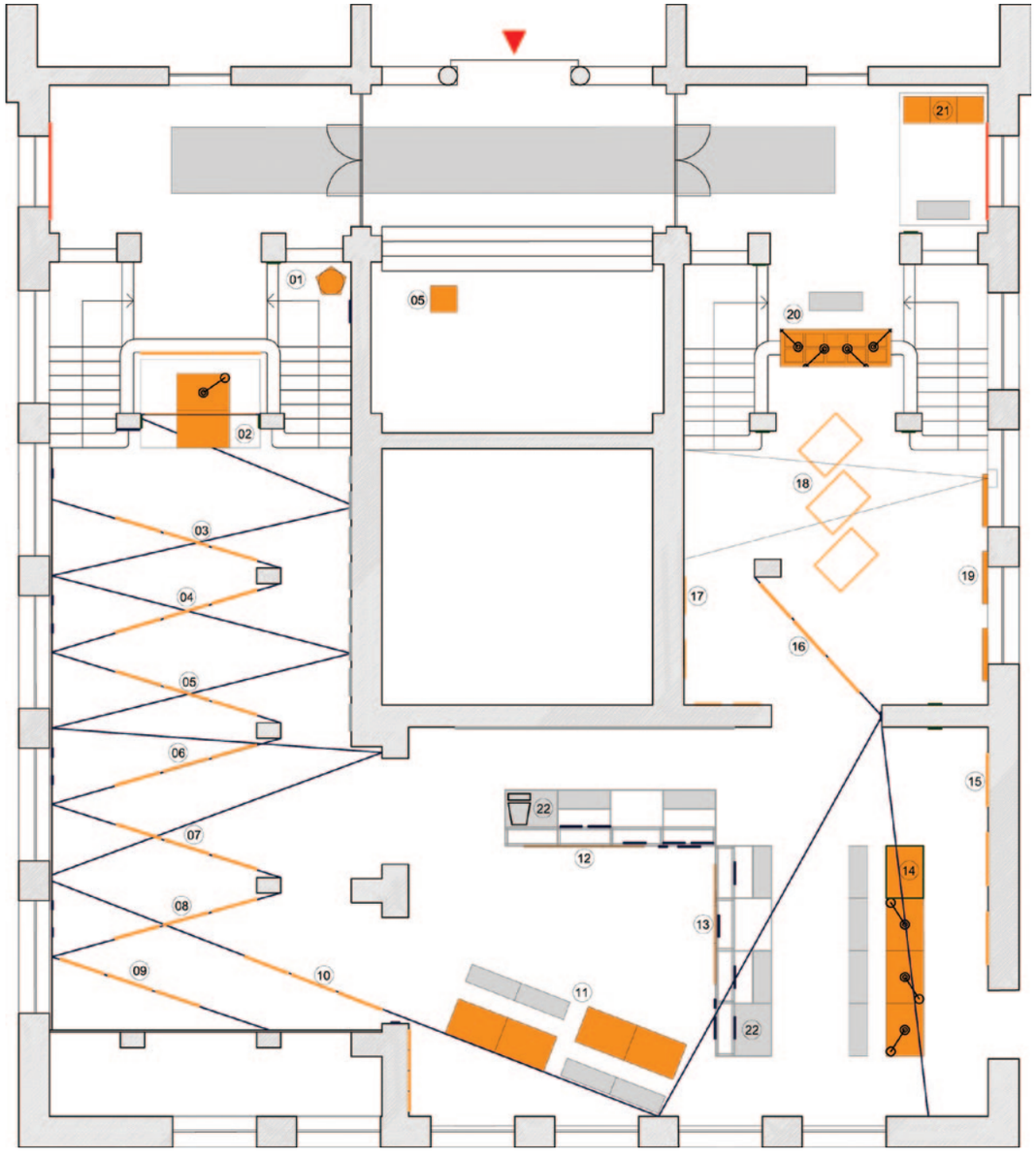
DONNA HARAWAY MODEST_WITNESS@SECOND_MILLENNIUM.FEMALEMAN_MEETS_ONCOMOUSE, ROUTLEDGE (1997), P. 268



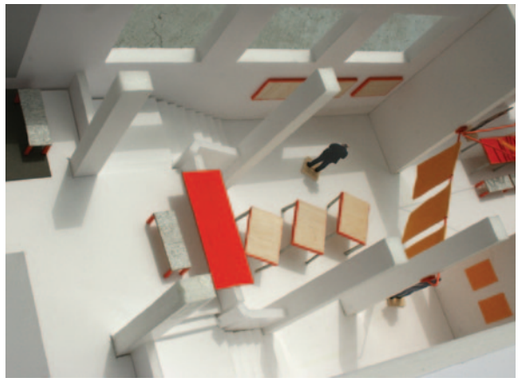
Estudo do espaço expositivo, diagrama. Estudo del espacio expositivo, diagrama.

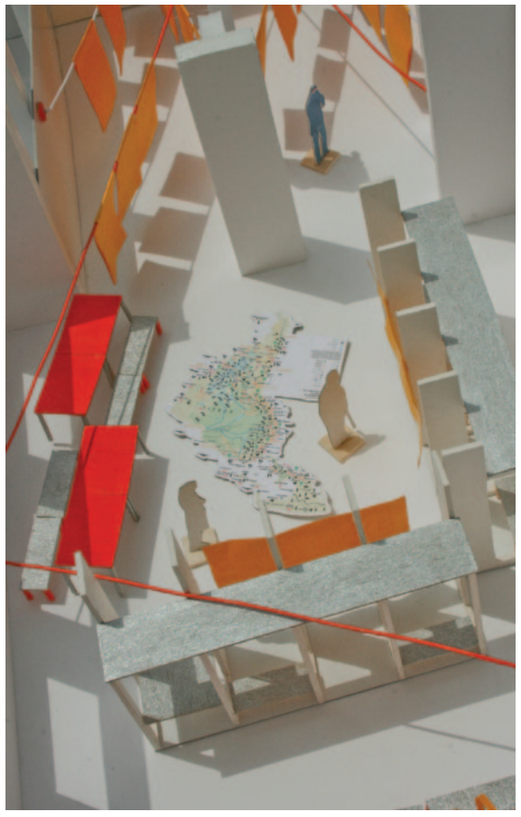
PROJECTO CENOGRÁFICO E ESPACIAL PROYECTO ESCENOGRAFICO Y ESPACIAL Petit Cabanon
CONCEITO CONCEPTO Inês Moreira DESENVOLVIMENTO DESARROLLO Susana Rosmaninho
PRODUÇÃO E MONTAGEM PRODUCIÓN Y MONTAJE Produções Reais
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PRODUCIÓN AUDIOVISUAL Rui M. Vieira
FOTOGRAFIA Carlos Lobão, David Pereira, Rui M. Vieira, João Octávio Pereira, Paulo Mendes

Maquete das galerias.

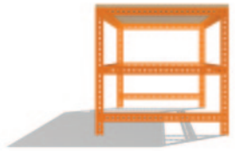


Distribuição de autores e colectivos na exposição
1. Supersudaca, 2. Mónica De Miranda + Artéria Arquitectura, 3. Louise Marie Ganz, 4. Angela Bonadies + Juan Olavarría 5. Todo Por La Praxis, 6. Blaanc + Rootstudio, 7. Control+Z + La Matraka Cultural + Straddle3, 8. Plano B, 9. Borde Urbano, 10. Al Borde, 11. Iconoclasistas, 12. Urban-Think Tank, 13. Moov, 14. Mario Ballesteros, 15. Maria Luz Bravo, 16. La Panadería, 17. Cristobal Palma, 18. José Luis Uribe Ortiz, 19. Tomás Garcia Puente, 20. Husos, 21. Paulo Tavares, 22. Processo De Pesquisa + Site



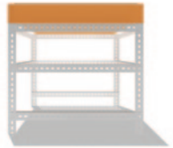


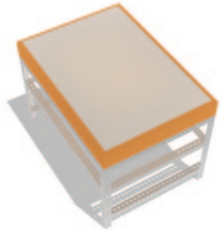
Cenografía. Escenografía.



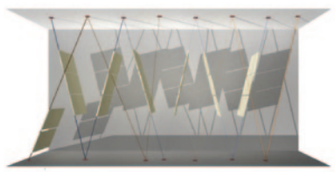
Mesa de trabalho. Imagens 3D criadas por Susana Rosmaninho.

Banco.

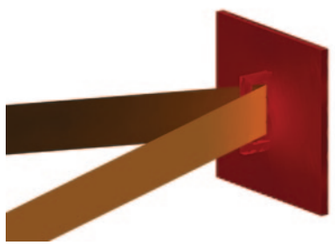




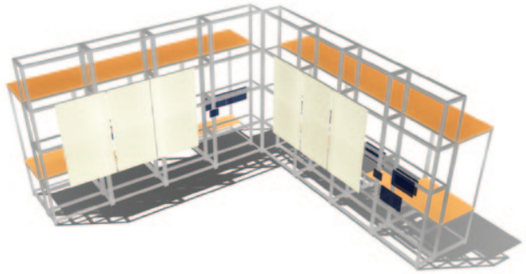
Mesa de Luz.



Estrutura da Cama do Gato.



Patters.



A exposição apresenta projetos de coletivos e autores convidados, refletindo um modo de pesquisa em rede com um conjunto de consultores de diversos países da América Latina, Portugal e Espanha. O dispositivo de exposição do projeto *Devir Menor* é parte do conceito curatorial e interliga-se com o espaço expositivo. O conjunto expositivo oferece três modos diversos de leitura do conceito: a exposição como página de livro (painéis standard); a exposição como espaço de pesquisa (com espaço de *workshop* e de leitura); a exposição como espaço de exibição para diversos suportes de imagem (a fotografia, o vídeo, o projeto editorial).

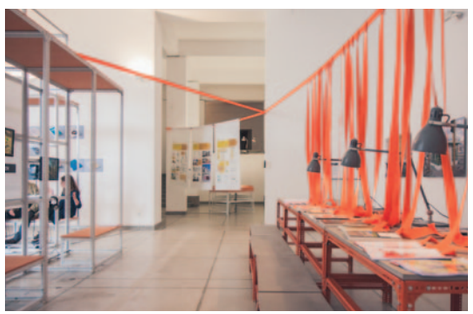
La exposición presenta proyectos de un colectivo de autores e invitados, revelando un modo de investigación en red con un conjunto de consultores de diversos países de América Latina, Portugal y España. El dispositivo de la exposición del proyecto *Devir Menor* es parte del concepto curatorial y se interconecta con el espacio expositivo. El conjunto expositivo ofrece tres modos diversos de lectura del concepto: la exposición como página de libro (paneles estándar); la exposición como espacio de investigación (con espacio de *wokshop* y de lectura); la exposición como espacio de exhibición para diversos soportes de imagen (fotografía, video, o proyecto editorial).

LOTES VAGOS
TRANSPLANTE
EXIBIÇÃO
TOPOGRAFIA

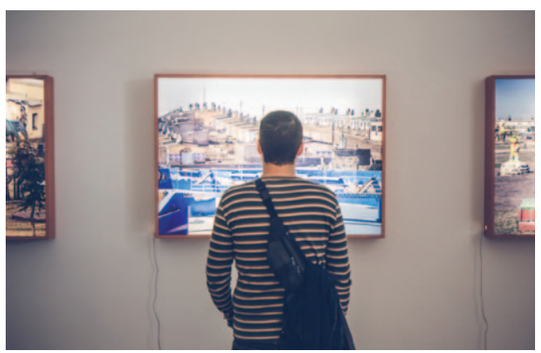
TODOS A BORDO

A exposição inaugural em Guimarães, ocupa os espaços das galerias temporárias num percurso contínuo que inclui 22 participantes e que avança por diversos núcleos: um conjunto de estratégias de ocupação e apropriação de espaços vazios (ex: Ângela Bonadies + Juan José Olavarría, Louise Marie Cardoso Ganz, Mónica de Miranda e Artéria Arquitectura), processos de criação e construção coletiva (ex: Todo por La Praxis, Al Borde, Moov, Plano B, Rootstudio + Blaanc, ControlZ + La Matraka+ Straddle 3), pesquisas sobre o território e a literatura (ex: Iconoclasistas, Supersudaca, Mario Ballesteros, Paulo Tavares), as explorações visuais de espaços construídos (ex: José Luis Uribe, Tomás Garcia Puente, Cristobal Palma, Maria Luz Bravo), e ainda modos de habitar (ex: Urban Think Tank, La Panaderia, Borde Urbano Consultores, Husos).

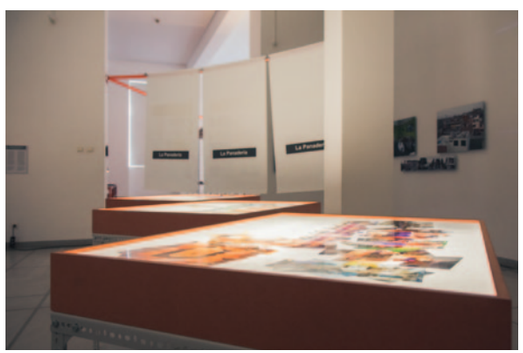
La exposición inaugural en Guimarães ocupa los espacios de las galerías temporales, en una ruta continua que incluye 22 participantes y que avanza por los diversos núcleos: un conjunto de estrategias de ocupación y aprobación de los espacios vacios (ej. Ângela Bonadies + Juan José Olavarría, Louise Marie Cardoso Ganz, Mónica de Miranda e Artéria Arquitectura), procesos de creación y construcción colectiva (ex: Todo por La Praxis, Al Borde, Moov, Plano B, Rootstudio + Blaanc, ControlZ + La Matraka+ Straddle 3), investigaciones sobre el territorio y la literatura (ex: Iconoclasistas, Supersudaca, Mario Ballesteros, Paulo Tavares), la exploración visual de espacios construidos (Ej. José Luis Uribe + Cristobal Palma), y modos de habitar (ex: Urban Think Tank, La Panaderia, Borde Urbano Consultores, Husos).



O percurso explora diversos modos de visualidades espaciais partindo de um pedido base standard a cada autor: 3 elementos de formato DIN A0. As especificidades da arquitetura edificada de novo, o registo das ocupações no tempo, e outras práticas espaciais mais imateriais conduziram a uma grande diversidade de apresentações que desdobram numa multiplicidade de suportes e materiais audiovisuais. A exposição está concebida para poder itinerar com agilidade e economia para outros locais.



El recorrido explora diversos modos de visualizar el espacio partiendo de una base estándar que se le requerirá a cada autor: 3 elementos de formato DIN A0. Las especificidades de la arquitectura edificada de nuevo, el registro de las ocupaciones en el tiempo, y otras prácticas espaciales más inmateriales conducirán a una gran diversidad de presentaciones que se dividen en una multiplicidad de soportes y materiales audiovisuales. La exposición está concebida con carácter itinerante, de modo a poder ser transferida ágil y económicamente para otros locales.



SOCIEDADE M.el SARMENTO
LETTRAS
DEVIR
MENOR
DEVIR
MENOR

A Metamorfose da Sociedade Martins Sarmento

A Sociedade Martins Sarmento foi constituída em 1882 em Guimarães com o objetivo de preservar o espólio recolhido pelo arqueólogo Francisco Martins Sarmento. A primeira sede, em edifício próprio desta sociedade, foi oferecida pelo Estado em 1888 e ocupou parte do extinto convento de São Domingos. Aí foi inaugurada, em 1885, uma biblioteca pública pertencente à sociedade e um Museu Arqueológico, constituído em galeria nova sobre o Claustro existente do antigo convento. Essa galeria conserva ainda hoje, para além da sua configuração espacial original, também a sua exposição inicial, o que a torna num precioso documento museológico da época. Contudo a sociedade, em crescente importância para a cidade, continuava no entanto a deparar-se com a precariedade das suas instalações, exíguas em espaço e insuficientes na resposta às suas necessidades de assembleia. Impunha-se a construção de um novo edifício.

José Marques da Silva, arquiteto portuense, que então dirigia as obras no santuário de São Torcato, conheceu um dos mentores desta Sociedade, que o convidou à realização do projeto. Este foi apresentado em Janeiro de 1900, iniciando-se as obras de seguida. O edifício da Sociedade Martins Sarmento constitui, no percurso profissional de Marques da Silva, um projeto muito particular devido aos dois tempos da intervenção projetual do arquiteto. Entre o projeto inicial e o projeto da ampliação, decorreram 35 anos. Estes dois tempos correspondem não só a diferentes objetivos e necessidades da Sociedade, mas também representam duas atitudes e fases distintas face ao projeto e construção do edifício: a primeira fase, iniciada em 1900 e concluída em 1908, é marcada por um ecletismo academizante de formas e de princípios compositivos. É um edifício que se insere num gosto revivalista que vinha já desde meados do século XIX; neo-românico e de influências bizantinas, são múltiplas as referências a estilos passados, no uso e na combinação de elementos e de formas. A segunda, iniciada em 1935, interrompida em 1943, foi apenas totalmente terminada na década de 60, já sob a orientação dos arquitetos Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva, respetivamente, filha e genro de Marques da Silva.

O projeto apresentado propôs-se, assim, fazer a ligação entre o edifício existente e o claustro, estabelecendo uma implantação de forma aproximadamente retangular, com o preenchimento do espaço resultante entre essas duas construções, preservando o acesso ao claustro pelas escadarias do antigo mosteiro de São Domingos, mas demolindo todas as outras construções existentes nesse lugar, caso do edifício que albergava a biblioteca pública. A Sociedade necessitava de um novo espaço expositivo bem como de uma nova biblioteca, onde pudessem ser guardadas e consultadas todas as publicações que possuía. As salas para museu ocupam, em nível rebaixado meio piso em relação à entrada, todo o rés-do-chão proposto, juntamente com a escadaria, colocada a eixo do vestíbulo de entrada. Com esta ampliação Marques da Silva estabeleceu, ao mesmo tempo, ruturas e continuidades com o edifício de 1900, deixando bem claros os dois tempos da sua intervenção. Não se sobrepôs nem tirou protagonismo ao edifício anteriormente projetado; simplesmente acrescentando-o e caracterizando agora as suas fachadas num maior despojamento e simplicidade formal.

Entre a diversidade estilística do seu primeiro projeto e uma certa ousadia comedida no projeto da ampliação, o edifício da Sociedade Martins Sarmento é um momento único de confrontação do arquiteto com a evolução formal da sua própria linguagem arquitetónica. SUSANA ROSMANINHO

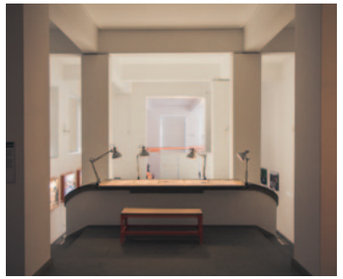
José Marques da Silva (1869-1947) foi um influente arquiteto do Porto formado em 1896. Filho de uma família modesta aprendeu com o pai, marmorista de profissão, a proximidade dos materiais e das formas, fundamental ao seu percurso académico, que terminou na École de Beaux-Arts de Paris.

Referências Bibliográficas

António Cardoso, *O Arquitecto Marques da Silva e a arquitectura no Norte do país na primeira metade do século XX*. Edições FAUP, Porto, 1997.

André Tavares, *Em Granito. A arquitectura de Marques da Silva em Guimarães*, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, Porto, 2010.

José Marques da Silva em Guimarães, catálogo da exposição, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 2006.



La metamorfosis de la Sociedade Martins Sarmento

La Sociedade Martins Sarmento se constituía en 1882 en Guimarães con el objetivo de preservar el patrimonio recogido por el arqueólogo Francisco Martins Sarmento. La primera sede, en propiedad de esta sociedad, es regalada por el estado en 1988, ocupando parte del antiguo convento de São Domingos. Ahí fue inaugurada, en 1885, una biblioteca pública perteneciente a la sociedad y un Museo Arqueológico. Constituido en una nueva galería sobre el claustro ya existente del antiguo convento. Esta galería conserva todavía hoy, a parte de su configuración espacial original también su exposición original, lo que hace de ello un precioso documento museológico de la época. Esta Sociedad de creciente importancia para la ciudad, continuaba entretanto a encontrarse con ciertas precariedades en sus instalaciones, exiguas en espacio e insuficientes para atender a las necesidades de asamblea. Se impone la construcción de un nuevo edificio.

José Marques da Silva, arquitecto portuense, que entretanto dirigía las obras en el santuario de São Torcato, conoció uno de los mentores de esta Sociedad, que lo invitó a la realización del proyecto. Este proyecto fue presentado en enero de 1900, iniciándose las obras enseguida. El edificio de la Sociedade Martins Sarmento constituye, en la carrera profesional de Marques da Silva, un proyecto muy particular debido a dos tiempos de intervención proyectual del arquitecto. Entre el proyecto inicial y el proyecto de ampliación, pasaron 35 años. Estos dos tiempo corresponden, no sólo a diferentes objetivos y necesidades de la sociedad, así como, representan dos actitudes y fases distintas cara al proyecto y construcción del edificio: la primera iniciada en 1900 y concluida en 1908, está marcada por un eclecticismo academizante de formas y de principios compositivos. Es un edificio que se insiere en un gusto renacentista que venía ya desde mediados del siglo XIX; neorrománico y de influencia bizantinas, son muchas las referencias a estilos pasados en el uso y en la combinación de elementos y formas. La segunda iniciada en 1935, interrumpida en 1943, fue apenas totalmente terminada en la década de los años 60, ya sobre orientación de los arquitectos Maria José Marques da Silva y David Moreira da Silva, respectivamente hija y yerno de Marques da Silva.

El proyecto se propone hacer la conexión entre el edificio existente y el claustro estableciendo una implantación de forma aproximadamente rectangular, con ocupación del espacio resultante entre esas dos construcciones, preservando el acceso al claustro por las escaleras dos antiguo monasterio de São Domingos, pero demoliendo todas las otras construcciones que existían en ese lugar, como es el caso del edificio que albergaba la biblioteca pública. La Sociedad necesitaba un nuevo espacio expositivo al igual que una nueva biblioteca donde pudiesen ser guardadas y consultadas todas las publicaciones que poseían. Las salas para el museo ocupan, en nivel rebajado, medio piso en relación a la entrada, toda la planta baja propuesta, junto com las escaleras, colocada en eje respecto al vestíbulo principal. Con esta ampliación Marques da Silva estableció al mismo tiempo rupturas y continuidades con el edificio de 1900, dejando bien claros los dos tiempos de su intervención. No se sobrepuso ni quitó protagonismo al edifico anteriormente proyectado; simplemente acrecentado y caracterizando ahora sus fachadas en una mayos limpieza y simplicidad formal. Entre la diversidad estilística de su primer proyecto y una cierta osadía moderada en el proyecto de ampliación, el edificio de la Sociedad Martins Sarmento es un momento único de enfrentamiento del arquitecto con la evolución formal de su propio lenguaje arquitectónico.
SUSANA ROSMANINHO

José Marques da Silva (1869-1947) fue un influyente arquitecto de Oporto formado en 1896. Hijo de una familia modesta aprendió con el padre, marmolista de profesión, la proximidad de los materiales y de las formas, fundamental a su proceso académico, que terminó en la École de Beaux-Arts de Paris.

PROGRAMA DA PRÉ-INAUGURAÇÃO

DEVIR MENOR

ARQUITETURAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CRÍTICAS NA IBERO-AMÉRICA

PARTE I 14.06 Quinta, 21:30 – 23:00
Sociedade Martins Sarmento, Guimarães ENTRADA LIVRE

O MAPA (NÃO) É O TERRITÓRIO
Cartografias, Mapas e Novas Territorialidades ICONOCLASISTAS Argentina
O Sul também (não) existe EDUARDO PELLEJERO Argentina, Brasil
Al Caribe! Mapeamento Visual SUPERSUDACA América Latina
Com apresentação de Inês Moreira e Susana Caló.

PARTE II 15.06 Sexta, 11:00 – 19:00
Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Guimarães ENTRADA LIVRE

MANHÃ 11:00 – 13:30
MOVIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS E SITUAÇÕES DE PRODUÇÃO ESPACIAL NA IBERO-AMÉRICA
Abertura, PAULO TAVARES Reino Unido e Brasil
Ecologia e (geo) arquitetura, GODOFREDO PEREIRA Portugal
Cartografia Crítica como prática ICONOCLASISTAS Argentina
Mesa-redonda com introdução de Susana Caló.

TARDE 15:00 – 19:00
MICRO-PRÁTICAS ESPACIAIS E PROCESSOS DE PRODUÇÃO
Sessão I Moderação de LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MOOV Portugal
HUSOS Espanha
BLAANC Portugal
TODO POR LA PRAXIS Espanha
Sessão II Moderação de PEDRO GUEDES
MÓNICA DE MIRANDA Portugal
JOSÉ LUIS URIBE Chile
ARTÉRIA ARQUITECTURA Portugal
STEPHANE DAMSIN América Latina
Discussão de projetos com introdução de Inês Moreira.

ON-GOING 13–14.06 Quarta e Quinta, 11:00 – 17:00
Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

WORKSHOP DE MAPEAMENTO COLETIVO E CARTOGRAFIAS CRÍTICAS COM O COLECTIVO ICONOCLASISTAS
Produção de dois mapas
13.06 *Redes de micro-indústrias na região de Guimarães*
14.06 *Mapa colectivo de geopolítica migratória entre a Península Ibérica e a América Latina*
Direcção do workshop ICONOCLASISTAS Argentina
Coordenação BERNARDO AMARAL + PAULO MOREIRA Portugal
INSCRIÇÕES E MAIS INFO: WWW.DEVIRMENOR.COM

Pré-inauguração 13 – 15 junho
Workshop · Conferência · Encontros

WWW.DEVIRMENOR.COM

AL BORDE ARQUITECTOS

Al Borde representa o espírito que temos como arquitetos. Em 2007, começou esta aventura. Dois amigos da universidade com a mesma linha de pensamento arquitetónico, mas com maneiras diferentes de viver e entender o mundo. Uniu-nos o respeito mútuo que temos um pelo outro e a paixão pelo ofício. Descobrimos que o nosso trabalho se potencia quando tomamos decisões em conjunto, divertimo-nos e sofremos colaborando. Nós administramos uma estrutura de colaboração, agora somos quatro à cabeça: David Barragán, Pascual Gangotena, Marialuisa Borja e Esteban Benavides. O valor de juntar forças é que somos quatro personalidades diferentes que contribuem para o coletivo desde a individualidade.

www.albordearq.com

Al Borde representa el espíritu que tenemos como arquitectos. En 2007 comenzó esta aventura. Dos amigos de la universidad con una misma línea de pensamiento arquitectónico pero con maneras distintas de vivir y entender el mundo. Nos unió el mutuo respeto a lo que hace el otro y la pasión por el oficio. Descubrimos que nuestro trabajo se potencia cuando tomamos decisiones en conjunto, nos divertimos y sufrimos colaborando. Nos manejamos como una estructura colaborativa, ahora somos cuatro a la cabeza: David Barragán, Pascual Gangotena, Marialuisa Borja y Esteban Benavides. Lo valioso de sumar fuerzas es que somos cuatro personalidades diferentes aportando al colectivo desde la individualidad.

ÁNGELA BONADIES

É arquiteta e artista baseada em Caracas na Venezuela.
Convidada a participar nas exposições *Sextanisqatsi* no Museu Marco de Monterrey e *Meios e Ambientes* no Museu Universitário do Chopo, Cidade do México, ambas em junho de 2012. Expôs, entre outros, em Periférico Caracas Arte Contemporânea; ArtRio Solo Projects, Rio de Janeiro; Empty Quarter, Dubai; Bod-Corpbanca, Caracas; Arco40, Madrid; The Private Space Barcelona, Espanha; Centro Cultural Chacao, Caracas; Botkyirka Konshall, Tumba, Suécia; Museu das Américas, Washington DC; Galeria Arte x Arte, Buenos Aires; Bienal de Havana 2006; Festival Audiovisual Zemo9, Sevilha; Madrid Aberto 2005; Museu de Belas Artes, Caracas; Canal Isabel II, Madrid; Sala Mendoza, Caracas; PhotoEspaña; Fundação Joan Miró, Barcelona, Espanha.

www.angelabonadies.com http//:latorrededavid.blogspot.com/

Es arquitecta y artista baseada en Venezuela.
Invitada a participar en las exposiciones *Sextanisqatsi* en el Museo Marco de Monterrey y *Medios y Ambientes* en el Museo Universitario del Chopo, Ciudad de México, ambas en junio de 2012.
Ha expuesto, entre otros, en Periférico Caracas Arte Contemporáneo; ArtRio Solo Projects, Río de Janeiro; Empty Quarter, Dubai; Bod-CorpBanca, Caracas; Arco40, Madrid; The Private Space Barcelona, España; Centro Cultural Chacao, Caracas; Botkyirka Konshall, Tumba, Suecia; Museo de las Américas, Washington DC; Galería Arte x Arte, Buenos Aires; Bienal de La Habana 2006; Festival Audiovisual Zemo98, Sevilla; Madrid Abierto 2005; Museo de Bellas Artes, Caracas; Canal Isabel II, Madrid; Sala Mendoza, Caracas; PhotoEspaña; Fundación Joan Miró, Barcelona, España.

ARTÉRIA ARQUITECTURA

É um atelier de arquitetura independente que concebe, desenvolve e divulga projetos no âmbito da reabilitação urbana. Promove uma visão estratégica e integradora da reabilitação, trabalhando com uma postura de autoproposta para produzir e implementar projetos singulares, em colaboração com entidades públicas e privadas, profissionais liberais e artistas. Em 2011 criou o *Edifício-Manifesto* — um modelo de reabilitação integrada, do qual fez parte um Serviço Educativo. Trabalha a dimensão social, cultural e artística da arquitetura, através do envolvimento da população e da produção dos próprios programas de intervenção no território. Atualmente desenvolve um projeto experimental em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, para impulsionar a reabilitação do centro histórico e está muito empenhada em dois projetos de arquitetura participados, que serão desenvolvidos até final de 2013, com o Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria.

www.arteria.pt

Es un estudio de arquitectura independiente que concibe, desenvuelve y divulga proyectos en el ámbito de la rehabilitación urbana. Promueve una visión estratégica e integradora de la rehabilitación, trabajando bajo una postura de auto-propuesta para producir e implementar proyectos singulares en colaboración con entidades públicas y privadas, profesionales, liberales y artistas. En 2011 creó el *Edifício-Manifiesto*, un modelo de rehabilitación integrada de el cual hace parte un Servicio Educativo. Trabaja la dimensión social, cultural y artística de la arquitectura a través de la relación de la gente y de la producción de los propios programas de intervención en el territorio. Actualmente desarrolla un proyecto experimental en colaboración con el Ayuntamiento de Lisboa, para impulsar la rehabilitación del centro histórico y esta dedicada a dos proyectos de arquitectura participativa que serán desarrollados hasta finales de 2013 junto con el Plan de Desarrollo comunitario del barrio de la Mouraria en Lisboa.

BERNARDO AMARAL

Estudou Arquitetura na Universidade do Porto e na TU Berlim. Licenciou-se em 2004 com uma tese sobre o jogo e o labirinto, intitulada *Daedalus — Errancias pela Prática Lúdica Contemporânea*. Realizou o estágio em Paris no gabinete de Vincent Parreira - AAVP, após colaboração pontual no estúdio de Didier Faustino – Bureau des Mesarchitectures. Colaborou posteriormente em diversos gabinetes de arquitetura no Porto e em Macau. Viagens pela Rússia, Mongólia e China e recentemente pelo México. Atualmente reside no Porto, onde tem atelier próprio desde 2008. Colabora paralelamente com o Museu de Serralves, enquanto monitor do Serviço Educativo.

Estudió arquitectura en la Universidade do Porto y en la TU de Berlín. Se licenció en 2004 con la tesis sobre el juego y el laberinto titulada *Daedalus - Errancias pela Prática Lúdica Contemporânea*. Realizó prácticas en París en el estudio de Vincent Parreira - AAVO, después de una colaboración puntual con el estudio de Didier Faustino - Bureau des Mesarchitectures. Ha colaborado posteriormente con diversos estudios de arquitectura en Oporto y en Macao. Viajes extensas por Rusia, Mongolia y China, así como recientemente por México. Actualmente reside en Oporto, donde ejerce la arquitectura como *freelance* desde 2008. Colabora paralelamente con el Museu de Serralves como monitor del Servicio Educativo.

BLAANC

Ana Morgado, Lara Camilla Pinho, Maria do Carmo Sousa de Macedo Caldeira, Maria da Paz Sequeira Braga (Brasil).
Blaanc borderless architecture nasceu em 2008 e é constituída por quatro jovens arquitetas, cujo percurso em comum na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e no programa Erasmus. Para além de Portugal, o Brasil, o México e o Gana têm sido o principal destino dos projetos, enriquecidos pela troca de culturas, materiais e formas de construir. Recentemente ganharam dois prémios internacionais, afirmando assim um percurso de intervenção social e sustentável: o 1º lugar no concurso Open Source House com o projeto *Emerging Ghana*, e um dos financiamentos atribuídos pelo concurso Gamechangers, para a construção do projeto San Pedro Apóstol-Rural Sports Center. Em 2011 fundaram a Associação Adobe for Women, que tem como objetivo contribuir para uma utilização mais humana e sustentável dos recursos do planeta, ao mesmo tempo que recupera técnicas de construção tradicionais e o uso de materiais locais.

www.blaanc.com

Blaanc borderless architecture nace en 2008 y está constituida por cuatro jóvenes arquitectas cuyo camino en común en la Faculdade de Arquitectura de Lisboa y dentro del Programa Erasmus.
Aparte de Portugal, Brasil, México y Gana han sido el principal destino se sus proyectos, enriquecidos por el intercambio de culturas, materiales y formas de construir. Recientemente han ganado dos premios internacionales, confirmando, por tanto, una trayectoria de intervención social y sustentable: 1º lugar en el concurso Open Source House con el proyecto *Emerging Ghana*, y uno de los financiamientos atribuidos por el concurso Gamechangers, para la construcción del proyecto San Pedro Apóstol-Rural Sport center. En 2011 fundaron la asociación Adobe for Women, que tiene como objetivo contribuir para una utilización más humana y sustentable de los recursos del planeta y al mismo tiempo recuperar técnicas de construcción tradicionales y el uso de materiales locales.

Casa Terra (México) Grupo de jovens mexicanos, interessados em trabalhar com as mãos, explorando as possibilidades ao seu alcance. Estão envolvidos em projetos com populações de várias regiões do Estado de Oaxaca, coordenando e ajudando a construir as casas do projeto *Adobe for Women*, na construção da unidade Desportiva de San Pedro Apóstol, bem como colaborando na organização de eventos de arquitetura vernacular e percorrendo as aldeias daquela região fazendo o registo da respetiva arquitetura. O movimento Casa Tierra tem como objetivo contribuir para uma arquitetura cada vez mais humanizada.

Grupo de jóvenes mexicanos, interesados en trabajar con las manos, experimentado las posibilidades que tienen a su alcance. Están implicados en proyectos con comunidades de diversas regiones del estado de Oaxaca, coordinando y ayudando a construir las casas del proyecto *Adobe for Women*, en la construcción de la Unidad Deportiva de San Pedro Apóstol, colaborando en la organización de eventos de arquitectura vernácula, y recorriendo las aldeas de aquella región registrando su arquitectura. El movimiento Casa Tierra tiene como objetivo contribuir para una arquitectura cada vez más humana.

BORDE URBANO CONSULTORES

Borde Urbano é uma equipa de trabalho multidisciplinar dedicada ao desenvolvimento de projetos de arquitetura com a participação da comunidade. Os temas que são recorrentes no nosso fazer são: 1) Participação dos cidadãos e sustentabilidade social, 2) Etno-culturalidade, 3) Territórios vulneráveis. A transição e intervenção entre o discurso dominante e as margens sociais e espaciais permitem ver os fenómenos na sua complexidade. Assim, vemos o projetar no território como uma maneira de construir um modo de habitar que se torna o próprio ser da comunidade.

www.bordeurbano.cl

Borde Urbano es un equipo de trabajo multidisciplinario dedicado al desarrollo de proyectos de arquitectura con participación de la comunidad. Los temas que recorren nuestro hacer son: 1) Participación ciudadana y sustentabilidad social, 2) Etno-culturalidad, 3) Territorios vulnerables. El transitar e intervenir entre el discurso dominante y los márgenes sociales y espaciales permite ver los fenómenos en su complejidad. Por tanto vemos el proyectar en el territorio como una manera de construir un modo de habitar que deviene del propio ser de la comunidad.

CONTROL+Z / GIAN LUCA STASI

Gian Luca Stasi estudou arquitetura entre Roma e Sevilha.
Em março de 2010, depois de 6 anos em Recetas Urbanas, começa o seu caminho independente sob o nome Ctrl+Z. Ctrl+Z desenvolve um trabalho de ativação dos recursos físicos e sociais das cidades e de investigação sobre a arquitetura baseada nos materiais reciclados e naturais, sempre com uma aproximação social e urbana, em contato com instituições académicas e com uso do trabalho em rede. Atualmente desenvolve novos projetos com o objetivo de avançar na busca da sistematização do uso de materiais heterodoxos, incluindo resíduos, e de criar produções que por sua vez possam no futuro ser reconfiguradas ou ser recicladas por completo.

www.control-zeta.org

Gian Luca Stasi estudió Arquitectura entre Roma y Sevilla. En marzo 2010, después de 6 años en Recetas Urbanas, empieza su camino independiente bajo el nombre de Ctrl+Z. Ctrl+Z desarrolla un trabajo de activación de los recursos físicos y sociales de las ciudades y de investigación sobre la arquitectura basada en los materiales reciclados y naturales, siempre con un enfoque social y urbano, en contacto con instituciones académicas y con uso del trabajo en red. Actualmente desarrolla nuevos proyectos con el objetivo de avanzar en la búsqueda de la sistematización del uso de materiales heterodoxos, incluso desechos, y de crear producciones que a su vez puedan en futuro reconfigurarse o ser recicladas por completo.

CRISTOBAL PALMA

Realizou estudos de arquitetura na Architectural Association de Londres, cidade onde posteriormente começou a sua carreira como fotógrafo focado principalmente em temas de arquitetura e cidade. O seu trabalho tem sido publicado em diversos meios internacionais especializados em arquitetura e colabora periodicamente com importantes arquitetos tanto no Chile como no estrangeiro. Entre os pedidos editoriais recentes encontram-se trabalhos para: *The New York Times*, *Monocle*, *Wallpaper*, *Domus*, *Dwell* e *Architectural Digest*.

www.cristobalpalma.com

Realizó estudios de arquitectura en la Architectural Association de Londres, ciudad en donde posteriormente comenzó su carrera como fotógrafo enfocado principalmente a temas de arquitectura y ciudad. Su trabajo ha sido publicado en diversas medios internacionales especializados en arquitectura, y colabora periódicamente con destacados arquitectos tanto en Chile como en el extranjero. Entre encargos editoriales recientes se encuentran trabajos para: *The New York Times*, *Monocle*, *Wallpaper*, *Domus*, *Dwell* y *Architectural Digest*.

EDUARDO PELLEJERO

Argentino de nascimento, português por adoção, residente no Brasil, apátrida por convicção. Atualmente é professor de Estética Filosófica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde desenvolve uma investigação no domínio da filosofia (política) da arte. Publicou *Deleuze y la redefinición de la filosofía* (Jitanjáfora, México, 2006) e *A postulação da realidade* (Vendaval, Lisboa, 2009).

Argentino de nacimiento, portugués por adopción, residente en el Brasil, apatrida por convicción. Actualmente es professor de Estética Filosófica en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte, donde conduce una investigación en el domínio de la filosofía (política) del arte. Ha publicado *Deleuze y la redefinición de la filosofía* (Jitanjáfora, México, 2006) y *A postulação da realidade* (Vendaval, Lisboa, 2009).

GODOFREDO PEREIRA

Godofredo Pereira é arquiteto, editor e investigador. Realizou mestrado na Bartlett School of Architecture onde atualmente ensina e é doutorando no Centre for Research Architecture na Goldsmiths, University of London. É editor da *Detritos*, uma revista experimental de arte e teoria crítica. É autor de uma série de artigos e editor do livro *Objetos Selvagens/Savage Objects* (INCM, maio 2012). A sua investigação debruça-se sobre as relações entre arquitetura e ecologia radical.

Godofredo Pereira es arquitecto, editor y investigador. Realizó master en la Bartlett School of Architecture donde actualmente enseña y doctorando en el Centre for Research Architecture de la Goldsmiths, University of London. Es editor de *Detritos*, un periódico experimental de arte y teoría crítica. Es autor de una serie de artículos y editor del libro *Objectos Selvagens/Savage Objects* (INCM, Mayo 2012). Su investigación se centra en las relaciones entre arquitectura y ecologia radical.

HUSOS

É uma plataforma que desenvolve projetos de arquitetura e urbanismo tanto de investigação e teoria como de intervenção direta no espaço. Com sede em Madrid (Espanha), opera regularmente entre esta cidade e Cali (Colômbia). A partir de uma aproximação ecológica ao quotidiano, Husos explora as possibilidades e limites da arquitetura e do urbanismo como ferramentas para fomentar a preservação e a coexistência de diversas formas de vida, tanto sociais como biológicas, no contexto de um mundo cada vez mais globalizado . É uma iniciativa aberta, promovida por Diego Barajas e Camilo García.

www.husos.info

Es una plataforma que desarrolla proyectos de arquitectura y urbanismo tanto de investigación y teoría como de intervención directa en el espacio. Teniendo sede en Madrid (España), opera regularmente entre ésta ciudad y Cali (Colombia). A partir de una aproximación ecológica a lo cotidiano, Husos explora las posibilidades y límites de la arquitectura y el urbanismo como herramientas para fomentar la preservación y la coexistencia de diversas formas de vida, tanto sociales como biológicas, en el contexto de un mundo crecientemente globalizado. Es una iniciativa abierta, promovida por Diego Barajas y Camilo García.

ICONOCLASISTAS

Laboratório de comunicação e recursos contra-hegemónicos. Formado por Paulo Ares e Julia Risler, que trabalham juntos desde 2006 a partir da ideia de laboratório: um espaço onde o desenvolvimento da imaginação ativa a criação permitindo uma cómoda deslocação entre diferentes formatos, dispositivos e cenários com o fim de modelar ferramentas de investigação e desenho gráfico que impulsionem práticas colaborativas. Desde 2008 realizam *workshops* de cartografia coletiva com movimentos sociais, estudantes e docentes. Criaram impressos que abordam problemáticas sociais e que deram origem a exposições itinerantes. Produziram intervenções urbanas, animações e muitas das suas imagens são difundidas através de formatos não-convencionais (t-shirts, figuras e placas). Todo o material tem livre circulação. Paulo Ares é artista, animador cinematográfico, cartoonista e designer gráfico. Participou no Grupo de Arte de Rua (GAC) entre 1997 e 2005, coletivo de intervenções urbanas que trabalhou em conjunto com organizações de Direitos Humanos, sindicatos, assembleias populares, etc..
Julia Risler é docente, comunicadora e doutoranda da Universidade de Buenos Aires. Tem participado em inúmeros congressos com comunicações que analisam os vínculos entre os artistas e a política. Participou na organização coletiva de diversos festivais auto-geridos coletivos vinculados à cultura livre.

www.iconoclasistas.com.ar

Laboratorio de comunicación y recursos contrahegemónicos.
Formado por Pablo Ares y Julia Risler, quienes trabajan juntos desde el 2006 a partir de la idea de laboratorio: un espacio donde el despliegue imaginativo activa la creación permitiendo un cómodo desplazamiento entre diferentes formatos, dispositivos y escenarios a fin de modelar herramientas de investigación y diseño gráfico que impulsen prácticas colaborativas. Desde el 2008 realizan talleres de cartografía colectiva con movimientos sociales, estudiantes y docentes. Crearon impresos que abordan problemáticas sociales y que dieron nacimiento a muestras itinerantes. Produjeron intervenciones urbanas, animaciones y muchas de sus imágenes son difundidas a través de formatos no convencionales (remeras, figuritas y chapas). Todo el material tiene libre circulación. Pablo Ares es artista, animador cinematográfico, historietista y diseñador gráfico. Participó del Grupo de Arte Callejero (GAC) entre 1997 y 2005, colectivo de intervenciones urbanas que trabajó junto a organizaciones de Derechos Humanos, sindicatos, asambleas populares, etc.. Como historietista ha publicado en revistas como Cerdos & Peces, Fierro y Lapiz Japonés. Ha realizado cortometrajes que fueron exibibidos en festivales independientes y recibido premios.
Julia Risler es docente, comunicadora y becaria doctoral de la Universidad de Buenos Aires. Ha participado de numerosos congresos con ponencias que analizan los vínculos entre los artistas y la política. Participó en la organización colectiva de diversos festivales autogestivos vinculados a la cultura libre.

INÊS MOREIRA
É arquiteta, investigadora e curadora, baseada no Porto, Portugal.
A sua pesquisa/prática experimenta diferentes colaborações entre arquitetura, arte, dispositivo expositivo, e investigação oblíqua sobre cultura contemporânea. Nos anos mais recentes, tem desenvolvido uma pesquisa curatorial sobre o espaço, sob o título *Performing Building Sites: curatorial research in/on space*, que é a sua tese de doutoramento em curso no grupo de investigação Curatorial/Knowledge, um Think Tank PhD no Goldsmiths College, University of London. Está a concluir o Doutoramento para o qual teve o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (PhD Dissertation Scholarships). Mestre em Teoria da Arquitetura e Cultura Urbana (UPC Barcelona, 2003), licenciada em Arquitetura (FAUP Porto, 2001).

Es arquitecta y curadora, asentada en Oporto, Portugal. Su investigación/práctica experimenta diferentes colaboraciones entre arquitectura, arte, dispositivo expositivo e investigación oblicua sobre cultura contemporánea. En los últimos años ha desarrollado una investigación curatorial el espacio, bajo el título *Performing Building Sites: curatorial research in/on space*, que es su tesis de doctorado en curso dentro del grupo de investigación Curatorial/Knowledge, um Think Tank PhD en el *Goldsmiths College, University of London*. Se encuentra a concluir el Doctorado para el cual tuvo el apoyo de la Fundação para a Ciência e Tecnologia (PhD Dissertation Scholarships). Master en Teoría de la Arquitectura y Cultura Urbana (UPC Barcelona, 2003) y licenciada en Arquitectura (FAUP Porto, 2001).

JORGE GARCIA DE LA CAMARA
Formado em arquitetura pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Sevilha possui dois Mestrados em Arquitetura: Mestrado em Metropolis - Arquitetura e Cultura Urbana do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona e da Universidade Politécnica da Catalunha, bem como um Mestrado em História da Arquitetura pela mesma universidade.
Diretor do Instituto de Arquitetura de Barcelona (BIArch), 2012. Vice-diretor e professor titular da Escola Técnica Superior de Arquitectura (ESARQ), Universidade Internacional da Catalunha, 2005 - 2008.
Licenciado en arquitectura por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla, posee dos masters en arquitectura: Master en Metrópolis - Arquitectura y cultura urbana del CCCB, Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona y de la Universidad Politécnica de Cataluña, así como el Master en Historia de la Arquitectura por la misma universidad. Director del Instituto de Arquitectura de Barcelona (BIAch), 2012. Vice-director y profesor titular de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura (ESARQ), de la Universidad Internacional de Cataluña, 2005-2008.

JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ
Arquiteto formado pela Escola de Arquitetura da Universidade de Talca, Chile (2007). Mestre em Teoria e Prática do Projeto de Arquitetura pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha (2010). Doutorando do departamento de Projetos Arquitetónicos da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha (2010-11). É autor das obras *Dissecções: Uma Introspeção na Habitação Talquina* (2009) e *Dissecções: A arquitetura das infraestruturas públicas em Talca* (2011), ambas financiadas pelo Fundo da Cultura e das Artes.
Atualmente é Professor da Escola de Arquitetura da Universidade de Talca, Chile.
www.joseluisuribeortiz.blogspot.pt
Arquitecto egresado de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, Chile (2007). Master en Teoría y Practica del Proyecto de Arquitectura por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona de la Universidad Politécnica de Cataluña, España (2010). Doctorando del departamento de Proyectos Arquitectónicos de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona de la Universidad Politécnica de Cataluña (2010-11). Es autor las obras *Disecciones: Una Introspección en la Vivienda Talquina* (2009) y *Disecciones: La arquitectura de las infraestructuras publicas en Talca* (2011), ambas financiadas por el Fondo de la Cultura y de las Artes. Actualmente es Profesor de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, Chile.

JOSÉ MARIA GALÁN CONDE
Arquiteto pela ETSA de Sevilha (2000), universidade na qual realiza atualmente os estudos de doutoramento no Departamento de História, Teoria e Composição arquitetónica acerca da relação da arquitetura com as reformulações da estética contemporânea. Tem centrado a sua prática profissional no tema do espaço público, obtendo diversos reconhecimentos tanto de forma individual como dentro do coletivo sin|studio com o qual também tem participado em diversas exposições, encontros e experiências de ensino. Conjuga com a redação de artigos para publicações especializadas, formando também parte do Conselho Editorial da revista Neutra entre 2006 e 2009.

Arquitecto por la ETSA de Sevilla (2000), universidad en la que realiza actualmente sus estudios de doctorado en el departamento de Historia, Teoría y Composición arquitectónica en torno a la relación de la arquitectura con las reformulaciones de la estética contemporánea. Ha centrado su práctica profesional en el tema del espacio público, obteniendo diversos reconocimientos tanto de forma individual como dentro del colectivo sin|studio con el que además ha participado en diversas exposiciones, encuentros y experiencias docentes. Compagina con la redacción de artículos para publicaciones especializadas, formando además parte del Consejo Redactor de la revista Neutra entre el 2006 y el 2009.

JUAN JOSÉ OLAVARRÍA
Vive e trabalha em Caracas.
Artista multidisciplinar. O seu trabalho desenvolve-se entre o mundo da arte e o ativismo comunitário. Participou em exposições, salões, bienais nacionais e internacionais de artes visuais, conferências, projetos comunitários, multimédia e teatros. Educador popular em setores urbanos da região Capital. Foi membro do Grupo Provisional (1997).
A sua obra e a sua palavra estiveram presentes, entre outros, em: Museu de Arte Contemporânea de Caraacas; Museu de Belas Artes de Buenos Aires, Argentina; dAPERTutto, Espaço A. Pavilhão de Itália, 48ª Bienal de Veneza; Galeria Farish / Ri Media Center, Rice University, Houston, TX,EUA; Centro de Desenvolvimento das Artes Visuais, Havana, Cuba; The Empty Quarter, Dubai, Emirados Árabes Unidos; ArtRIO, Solo projects, Rio de Janeiro, Brasil; ARCO 40, Madrid, Espanha; PINTA, Nova Iorque.

Vive y trabaja en Caracas.
Artista multidisciplinario. Se desenvuelve entre el mundo del arte y el activismo comunitario. Ha participado en exposiciones, salones, bienales nacionales e internacionales de artes visuales, conferencias, proyectos comunitarios, multimedia y teatros. Educador popular en sectores urbanos de la región Capital. Fue miembro del Grupo Provisional (1997).
Su obra y su palabra han estado presentes, entre otros, en: Museo de Arte Contemporáneo de Caracas; Museo de Bellas Artes de Buenos Aires, Argentina; dAPERTutto, Espacio A. Pabellón de Italia, 48 Bienal de Venecia; Farish Gallery / Rice Media Center. Rice University, Houston, Tx, USA; Centro de Desarrollo de las Artes Visuales. La Habana, Cuba; The Empty Quarter. Dubai. EAU; ArtRIO. Solo projects. Rio de Janeiro, Brasil; ARCO 40. Madrid. España; PINTA. New York. USA.

LAMATRAKA CULTURAL
Lamatraka Cultural (Sevilha) produz e gere iniciativas que promovem o encontro cultural entre território e cidadania. Propõe relações e intercâmbios entre equipas multidisciplinares, como um meio para a experimentação e a coeducação.
Lamatraka trabalha continuamente desde a sua fundação em 2008 e evoluiu desde o local a projetos de colaboração internacional, com grande atenção à participação e aos vínculos entre a cultura, o espaço público e a cidadania. Na atualidade, Lamatraka desenvolve um *work in progress* sobre temas urbanos para explorar novas ferramentas, metodologias e tendências na participação, na cultura urbana, na criação de redes e na criação coletiva.
www.lamatraka.es
Lamatraka Cultural (Sevilla) produce y gestiona iniciativas que promuevan el encuentro cultural entre territorio y ciudadanía. Propone relaciones e intercambios entre equipos multidisciplinarios como un medio para la experimentación y la coeducación.
LamatraKa trabaja continuamente desde su fundación en 2008 y ha evolucionado desde lo local a proyectos de colaboración internacional, con gran atención a la participación y los vínculos entre la cultura, el espacio público y la ciudadanía. En la actualidad, lamatraKa desarrolla un *work in progress* en torno a temas urbanos para explorar nuevas herramientas, metodologías y tendencias en la participación, la cultura urbana, la creación de redes y la creación colectiva.

LA PANADERIA
Estúdio de Arquitetura formado em 2003 em Sevilha. Atualmente os sócios são Eva Morales e Rubén Alonso, professores associados da Escola de Arquitetura de Málaga. Nos últimos anos a sua produção centra-se na investigação, docência e prática sobre a linha de trabalho *casa mas o menos*, onde se pretendem abrir os processos de desenho, construção e gestão da habitação à participação dos cidadãos.
Foram finalistas do Europan 11, Prémio Arquia/Próxima 2010, finalistas na X Bienal de Arquitetura Espanhola de 2009, nomeados para o Prémio Mies van der Rohe 2009 e finalistas dos prémios FAD 2008.
www.despachodepan.com
Estudio de Arquitectura formado en 2003 en Sevilla. Actualmente son socios Eva Morales y Rubén Alonso, Profesores Asociados de la Escuela de Arquitectura de Málaga. En los últimos años su producción se centra en la investigación, docencia y práctica en torno a llínea de trabajo *casa mas o menos*, donde se pretenden abrir los procesos de diseño, construcción y gestión de la vivienda a la participación de la ciudadanía.
Han sido finalistas Europan 11, Premio Arquia/Próxima 2010, finalista en la X Bienal de Arquitectura Española 2009, nominados Premio Mies van der Rohe 2009 y finalistas premios FAD 2008.

LOUISE MARIE CARDOSO GANZ
Louise Ganz é artista, arquiteta e professora universitária. Doutoranda em Linguagens Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cofundadora do grupo Thislandyourland junto com a artista Ines Linke. Desenvolve trabalhos que relacionam arte, paisagem e arquitetura, focando os modos de ocupação e os usos do território. Idealizadora do projeto Lotes Vagos: Ocupações Experimentais, em 2004, realizado no Brasil e apresentado em diversas exposições, publicações e congressos internacionais, como o Holcim Forum for Sustainable Construction, em Shangai. Em 2009 participou da Tirana International Contemporary Art Biannual, na Albânia.

Louise Ganz es artista, arquitecta y profesora universitaria. Doctoranda en Lenguajes Visuales en la Escuela de Bellas Artes de la UFRJ, Universidade federal de Rio de Janeiro. Cofundadora del grupo Thislandyourland junto con la artista Ines Linke. Desarrolla trabajos que relacionan arte, paisaje y arquitectura, enfocado en los modos de ocupación y usos del territorio. Idealizadora del proyecto Lotes Vagos: Ocupaciones Experimentales, en 2004, realizado en Brasil y presentado en diversas exposiciones, publicaciones y congresos internacionales, como el Holcim Forum for Sustainable Construction, en Shangai. En 2009 participó de la Tirana International Contemporary Art Biannual, en Albânia.

LUIS SANTIAGO BAPTISTA
É arquiteto e desenvolve uma atividade multifacetada, compreendendo a prática profissional, a docência universitária, a crítica de arquitetura, o comissariado de exposições e a edição de publicações. É mestre em Cultura Arquitetónica contemporânea e doutorando em Arquitetura.
Foi assistente convidado na FA-UTL e é atualmente professor auxiliar convidado na ECATI-ULHT e investigador do LABART. É diretor da revista de arquitetura e arte *arqa*. Integrou o comissariado da *Habitar Portugal 2006-2008* (Ordem dos Arquitetos), foi co-comissário de *"Falemos de casas"... em Portugal* (Trienal de Arquitetura de Lisboa 2010) e é comissário do ciclo *Geração Z*.

Es arquitecto y desarrolla una actividad multifacética, comprendiendo la práctica profesional, la docencia universitaria, la crítica de arquitectura, el comisariado de exposiciones y la edición de publicaciones.
Es master en Cultura Arquitectónica Contemporánea y doctorando en Arquitectura. Fue profesor asistente invitado en la FA_UTL y es actualmente profesor auxiliar invitado de la ECATI_ULHT así como investigador del LABART. Es director de la revista de arte y arquitectura Arqa. Integró el comisariado de *Habitar Portugal 2006-08* (Orden de los Arquitectos), fue co-comisario de *"Falemos de casas"... em Portugal* (Trienal de Arquitectura de Lisboa 201) y es comisario del ciclo *Geração Z*.

MARIA LUZ BRAVO
É uma fotógrafa autodidata mexicana que detém uma licenciatura em arquitetura pela Universidade das Américas em Puebla, México. O seu corpo de trabalho explora a paisagem urbana contemporânea e os fenómenos sociais que ocorrem nele, concentrando-se principalmente nas cidades em conflito, as fronteiras políticas e a resiliência da comunidade. Maria Luz expôs, publicou e deu palestras no México e no estrangeiro; vive e trabalha na Cidade do México.
www.marialuzbravo.com
Es una fotógrafa autodidacta mexicana, licenciada en arquitectura por la Universidad de las Américas en Puebla, México. El cuerpo de su trabajo, explora el paisaje urbano contemporáneo y los fenómenos sociales que en él ocurren, concentrándose principalmente en las ciudades conflicto, las fronteras políticas y la resistencia de la comunidad.
María Luz expuso, publicó y dio conferencias en México y en el extranjero; vive y trabaja en Ciudad de México.

MARIO BALLESTEROS
Como editor e consultor independente, tem trabalhado na Cidade do México, como responsável de investigação e publicações em LCM/ Fernando Romero e no Grupo de Desenho Urbano (GDU); em Barcelona, como editor na Actar (onde foi coeditor e responsável editorial do número mais recente da série *Verb: Crisis*), comissário da exposição no Disseny Hub Barcelona (DHUB) e responsável de Comunicação e Plataformas Digitais no Instituto de Arquitetura de Barcelona (BIArch). Em fevereiro de 2011 fez parte da equipa editorial elegida para dirigir Quaderns d'arquitectura i urbanismo, a revista do Colégio de Arquitetos da Catalunha (COAC). O seu trabalho foi publicado na *Domus*, *Perspecta*, *Verb*, *Arqa*, *Architecture Australia*, *Jornal de Arquitetos*, *Baumeister* e *Celeste*, entre outros. Atualmente, Mario Ballesteros é diretor editorial da Domus México.
www.marioballesteros.com www.mananarama.tumblr.com
Como editor y consultor independiente, ha trabajado en la Ciudad de México como encargado de investigación y publicaciones en LCM/ Fernando Romero y en Grupo de Diseño Urbano (GDU); en Barcelona, como editor en Actar (donde fue coeditor y responsable editorial del número más reciente de la serie *Verb: Crisis*), comisario de exposición en el Disseny Hub Barcelona (DHUB) y encargado de Comunicación y Plataformas Digitales en el Barcelona Institute of Architecture (BIArch). En febrero de 2011 formó parte del equipo editorial elegido para dirigir Quaderns d'arquitectura i urbanismo, la revista del Colegio de Arquitectos de Cataluña (COAC). Su trabajo ha sido publicado en *Domus*, *Perspecta*, *Verb*, *Arqa*, *Architecture Australia*, *Jornal de Arquitectos*, *Baumeister* y *Celeste*, entre otros. Actualmente, Mario Ballesteros es director editorial de Domus México.

MÓNICA DE MIRANDA
É artista, produtora e educadora. Licenciada em Artes Plásticas na Camberwell College of Artes (Londres, 1988), e com Mestrado em arte e educação do Institute of Education (Londres, 2001). Encontra-se atualmente a desenvolver o seu doutoramento em Middlesex University (Londres) como bolseira da Fundação Ciência e Tecnologia. É uma das fundadoras do projeto de residências artísticas Triangle Arts. O seu trajeto artístico consta de várias exposições individuais e coletivas, projetos de arte pública e residências artísticas. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (2009), Direção Geral das Artes - Ministério da Cultura (2009), Instituto Camões (2008), Arts Council of England - Londres (2006), Fundação Oriente, Portugal/ Índia (2007). Já participou na Bienal de Londres e Liverpool (2004/06). A sua obra está representada em coleções nacionais e internacionais.

Es artista, productora y educadora. Licenciada en Artes Plásticas por la Camberwell College of Artes (Londres, 1988), y con Master en Arte y Educación del Institute of Education (Londres, 2001). Se encuentra actualmente a desarrollar su doctorado en la Middlesex University (Londres) como becaria de la Fundação Ciência e Tecnologia. Es una de las fundadoras del proyecto de residencias artísticas Triangle Arts Trust. Su trayecto artístico consta de varias exposiciones individuales y colectivas, asi como proyectos de arte público y residencias artísticas. Fue becaria de la Fundação Calouste Gulbenkian (2009), Direcção Geral das Artes - Ministério da Cultura (2009), Instituto Camões (2008), Arts Council of England - Londres (2006), Fundação Oriente, Portugal/ Índia (2007). Participó en la Bienal de Londres y Liverpool (2004/06). Su obra esta representada en colecciones nacionales e internacionales.
www.monicademiranda.org

MOOV
MOOV é um estúdio de arte e projeto com base em Lisboa e ativo desde 2003. Tem desenvolvido um significativo corpo de trabalho na área da intervenção e ativação do espaço público, tendo já realizado diversas instalações e equipamentos em praças, ruas, lotes urbanos desocupados e bairros socialmente críticos. O seu trabalho tem sido premiado e publicado internacionalmente, destacando-se a participação do estúdio em diversos festivais de arte e intervenção urbana entre os quais o Artefacts '11 (Bélgica), o Skyway'09 (Polónia), o Belluard Bollwerk International (Suiça); o Valgus Festival (Estónia), o Festival Visões Urbana (Brasil) e o Luzboa'06- Bienal Internacional da Luz (Portugal).
www.moov.pt
MOOV es un estudio de arte y proyecto con base en Lisboa y activo desde 2003. Viene desarrollando un cuerpo de trabajo significativo en el área de intervención y activación del espacio público, ha realizado ya diversas instalaciones y equipamientos en plazas públicas, calles, áreas urbanas desocupadas o barrios considerados socialmente críticos.
Su trabajo ha sido premiado y publicado internacionalmente, destacando la participación del estudio en diversos festivales de arte e intervención urbana entre los cuales el Artefacts '11 (Bélgica), Skyway'09 (Polonia), Belluard Bollwerk International (Suiza); Valgus Festival (Estonia), Festival Visões Urbana (Brasil) y Luzboa'06- Bienal Internacional da Luz (Portugal).

PAULA ÁLVAREZ BENITEZ
Arquiteta, investigadora, editora. O meu principal interesse é a reconsideração da disciplina arquitetónica e as suas ferramentas projetuais a partir do desafio que é suposto ser "comum" para o desenho urbano. Canalizei este interesse através de diversos projetos: sin|studio arquitectura (2003/09), coletivo formado juntamente com A. Fernández, JM. Galán e E. Soriano, e dedicado à investigação teórica-prática sobre o espaço público, com diversos prémios e reconhecimentos. Co-direção e coedição de *Neutra*, revista do COAS (2006/10), Prémio Málaga para a Difusão da Arquitetura 2009; Edições VIBOK (desde 2010), Prémio FAD de Pensamento e Crítica 2011. Investigação de Novos Modos de Espaço Público (2010/11) com JM. Galán. Professora convidada em diversos workshops de projetos, colaboro regularmente com textos críticos em meios especializados.

Arquitecta, investigadora, editora. Mi principal interés es la reconsideración de la disciplina arquitectónica y sus herramientas proyectuales desde el reto que ha supuesto el "común" para el diseño urbano. He canalizado este interés a través de diversos proyectos: sin|studio arquitectura (2003/09), colectivo formado junto a A. Fernández, JM. Galán y E. Soriano, y dedicado a la investigación teórico-práctica sobre el espacio público, con diversos premios y reconocimientos. Co-dirección y co-edición de *Neutra*, revista del COAS (2006/10), Premio Málaga a la Difusión de la Arquitectura 2009; Ediciones VIBOK (desde 2010), Premio FAD Pensamiento y Crítica 2011. Investigación Nuevos Modos de Espacio Público (2010/11) junto a JM. Galán. Profesora invitada en diversos talleres de proyectos, colaboro regularmente con textos críticos en medios especializados.

PAULO MOREIRA
Nasceu no Porto em 1980. Licenciou-se pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 2005. Estudou em Mendrisio (Accademia di architettura), estagiou em Basileia (Herzog & de Meuron) e trabalhou em Barcelona (free lancer). Foi colaborador do Serviço Educativo do Museu de Serralves entre 1999 e 2005. Foi assistente e coordenador de *workshops* em Portugal, Reino Unido, Suiça e Angola. Foi premiado com o Prize for Social Entrepreneurship (FASD, UK) e o Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects, UK Chapter), ambos em 2009. Desde 2010 é investigador na Faculty of Architecture and Spatial Design, London Metropolitan University.
Nació en Oporto en 1980. Es licenciado en Arquitectura por la Universidade do Porto desde 2005. Estudió en Mendrisio (Accademia di architettura), realizó una estancia investigadora en Basilea (Herzog & de Meuron) y trabajó en Barcelona como *freelancer*. Fue colaborador del Servicio Educativo del Museo Serralves (Oporto) entre 1999 y 2005. Fue asistente y coordinador de *workshops* en Portugal, Reino Unido, Suiza y Angola. Ha sido premiado con el Prize for Social Entrepreneurship (FASD, UK) y el Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects, UK Chapter), ambos en 2009. Desde 2010 es investigador en la Faculty of Architecture and Spatial Design, London Metropolitan University.

PAULO TAVARES
É um arquiteto e urbanista formado no Brasil. Lecionou na Universidade London Metropolitan, no Laboratório de Culturas Visuais/ Mestrado em Teoria de Arte Contemporânea - Goldsmiths, e desde 2008 leciona no programa de Mestrado no Centro para Investigação em Arquitetura - Goldsmiths. No Brasil, paralelamente às suas atividades como investigador/arquiteto, Tavares esteve envolvido com muitas práticas autónomas dos meios de comunicação desde o final dos anos 90. Como resultado a sua prática combina a análise arquitetural, cartografias baseadas em meios de comunicação e escrita como modalidades interconectadas de leitura espacial/condições ecológicas. Os seus artigos apareceram em diversas publicações em todo o mundo, incluindo Nada (PT), Alfabeta2 e Abitare (IT), Cabinet (EUA), Piseagrama (BR) e Third Text (Reino Unido, no prelo). O seu trabalho foi apresentado em locais como o HKW, Berlim, o CCA em Glasgow, e Portikus em Frankfurt entre outros. Está baseado entre Londres e São Paulo.
www.paulotavares.net
Es arquitecto y urbanista, formado en Brasil, dio clases en la Universidad de *London Metropolitan*, en el Laboratorio de Culturas Visuales/ Master en Teoría del Arte Contemporáneo - Goldsmiths, y desde 2008 da clases en el programa de Master en el Centro para la Investigación en Arquitectura- Goldsmiths. En Brasil, paralelamente a sus actividades como investigador/arquitecto, Tavares colaboró en muchas prácticas autónomas con medios de comunicación desde final de los años 90. Como resultado su práctica combina el análisis de la arquitectura, cartografías basadas en medios de comunicación y escrita como modalidades interconectadas de lectura espacial/ condiciones ecológicas. Sus artículos aparecieron en diversas publicaciones en todo el mundo, incluyendo Nada (PT) Alfabeta2 e Abitare (IT), Cabinet (EUA), Piseagrama (BR) y Third Text (Reino Unido, esperando publicación). Su trabajo fue presentado en locales como el HKW, Berlim, CCA en Glasgow, y Portikus en Frankfurt entre otros. Está radicado entre Londres y São Paulo.

PLANO B
Criado em 2002, o gabinete tem estado envolvido em projetos de pequena escala que usam técnicas tradicionais de construção com materiais naturais, como a terra ou a palha, juntamente com materiais como o asfalto ou o policarbonato. Justapor estes materiais permite uma reflexão sobre a contemporaneidade, numa altura definida por dois movimentos aparentemente opostos: o desejo de preservação dos valores naturais e o simultâneo incremento de poder para manipular esses valores por processos artificiais. Incentivamos ainda a participação comunitária, voluntária e não especializada na construção dos próprios edifícios.
www.planob.com
Creado en 2002, el gabinete está envuelto en proyectos de pequeña escala que usan técnicas tradicionales de construcción con materiales naturales, como la tierra o la paja, junto con otros materiales como el asfalto o el policarbonato. La yuxtaposición de estos materiales permite una reflexión sobre la contemporaneidad, en una altura definida por dos movimientos aparentemente opuestos: el deseo de preservación de los valores naturales y simultáneamente el incremento de poder para manipular esos valores por procesos artificiales. Incentivamos también la participación comunitaria y no especializada en la construcción de los propios edificios.

ROOTSTUDIO
Dupla de arquitetos, composta pelo português João Caeiro e pelo italiano Fulvio Capurso. Vivem atualmente em Oaxaca, no México e dedicam-se ao trabalho e formação junto a comunidades rurais, tendo vindo a desenvolver projetos sustentáveis e pesquisas dirigidas à autoconstrução com materiais locais, especializando-se em terra e em bambu. Organizam Conferências e *workshops* de Projeto e Construção em diferentes Faculdades de Arquitetura do México e outros países. São docentes das disciplinas de Desenho Artístico e de Geometria Descritiva na Faculdade de Belas Artes de Oaxaca. Além da arquitetura desenvolvem também trabalhos no campo das artes, como ilustração de livros, pintura e escultura.
berootstudio.wordpress.com
Pareja de arquitectos compuesta por el portugués João Caeiro y por el italiano Fulvio Capurso. Viven actualmente en Oaxaca, México y se dedican al trabajo y formación junto a comunidades rurales, habiendo

desarrollado proyectos sostenibles e investigaciones dirigidas a la auto-construcción con materiales locales, especializándose en la tierra y el bambú. Organizan conferencias y talleres sobre Proyecto y Construcción en diferentes Facultades de Arquitectura de México y otros países. Igualmente son profesores en las disciplinas de Dibujo artístico y Geometría descriptiva en la Facultad de Bellas Artes de Oaxaca. Además de proyectos arquitectónicos desarrollan también trabajos en el campo de las artes, como la ilustración de libros, pintura y escultura.

STRADDLE 3 / DAVID JUÁREZ

David Juarez é arquiteto em Straddle3, coletivo dedicado à arquitetura e à comunicação, onde tem trabalhado temas como habitação, domínio público e urbanismo participativo. No âmbito da habitação tem realizado desde projetos de habitação social no Raval de Barcelona, a projetos habitação construídos a partir de contentores e outros materiais reciclados. No âmbito do espaço público, tem trabalhado em intervenções como o projeto *Domo/Wikiplaza* ou os *Wikitankers*, realizados em colaboração com outros coletivos. Professor e convidado para *workshops* em diversos centros, cofundador do Festival de Artes Não Convencionais FANC e co-organizador de duas edições dos encontros Arquitecturas Colectivas.

www.straddle3.net

David Juárez es arquitecto en Straddle3, colectivo dedicado a la arquitectura y la comunicación, desde donde ha trabajado temas como vivienda, dominio público y urbanismo participativo. En el ámbito de vivienda ha realizado desde proyecto de vivienda social en el Raval de Barcelona, a proyectos de viviendas construidas a partir de contenedores y otros materiales reciclados. En el ámbito del espacio público, ha trabajado en intervenciones como el proyecto *Domo/WikiPlaza* o los *Wikitankers*, realizados en colaboración con otros colectivos. Profesor y tallerista invitado en diversos centros, cofundador del Festival de Artes No Convencionales FANC y coorganizador de dos ediciones de los encuentros Arquitecturas Colectivas.

SUSANA CALÓ

Ensaísta, editora e investigadora. Vive no Porto e em Londres. É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade do Porto e desenvolve o seu doutoramento no Centre for Research in Modern European Philosophy (CRMEP), Londres, como bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com tese sobre a política da linguagem e a filosofia da vida no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tem escrito e desenvolvido trabalho em torno à dimensão política da vida, da subjetividade e de uma noção alargada da literatura. Estudou Psicologia e Filosofia na Universidade do Porto. Em 2007 criou a Detritos, uma revista independente de ensaio.

Ensayista, investigadora y editora. Vive entre Porto y Londres. Master en filosofía moderna y contemporánea por la *Universidade do Porto* y desarrolla actualmente su doctorado en el *Centre for Research in Modern European Philosophy* (CRMEP), Londres, como becaria de la *Fundação para a Ciência e Tecnologia* del Ministerio de Educación y ciencia del gobierno portugués con tesis sobre la política del lenguaje y la filosofía en el pensamiento de Gilles Deleuze y Feliz Guattari. Ha escrito y desarrollado varios trabajos en torno a la dimensión política de la vida, de la subjetividad y e de una noción expandida de la literatura. Estudió Psicología y Filosofía en la *Universidade do Porto*. En 2007 fundó Detritos, una revista independiente de ensayo.

STEPHANE DAMSIN

Formado em 2005 por Victor Horta, Instituto de Arquitetura, Bruxelas. Trabalhou com vários escritórios em Antuérpia, Bruxelas, Marselha e Buenos Aires entre 2005 e 2009, antes de iniciar o seu próprio escritório, OUEST ARCHITECTURE, com sede em Bruxelas. O escritório concentra-se em temas e projetos sobre arquitetura, arte e sociedade. OUEST está atualmente a trabalhar na renovação e extensão de uma plataforma artística independente em Bruxelas e tem vários projetos de habitação e mobiliário a acontecer. Membro ativo do coletivo internacional Supersudaca desde 2007, participou e organizou na marca das atividades dos Supersudaca vários *workshops* e palestras por todo o mundo (Buenos Aires 2007, Veneza + Barcelona 2008, Porto Rico 2009, Granada 2010, Montreal 2011,...) e participa como filial local para trabalho de investigação.

www.ouest-archi.org/office.html

Formado en 2005 por Victor Horta, Instituto de Arquitectura, Bruselas. Trabajó con varias empresas en Antuérpia, Bruselas, Marsella y Buenos Aires entre 2005 y 2009 antes de iniciar su propia empresa, OUEST ARCHITECTURE, con sede en Bruselas. La empresa se concentra en temas y proyectos sobre arquitectura, arte y sociedad. OUEST está trabajando en la actualidad, en la renovación y extensión de una plataforma artística independiente en Bruselas y tiene varios proyectos de viviendas y mobiliario en la actualidad. Es miembro activo del colectivo internacional Supersudaca desde 2007, participó y organizó en la marca de las actividades de los Supersudaca varios *workshops* y palestras por todo el mundo (Buenos Aires 2007, Venecia + Barcelona 2008, Puerto Rico 2009, Granada 2010, Montreal 2011,...) y participa como filial local trabajo de investigación.

SUPERSUDACA

É uma rede de arquitetos dispersos em vários países.
Supersudaca (uma combinação de palavras de virtude e de insulto para imigrantes latinos) defendem o uso de formatos diferentes para cada tópico e usam o humor e atitude para falar sobre assuntos sérios.
Foram reconhecidos com o prémio de melhor entrada na II Bienal Internacional de Roterdão e o melhor projeto de investigação na Bienal Ibero-americana. Têm publicado em revistas de arquitetura de renome, tais como Volume, Architecture Design, Arquine, Icon, Praxis, Summa, entre outras. No domínio da arquitetura os Supersudaca obtiveram o primeiro prémio nos concursos internacionais para o Museu de Arte Moderna de Medellín e do projeto de habitação social experimental em Ceuta, Espanha.

www.supersudaca.org/blog

Es una red de arquitectos diseminados por varios países.
Supersudaca (una combinación de palabras de virtud y del insulto utilizado hacia los inmigrantes latinos) defienden el uso de diferentes formatos para cada tópico y usa el humor y la actitud para hablar sobre asuntos serios.
Fueron reconocidos con el premio a la mejor entrada en la II Bienal Internacional de Rotterdam y el mejor proyecto de investigación en la Bienal Iberoamericana. Han publicado en revistas de arquitectura de renombre como Volume, Architecture Design, Arquine, Icon, Praxis, Summa, entre otras. En el dominio de la Arquitectura los Supersudacas obtuvieron el primer premio en los concursos internacionales para el Museo de Arte Moderna de Medellín y del proyecto de vivienda social experimental en Ceuta, España.

TODO POR LA PRAXIS

O coletivo é formado por uma equipa de carácter multidisciplinar. Define-se como um laboratório de projetos estéticos de resistência cultural, um laboratório que desenvolve ferramentas para a intervenção sobre o espaço público. Com o objetivo de gerar um catálogo de ferramentas de ação direta e socialmente eficazes orientadas para a realização do direito à habitação e o direito à cidade. Entendemos que o trabalho tem de ser pensado mediante um código aberto. Propomos uma arquitetura de guerrilha que experimente em territórios não convencionais, que fomente as práticas de subversão e agitação direta em busca de modelos alternativos, de uma nova gramática do território e da cidade. Determinamos a autoconstrução como uma metodologia que implica uma responsabilidade direta em todas as fases do projeto e que fomenta a apropriação, a participação e a responsabilidade dos seus utilizadores onde se promovem os processos de auto-gestão.

www.todoporlapraxis.es

El colectivo se conforma por un equipo de carácter multidisciplinar. Se define como un Laboratorio de proyectos estéticos de resistencia cultural, un laboratorio que desarrolla herramientas para la intervención sobre el espacio público. Con el objetivo último de generar un catálogo de herramientas de acción directa y socialmente efectivas orientadas a la consecución del derecho a la vivienda y el derecho a la ciudad. Entendemos que el trabajo ha de ser planteado mediante código abierto. Planteamos una arquitectura de guerrilla que experimente en territorios no convencionales, que fomente las prácticas de subversión y agitación directa en busca de modelos alternativos, de una nueva gramática del territorio y la ciudad. Determinamos la autoconstrucción como una metodología que implica una responsabilidad directa en todas las fases del proyecto, y que fomenta la apropiación la participación y el empoderamiento de sus usuarios donde se promuevan los procesos de autogestión.

TOMÁS GARCIA PUENTE

O meu trabalho como fotógrafo complementa-se com a minha formação como arquiteto na Universidade de Buenos Aires, e como músico e compositor. Esta combinação coloca nas minhas fotos a forma de ver o mundo que vertem em mim as três fontes. Faz mais de 10 anos que exerço em diversos campos da fotografia, agora intensamente na arquitetura, com clientes em vários países. Vivo em Buenos Aires, onde expus repetidas vezes, como na América Latina e Europa. Também dou aulas de fotografia, para partilhar o que sei e gerar bom karma.

Mi trabajo como fotógrafo se complementa con mi formación como arquitecto en la universidad de Buenos Aires, y como músico y compositor. Esta combinación pone en mis fotos la forma de ver el mundo que vierten en mí las tres fuentes. Hace mas de 10 años que ejerzo en diversos campos de la fotografía, hoy intensamente en la de arquitectura, con clientes en variedad de países. Vivo en Buenos Aires, en donde expuse reiteradas veces, al igual que en Latinoamérica y Europa. También doy clases de fotografía, como para compartir lo que sé y generar buen karma.

URBAN THINK TANK (U-TT)

Uma prática de projeto interdisciplinar que combina as habilidades de arquitetos, engenheiros, planeadores ambientais, arquitetos paisagistas e especialistas em comunicação. Visa aumentar a compreensão da cidade informal a partir de três perspetivas: humanitária, teórica, e *design*. O trabalho da empresa emprega uma metodologia experimental que transfere a ênfase da arquitetura contemporânea da forma conduzida para a arquitetura orientada a finalidade social, permitindo conexões entre as forças opostas do planeamento de cima para baixo e das iniciativas de baixo para cima. Os modelos urbanos propostos visam traduzir as necessidades de uma sociedade para a igualdade de acesso ao transporte público, habitação, emprego, tecnologia, serviços, e recursos - direitos fundamentais para todos os moradores da cidade - em soluções espaciais. Dirigido pelo fundador Alfredo Brillembourg e por Hubert Klumpner.

www.u-tt.com

Es una práctica de diseño internacional que combina las habilidades de arquitectos, ingenieros, planeadores ambientales, arquitectos paisajistas y especialistas en comunicación. Pretende aumentar la comprensión de la ciudad informal a partir de tres perspectivas: humanitaria, teórica y diseño. El trabajo de la empresa emplea una metodología experimental que transfiere el énfasis de la arquitectura contemporánea de la forma conducida para la arquitectura orientada a la finalidad social, permitiendo conexiones entre las fuerzas opuestas del planeamiento de arriba a abajo y de las iniciativas de abajo a arriba. Los modelos urbanos propuestos pretenden traducir las necesidades de una sociedad para la igualdad de acceso al transporte público, vivienda, empleo, tecnología, servicios y recursos -derechos fundamentales para todos los habitantes de la ciudad- en soluciones espaciales. Dirigido por el fundador Alfredo Brillembourg y por Hubert Klumpner.

Catálogo da exposição *Devir Menor, arquiteturas e práticas espaciais críticas na Iberoamerica*, publicado no contexto de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura pela Fundação Cidade Guimarães.
Catálogo de la exposición *Devir Menor, arquitecturas y practicas espaciales críticas en Iberoamerica*, publicado en el contexto de Guimarães 2012 Capitalidad Europea de la Cultura por Fundação Cidade Guimarães.

© 2013 Fundação Cidade Guimarães
Imagens, textos e documentação cedida pelos autores à FCG. Imágenes, textos y capítulos cedidos por sus autores a FCG.

Pré-impressão, Impressão e Acabamentos / Pre-impresión, Impresión y Acabamientos
Empresa Diário do Porto (impressão offset e capa) e Joana & Mariana (impressão Riso)
ISBN: 978-989-98292-1-3
Depósito Legal: XXXXXX

www.devirmenor.com

Publicação do catálogo
Publicación del catálogo
FUNDAÇÃO CIDADE DE GUIMARÃES

Entidade promotora Entidad Promotora
FUNDAÇÃO CIDADE DE GUIMARÃES
GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

Programadora de Arte e Arquitectura
GABRIELA VAZ-PINHEIRO

Assistência de Programação
Asistente de Programación
GISELA DÍAZ, GISELA LEAL

Produção Executiva Producción ejecutiva
JOÃO COVITA, PEDRO SADIO, PEDRO SILVA

O Presidente da Fundação Cidade de Guimarães agradece a todos pelo seu contributo para esta publicação e projeto *Devir Menor. Arquiteturas e Práticas Espaciais Críticas*. Esta publicação inscreve-se no ciclo "Escalas e Territórios", do programa Arte e Arquitectura, Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura.
El presidente de la Fundação Cidade de Guimarães agradece a todos por su contribución para esta publicación y proyecto *Devir Menor. Arquitectura y Prácticas Espaciales Críticas*. Esta publicación se inscribe en el ciclo "Escalas y Territorios", del programa Arte y Arquitectura, Guimarães 2012, Capital Europea de la Cultura.

PROJECTO

Coordenação Coordinación
INÊS MOREIRA

Curadoria do Projeto
Curadoria del Proyecto
INÊS MOREIRA e SUSANA CALÓ

Curadoria da exposição
Curadoria de la exposición
INÊS MOREIRA

Investigação e curadoria de eventos (mesas redondas e conferências)
Pesquisa y curadoria de eventos (mesas redondas y conferências)
SUSANA CALÓ

Consultores
LUÍS SANTIAGO BAPTISTA, JOSÉ MARÍA GALÁN CONDE, JORGE GARCIA DE LA CAMARA, PAULA ÁLVAREZ BENÍTEZ, STEPHANE DAMSIN (SUPERSUDACA).

Projetos Proyetos
AL BORDE ARQUITECTOS, ÁNGELA BONADIES + JUAN JOSÉ OLAVARRÍA, BLAANC + ROOTSTUDIO, BORDE URBANO CONSULTORES, CONTROL+Z + STRADDLE3 + LAMATRAKA CULTURAL, CRISTOBAL PALMA, HUSOS, ICONOCLASISTAS, ICONOCLASISTAS + BERNARDO AMARAL + PAULO MOREIRA, JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ + MARCO ANTÓNIO DIAZ, LA PANADERIA, LOUISE MARIE CARDOSO GANZ, MARIA LUZ BRAVO, MARIO BALLESTEROS, MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTOS, MOOV, PAULO TAVARES, PLANO B, SUPERSUDACA, TODO POR LA PRAXIS, TOMÁS GARCIA PUENTE, URBAN THINKTANK

Eventos inaugurais Eventos inaugurales
LUÍS SANTIAGO BAPTISTA, STEPHANE DAMSIN (SUPERSUDACA), EDUARDO PELLEJERO, GODOFREDO PEREIRA, PAULO TAVARES, PEDRO GUEDES, ICONOCLASISTAS + BERNARDO AMARAL + PAULO MOREIRA, JOSÉ LUIS URIBE ORTIZ, BLAANC, MÓNICA DE MIRANDA + ARTÉRIA ARQUITECTOS, MOOV, TODO POR LA PRAXIS, STRADDLE3, HUSOS

Design Gráfico Diseño gráfico
JOANA & MARIANA

Cenografia da Exposição Escenografía
PETIT CABANON

Produção do projeto Producción del proyecto
PRODUÇÕES REAIS, coord. SANDRA PEREIRA

Produção artística da exposição e eventos
Producción artística de la exposición y eventos
PLANO GEOMÉTRICO A.C.

Direção de Produção Dirección de Producción
PAULO MENDES

Produção executiva Producción ejecutiva
JUAN LUIS TOBOSO E PEDRO ARAÚJO

Assistente do Projecto Asistente del Proyecto
SUSANA ROSMANINHO

Montagem da exposição
Montaje de la exposición
PRODUÇÕES REAIS

Produção audiovisual e de imagem
Producción audiovisual y de imagen
RUI MANUEL VIEIRA

Tradução Traducción
CATARINA FONSECA, CATARINA MACHADO PIRES, INÊS MOREIRA, JUAN LUIS TOBOSO, MARTA BORGES, PILAR PEREILA MARTOS, SUSANA CALÓ, SUSANA ROSMANINHO

Assistente de Edição Asistente de edición
MARTA BORGES

Revisão de Texto Revisión de Texto
FUNDAÇÃO CIDADE GUIMARÃES

Website www.devirmenor.com
SARA MOREIRA E JUAN LUISTOBOSO

Local de exposição Local de la exposición
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, GUIMARÃES

Agradecimentos Agradecimientos
A todos os autores, colectivos, consultores, tradutores, artistas e fotógrafos que cederam imagens. Todas as pessoas que ajudaram a localizar e contactar autores e colectivos. Todos os técnicos que apoiaram o projecto nas suas diversas fases.
Todos los autores, colectivos, consultores, traductores, artistas y fotógrafos que aportaron imágenes. Todas las personas que ayudaron en la localización y contacto con los autores y colectivos. Todos los técnicos que apoyaron el proyecto en sus distintas fases.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, ESCOLA DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO MINHO, FUNDAÇÃO CIDADE GUIMARÃES, PROF. JOÃO SERRA, GABRIELA VAZ PINHEIRO, CARLOS MARTINS, HÉLDER SOUSA, CLÁUDIA LEITE, GISELA LEAL, GISELA DIAZ, OLGA MOREIRA, JOAQUINA CAMPOS, SANDRA PEREIRA, DR. AMARO DAS NEVES, CÉLIA OLIVEIRA, SALOMÉ DUARTE, LUÍS GUIMARÃES, PEDRO BANDEIRA, PAULO MENDONÇA, CLÁUDIA MARTINHO, JULIA RISLER, PABLO ARES, LASSALETE PAIVA E PEDRO GUEDES.

GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

Organização Organization

FUNDAÇÃO CIDADE DE GUIMARÃES

Apoio e Financiamento Financial Support

Parceiro Estratégico
Strategic Partner

Parceiro Partner

Mecenas Associados Main Sponsors

Parceiro Oficial Sponsor

Apoio ao Projeto Apoyo al Proyecto

Trabalhar a identidade gráfica de um projecto e das ideias que este revela é resultado de um processo não linear da experimentação de elementos gráficos, de técnicas e das suas combinações. A representação gráfica deriva assim da exclusão de várias hipóteses e da escolha de outras que no momento nos parecem mais indicadas. As decisões presentes deste processo de experimentação, eliminação e inclusão levam a uma definição da linguagem gráfica que só se clarificou e se pode balizar no decorrer do processo de trabalho conjunto com as curadoras do projecto *Devir Menor*.

Para a representação de *Devir Menor* foi fundamental pensar o contexto não enquanto território mas, enquanto mapa, ou melhor, desvalorizando a veracidade da geografia e procurando o contexto e a identidade Iberoamericana a partir da configuração de mapeamentos gráficos novos. Procurando que a livre associação de países constituisse novos conjuntos, a partir de composições não fechadas das quais os países, também na sua unicidade, pudessem emergir.

Para cada suporte da comunicação procuramos uma multiplicidade de composições que, por serem apresentadas parcialmente e com enquadramentos diversificados, não pretenderam sedimentar um definitivo, embora novo, mapeamento da Iberoamérica mas, antes, trabalhar na diversidade das formas indiciando a pluralidade das identidades.

Neste processo de design privilegiamos um método de trabalho manual, usando materiais e técnicas analógicas, explorando linguagens do fazer manual, que evidenciassem a materialidade no resultado, à semelhança das práticas em que assentam os projectos que constituem *Devir Menor*.

Complementar às imagens de mapeamento, escolhemos para este trabalho o tipo de letra *Barna* (2010-2011) de Andreu Balius (Espanha).

Este livro tem o formato 4:5 com as dimensões 195 × 245 mm, 214 páginas. Do miolo constam 148 páginas, impressão *Offset* 4/4 cor, com verniz de acabamento em papel *Condat Mate* 135 g/m2; 64 páginas, impressão Riso (FR3950), 3 cores variáveis em papel Registo 125 g/m2 e *Almaço* 100 g/m2.

JOANA BAPTISTA COSTA, MARIANA LEÃO

Trabajar en la identidad gráfica de un proyecto y de las ideas que este nos desvela es el resultado de un proceso no lineal resultado de la combinación de elementos gráficos y de las técnicas para encontrarlos. La representación gráfica deriva así de la exclusión de varias hipótesis y de la selección de otras que en su momento nos parecieron la más indicadas. Las decisiones presentes de este proceso de experimentación, eliminación y inclusión llevan a la definición de un lenguaje gráfico que solo puedo clarificarse y que sólo puede balizar dentro del recorrido del proceso en conjunto con las comisarias del proyecto *Devir Menor*.

Para la representación de *Devir Menor* fue fundamental pensar el contexto no tanto como territorio sino en cuanto mapa, o mejor, desvalorizando la veracidad geográfica y buscando el contexto y la identidad iberoamericana a partir de la configuración de nuevos mapeamientos gráficos. Buscando que la libre asociación de países constituyese nuevos conjuntos, a partir de composiciones no cerradas de las cuales los países, también en su unicidad, pudieses emerger.

Para cada soporte de comunicación buscamos una multiplicidad de composiciones que, por ser presentadas parcialmente y con encuadramientos diversificados, trabajar en la diversidad de las formas indiciando la pluralidad de las identidades.

En este proceso de diseño , privilegiamos un método de trabajo manual, usando materiales y técnicas analógicas, explorando lenguajes del quehacer manual, que evidenciaron la materialidad en el resultado a la semejanza de las prácticas en que se asientan los proyectos que constituyen Devenir Menor.

Complementario a las imágenes de mapeamiento, escogimos para este trabajo el tipo de letra *Barna* (2010-2011) de Andreu Balius (España).

Este libro tiene formato 4:5 con dimensiones 195 × 245 mm, 214 páginas. El cuerpo consta de 148 páginas, impresión *Offset* 4/4 color, con barniz de acabado en papel *Condat Mate* 135 g/m2; 64 páginas, impresión Riso (FR3950), 3 colores variables en papel Registo 125 g/m2 y *Almaço* 100 g/m2 .

JOANA BAPTISTA COSTA, MARIANA LEÃO